

ELA DELA:

VIDA E SAÚDE DE MULHERES TRANS E TRAVESTIS DE MINAS GERAIS

Organizadoras:

Cláudia Beatriz M.M. de Lima Nicácio

Maria José Nogueira

SÉRIE
Sempre
1-vivas 3

Ale Gonçalves • Ashley Ribeiro • Duda Salabert • Estefane Rodrigues • Juhlia Santos • Leticia Imperatriz

Lorena Paiva • Lua Zanella • Natalia Cysne • Paola Terra • Sayonara Nogueira • Yas Carah da Silva



ELA DELA:

VIDA E SAÚDE DE MULHERES TRANS E TRAVESTIS DE MINAS GERAIS

Organizadoras: Cláudia Beatriz M. M. de Lima Nicácio
Maria José Nogueira

1ª edição

Belo Horizonte - 2025
Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais
Fundação João Pinheiro

Organizadoras

Cláudia Beatriz M. M. de Lima Nicácio
Maria José Nogueira

Equipe de Pesquisadores

Ana Paula Salej Gomes
Bárbara Barbosa Dias dos Anjos
Bruno Reis de Oliveira
Caio Benevides Pedra
Cláudia Beatriz M. M. de Lima Nicácio
Cláudia Torres Lopes
Enrico Martins Poletti Jorge
José Vitor Costa Cruz
Juliana Lúcia Costa Santos Moraes
Lucas Moreira Barreira
Luísa De-Lazzari Bicalho Peixoto Resende
Maria Clara Sousa Mendes
Maria de Lourdes Menezes
Maria José Nogueira
Marina Alves Amorim

Nícia Raies Moreira de Souza
Rosânia Rodrigues de Sousa

Coordenação Editorial

Cláudia Beatriz M. M. de Lima Nicácio
e Maria José Nogueira

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa

Wellington Tadeu

Revisão e Normalização – Coordenação de Editoração da Fundação João Pinheiro

Ana Paula da Silva
Ariane Machado
Graziella Napoli Terra Caldeira
Marielle Durães Ferreira
Mariza Gabriela de Lacerda

Governo do Estado de Minas Gerais

Governador / Romeu Zema Neto
Vice-Governador / Matheus Simões

Fundação João Pinheiro

Presidente / Luciana Lopes Nominato Braga
Vice-Presidente / Mônica Moreira Esteves Bernardes

Escola de Governo Prof. Paulo Neves de Carvalho

Diretora-Geral / Kamila Pagel de Oliveira
Coordenadora-Geral / Rosânia Rodrigues de Sousa

Grupo de estudos Estado, Gênero e Diversidade (Egedi)

Coordenadora / Marina Alves Amorim

Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais (ESP/MG)

Diretora-Geral / Mara Guarino Tanure

Fundação João Pinheiro

Alameda das Acácias, 70 São Luiz – Belo Horizonte/MG CEP 31275-150

Telefone: (31) 3448-9711

e-mail: comunicacao@fjp.mg.gov.br

Site: <https://fjp.mg.gov.br>

Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais (ESP/MG)

Av. Augusto de Lima, 2061 Barro Preto – Belo Horizonte/MG CEP 30190-009

Telefone: (31) 3295- 5360

e-mail: gabinete@esp.mg.gov.br

Site: <https://esp.mg.gov.br>

Direitos de Reprodução

Todos os direitos reservados. Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa da Fundação João Pinheiro e da Escola de Saúde Pública.

Recursos de Impressão

Este livro foi impresso com recursos da Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais e da Fundação João Pinheiro

E37	Ela Dela : vida e saúde de mulheres trans e travestis de Minas Gerais / organizado por Cláudia Beatriz M. M. de Lima Nicácio e Maria José Nogueira. – 1. ed. – Belo Horizonte : Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais, Fundação João Pinheiro, 2025. 328 p. : il. + 1 curta-metragem. – (Sempre-vivas ; 3) ISBN 978-65-89122-47-0 (biografia impressa) ISBN 978-65-89122-45-6 (dicionário impresso) 1. Biografia – Gênero. I. Nicácio, Cláudia Beatriz M. M. de Lima. II. Nogueira, Maria José. III. Série. CDU 92-055.4
-----	---



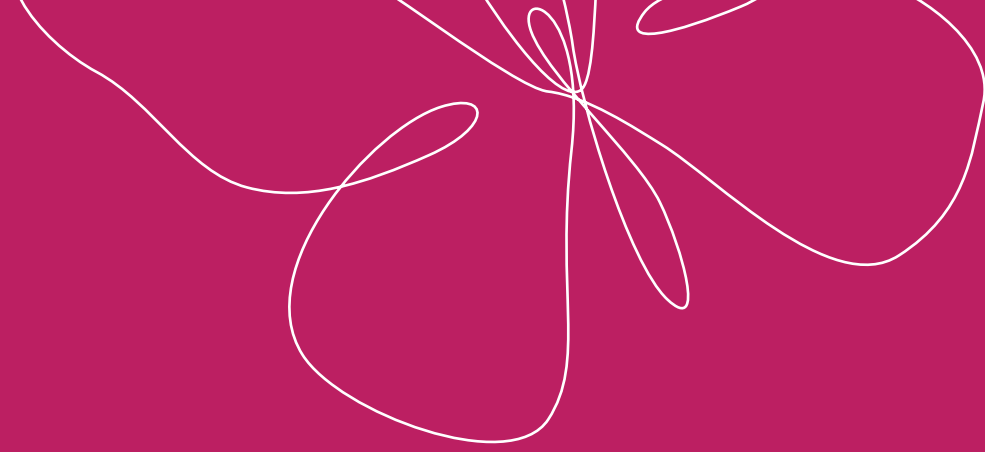
Agradecimentos



Agradecemos à todas as pessoas que tornaram possível este projeto.


Agradecemos a equipe técnica e de comunicação da Fundação João Pinheiro (FJP) e da Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais (ESP-MG) pela colaboração e apoio em vários momentos. À Marina Alves Amorim, coordenadora do Egedi, por nos confiar uma tarefa tão nobre. A todas as pessoas que reservaram seu tempo para ouvir e transcriar as narrativas. E aos fotógrafos que enriqueceram este livro com as imagens das biografadas.

Agradecemos à Coordenação de Editoração da Fundação João Pinheiro, principalmente à Ana Paula da Silva. Aos nossos apoiadores Caio Benevides Pedra, pelas dicas preciosas, e ao Enrico Poletti, bolsista do projeto pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), pessoas que foram fundamentais para a concretização desta obra.



Agradecemos, especialmente, às 12 mulheres biografadas pela coragem e generosidade em compartilhar suas vidas e experiências: Sayonara Nogueira, Jhulia Santos, Yascarah Dutra da Silva, Ale Gonçalves, Natália Cysne, Paola Terra, Duda Salabert, Lua Zanella, Estefane de Souza, Letícia Imperatriz, Ashley Ribeiro, e Lorena Maria de Paiva.

E finalmente, mas não menos importante, agradecemos a todos os integrantes de movimentos sociais que foram fundamentais no nosso processo de capacitação para dialogar com a temática: Rafael Sann, do Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual e Identidade de Gênero de Minas Gerais (Cellos-MG); Alê Gonçalves, da Associação da Diversidade de Ribeirão das Neves; à equipe da Casa aKasulo (Centro de Convivência LGBTQIA+), especialmente Juhia Santos e Gabi Almeida Moreira Lamounier; e agradecemos às mulheres trans e travestis que ajudaram a compor a identidade visual do livro.





Sumário

**Nota da vice-presidente da
Fundação João Pinheiro** ————— **11**

Mônica Moreira Esteves Bernardi

**Nota da diretora-geral da Escola
de Saúde Pública do Estado de
Minas Gerais (ESP-MG)** ————— **13**

Mara Guarino Tanure

Apresentação ————— **16**

Brune Coelho Brandão

Introdução ————— **22**

Cláudia Beatriz M. M. de Lima Nicácio e Maria
José Nogueira

Retratos ————— **30**

Capítulo 1
Sayonara Nogueira ————— **43**

Sayonara Naider Bonfim Nogueira, Caio Benevides Pedra e José Vitor Costa Cruz

Capítulo 2
Juhlia Santos ————— **63**

Juhlia Santos, Nícia Raies M. de Souza e Bárbara Barbosa Dias dos Anjos

Capítulo 3
Yascarah Dutra ————— **87**

Yascarah Dutra da Silva, Juliana Lúcia Costa Santos Moraes e Maria de Lourdes Menezes

Capítulo 4
Ale Gonçalves ————— **107**

Ale Gonçalves, Ana Paula Salej, Cláudia Beatriz M. M. de Lima Nicácio e Caio Benevides Pedra

Capítulo 5
Natália Cysne ————— **129**

Natália Cysne, Maria José Nogueira e Luísa DeLazzari Bicalho Peixoto Resende

Capítulo 6
Paola Terra ————— **149**

Paola Terra, Bruno Reis de Oliveira e Maria José Nogueira

Capítulo 7
Duda Salabert ————— **171**

Duda Salabert, Marina Alves Amorim e Cláudia Torres Lopes

Capítulo 8
Lua Zanella ————— **193**

Lua Zanella, Rosânia Rodrigues de Sousa e Lucas Moreira Barreira

Capítulo 9
Estefane Souza ————— **209**

Estefane Rodrigues de Souza, Cláudia Beatriz M. M. de Lima Nicácio e Juliana Lúcia Costa Santos Moraes

Capítulo 10
Letícia Imperatriz ————— **225**

Letícia Imperatriz, Maria de Lourdes Menezes e Maria José Nogueira

Capítulo 11

Ashley Ribeiro

Ashley Ribeiro, Luísa De-Lazzari Bicalho Peixoto Resende e Enrico Martins Poletti Jorge

251

Capítulo 12

Lorena Maria de Paiva

Lorena Maria de Paiva, Maria Clara Mendes e Caio Benevides Pedra

277

Posfácio

Sayonara Naidier Bonfim Nogueira

294

Pesquisadoras e Pesquisadores

308

Apêndices

314

Nota da vice-presidente da Fundação João Pinheiro

O livro *Ela Dela: vida e saúde de mulheres trans e travestis do estado de Minas Gerais* é a terceira obra da Série Sempre-Vivas, coleção de biografias coletivas de mulheres, realizada pelo Grupo de Pesquisa Estado, Gênero e Diversidade (Egedi) da Fundação João Pinheiro (FJP).

Esse grupo de pesquisa é composto pelo núcleo de pesquisadoras: Ana Paula Salej Gomes, Cláudia Beatriz M. M. de Lima Nicácio, Letícia Godinho de Souza, Marina Alves Amorim, Maria José Nogueira, Nícia Raies Moreira de Souza e Rosânia Rodrigues de Sousa. Além dessas, outras pesquisadoras, alguns pesquisadores e estudantes também integram o grupo ampliado de pesquisa.

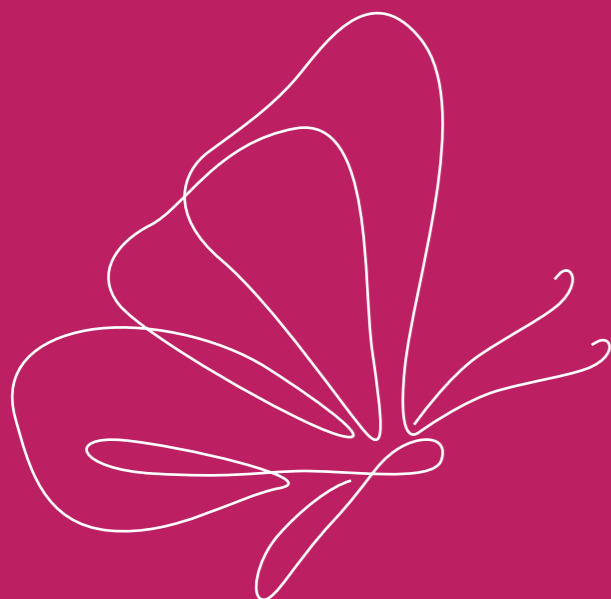
Ao longo de dez anos de exitosa existência, o Egedi trouxe contribuições significativas por meio da produção de informações e estatísticas com recorte de gênero e raça; desenvolveu pesquisas aplicadas e trabalhos técnicos que subsidiam a institucionalização das políticas públicas para as mulheres, bem como a promoção da equidade racial. Ademais, desenvolve e orienta pesquisas acadêmicas no campo dos estudos feministas e antirracistas, além de atuar na formação e no desenvolvimento de pessoas por meio de atividades de ensino e extensão.

Este livro marca a atuação mais ampla e recente do Egedi em pesquisas sobre a população LGBTQIAPN¹ e contribui para o avanço do conhecimento, assim como para o desenvolvimento de políticas públicas inclusivas.

A pesquisa que deu origem à obra foi organizada pelas pesquisadoras Cláudia Beatriz M. M. de Lima Nicácio e Maria José Nogueira. É um projeto realizado pela Escola de Saúde Pública de Minas Gerais (ESP-MG) em parceria com o Egedi da FJP, financiado pela ESP-MG e pela Fapemig e conta com a parceria da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH).

O livro reúne a biografia coletiva de 12 mulheres trans e travestis, trazendo, por meio da história oral, a emocionante e desafiadora trajetória de vida e de luta dessas mulheres. Nesta publicação, são reveladas as vivências da infância, da relação familiar, da descoberta da transexualidade, do

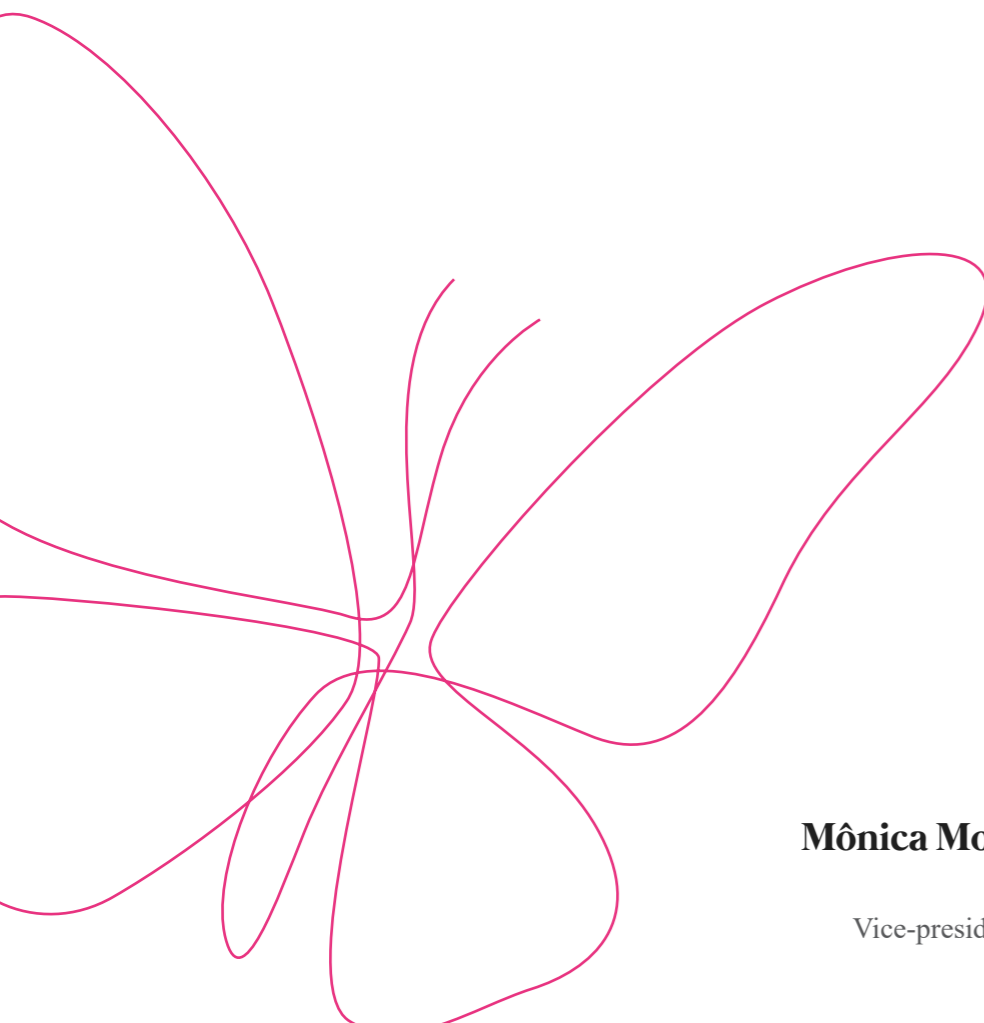
¹ O dicionário infanto-juvenil sobre gênero, corpo e sexualidade, intitulado LGBT de A a Z: uma introdução à diversidade de gênero e sexualidade que integra este número da Série Sempre-Vivas detalha a evolução da sigla LGBTQIAPN+. Ao longo do livro, as siglas foram preservadas conforme mencionadas pelas mulheres biografadas para garantir a precisão e o respeito das identidades.



reconhecimento da identidade de gênero, da orientação sexual, das relações sociais e laborais, de amor, de afeto, dos cuidados com a saúde, dos sonhos e das expectativas para o futuro. A diversidade da história de vida dessas mulheres é atravessada por dois elementos comuns: preconceito e discriminação.

Ao registrar e reconstruir o percurso de vida das 12 entrevistadas, esta obra pretende dar visibilidade aos inúmeros desafios e às lutas por elas enfrentados e contribuir para conscientizar todas as pessoas sobre a nossa responsabilidade na construção de uma sociedade mais equânime e democrática.

Deixo o convite para que mergulhem na incrível e emocionante história dessas mulheres!



Mônica Moreira Esteves Bernardi

Vice-presidente da Fundação João Pinheiro

Nota da diretora-geral da Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais (ESP-MG)

Como primeira escola de saúde pública estadual do Brasil, a Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais (ESP-MG) tem uma longa tradição na formação de sanitaristas. Desde sua criação em 1946 até os dias atuais, foram muitos os desafios e as mudanças institucionais superados, reafirmando sempre sua capacidade como escola de governo para atuar na produção e na difusão de conhecimentos e na educação na área de saúde. O sistema de saúde brasileiro, com seus desafios e suas potências, oferece a uma instituição como a ESP-MG uma importante missão, assim definida por suas trabalhadoras e seus trabalhadores: “Fortalecer o SUS, produzindo e difundindo conhecimentos junto a trabalhadores, gestores e usuários, por meio de ações educacionais e de pesquisa, com a Educação Permanente em Saúde como referencial político-pedagógico, contribuindo com a qualidade dos serviços de saúde pública de Minas Gerais”.

O Sistema Único de Saúde (SUS) é uma conquista de todas e todos os brasileiros, sendo sua criação fortemente influenciada pelo movimento da reforma sanitária, que lutou pela democratização do acesso à saúde integral, entendendo o direito à saúde como uma conquista de cidadania. Tra-

ta-se de um dos sistemas de saúde pública mais complexos do mundo e, sobretudo no contexto brasileiro, marcadamente desigual, promover a saúde torna-se ainda mais desafiador.

É importante destacar que os princípios da universalidade, equidade e integralidade são fundamentos basilares para o desenvolvimento das ações de saúde no Brasil, principalmente quando se reconhecem as barreiras de acesso vivenciadas por populações vulnerabilizadas. Desse modo, reconhecer o direito à saúde dessas populações, com suas particularidades e especificidades do cuidado, também é reconhecer a sua própria cidadania.

Nesse sentido, a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) (Portaria GM/MS nº 2.836/2011) traz o compromisso de redução das iniquidades e desigualdades em saúde para essa população. Em Minas Gerais, temos a Política Estadual de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) (Deliberação CIB-SUS/MG nº 3.202/2020) e o Comitê Técnico de Saúde Integral da População de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis (Deliberação

CIBSUS/MG nº 2.411/2016), sendo este último um espaço de participação social que discute junto a representantes governamentais e de movimentos sociais as ações em saúde para essa população. A ESP-MG possui representação nesse importante comitê, assumindo compromissos institucionais para a efetivação do direito à saúde da população LGBT nas ações que desenvolve.

Entretanto, apesar dos avanços nas políticas de direito à saúde para grupos populacionais específicos como a população LGBT, ainda permanecem, de forma reiterada, as expressões de preconceito, discriminação e violência contra essa população, reforçadas por discursos dos setores mais reacionários da sociedade. Como consequência, verifica-se a violação de direitos, sendo um deles o direito à saúde.

Assumindo o seu compromisso institucional e reafirmando seu papel de vanguarda, a ESP-MG celebrou uma parceria junto à Fundação João Pinheiro (FJP), contando com servidoras e servidores do Grupo de Pesquisa Estado, Gênero e Diversidade (Egedi), para a realização de projetos de interesse em comum. Esta obra de biografias coletivas é um belo fruto desse trabalho interinstitucional. Assim, o terceiro volume da Série

Sempre-Vivas vem descortinar e trazer visibilidade para a importante pauta da saúde das mulheres transexuais e travestis de Minas Gerais. Adentrar nas narrativas de vida dessas 12 mulheres possibilita reconhecer as dificuldades e os desafios por elas enfrentados, bem como ressalta as possibilidades que emergem a partir da vivência pública de suas identidades transexuais.

Além disso, o conceito ampliado de saúde abarca múltiplos fatores que transcendem a ideia da ausência de doenças, levando em consideração questões como o bem-estar físico, mental e social, entre outros. Sendo assim, todos os períodos e aspectos da vida das 12 mulheres biografadas interessam igualmente, segundo um olhar de promoção e preservação da saúde, o que inclui, por exemplo, a infância, a relação com a família, a trajetória escolar, as condições de moradia, a inserção no mercado de trabalho, além do acesso aos serviços de saúde. Acreditamos, enfim, que as narrativas aqui vocalizadas em primeira pessoa pelas biografadas lançam luz sobre as questões que envolvem os cuidados em saúde dessas vozes, muitas vezes silenciadas, e podem também subsidiar políticas públicas mais aderentes à realidade das mulheres transexuais do nosso estado.

Deixo, portanto, o convite para uma leitura cuidadosa e empática da obra que aqui apresentamos. Agradeço a toda equipe da Série Sempre-Vivas o compromisso e a dedicação com esse primoroso trabalho. Também agradeço, especialmente, à Alê, Ashley, Duda, Estefane, Juhlia, Letícia, Lorena, Lua, Natália, Paola, Sayonara e Yascarah, nossas biografadas, pela abertura e disponibilidade em compartilhar conosco suas histórias e vivências. Que sigamos juntas, trabalhando para o fortalecimento do SUS.

Mara Guarino Tanure

Diretora-geral da Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais (ESP-MG)



Apresentação

Pelas montanhas de Minas, atravessando rios que cortam o crescimento urbano, vemos florescer sempre-vivas. Elas são espécies de flores que, mesmo após colhidas e secas, resistem ao tempo, deixando sua marca na história. A colheita dessa planta se relaciona com o interior de Minas Gerais, em que essa prática é modo de sobrevivência de comunidades tradicionais extrativistas, das quais fazem parte muitas mulheres do campo. Fazendo um paralelo metafórico com a proposta deste livro, resultado de uma pesquisa, vemos o termo “sempre-vivas” como estratégia de resistência frente a todas as adversidades presentes ainda na vida das mulheres trans. Assim, nessa coleção, vemos florescer potências de vida no estado: cada uma com sua singularidade e em contextos específicos que se entrecruzam, formando um mosaico de histórias inspiradoras para pessoas dissidentes de gênero.

Essa edição da Série Sempre-Vivas explora as questões das mulheres trans e travestis, trazendo a potência das identidades T para se pensar o gênero em Minas. Este livro conta com relatos autobiográficos dessas pessoas que, também, fazem parte da história mineira com suas encantadoras e potentes narrativas de si.

Um primeiro ponto a se destacar é que todas as histórias a seguir foram escritas por elas próprias, em co-autoria com pesquisadoras e pesquisadores, falando sobre suas vidas, seus percalços, seus processos de constituição no mundo frente a muitas adversidades e possibilidades de existência. Partindo das interseccionalidades feministas, percebe-se como diferentes marcadores sociais têm desdobramentos distintos e produzem diferentes vulnerabilidades nos contextos que as pessoas circulam. E é para visibilizar essas diferentes questões que é extremamente importante que mulheres trans e travestis tragam seus relatos para questionar a hegemonia da cisnormatividade, que insiste em aprisionar o gênero no sexo biológico e em tentar podá-las, buscando em vão um pretenso essencialismo para as experiências no espectro da feminilidade.

As histórias contadas aqui ressignificam a visão da cisgeneridade e tensionam a categoria do feminino, mostrando os critérios decrépitos e artificiais que a sustentam. As experiências do feminino são múltiplas e mulheres trans e travestis têm tanta legitimidade quanto qualquer experiência localizada na cisgeneridade.

As histórias aqui contadas redefinem a visão do cisgenderismo e pressionam a categoria de feminilidade, mostrando os critérios decrépitos e artificiais que a sustentam. As experiências femininas são múltiplas e as mulheres trans e travestis têm tanta legitimidade quanto qualquer experiência localizada no cisgenderismo.

Muitas dessas histórias resgatam isso: seus enfrentamentos nos contextos familiares, laborais e sociais para mostrarem a potência simbólica e política de suas existências, de seus modos de ser no mundo. Se a cisgenderidade pode, porque também não podemos criar nossas dobras de ser do gênero feminino no mundo? Vejo este livro como ponto de partida para discussões que não se encerram aqui, pelo contrário. É uma forma da cisgenderidade, enquanto sistema¹, nos escutar de fato e parar de se autorreferenciar enquanto categoria ontológica e normativa do que é ser pessoa no mundo. Os gêneros são múltiplos, além dos binarismos reproduzidos, inclusive, em Minas.

Pode parecer repetitivo, mas os relatos nos convidam a realizar esse movimento de “água mole em pedra dura” no sentido de desconstrução das constantes naturalizações de gênero com base na leitura superficial do corpo, visto que essas mulheres tiveram suas identidades questionadas em muitos contextos de suas vidas. Por isso, ensinam inteligentes e criativas formas de resistir e de sobreviver a essa imposição. Isso é o que vamos encontrar nas páginas seguintes, e que demanda muita atenção e sensibilidade do leitor. Leia com o coração, não apenas com os olhos.

¹ O termo sistema é problematizado pelas correntes transfeministas como uma estrutura hierárquica de poder que produz a inteligibilidade de corpos, produzindo quem seria coerente e normal (as vivências cis) e quem seria sua antologia patológica, seu oposto, seu desvio (as vivências trans). Assim, a junção dos léxicos cis + sistema visibilizam esses mecanismos de produção do lugar privilegiado da cisgenderidade na sociedade, algo presente ao longo da história e que se reproduz de maneira sistemática.

Outro ponto importante a ser abordado é que as histórias aqui registradas não possuem só dor, mas também potência criativa de vida! As mulheres trans e travestis reivindicam, a partir de seus lugares, suas contribuições para as construções de gênero na sociedade, tensionando as normas e se tornando referências não só para as dissidências de gênero, mas também para todas as experiências humanas, inclusive a cisgenderidade. A humanidade delas, seus dilemas de vida, seus processos de construção de afeto, seu protagonismo no campo político, seja no campo mais restrito ou ampliado, de trabalho formal ou junto à construção de movimentos sociais orgânicos na sociedade, só endossam o argumento de que o mundo é feito sim, também, por travestis! Que devem ser humanizadas em seus processos, reconhecidas em todas as suas nuances. Esses relatos acontecem em primeira pessoa, como uma conversa regada por “cafezin” e pão de queijo, materializando uma contação de “causos” entre comadres. Isso promove uma aproximação entre quem lê e quem escreve, imaginando cada uma das mulheres trans e travestis sentadas à sua frente. E este livro deve ser encarado dessa forma: não são só experiências, mas também pessoas de carne e osso diante de nós. Poderiam ser nossas amigas, pessoas da nossa família, do nosso contexto de trabalho. Pessoas com as quais facilmente criaríamos vínculo!

Sendo assim, este livro tem a importância de reunir histórias da força e da resistência das mulheres trans e travestis que nasceram em Minas ou que aqui vivem. É uma importante ferramenta de construção da transestralidade mineira, de histórias que não podem se perder na oralidade e na cotidianidade que nos esmagam, em estruturas capitalistas que determinam o valor do tempo em trabalho para o sistema — e seu grande parceiro nessa empreitada, o sistema, que apresentei de forma breve anteriormente. Registrar suas histórias é resgatar uma história política do estado, pois mulheres negras, do interior, periféricas, todas trans e travestis, fazem política cotidianamente sendo o que são, mas, também, é importante destacar que contribuem para o desenho e a execução de políticas públicas. Como diria um famoso ditado africano: “os caçadores só serão heróis enquanto os leões ainda não contarem as suas histórias”. E este livro tem esse mérito: nele, leões contam suas histórias, aguerridas na construção de suas narrativas de vida e no cuidado coletivo de si.

A cantora trans e negra Liniker, em seu álbum mais recente, intitulado “Caju”, apresenta os seguintes versos em sua música homônima: “Eu me encho de esperança, de algo novo que aconteça/Quem despetala a rosa estará lá pro que aconteça?”

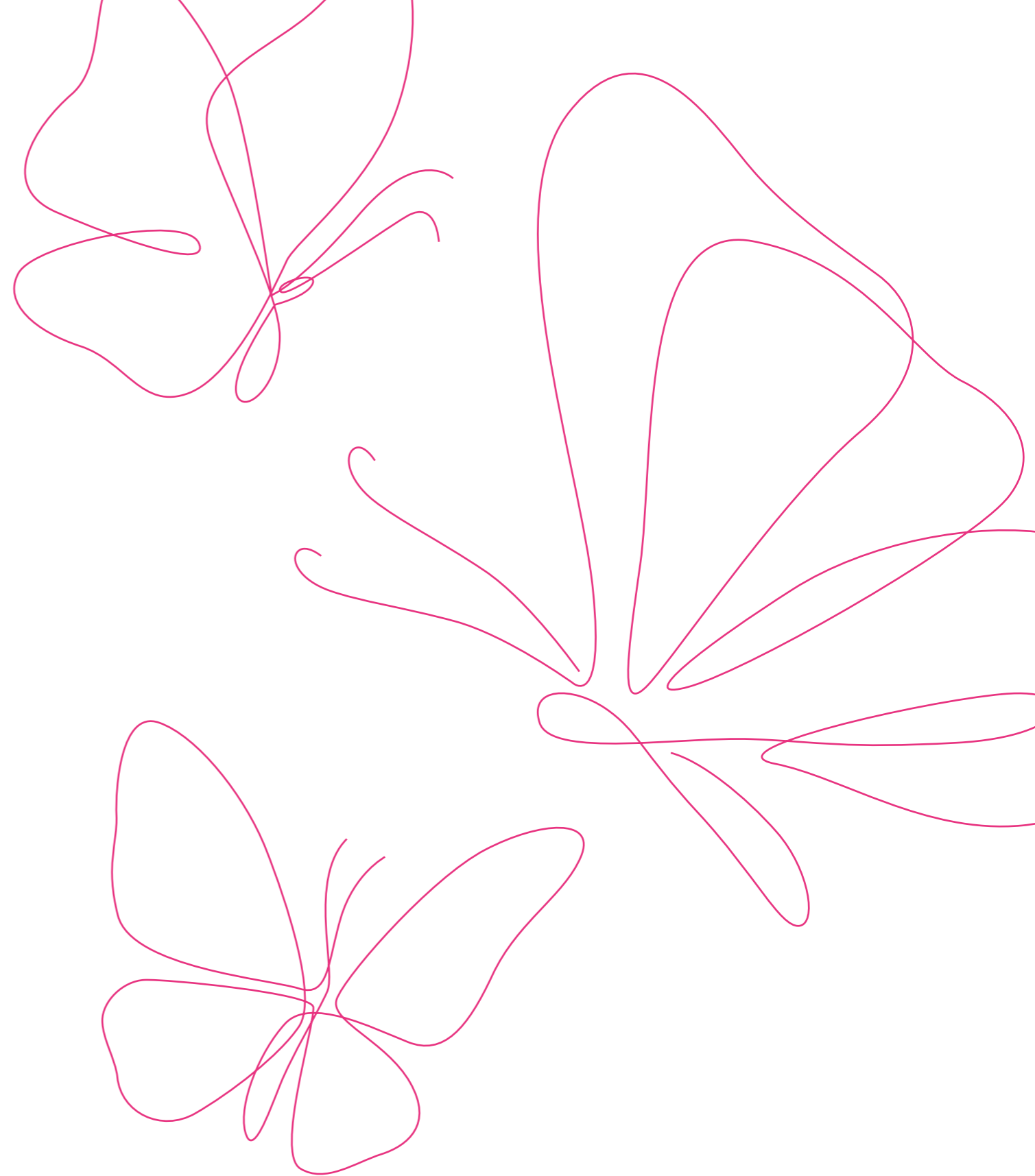
Nesse trecho, vemos como muitas histórias são marcadas por violências institucionais, algumas mais fortes, outras mais sutis e simbólicas, portanto é urgente pensar o cuidado de pessoas trans e travestis em Minas. A sociedade e o Estado que violam serão os mesmos que vão trazer mecanismos de cuidado em saúde integral? Onde os direitos humanos fazem dobra com as dissidências de gênero para, de fato, promover a vida dessas sempre-vivas? Como potencializar seus contextos de existência, garantindo o mínimo?

Talvez este livro seja uma forma de sensibilizar a tradicional cultura mineira a se repensar e a acolher suas diversas mulheres, em reconhecer como elas contribuem significativamente para o campo político das discussões sobre gênero e sexualidade e sobre políticas públicas no estado, no sentido de reparação histórica. Como também é necessário pensar no cuidado e em que há formas e contextos de acolhida, mesmo frente ao conservadorismo do estado, que vem se transformando. Essas histórias são marcas potentes de resistência da democracia, da luta pela igualdade de gênero e pelo reconhecimento e respeito das mulheres trans e travestis enquanto existências de gênero legítimas. Por isso, é necessário cuidar dessas potentes pessoas, em suas singularidades, oferecendo, de fato, possibilidades reais e dignas para a sua existência.

O cansaço é uma marca de algumas histórias que mostram o que é “nadar contra a corrente” ação hegemônica da cisnormatividade. Apesar disso, muitas mulheres encontraram recursos para tal, mas qual a responsabilidade do Estado e da sociedade frente a essas demandas? Desse modo, inspirada por cada história lida, cada linha que materializa a resistência frente às guerras cotidianas, por: convida a quem lê, primeiro, a aprender com essas lindas narrativas e, depois, a ressaltar seu comprometimento ético-político com a construção de uma sociedade que não tenha como pilar a cisnormatividade e a transfobia.

Brune Coelho Brandão

Mulher trans e doutora em psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Atualmente, é docente nos cursos de psicologia da Faculdade Sudamérica (Cataguases-MG) e da Universo (Juiz de Fora-MG).



Introdução

Cláudia Beatriz M. M. de Lima Nicácio

Maria José Nogueira

A Série “Sempre-Vivas” é uma iniciativa do Grupo de Pesquisa Estado, Gênero e Diversidade (Egedi) da Fundação João Pinheiro (FJP) que tem como objetivo publicar, a cada número, uma biografia coletiva de um grupo de mulheres de Minas Gerais. A proposta é construir biografias coletivas de grupos de mulheres — muitas vezes esquecidos e segregados —, debruçando-se sobre suas vidas, sonhos, lutas e conquistas, para escrever com elas e contar suas histórias. A série não pretende retratar heroínas, tampouco vítimas, e, sim, mulheres reais, que são também e não somente heroínas e vítimas. É preciso narrar histórias para que não caiam no esquecimento: como destacou Matos (2017), “se esquecer é uma das piores formas de oprimir, não esquecer e não deixar esquecer, por meio do registro das memórias de mulheres, [...] é movimento de luta e resistência”¹.

O primeiro número, intitulado “Mulheres do campo de Minas Gerais: trajetórias de vida, de luta e de trabalho com a - terra” (Amorim), foi lançado em 2017. No ano de 2021, foi lançado o segundo número: “Mulheres negras e gestoras:

¹ Do ponto de vista metodológico, a Série Sempre-Vivas se localiza no campo da história, na confluência das correntes historiográficas da micro-história e da história das mulheres e das metodologias da história que são a biografia coletiva, ou prosopografia, e a história oral. A esse respeito, ver: Amorim, 2017.

porque sim!” (Godinho; Seidl, 2021). “Ela/Dela: vida e saúde de mulheres trans e travestis de Minas Gerais”, lançado em 2025, constitui o terceiro número da “Sempre-Vivas”. Ele é composto por esta biografia coletiva; um dicionário infanto-juvenil sobre gênero, corpo e sexualidade, intitulado “Dicionário de gênero, corpo e sexualidade de A a Z” e sexualidade; e um curta metragem sobre as vivências de mulheres trans. Os três produtos proporcionam uma experiência rica e diversificada ao leitor sobre a temática da transvestilidade em geral, e sobre a transfeminilidade em especial. O dicionário, particularmente, tem grande potencial para ser utilizado como recurso didático, tanto no ensino fundamental II quanto no ensino médio, e pode ser consultado para esclarecer dúvidas durante a leitura desta obra.

A escolha de incluir os termos “mulheres trans” e “travestis”, no título da biografia coletiva, reflete a diversidade de vivências e desafios dessas mulheres, assim como o respeito à maneira como cada uma se identifica. Conhecer e entender a complexidade desses e de outros termos é muito mais que um aprendizado, é uma prática de respeito e empatia para lidar com temas sensíveis e essenciais, próprios das questões de gênero e de sexualidade.

Pessoas trans possuem uma identidade de gênero diferente daquela que lhe foi designada ao nascer. O termo serve como “guarda-chuva”, agrupando identidades trans, travestis e não binárias. Nesse sentido, tanto mulheres trans como travestis são

identidades transfemininas, ou seja, pessoas que, embora tenham sido designadas como gênero masculino ao nascer, identificam-se com o gênero feminino. Além disso, elas podem ou não fazer a transição, processo que envolve intervenções médicas, como terapia hormonal e cirurgia de redesignação sexual.

Enquanto identidades transfemininas, esses dois grupos (mulheres trans e travestis) têm muitas similaridades, como a utilização dos pronomes femininos (ela, dela etc.), sendo essa uma das inspirações para o nome desta obra. Já as diferenças são mais socio-históricas. Travesti é um termo que foi usado de forma pejorativa no Brasil durante muito tempo, sendo sempre associado à violência e ao trabalho sexual. Hoje, as travestis se apropriaram do termo como forma de reivindicação política, que marca com orgulho a história daquelas que abriram caminho para a inserção social das pessoas trans. Por sua vez, o termo mulher trans é mais recente, surgindo como uma atualização de termos como transgênero e transexual, utilizados pelas ciências sociais e médicas.

A justificativa e a relevância deste trabalho se fundamentam em quatro pontos básicos. O primeiro diz respeito à necessidade de dar visibilidade e voz às mulheres trans e travestis, que, historicamente, encontram-se em situação de vulnerabilidade e enfrentam no cotidiano muitos desafios, preconceitos e discriminação. O segundo ponto está associado à urgência em evidenciar a falta de reconhecimento e a violação dos direitos das

mulheres trans no acesso à saúde, à educação, ao trabalho, e até mesmo no que se refere ao reconhecimento legal de sua identidade de gênero. O terceiro relaciona-se com a importância de ampliar o entendimento sobre a experiência transfeminina, considerando sua complexidade. Por fim, o quarto ponto diz respeito à importância de subsidiar a elaboração de políticas públicas que atendam às reais necessidades das mulheres trans do estado de Minas Gerais.

As histórias que compõem este livro são diversas, mas, ao mesmo tempo, estão entrelaçadas, apresentando pontos comuns que denotam o panorama complexo das vivências das mulheres trans. As principais similitudes entre os relatos são: os desafios enfrentados no processo de transição, que envolvem questões psicológicas, emocionais e físicas; o impacto positivo do apoio da família ou o impacto negativo da falta desse apoio; as vivências de violência transfóbica intrafamiliar, no ambiente escolar, no mercado de trabalho e no acesso à saúde; a importância dos movimentos organizados e do ativismo político, que se apresentam como ferramentas essenciais na luta por direitos e visibilidade; o senso de comunidade, que propicia segurança e ajuda a combater a solidão; a importância do nome social, que constitui aspecto fundamental na afirmação da identidade e da religiosidade (com ênfase para as religiões de matriz africana) como fonte de acolhimento e resistência.

Os procedimentos utilizados, ao longo deste trabalho, dizem respeito à revisão da literatura, à formação da equipe, à realização da pesquisa de campo, ao tratamento das entrevistas e à produção do texto.

O referencial teórico adotado se baseia, de um lado, na literatura produzida por mulheres trans e, de outro, na revisão de conceitos essenciais para compreender a temática abordada. Dessa forma, a pesquisa busca se fundamentar, sobretudo, em produções de conhecimento que vêm diretamente das experiências e perspectivas de mulheres trans, reconhecendo a importância de suas vozes no campo de estudo. Além disso, a revisão dos conceitos é essencial, para compreender a vivência das mulheres trans e travestis. Cabe reforçar que muitos conceitos abordados constam do dicionário *infanto-juvenil sobre gênero, corpo e sexualidade*.

Por sua vez, Moira (2021) é uma das autoras de referência na discussão teórica deste trabalho, por ser uma voz fundamental na literatura trans e profícua para o entendimento das complexidades da transição de gênero e da violência estrutural contra essas pessoas. Em sua obra, a autora aborda questões de gênero, identidade e sexualidade, na interface com a marginalização das pessoas trans na sociedade.

No livro “Se eu fosse puta”, há uma mistura de ensaio e ficção, abordando a experiência da pros-

tituição a partir da perspectiva de uma mulher trans. A autora narra, de forma criativa e provocadora, o que seria a vivência de uma mulher trans trabalhando como prostituta, abordando os estigmas sociais, a marginalização e a violência que a sociedade impõe tanto às mulheres trans quanto àquelas que se encontram em situações de prostituição. A obra foca na subversão de normas de gênero e em como as mulheres trans enfrentam a opressão, muitas vezes sendo forçadas a recorrer à prostituição como uma das poucas formas de sobrevivência ou autonomia.

Moira (2021) entende a prostituição não apenas como uma forma de sustento, mas como uma manifestação das violências estruturais que as mulheres trans enfrentam, como a falta de oportunidades no mercado de trabalho formal, a discriminação social e o preconceito constante. Entretanto, a autora observa que a prostituição, embora vista com estigmatização pela sociedade, é também considerada um espaço de empoderamento para algumas mulheres trans.

A obra “Nós, trans: escrituras de resistência”, escrita pelo Grupo *Transcritas Coletivas* (2017), também constitui um referencial importante adotado. Trata-se de um compilado de relatos de pessoas trans cujo intuito é abordar sonhos, afetos, angústias, temores e violências de cada uma, possibilitando uma reflexão acerca do significado de ser trans no Brasil e da busca por aceitação, além da construção de uma identidade de gênero autêntica. A obra também discute temas como

a sexualidade, a saúde, a representatividade, os direitos humanos e a importância da visibilidade trans.

A construção da identidade, a violência simbólica e física sofrida pelas mulheres trans, além da luta contra a invisibilidade social são aspectos evidenciados na revisão bibliográfica. A experiência de ser trans, igualmente, aparece na discussão teórica como uma constante busca por aceitação e sentido, em um mundo que não reconhece facilmente as pessoas trans, ao contrário, cria um ambiente de fragilidade, embora também de resistência e afirmação da identidade.

Nessa direção, Bagagli (2017) afirma:

Nós, pessoas trans, tampouco somos meras criações dos discursos normativos sobre o gênero. Nós, pessoas trans, não nos “resumimos” a um algum tipo de projeto social de gênero que “deu errado” a partir do momento em que você pressupõe algum outro destino moralmente superior ou correto.

[...]

A vida de pessoas trans e nossas subjetividades não se resumem à dor. A subjetividade trans não se resume a um ódio a si mesmo que seria condicionado pelas narrativas normativas, pelo exercício do poder como mera negatividade. [...] O nosso erro foi ter a audácia de resistir, de procurar viver no presente, com a total radicalidade que isso implica. A vida de pessoas trans é também potência de vida a partir da resistência (Bagali, p. 31/33).

A partir da literatura estudada, entendemos a transição de gênero não apenas como um processo

peçoal, mas também como um fenômeno social que envolve a negociação constante do corpo e da identidade em uma sociedade marcada pela cisnormatividade², ou seja, a transição de gênero abrange aspectos internos (autoconhecimento e autopercepção) e externos (expectativas e pressões sociais sobre os corpos).

Tendo em vista a discussão da literatura, realizamos dois encontros com intuito de formar a equipe. O primeiro encontro abordou os principais conceitos para a compreensão do tema, envolvendo as diversas identidades, as orientações e a realidade das pessoas trans no Brasil e em Minas Gerais, além de tratar sobre o lugar da população trans no movimento LGBTQIAPN+, as questões jurídicas e as dificuldades no âmbito da família, da saúde, da educação, do trabalho e da política. O segundo encontro teve como objetivo situar o projeto metodologicamente, reforçando o preparo das pessoas para o trabalho com história oral e para a elaboração de uma biografia coletiva. Para a pesquisa de campo, foi elaborado coletivamente e de forma participativa um roteiro das entrevistas, no qual pesquisadores da equipe técnica e pessoas da população LGBTQIAP+ contribuíram para o processo. Ao final, o roteiro ficou estruturado com os seguintes eixos: apresentação da biogra-

² É a suposição de que todas as pessoas são, ou deveriam ser, cisgênero – pessoa cuja identidade de gênero é condizente com a atribuída ao nascimento, ou seja, pessoa nascida com pênis que se identifica como homem e pessoa nascida com vagina que se identifica como mulher.

fada; socialização primária (família, memórias e pessoas marcantes na infância); socialização secundária (trajetória escolar, relacionamento com colegas e professores); religião; vida profissional (trabalho/emprego, transexualidade e influência no mundo do trabalho); transfobia; processo de reconhecimento enquanto pessoa trans (processo de sexualização, acesso aos serviços de saúde, orientação sexual); família construída (casamento, filhos, redes LGBTQIAPN+, militância); expectativas de futuro e destaques. Procuramos selecionar um grupo de mulheres trans e travestis com perfis variados, incluindo diferentes marcadores: idade, raça, formação escolar, experiência profissional, orientação sexual, religião, militância política e contexto socioeconômico. Deve-se realçar que a ideia era obter diversidade de trajetórias e realidades distintas, considerando uma perspectiva plural das vivências trans. Assim, escolhemos 12 entrevistadas que se identificam enquanto mulheres trans e que são residentes de oito municípios de Minas Gerais para compor esta biografia coletiva.

Sendo assim, a pesquisa foi aprovada pelos Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e da Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (Fhemig). As entrevistas foram realizadas entre setembro de 2023 e maio de 2024, em local de escolha da entrevistada, com duração média de três horas, gravadas, arquivadas em *drive* seguro e transcritas. As biografias foram escritas utilizando a técnica de transcrição, que é a adaptação criativa do conteúdo de uma

transcrição de entrevista. Trata-se de um processo dialógico entre pesquisadores e biografadas. Para Alonso (2016, p.17) é o momento da “operacionalização da cultura, da conversão da fala em linguagem ressignificada”. Essa etapa também inclui a escolha dos “tons vitais” da entrevista, conforme nomeados por Alonso.

Enquanto, na transcrição da entrevista, o conteúdo gravado é convertido em texto, na transcrição, a palavra é retirada pelo pesquisador do seu “estado bruto”, conforme observa Alonso (2016). Nesse processo, segundo a autora, as repetições de palavras são mantidas em parte, assim como a quase totalidade de expressões próprias e trejeitos. Posteriormente, reorganiza-se o relato, retirando frases sem continuidade discursiva ou que comprometem a sua compreensão, e as características do registro oral são suavizadas para o texto adquirir maior fluidez. Contudo, são preservadas algumas particularidades da oralidade e mantido o estilo de cada uma das biografadas.

Após a primeira versão da transcrição elaborada pelos pesquisadores, cada entrevista foi discutida em oficinas com o objetivo de identificar problemas e solucioná-los, de forma a assegurar o entendimento das narrativas. Além disso, buscou-se conservar uma coerência entre as diversas histórias contadas, diante do propósito da obra de reconstruir as trajetórias das mulheres trans de Minas Gerais, a fim de compreender como seus caminhos foram trilhados.

Depois da realização das oficinas, as versões foram retrabalhadas pelos pesquisadores, a partir das contribuições oferecidas nas discussões e, em seguida, encaminhadas às biografadas para validação. Essa etapa final mostrou-se fundamental por possibilitar a correção de imprecisões e a edição de trechos mais sensíveis pelas biografadas. Cabe ressaltar, mais uma vez, que as narrativas de cada uma das entrevistadas foram ouvidas e trabalhadas com respeito, acolhimento e empatia. São trajetórias de vidas, ora marcadas por desamparo, medo, violências, ora pelos dias de esperança, pelas conquistas e pelos sorrisos. São desabafos, segredos, casos, romances, muita VIDA. Escrever esta biografia coletiva foi muito gratificante e ao mesmo tempo um grande desafio, visto que envolve narrativas, frequentemente, reduzidas a estereótipos, preconceito e discriminação. Foi um percurso não só com dificuldades, dúvidas e incertezas, mas também com muita alegria e satisfação. Algumas vezes enxugamos lágrimas e seguramos o nó na garganta durante as entrevistas. Outras, rimos e sorrimos com Jhulia, Sayonara e Yascarah. Com Natália, Lorena e Lua exercitamos a difícil arte de escutar sem julgar e a sensibilidade para pausar. Ashely, Letícia e Ale nos ensinaram a importância de nos inquietarmos, e com Duda, Estefane e Paola encontramos o tom e a medida certa.

Assim, construímos a terceira edição da “Série Sempre-Vivas, Ela/Dela: vida e saúde de mulheres trans e travestis de Minas Gerais”, fruto de um esforço coletivo de pesquisadores, estudantes,

mulheres trans e travestis e movimentos sociais. Este livro é o resultado de um ato profundo de amor e de coragem dessas mulheres que lutam pelo direito de existir. Elas despojaram-se, confiaram seus segredos, revelaram-se, enfrentando ou não o desconforto de falar sobre si mesmas.

Convidamos você a expandir sua compreensão e abrir seu coração para ouvir com empatia e afeto essas histórias, que, apesar de profundamente diversas, cruzam-se. O livro oferece uma visão ampla e rica sobre as experiências das mulheres trans e travestis, mostrando as dificuldades, as forças e as estratégias de enfrentamento para lidar com os desafios que são permanentes. Ao percorrer estas páginas, você encontrará relatos de superação, de descoberta, de relações complexas e, acima de tudo, de afirmação. Porque ser mulher é, antes de tudo, uma construção interna e pessoal, que transcende os limites impostos pelas convenções sociais.

Nesse sentido, esperamos que essa leitura seja uma reflexão e um chamado a “conhecer e reconhecer” a infinidade de possibilidades de ser e estar no mundo, enquanto corpos em constante movimento e capazes de resistir. Que prevaleça o respeito por todas as formas de ser e de amar.

Boa leitura!

Referências

ALONSO, Leandro Seawright. O corpus documental em história oral: teoria, experiência e transcrição. **Revista Observatório**, Palmas/TO, v. 2, n.1, p.54-75, 2016.

AMORIM, Marina (org.). **Mulheres do campo de Minas Gerais**: trajetórias de vida, de luta e de trabalho com a terra. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2017. (Sempre-vivas, 1).

BAGALI, Beatriz Pagliarini. Notas sobre transgeneridade e subjetividade. *In*: GRUPO TRANSCRITAS COLETIVAS. **Nós, trans**: escrituras de resistência. São Paulo: LiteraTRANS, 2017.

GODINHO; Letícia; SEIDL, Renata (org.). **Mulheres, negras e gestoras**: porque sim! Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2021. (Sempre-vivas, 2).

GRUPO TRANSCRITAS COLETIVAS. **Nós, trans**: escrituras de resistência. São Paulo: LiteraTRANS, 2017.

MATOS, Marlise. Apresentação. *In*: AMORIM, Marina Alves (org.). **Mulheres do campo de Minas Gerais**: trajetórias de vida, de luta e de trabalho com a terra. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2017. p. 17-23.

MOIRA, Amara. **Se eu fosse puta**. Curitiba: Plural, 2021.



Retratos

Sayonara Naider

Sayonara Naider Bonfim Nogueira tem 50 anos, é professora licenciada em geografia e pós-graduada em coordenação pedagógica. Foi adotada aos três meses de idade por um casal de comerciantes de Uberlândia, município da região do Triângulo Mineiro, e muito paparicada. Aos 7 anos, aprendeu a fumar com a mãe, que era uma senhora da sociedade da cidade em que moravam, e para Sayonara fumar era algo muito chique.

Uma das primeiras professoras trans de Minas Gerais, Sayonara possui o nome retificado e a escolha dele foi por causa da música “Sayonara”, do grupo de pagode Samba K. No ensino infantil, já tinha muito protagonismo na escola, tirava a maior nota e era parte do Pelotão da Saúde. Na infância, gostava de roupas de meninas, de costurar para bonecas, usava o cabelo na altura do ombro, dançava e rebolava de tamanquinho. Hoje, percebe que foi socializada dentro do universo feminino.

Cursando o segundo grau, descobriu o movimento estudantil, fundou o grêmio da escola e participou da União dos Estudantes Secundaristas (UES). Seu primeiro amor foi aos 15 anos, pelo



vizinho loiro de olhos azuis de farda militar que tinha 18 anos, e, ao longo da vida, teve três companheiros. Na faculdade, ingressou no Diretório Acadêmico (DA).

Frequentou a Igreja Católica ao longo de muitos anos, fez a primeira comunhão e crisma, mas também frequentou os Centros Kardecistas e de Candomblé, por isso tem muito respeito por todas as religiões.

Atualmente, tem uma vida ativa, com namorados, “ficantes” e amigos, que são sua rede de afeto. Aprendeu sobre hormonização com as mais velhas e se auto medicou. Agora está se preparando para se aposentar, ter mais tempo livre, talvez cursar serviço social e continuar malhando.

Juhlia Santos

Juhlia Santos tem 40 anos, é jornalista, pesquisadora de gênero, produtora cultural, travesti, preta e quilombola. É filha única de uma mãe solo, manicure, mulher negra, forte e guerreira.

Nascida em Belo Horizonte, na zona oeste, região de classe média e média alta, ainda pequena foi morar em Ribeirão das Neves, município da região metropolitana de Belo Horizonte, onde passou a infância e a juventude em um ambiente muito pobre.

É de uma família católica, mas passou pela Igreja Evangélica, que teve um papel importante na sua formação. Aos 14 anos, começou a frequentar o Candomblé, quando recebeu sinais sobre sua identidade de gênero e sexualidade. Com essa mesma idade, descobriu o quilombo Manzo, em Belo Horizonte, um lugar que respeitou quem ela realmente era. Assim que chegou ao quilombo, foi acolhida pela mãe Makota Cassia Kindoialê, criando um vínculo de proteção, além da conexão religiosa.

Voltou para Belo Horizonte aos 18 anos, com a desculpa de estudar. Sentia que não cabia mais em Ribeirão das Neves, pois tinha começado a ter acesso às discussões de gênero, de raça e de classe. Na faculdade de comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), participou de vários núcleos, como Diverso e Transpasse.

Foi casada com um homem gay que tinha dificuldade em lidar com o seu processo de hormonização, processo este que ocorreu de forma tardia, assim como a manifestação da sua transexualidade. Usou hormônios por um longo período, mas decidiu interromper o tratamento em busca de uma melhor qualidade de vida e por não querer seguir um padrão estético associado à cisgeneridade.

Manteve uma vida dupla porque não podia ser Juhlia no emprego. Trocava de roupa no caminho, no taxi. Trabalhou nas áreas de beleza, moda e teatro e perdeu um emprego quando externalizou a sua transição. Juhlia surgiu no contexto do movimento social, em meio à efervescência da conquista de espaço público e à retomada do carnaval de Belo Horizonte. Na época da entrevista, ela era pré-candidata pelo Psol (Partido Socialismo e Liberdade) nas eleições municipais para a Câmara de Belo Horizonte. Seu sonho é viver de forma mais tranquila, perto da natureza e ao lado das pessoas que lhe são mais preciosas.



Yascarah Dutra da Silva

Yascarah Dutra da Silva tem 41 anos, nasceu e foi criada em Divinópolis, município de Minas Gerais, localizado cerca de 120 km de Belo Horizonte. É técnica em enfermagem pela Escola de Enfermagem do Hospital São João de Deus, em Divinópolis e sempre gostou muito de estudar. Atualmente cursa Enfermagem na Universidade Federal de São João Del Rei.

Tendo como traço marcante em sua vida o pioneirismo em relação à pauta das pessoas LGBT em Divinópolis, foi a primeira mulher transexual nesse município a fazer a retificação de nome e gênero, sendo também a primeira mulher transexual a ocupar uma vaga de titular no Conselho Municipal do Direito da Mulher, além de ser representante titular das mulheres transexuais do estado de Minas Gerais no Comitê Técnico Integral de Saúde para a população LGBT.

Yascarah sempre sentiu-se uma mulher, desde criança, e as pessoas já a reconheciam como sendo do gênero feminino, sendo essa uma questão muito natural para todos do seu convívio. De família grande e unida, sempre foi muito respeitada e, entre as amigas de infância e as atuais, isso não é diferente. Contudo, apesar de ter crescido em um meio bastante acolhedor, ela não deixou de sofrer os preconceitos e as violências tão comuns às mulheres transexuais. E é com muita coragem, fé e sensibilidade que enfrenta cada obstáculo que encontra pela frente, tropeçando algumas vezes, mas sempre dando a volta por cima. Todas as adversidades que Yascarah passou e passa no decorrer da vida ela tenta transformar em algo positivo, pois acredita que nada é por acaso e que tudo converge para a evolução do espírito.



Ale Gonçalves

Ale Gonçalves é travesti, negra e candomblecista. Nascida em 16 de janeiro de 1988 em Ituberá, no interior do estado da Bahia, cresceu e viveu com os pais e o irmão em um ambiente conservador. Em 2020, migrou para Ribeirão das Neves, município da Região Metropolitana de Belo Horizonte, para viver com seu atual companheiro. Sua mãe é católica praticante e aposentada, tendo trabalhado como doméstica, e seu pai é pedreiro, vindo de uma família de pescadores. A avó materna, Vitória, que faleceu quando Ale tinha por volta de 13 anos, foi uma figura marcante em sua vida.

Por estar sempre brincando com meninas e com brinquedos considerados de meninas, teve muitos problemas e embates com sua família. Seu processo de descoberta começou na adolescência, através de seu contato com pessoas que se pareciam com ela. Não era compreendida em casa, principalmente por sua mãe que sempre a julgava, por causa disso contava mais com o apoio do pai, apesar de ser um homem machista. Cresceu dentro da Igreja Católica, reconhece a importância dos ensinamentos para sua vida, mas foi o Candomblé que a acolheu.

Frequentou escola particular e sempre gostou de estudar. Nunca se relacionou com mulheres e encontrou seu primeiro namorado na escola. Concluiu o curso de magistério, começou a fazer pedagogia, mas não terminou. Sua maior prioridade é estudar e ter um curso superior.

Na ocasião da entrevista, estava desempregada. Em Ribeirão das Neves, trabalhou apenas com contratos temporários de dois ou três meses, mas já trabalhou em escola particular como auxiliar de educação infantil, em loja como vendedora e em academias dando aula de zumba e de aeróbica. Também trabalhou com decoração de casamentos e festas infantis. Atualmente, atua na Associação da Diversidade de Ribeirão das Neves.





Natália Cysne

Natália Cysne tem 33 anos e é a primogênita de uma família mineira bem tradicional. A mãe é espírita, o pai agnóstico, espiritualista. Eles tiveram mais dois filhos. O irmão caçula faleceu aos 11 anos, o que marcou muito sua adolescência. No processo de transição, sua mãe foi quem escolheu o nome Natália e “Naty” é o seu apelido carinhoso.

Nascida em Montes Claros, cidade localizada ao norte da capital de Minas Gerais, teve uma infância muito boa e feliz. Com 1 ano de idade, foi morar no estado do Pará, depois morou em Montes Claros e Belo Horizonte. Atualmente vive em São Paulo. Em Montes Claros, estudou no colégio São Matheus e em Belo Horizonte estudou no colégio Loyola.

É formada em engenharia metalúrgica pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mas, ao aplicar as suas economias na bolsa de valores, descobriu o amor pelo setor financeiro. Hoje, atua no setor *private* do banco Santander e também integra o grupo institucional da empresa para tratar de ações de diversidade, focadas na questão LGBT. Durante a transição, nunca frequentou o serviço de saúde pública, teve a oportunidade e o privilégio de ser acompanhada na rede particular com o apoio dos pais.

Depois das dúvidas na adolescência, teve a primeira namorada aos 18 anos de idade, que foi um grande amor na sua vida. No momento, está vivendo um outro grande amor com o atual namorado, com quem quer envelhecer. É otimista. Acredita que o preconceito não tem fundamento e tem que acabar.

Paola Terra

Paola Terra é uma mulher muito autêntica, forte e guerreira. Nascida em Alfredo Vasconcelos, município da Região Geográfica de Barbacena, atualmente vive em Juiz de Fora, no estado de Minas Gerais. Sua mãe cursou o ensino médio completo, possui curso técnico em nutrição e fez teologia para ser pastora. Seu pai estudou até a quinta série do ensino fundamental e o irmão tem ensino médio completo.

Atualmente, trabalha em uma padaria e está no curso técnico em administração. Conheceu uma advogada da área criminal que se tornou uma amiga. Dessa amizade nasceu o desejo e a vontade de cursar a faculdade de direito e ela luta para realizar esse sonho. Valoriza os estudos para não depender de ninguém e não correr os riscos que as mulheres trans passam nas ruas. Lembra do carinho dos pais na infância e, apesar de vir de uma família pobre, foi mimada. Desde pequena já sabia que não era homem. Quando criança, gostava de pular o muro para brincar de casinha com o amigo Guilherme e até hoje guarda essa amizade.

Conseguiu retificar o nome após um longo processo. Foi nomeada Paola por causa da personagem da novela “A Usurpadora”. Não frequenta mais os ambientes LGBT de Juiz de Fora por já ter sido agredida e optou por não se prostituir, tendo conseguido vários trabalhos para se manter. Ela não é rica e nem pobre. Tem uma boa qualidade de vida, e não tem vontade de fazer redesignação. Teve alguns relacionamentos, vivendo batalhas que deixaram cicatrizes e marcas. Paola defende seu ponto de vista, porque batalhou muito para ser quem é e para chegar aonde chegou. Possui muitos “sonhos-projetos” e o maior de todos é adotar uma criança.

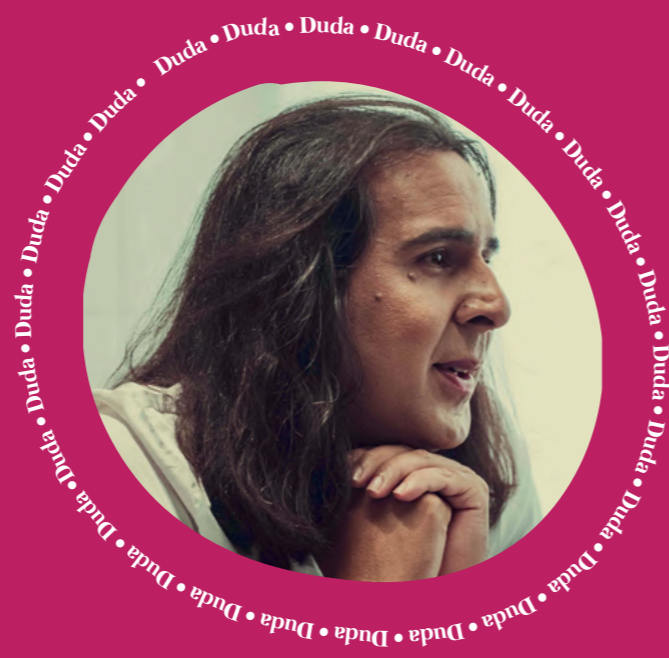


Duda Salabert

Duda Salabert nasceu em Belo Horizonte em 1981. Filha de uma mãe negra e um pai torneiro mecânico, passou a infância e a adolescência entre Contagem, município da Região Metropolitana de Belo Horizonte, e São Paulo, devido às dificuldades financeiras da família, até se estabelecer definitivamente em Contagem.

Durante a escola, era vista como estranha e sentia-se excluída, mas encontrou na poesia, no esporte e na cultura punk formas de se manter viva durante a adolescência. Tornou-se mais popular ao ajudar colegas com o português. Alguns anos depois, cursou letras na PUC Minas (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais). Durante esse período, foi professora de supletivo e, como bolsista de pesquisa, estudou a poesia do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Lecionou no melhor cursinho de Belo Horizonte da época, o do professor Pachecão.

Em 2013, iniciou sua transição de gênero, sendo influenciada por entrevistas de João Nery, um homem trans, da cartunista Laerte, uma mulher trans, e pelo filme Laurence Anyways. Morava em Rio das Ostras, município litorâneo do estado do Rio de Janeiro, com a companheira, e dava aulas no Colégio Bernoulli, em Belo Horizonte. Decidiu, então, mudar-se para a capital mineira para fazer a transição com o apoio de sua companheira e fundou o TransVest, um projeto de educação para travestis e transexuais.



Em 2018, passou a dar aulas como Duda e foi bem recebida pelos alunos e pela escola, apesar de enfrentar resistência de alguns estudantes após a eleição de Bolsonaro. No ano seguinte, foi eleita vereadora de Belo Horizonte. Durante o processo de transição, enfrentou a falta de apoio de sua família. Nesse mesmo ano, Duda suspendeu o uso de hormônios para permitir que sua companheira engravidasse e depois retomou o processo para amamentar. No entanto, interrompeu-o novamente por não se sentir bem.

Não é uma estudiosa sobre as questões e políticas LGBT, mas, como é uma mulher trans eleita pela pauta LGBT, busca fazer políticas públicas para atendê-la. Seu maior receio é que a transfobia atinja a sua família. Nas eleições de 2022, foi a candidata que mais recebeu ameaças de morte.

Lua Zanella

Lua Zanella é uma travesti negra de 28 anos. Nascida em 1996, na cidade de Belo Horizonte, cresceu em um lar operário, adepto à religião cristã e parte da Congregação Cristã do Brasil. Enfrentou dificuldades financeiras em sua infância e relata que sua proximidade da família e principalmente dos irmãos foi essencial em seu processo de formação. Na juventude se envolveu com o teatro e com a música, formando-se em cinema e audiovisual pela União de Negócios e Administração (UNA) em 2021.

Lua começou a entender sua identidade de gênero a partir da arte *drag*, ao perceber que se sentia mais confortável “montada”. Compreendendo que se sentia mais confortável como travesti, iniciou seu processo de transição aos 22 anos. A artista relata frustração em suas tentativas de acessar o serviço de saúde no que toca ao processo de hormonização, mas hoje está bem assistida por um grupo multiprofissional que atende pessoas trans.

A arte é uma das coisas mais importantes para ela. Desde muito nova, esteve envolvida na cena do *rap* de Belo Horizonte, principalmente nas batalhas de rima, sendo hoje uma das organizadoras da Batalha 402. Em 2024 lançou o álbum intitulado *TRANSMACHINE*, no qual mistura suas referências de *rap* com a cultura *ballroom*, criando o que ela nomeia de “balltalha”. Lua espera continuar utilizando sua arte para motivar outras pessoas trans a participarem do cenário cultural que, ainda é muito hostil a esse público.



Estefane Rodrigues

Criada em Ribeirão das Neves, município da região metropolitana, Estefane nasceu em Belo Horizonte, no ano de 1991. Sua infância e adolescência não foram fáceis por causa das relações familiares e dos preconceitos que pairavam, e ainda permanecem, na sociedade. Nesses períodos, morou em diferentes casas, nas quais vivenciou situações diversas, como moradias precárias, fome, abandono, violências. Entretanto, nessas idas e vindas, também pôde encontrar acolhimento e cuidado, como quando passou a trabalhar na casa do Robinho do gás e sua esposa Cleuza. Lá, ela almoçava, ganhava seu dinheiro e dormia algumas vezes. Viveu assim algum tempo até completar 18 anos.



Na escola recebeu muito apoio das professoras e das diretoras, que sempre ajudavam com os materiais escolares. Ao contrário de colegas, sofreu muito *bullying* e constrangimentos que a afastavam das pessoas. Por isso, não fez muitas amizades na escola. Nessa época, seu maior sonho era ter uma mochila para não ter que levar seus cadernos em um saco de arroz.

Estefane já fez de tudo um pouco: trabalhou com serviços gerais, foi servente, pedreira, atendente de lanchonete e de farmácia, cozinheira, chef de cozinha e chapista. Entretanto, nem sempre teve sua carteira de trabalho assinada. A transexualidade afetou muito a sua vida profissional, sofrendo homofobia e discriminação. Apesar disso, nunca desistiu e sempre teve esperança de dias melhores. Hoje ela trabalha no departamento pessoal de uma empresa que acolhe e valoriza pessoas trans. É vice-presidente da Aliança Nacional LGBT em Ribeirão das Neves, além de fazer parte da Associação da Diversidade na cidade.

E, assim, vai buscando um futuro promissor, talvez com uma carreira de projetista ou médica e com o sonho de ser, quem sabe um dia, muito rica!

Letícia Imperatriz

Letícia Imperatriz tem 34 anos e é uma mulher transvestigênera. Nasceu em Belo Horizonte e atualmente reside na cidade de Montes Claros, localizada ao norte da capital, em Minas Gerais. Travesti negra, formada em ciências sociais pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), mestranda na mesma instituição, recebe bolsa da Fapemig e sonha em fazer doutorado. É conselheira dos Direitos Humanos em Minas Gerais, membra do Observatório de Violência de Gênero da Unimontes e coordenadora do Projeto Norte de Minas Transidentidade. Sua história é marcada por abandono, violência física e sexual, transfobia e tentativa de homicídio.

Considera a sua mãe fonte de seu vigor, uma vez que ela veio para Belo Horizonte em busca de melhores condições de vida somente com a segunda série e começou a trabalhar como empregada doméstica. Letícia Imperatriz nunca se sentiu um menino, não gostava de carrinhos ou bolas. O universo sensível do feminino sempre a convocou. Conviveu com o abuso dentro de casa por muito tempo em nome da felicidade da mãe.

Na escola, era questionadora e foi vítima de *bullying*. Na universidade, mesmo que de forma tímida, conseguiu o seu espaço para falar sobre a pauta LGBT. Não pretende fazer a cirurgia de redesignação sexual. Acredita que não é a vagina que faz uma mulher. O seu maior sonho é ser mãe de santo e seu maior desafio é ser eleita vereadora. Letícia quer deixar um legado, seja enquanto professora universitária ou vereadora.



Ashley Ribeiro

Ashley Ribeiro tem 21 anos e nasceu em 2003, no distrito de Cachoeira do Campo, pertencente à cidade de Ouro Preto em Minas Gerais. Foi criada por uma parceria entre sua mãe e sua avó, figuras femininas fortes que a inspiram diariamente. Começou o seu processo de transição aos 12 anos de idade, utilizando redes sociais e estudos médicos como base para a construção da sua identidade, sempre reverenciando as mulheres trans que vieram antes.

Ashley foi a primeira mulher trans a estar à frente de um equipamento público na cidade de Ouro Preto, uma vez que atua como coordenadora do Centro de Referência e Acolhimento LGBTQ+ de Ouro Preto desde 2022. Sempre reafirmando a importância do diálogo das políticas diretamente com as instituições-base, ela busca destacar a importância da escola e da educação para pessoas LGBTQIAPN+ e como os problemas enfrentados hoje seguem muito semelhantes às suas vivências pessoais.

A partir do seu trabalho, entendeu a necessidade do conhecimento jurídico para dar suporte à sua comunidade com maior respaldo social. Sendo assim, posteriormente, a entrevistada ingressou no curso de direito da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop) com o objetivo de se instrumentalizar para atuar junto às demandas jurídicas da população LGBTQIAPN+.



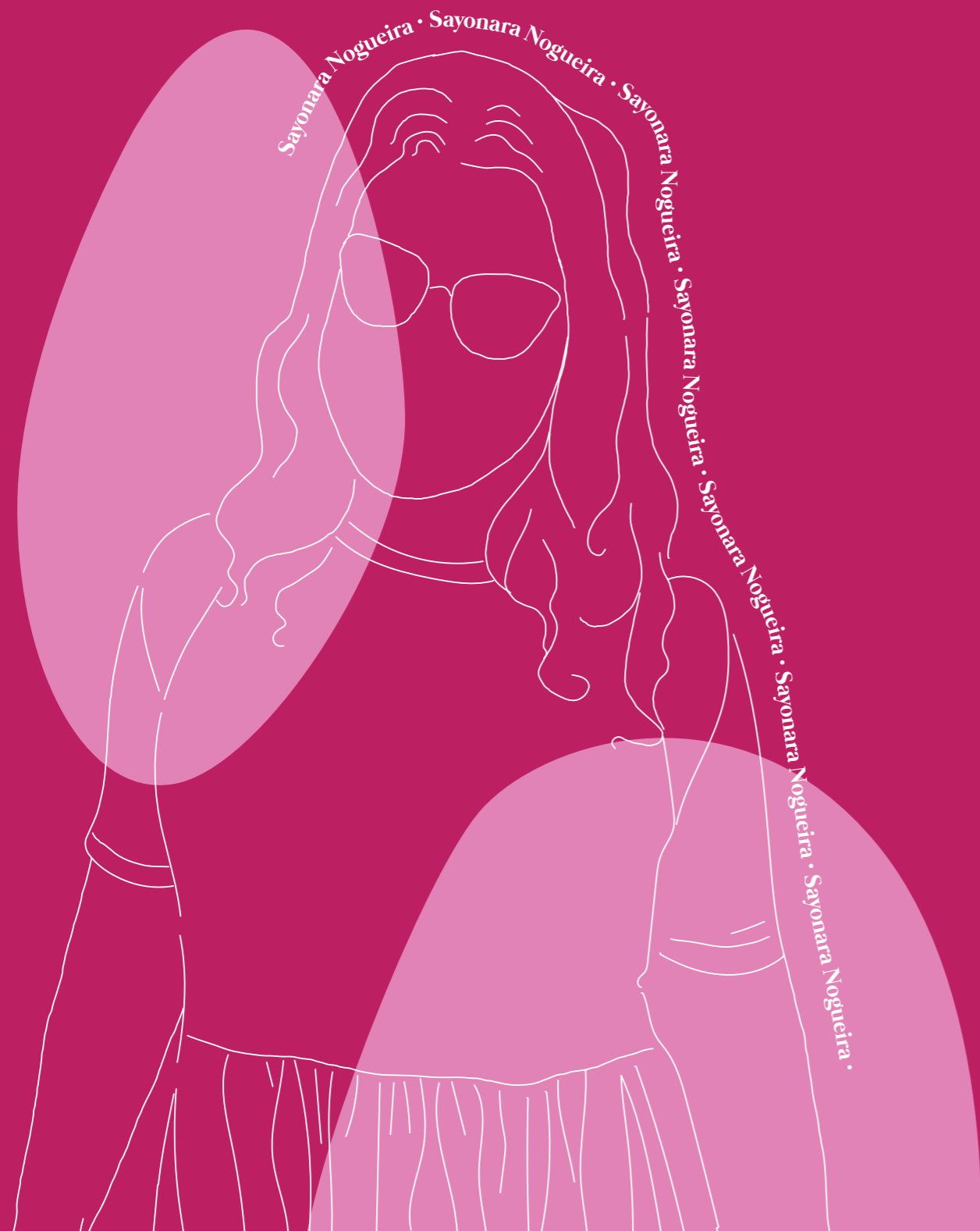
Lorena Paiva

Lorena Maria de Paiva é travesti, tem 61 anos e nasceu na cidade de João Pinheiro, município da região noroeste do estado de Minas Gerais. Filha de um pescador e de uma dona de casa, que ela considera seus melhores amigos. Foi nas cidades próximas de onde morava que teve seu primeiro contato com outras travestis, sendo batizada e aconselhada ao longo de seu processo de transição.

Começou a se hormonizar antes mesmo dos 12 anos e, com essa mesma idade, fugiu de casa para morar em Belo Horizonte, onde começou a atuar como trabalhadora do sexo e morar com outras travestis. Durante certo período, residiu na Europa, chegando a ser presa mais de 30 vezes, tendo sido, inclusive, deportada para o Brasil. É uma grande voz contra alterações corporais clandestinas, principalmente o silicone industrial, que começou a aplicar desde os 16 anos de idade e gerou uma série de complicações médicas com as quais convive até hoje.

Atualmente Lorena é uma das organizadoras do Clã das Lobas, uma organização de trabalhadoras sexuais que promove condições dignas de trabalho para mulheres cis e trans de Belo Horizonte e Região Metropolitana. Além disso, é membra da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) e fundadora do Transpasse, projeto de extensão da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) que presta assistência jurídica e psicossocial para pessoas trans e travestis. Lorena é reconhecida como uma das matriarcas trans de Belo Horizonte, sendo reverenciada por pessoas do movimento e da academia como uma grande referência.





Sayonara Nogueira

Sayonara Naidir Bonfim Nogueira
Caio Benevides Pedra
José Vitor Costa Cruz

Meu nome é Sayonara Naidier Bonfim Nogueira

Meu nome é Sayonara Naidier Bonfim Nogueira, tenho 49 anos, completo 50 no mês que vem, dia 7 de junho¹. Sou professora licenciada em geografia, tenho pós-graduação em coordenação pedagógica e já tenho 24 anos de docência, de sala de aula.

No campo da militância, atuei na base de Uberlândia no período de 2010 a 2012, num grupo que tinha aqui chamado Grupo Chama. Fui secretária do Grupo Chama e depois convidada para a Rede Trans Brasil, pela Tathiane², e já fui direto para

¹ Essa entrevista foi concedida em maio de 2024, pouco antes do aniversário de 50 anos da Sayonara, em junho.

² Tathiane Araújo foi Presidenta da Rede Nacional de Pessoas Trans – Rede Trans Brasil e da Associação Sergipana de Transgênero (Astra LGBT), que ajudou a fundar.

a Diretoria Executiva, onde estou até hoje como secretária de comunicação, desenvolvendo trabalho de pesquisa³. Na Rede Trans, eu fico mais nos bastidores, não tenho uma atuação de frente de palco, fico mais nas pesquisas que a Rede produz, cuidando da comunicação pelas redes sociais,

³ A Rede Trans Brasil é uma organização que luta pela falta de direitos humanos da população de travestis, mulheres e homens transexuais. Motivado pela falta de dados sobre a população trans no Brasil, o coletivo lança periodicamente levantamentos e dossiês próprios que evidenciam as violências sofridas por essas pessoas em âmbito nacional. Acesse os dossiês: “A geografia dos corpos trans” (2016-2017), “A carne mais barata do mercado” (2017-2018), “Diálogos sobre viver trans” (2018-2019), “A exclusão das identidades trans” (2019-2020), “Transfobia e pandemia” (2020-2021), “A” especialização da transfobia no Brasil” (2021-2022), “Dossiê de assassinatos” (2024).



Foto: Acervo pessoal

fazendo essas articulações de bastidores mesmo.

Eu sou uma pessoa de bastidores, nunca gostei de protagonizar nada... Eu sou uma pessoa que sempre gostou dos bastidores, até no campo da política. Eu também atuo muito ativamente aqui no campo da política. Sou filiada ao PSB (Partido Socialista Brasileiro) desde 2012 e, mesmo nas articulações políticas, estou sempre nos bastidores, sempre apoiando e pensando em estratégias. Eu sou geógrafa e a geografia é estratégica, então eu aprendi muito disso nesse campo da ciência. A geografia não serve só para fazer guerra.

Estou perto de me aposentar, mas sempre tive uma vida muito ativa. Já trabalhei em outras áreas, mas o meu lugar é na educação. Atuei por 5 ou 6 anos na Segurança Pública como diretora de políticas públicas aqui em Uberlândia. Meu setor ficava dentro da Delegacia de Mulheres⁴ e eu gostava do trabalho, mas, quando voltei para a sala de aula, vi que meu lugar é ali, porque os alunos gostam de mim. Agora, estou diminuindo o ritmo de trabalho nesses projetos, pois quero me dedicar mais à docência. Já avisei para a Rede Trans que esse é meu último ano. Vou começar o mestrado em geografia aqui na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), mas meu interesse é na progressão de carreira, não ligo para títulos.

4 Em Uberlândia, a chamada Casa da Mulher é um complexo onde funciona a Delegacia das Mulheres, a Defensoria Pública, o Núcleo de Diversidade Sexual e outros serviços integrados.

Construída com um martelo como o Pinóquio: família de origem e infância

Eu sou filha adotiva, fui adotada aos 3 meses por um casal mais velho, de mais de 50 anos, então não tenho lembrança dos meus avós e tenho poucas lembranças dos meus tios paternos de Pires do Rio⁵, cidade do meu pai, para onde viajamos algumas vezes na minha infância. Da parte materna, cheguei a conhecer meu avô no final da vida dele porque ele morou aqui nessa casa⁶. Lembro que, criança, eu passava as férias em Bebedouro⁷, uma cidade apaixonante próxima a Ribeirão Preto. A família da minha mãe adotiva é de lá e eu tinha um vínculo muito grande com eles, então eu guardo boas memórias, até mesmo do sorvete de abacaxi que eu tomava na praça.

Tenho fotos com 6, 7 anos da minha mãe me ensinando a fumar, eu com o cigarro na boca. Minha mãe era uma senhora da sociedade aqui em Uberlândia e fumar era muito chique para ela. Ela pedia para que eu pegasse e acendesse os cigarros para ela. Com 14 ou 15 anos, comecei

5 Pires do Rio é um município de Goiás, localizado a 140 km da capital Goiânia.

6 Sayonara vive sozinha na casa onde nasceu e foi criada.

7 Bebedouro é um município brasileiro do estado de São Paulo, localizado entre o Vale do Rio Grande e Serra de Jaboticabal, a 379 km da capital.

a fumar e era ela quem comprava cigarros para mim. Eu também me sentia chique. Ela até me ensinava como eu deveria segurar um cigarro, a pose que eu deveria fazer para soltar a fumaça, então isso é algo marcante na minha memória. Meu ex-marido dizia que eu fumava fazendo pose de puta, mas eu fumo do jeito que minha mãe me ensinou. Ela fumava cigarros longos e, por isso, eu fumo cigarros longos até hoje.

Meus pais nunca esconderam que fui adotada, mas o que só descobri na juventude é que conhecia meu pai biológico. Eu fui registrada no cartório como filha dos meus pais adotivos, mas eles eram, na verdade, meus avós biológicos. Eu brincava com meu pai perguntando de onde eu tinha vindo, esperando que ele dissesse que uma cegonha havia me trazido, mas ele respondia que tinha me construído com um martelo, como o Pinóquio. Meus pais biológicos haviam se casado muito jovens e tido dois filhos. Quando o mais velho tinha 1 ano e eu tinha 3 meses, eles se separaram. Ele era caminhoneiro, ela era muito jovem e não queria a responsabilidade de criar sozinha dois filhos pequenos, então eles entregaram o mais velho para os avós maternos e eu, a mais nova, para os avós paternos.

Meu pai biológico acabou se tornando, então, um irmão. Ele mora no Pará hoje, a gente se vê de ano em ano, às vezes, dois anos, mas eu não o vejo como uma figura paterna. Nossa relação é de

irmãos. Ele se casou de novo, teve outros filhos⁸. Minha mãe biológica também construiu outra família⁹ em Cuiabá, tem um restaurante lá, mas é como uma desconhecida para mim. Estive duas vezes com ela, na adolescência e na fase adulta, mas percebi que não teríamos um vínculo, então não mantive contato. O meu irmão mais velho também vive em Cuiabá, foi criado pelos nossos avós maternos. Ele é publicitário e advogado, vem a Uberlândia, às vezes, e mantemos uma boa relação. E os meus pais adotivos faleceram, meu pai há 24 anos e minha mãe há 9.

Eu fui muito paparicada, criada na “água de pera”. Era a caçula de cinco, porque meus pais adotivos tinham três filhos biológicos, todos homens criados. Meus pais adotaram uma menina, 7 anos mais velha do que eu, e depois me adotaram. Eles eram comerciantes. Meu pai veio de Pires do Rio fugido do Exército. Minha mãe veio de Viradouro¹⁰, interior de São Paulo, porque o pai dela tinha sido acusado de comunista durante a ditadura, então eles fugiram. Minha mãe adotiva e os seus pais trabalhavam com curtume na Estação Mogiana¹¹ que existia aqui em Uberlândia.

8 O pai biológico de Sayonara teve mais 2 filhos depois dela.

9 A mãe biológica de Sayonara teve mais 2 filhos depois dela.

10 Viradouro é um município do interior de São Paulo, situado a 270 km da capital.

11 A Cia. Mogiana de Estradas de Ferro funcionou entre 1895-1971 e passava pela chamada “Estação Uberabinha” no Município de São Pedro de Uberabinha, que passou a se chamar Uberlândia em 1929. A estação foi demolida em 1969.

Quando meus pais se casaram, juntaram dinheiro e compraram o comércio aqui de frente a essa casa, começaram com um botequim de verdura e, depois, passaram para uma mercearia. Então minha infância foi confortável, porque eles já tinham casa própria, já tinham o comércio estabelecido, tinham carro, imóvel de aluguel e a vida estruturada. Por isso meus amigos falam que eu fui criada com “água de pera”.

Eu tive muitos privilégios, sim. Passei por problemas, é claro, mas, com 6, 7 anos, eles já identificavam que eu não me encaixava nos padrões. Eu gostava de roupas de meninas, de brincar com as meninas, costurar roupas para as bonecas delas... e eles percebiam isso. E fui muito advertida sobre isso na infância. Meus irmãos, que eram homens já com mais de 30 anos, chamavam muito a minha atenção e a atenção dos meus pais para que eles me corrigissem. Mas eles colocaram uma venda diante dos olhos e, ainda que vissem quem eu era, preferiram se calar.

Chegou um momento em que eles nem me repreendiam mais. Eles me viam saindo toda maquiada, de cabelo grande... meu quarto tinha janela para a rua e eu jogava uma muda de roupa por ela, trocava na rua, saía toda vestida de mulher e ia para os bares *gays* escondida, porque eu era menor de idade. Com 21 anos, eu entrei pra faculdade, meu cabelo ia até a cintura, eu usava calça bailarina, *glitter* no olho... Às 7h da manhã, eu chegava na UFU cheia de *glitter* no rosto. Não tinha como eles não saberem.

Mas foi quando um dos meus irmãos começou a me seguir para ver aonde eu ia, que eu falei para ele: “Olha, eu não sou nem *gay*, eu sou travesti¹²!”. Hoje, acho que, se eu tivesse dito que era “só *gay*”, aquilo tinha morrido ali, mas não. Eu fui além da homossexualidade e ele se assustou. Nessa ocasião, minha mãe disse: “Então não tem como estarmos juntas no mesmo lugar”. Por eu ter sido sempre criada com muito carinho, essa fala me assustou muito e eu fui embora de casa. Eu tinha 25 anos.

Quando eu tinha 6 ou 7 anos, tinha uma radiola na minha casa e a gente ouvia muito a Gretchen e a Rita Cadillac. Meus pais compraram tamanquinhos de madeira pra eu dançar pela casa. Mas, quando eles ouviram da minha boca, pareceu ser o fim do mundo.

Sete meses depois, ela me chamou de volta. Nessa época, eu dava aula em uma escola privada que faliu e não conseguia pagar os professores. Tinha um contrato no estado de fração de aula, que só dava para o aluguel, a água e a luz. Comecei a passar dificuldade, bebia água pra passar a fome. Até que comecei a ir à casa da minha mãe fazer as refeições e levar comida para a minha casa. Foi quando minha mãe perguntou se eu gostaria de voltar. E eu voltei.

¹² Travesti é uma das identidades de gênero que estão dentro do guarda-chuva transfeminino, ou seja, trata de corpos que foram identificados enquanto masculinos no nascimento, mas que se reconhecem enquanto femininos.

Nesses meses, ela refletiu muito e me recebeu de braços abertos. Eu saía de vestidinho de dançar lambada, peruquinha loira e ela dava até palpite. Os presentes de Natal e aniversário mudaram, comecei a ganhar sombra, base... Meu pai já havia falecido antes mesmo de eu sair de casa, mas ele me aceitou melhor do que ela quando eu contei. Ele disse: “Eu sabia que você era veadinho”. Ela que era muito durona e orgulhosa, ele era mais progressista.

Eles viraram católicos quando envelheceram, mas eram de berço espírita e acho que essa influência kardecista ajudou muito a lidar com a minha transexualidade. Eu ouvia sempre dos meus pais e dos meus padrinhos todas aquelas coisas de que eu era um espírito de mulher que reencarnou em um corpo de homem para resgatar algum carma, ou de uma prostituta que usou muito o corpo e voltou como homem para sofrer. E eu escutei muito que não deveria ter feito a transição, que tinha que ter aguentado o sofrimento de ser um espírito feminino em um corpo masculino para pagar o que fiz no passado. Ouvi muito que fui uma cortesã que fez muitos homens sofrerem e agora precisava pagar.

Frequentei por anos a Igreja Católica, fiz primeira comunhão e crisma, mas também frequentei os Centros Kardecistas e de Candomblé, por isso tenho muito respeito por tudo. Na geografia, isso tudo é desconstruído, porque a gente estuda o surgimento do universo, o Big Bang, a evolução do homem, a formação da crosta. Em 1999, quando

comecei a dar aula, já começava o conteúdo no Big Bang e foi assim até 2015. Hoje, quando pego o livro didático, tenho que explicar a origem do universo e do mundo do ponto de vista do criacionismo, passar pelas religiões monoteístas, falar bem rapidinho sobre as politeístas, os astecas, os gregos, mencionar os orixás e, só então, chegar ao evolucionismo. É tão complexo que eu faço um paralelo entre o criacionismo e o evolucionismo para só depois perguntar qual é a origem do universo do ponto de vista dos alunos. E 80% acredita no criacionismo.

Dos piolhos à imprensa: escola, trabalho e docência

Por serem de uma geração mais antiga, meus pais seguiam a tradição de os filhos começarem cedo a trabalhar para ajudar em casa, então eu trabalhei de auxiliar de cozinha já aos 14 anos. Depois fui balconista de lanchonete, fui faxineira enquanto estava na faculdade... nunca tive problemas para trabalhar, qualquer coisa eu pegava. Geografia tem muito trabalho de campo e a faculdade não arcava com tudo, então eu pegava faxina em república para fazer como diarista. E eu sempre fui de guardar dinheiro. Quando terminei o ensino médio, comprei uma máquina de datilografia e ganhava dinheiro datilografando matriz de mimeógrafo para as professoras que moravam perto de mim. Ganhei e juntei muito dinheiro assim. Meu pai pagou um curso de datilografia pra mim, comecei na máquina manual e fui para o Senac (Serviço

Nacional de Aprendizagem Comercial) fazer o curso de máquina elétrica, aí ele me deu uma elétrica de presente. Acho que vem daí meu gosto pela docência. Eu tinha uma cunhada professora e muitas vizinhas professoras, então elas viviam na minha casa levando prova pra eu datilografar.

Eu sempre gostei de escola na verdade. Na educação infantil, estudei aqui no bairro. Da primeira à quarta série, eu já tinha muito protagonismo na escola, era tida como CDF¹³, só tirava a maior nota em tudo e era parte do Pelotão da Saúde. O Pelotão selecionava os melhores alunos da manhã, vestia neles um jaleco com uma cruz vermelha de fita de cetim e levava para a escola no contraturno para catar piolho na cabeça dos mais novos. O piolho era uma praga nessa época. Eu lembro dos meus amigos todos de cabeça raspada nessa época, do Neocid¹⁴ e do barulho do piolho estourando na unha.

Da quinta à oitava, estudei em outra escola aqui do bairro, e na quinta série tive minha primeira decepção: reprovei em matemática. A matemática era o inferno na minha vida. Fiquei bastante de-

¹³ CDF é a sigla para o termo “cabeça de ferro”, usado para denominar um indivíduo que é muito inteligente, que é muito dedicado aos estudos.

¹⁴ Neocid era um inseticida em pó indicado para matar baratas, formigas e pulgas, com a composição parecida com a do chumbinho, que era extremamente tóxico e utilizado para matar ratos. Era comum ser usado para matar piolhos anos atrás.

estimulada, mas meus pais sempre exigiram que eu me formasse, então levei adiante. No segundo grau, eu descobri o movimento estudantil e virei “o capeta”. Fundei o grêmio da escola, fui para a União dos Estudantes Secundaristas (UES), fazia gincana na escola, desfile de moda... eu usava uma meia arrastão no braço, era o Marilyn Manson dentro da escola. Aí, terminei o segundo grau, fui para a faculdade e já caí dentro do Diretório Acadêmico (DA). Então, a base da minha militância vem do movimento estudantil. Começa lá no Pelotão da Saúde, matando piolho, tem uma parada da quinta à oitava porque eu estava menos estimulada. No ensino médio, eu vou pra UES, fundo o grêmio, me formo e vou pro DA da faculdade.

Minhas notas eram boas, meus trabalhos eram muito caprichados, então os professores não tinham reclamações sobre mim. E a relação com os colegas de escola também era boa. Eu só tive um problema uma vez, com um menino que se incomodou com meu jeito muito feminino e me empurrou em um monte de brita. Mas a minha mãe sempre dizia que, se eu apanhasse na rua, eu ia apanhar de novo quando chegasse em casa. Então eu levantei e arrebentei ele. Foi a única vez que briguei na escola, acho que eu estava na quinta série, mas arrebentei ele tanto que ninguém nunca mais mexeu comigo. Eu já tinha alma de travesti!

Quando me tornei professora, foi um fenômeno. Eu fui uma das primeiras professoras trans de

Minas Gerais. Além de mim, tinha a Edna Ide e a Júlia Oliveira, nós éramos de uma mesma geração, mas acho que eu fui mais exposta porque fui a primeira a ter o nome social aceito, então saíram várias matérias sobre isso na mídia. Não gosto dessas coisas de pioneirismo, porque silencia e invisibiliza outras histórias que vieram antes de mim, por isso eu sempre digo que sou uma das primeiras, porque nós já existíamos. Mas essa exposição foi bem positiva, eu acredito, porque eu sofri muita transfobia¹⁵, mas tive menos dificuldades do que vejo várias meninas terem hoje. Acho que a visibilidade teve esse ponto positivo, me poupou de muita coisa. Meu nome social foi aceito em 2011. Antes disso, o nome social só existia na Carta de Direitos dos Usuários do SUS (de 2009), mas eu já era Sayonara na escola desde antes de 2009. Existia um “acordo de cavalheiros” entre as pessoas da escola para me reconhecerem como Sayonara.

Eu sempre fui muito querida na comunidade escolar. Tinha família que levava janta pra mim. Uma vez, num aniversário, uma mãe me deu uma calcinha de presente, toda embrulhadinha. A diretora ficou nervosa achando que ela estava me desrespeitando, mas não estava, foi o que ela pôde comprar. Outra vez, uma mãe me deu um Sonho de Valsa. E é o que elas podiam comprar pra demonstrar o carinho. Inclusive, eu já tive problemas com diretor de escola até por ser

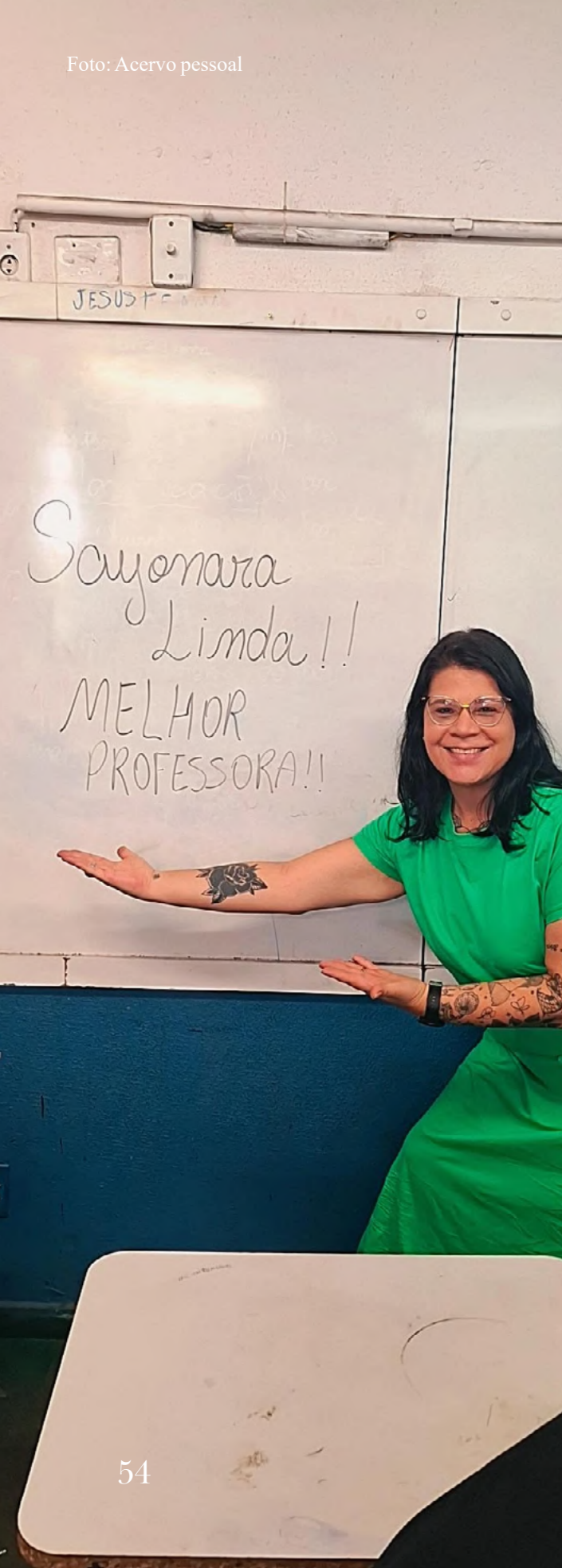
¹⁵ Configura qualquer ação ou comportamento que se baseia no medo, na intolerância, na rejeição, no ódio ou na discriminação contra pessoas trans por conta de sua identidade de gênero.

muito querida. Aí, chegava época de eleição de diretoria e eu fazia “rastros de onça”¹⁶, dizia que ia montar uma chapa e concorrer. Virava uma confusão, os alunos e pais diziam que eu ganharia e seria a diretora e os candidatos usavam a minha identidade de gênero para me atacar. Não questionavam o meu trabalho, mas quem eu sou. E eu nunca concorri na verdade, nunca quis ser diretora. Eu gosto mesmo é de sala de aula, não queria serviço administrativo e nem cuidar de dinheiro público, queria ensinar meus alunos a medir escala.

Vivi outras passagens em escolas que me machucaram muito também. Eu tomo remédio para hipertensão, porque minha pressão é alta devido ao hormônio, então vou muito ao banheiro na parte da manhã por causa da ação diurética do remédio. Trabalhei em uma escola em que o diretor anotou todas as minhas idas ao banheiro durante uma semana e, quando completou 50 minutos que é o tempo de uma aula, me chamou e disse que ia descontar do meu ponto. Precisei ir ao médico, explicar da medicação e sair de lá com uma CID¹⁷ para garantir que o diretor não fizesse isso. Essas coisas machucam a gente, porque ele

¹⁶ É uma expressão utilizada em política como sinônimo de “intimidar e confundir os adversários” e faz referência ao fato de as onças driblarem seus predadores na natureza e dificultarem a localização de sua caça e prole.

¹⁷ CID é a sigla para Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde, uma ferramenta epidemiológica que fornece códigos para classificar doenças e outros fatores.



não media o tempo de nenhum outro professor no banheiro, só o meu.

Também já trabalhei com diretor que se recusou a me chamar pelo nome social, que dizia que o meu nome era o que estava na pasta funcional. Uma vez, numa escola aqui perto, eu me candidatei pro colegiado escolar, não tinha ainda retificado o meu nome, mas a portaria do nome social já havia sido aprovada. Ganhei a eleição e a diretora publicou o resultado com meu nome civil. Os alunos e os outros professores viram e ficaram perguntando quem era o professor eleito, pois ninguém o conhecia. E era eu. Coisas assim marcam a gente, machucam e não tem como esquecer. Meus problemas nas escolas foram sempre com nome. Nunca tive problema com banheiro porque escola geralmente tem só um banheiro para todos os professores, mas negativas de usar nome social foram várias¹⁸. Tinha professor que dizia até que meu nome era “difícil de pronunciar”.

Agora, eu quero me aposentar. Eu conversei com a Marina Reidel outro dia, Marina é professora da mesma época que eu, mas no Rio Grande do Sul, já alcançou a idade e o tempo de serviço, mas vai ter que trabalhar uns anos a mais porque fizeram uma regra de três no tempo de serviço antes e depois da retificação. Tem uma menina de Santa Catarina, não lembro o nome dela, que aposentou só com o tempo de sala de aula, sem regra de três.

¹⁸ Hoje, Sayonara já realizou a retificação de seu nome e não precisa mais usar nome social.

Eu tenho 24 anos de sala de aula e vou fazer 50 de idade. Quando completar 55, vou entrar com meu pedido de aposentadoria e quero ver o que vai acontecer. Só quero saber como Minas Gerais vai resolver o meu caso, porque a gente está envelhecendo, as pessoas trans estão envelhecendo, quem não precisa se arriscar no trabalho sexual está tendo o privilégio de envelhecer... a Antra não me matou aos 35 anos¹⁹.

Mas a aposentadoria é algo que já consigo vislumbrar. Por isso, já estou diminuindo meu ritmo de trabalho e os projetos em que atuo e colocando outras pessoas nos lugares que ocupo²⁰. Antes, eu pegava muito TCC²¹ para corrigir, por exemplo, mas hoje minha vida mudou. Há 7 meses me separei e a vida de casada é muito diferente da de solteira. Minha despesa caiu muito, então o que eu ganho é suficiente para viver bem. Eu tenho casa própria, não pago aluguel, minhas despesas cabem no que eu ganho.

¹⁹ A Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) divulgou certa vez um dado que dizia que a expectativa de vida de mulheres trans e travestis no Brasil era de 35 anos, mas ele vem sendo bastante questionado pela academia e pelo movimento em razão da metodologia desse cálculo, que nunca foi apresentada.

²⁰ Hoje, Sayonara ainda atua como secretária de Comunicação na Rede Trans Brasil, presidente do Conselho Popular LGBT de Uberlândia, vice-presidente da Associação da Parada de Uberlândia, coordenadora municipal adjunta da Aliança LGBTI+ e ainda compõe o Instituto Brasileiro Trans de Educação (que ajudou a fundar) e a Coalização Nacional LGBTI+ por Cidadania.

²¹ Trabalho de conclusão de curso.

Eu quero seguir trabalhando, fazer outro concurso, me dedicar à educação, não sei... posso ocupar um cargo no Executivo também, gostava de trabalhar no Executivo quando fui diretora de políticas públicas. Legislativo, eu não almejo. Sou muito assediada por alguns partidos por ser muito popular, dar aula para alunos que já votam e por trabalhar, às vezes, em algumas campanhas, mas não tenho intenção de me candidatar a cargo eletivo. O que eu quero mesmo é me afastar do movimento social, porque ele cobra muito das pessoas e isso adoce a gente. Eu me sinto esgotada, às vezes, esfaqueada nas costas.

Cicatrizes que carrego no corpo: relacionamentos sexuais e amorosos

Meu primeiro amor foi um vizinho, mas foi totalmente platônico. Ele nunca soube disso. Eu tinha uns 15 anos e já tinha tido contato com uns meninos do bairro e da escola, mas por esse eu chorava de soluçar ouvindo temas de novela. Ele tinha 18 anos, era loiro, dos olhos azuis, lembrava muito um ator de cinema que eu não lembro o nome. Eu o conheci de farda, voltando do alistamento militar.

Com 14, 15 anos, eu já era a mais afeminada do grupo e meus colegas começaram a querer me “atender”²². Aí, eles queriam vir fazer trabalho de escola aqui em casa. E, como eu era a única

²² “Atendimento” é uma gíria para relação sexual.

da rua que tinha um videogame, porque meu pai tinha me dado um Atari, eu tinha desculpa para trazê-los para cá e “o trem pegava fogo”. Minha vida sexual começou nessa época, com os colegas de escola e os vizinhos de bairro da mesma idade que eu. Depois, meu pai me deu um videocassete e aí começou a perdição. Eu alugava filme pornô na locadora, trazia os meninos para a minha casa para fazermos trabalho e colocava os filmes para assistirmos.

Meu primeiro namoro durou cinco anos e foi com um homem *gay* que era muito tranquilo. Foi importante para mim, mas namoros começam e terminam, então não foi muito marcante. Já o segundo, com quem eu fiquei três anos, me afetou muito, infelizmente. Eu o amava muito e vivemos juntos o final da minha transição, quando eu já estava fazendo hormonização até que consegui juntar o dinheiro que precisava para colocar próteses de silicone e ele esteve em todos esses processos comigo. Me levou ao hospital, me deu banho... então eu criei um laço muito forte com ele. Além disso, minha mãe começou a ficar doente nessa época e eu trabalhava em um projeto do estado que me obrigava a viajar para Jaboticatubas²³ periodicamente e ele ficava com a minha mãe enquanto eu fazia essas viagens.

Era um cozinheiro de mão cheia, fazia tudo que minha mãe pedia, minha família era uma coisa

²³ Município mineiro na Região Metropolitana de Belo Horizonte, a mais de 600 km de distância de Uberlândia.

com ele. Só que ele me escondia, não me assumia porque tinha medo da reação da família dele, que era muito cristã. Ele era recém-divorciado quando nos conhecemos e dizia que não queria causar uma dor à mãe dele. E foi nessa época que eu explodi na imprensa aqui em Uberlândia, todo dia tinha matéria falando de mim. Aí, ele me disse que não dava conta de me assumir e não cortou o vínculo, mas foi se afastando aos poucos. Ele praticamente vivia aqui em casa, começou a vir só na sexta, depois só no domingo... até que arrumou uma namorada cis, assumiu ela publicamente e só depois veio aqui conversar comigo. Me pediu desculpas, disse que não conseguia levar adiante a nossa relação e me disse uma coisa que me marcou muito e que vai ecoar em mim até o meu último dia de vida. Ele disse: “Você sabe que eu sempre gostei de buceta”. Aquilo foi como uma facada. Ele abaixou a cabeça e saiu chorando, mas aquilo já tinha me matado. Eu sofri muito, passei um ano sonhando com ele, foi muito difícil esquecer.

Aí, veio o meu terceiro companheiro, de quem acabei de me separar depois de 14 anos juntos. E foi uma história totalmente diferente, ele veio para me curar dessa relação anterior, me assumiu pra todo mundo... família, amigos, redes sociais. Mas a relação foi desgastando e ele pegava um pouco pesado comigo quando bebia. Mas vivemos muito tempo juntos, eu criei a filha dele dos 5 aos 19 anos. Mas vivemos muitas coisas juntos e construímos muitas coisas também. Compramos carro, compramos rancho, ele estava comigo quando perdi a minha mãe e me ajudou muito

a cuidar dela no final da vida. Minha mãe ficou sete anos acamada e morreu nos meus braços. Ele prometeu pra ela que cuidaria de mim na minha velhice, que jamais me abandonaria.

Só que, no ano passado, ele já começou a dar aqueles sinais que os homens sempre dão. Foi se distanciando, se tornou agressivo comigo, extremamente agressivo em alguns momentos... Eu fui para Montes Claros participar de uns eventos a convite da Letícia Imperatriz²⁴ em agosto do ano passado²⁵ e, quando voltei, ele não estava mais em casa. Me disse, por telefone, que estava no nosso rancho e precisava de um tempo, porque estava vivendo uma crise. Ele ficou dois meses lá, vindo aqui em casa quando eu não estava e me deixando cartas de amor e bilhetes na geladeira, mas sem falar comigo. E eu acreditei nessa crise e respeitei o espaço dele até descobrir que, na verdade, ele tinha engravidado uma colega de trabalho.

A gravidez foi um choque para mim. Descobrir a traição e a gravidez foram dois golpes muito grandes. Depois que a minha mãe morreu, ele era a minha coluna mestra, eu vislumbrava a nossa velhice juntos, então hoje eu falo dele com uma mágoa muito grande. Nos nossos dois últimos anos juntos, ele começou a dizer que gostaria de

²⁴ Letícia Imperatriz é uma travesti formada em ciências sociais e mestranda em desenvolvimento social pela Unimontes, também biografada neste livro.

²⁵ 2023.

ser pai de novo e que ia começar a “treinar fazer filhos”. Eu achava isso um desrespeito muito grande comigo, porque ele sabia com quem ele estava, ele sabia que eu não daria um filho para ele.

Mas hoje estou bem, segui meu caminho, tenho uma vida ativa, tenho meus namorados, tenho meus “ficantes”, tenho meus amigos²⁶, que criaram uma rede de afeto e não me desamparam nem por um minuto. Essa casa é cheia de gente nos finais de semana, meus amigos não me deixam sozinha. Se eu ficar 2h sem postar alguma coisa nas redes sociais, eles me ligam perguntando se aconteceu alguma coisa. Eu cheguei numa fase da vida de tanto cansaço, que decidi não criar mais fadiga com ninguém. Hoje, ainda tenho mágoa, mas essa mágoa vai desvanecer um dia e vai ser só mais uma cicatriz que vou carregar no corpo.

Agora, estou aproveitando a vida de solteira, curtindo os namoradinhos que vêm aqui, trazem uma caixinha de cerveja, uma caixinha de bombom, tudo pra agradar essa senhora de 50 anos. Estou malhando muito, com a bunda “em pezinha”, então estou aproveitando. Se eu entro em um relacionamento agora, daqui a pouco ele estará dentro da minha casa e estarei levantando cedo para coar café e correndo pra casa depois do trabalho pra fazer janta e esperar o homem chegar do trabalho. Eu passei 22 anos em relacionamentos, minhas relações sempre foram duradouras. Hoje, eu me sinto muito livre, me sinto uma pessoa livre.

²⁶ Lauro, Renato, Wesley, Ana Carolina, Danilo, José Felipe, Laís, Marlon, Thiago, Raissa, Wellington.



Eu já era a Sayonara: identificação e processo de transição

Meu processo de identificação enquanto pessoa trans aconteceu na infância. Meus pais eram bem mais velhos, então minha família tinha o hábito de dormir depois do almoço. Eu me lembro de deitar com 5 anos e sonhar que meu pai me levava ao médico para eu me operar e me tornar mulher, sem nem saber que isso existia, sem ter nenhuma referência. Eu só fui ter contato com isso anos depois, pela Revista Contigo, quando foi publicada uma matéria de uma mulher trans que tinha sido operada em São Paulo e também quando eu soube da cabeleireira da Suzana Vieira, no Rio, que também tinha sido operada²⁷.

As outras referências que tive foram a Roberta Close e a Thelma Lipp na televisão. Na minha puberdade, quando vi as duas, pensei: “Eu não quero ser *gay*, eu quero ser a Roberta Close, eu quero ser a Thelma Lipp”. Eu tinha por volta de 10 anos de idade e não tinha contato com as palavras “travesti” e “transsexual”. Pra mim, eu era “transformista”, que era o termo que usavam na televisão. No meu ideário, eu era transformista como elas. Meu pai usava outra expressão, “macho-fêmea”, era um adjetivo que minha família

²⁷ Ruddy Pinho foi uma cabeleireira transexual que trabalhou com famosas como Suzana Vieira e Marília Pêra. Ruddy submeteu-se à cirurgia de redesignação de sexo aos 40 anos e morreu aos 77, em 2021.

usava para falar sobre mim. Lembro que minha mãe tinha um *collant* de onça, que eu, novinha, vestia quando ela saía. Um dia, ela saiu e voltou sem que eu percebesse, eu tinha acabado de me maquiar na penteadeira dela, estava com a cara branquinha de pó e batom vermelho. Ela me deu um tapa na boca tão forte que nunca esqueci e disse: “Eu não criei um filho homem pra ser isso, você vai sujar o nome da família Nogueira”.

Eu sabia desde sempre que era uma mulher trans, mas fui *drag queen* também por um tempo. Entre 1996 e 1999, fui Sayonara Power. Ser *drag* foi um subterfúgio que eu encontrei para estar dentro do universo feminino. Eu fiz muitas coisas. Houve um momento, dentro da UES, que eu fui para o movimento *punk* também como um subterfúgio, porque o movimento *punk* era andrógino. Era muita roupa preta, alfinetes, coturno até os joelhos, então eu me sentia no universo feminino ali também. Mas eu já era a Sayonara. Quando eu fazia *drag*, eu já tomava hormônio, eu já era a Sayonara.

E eu tinha acabado de ser batizada como Sayonara, porque não fui eu que escolhi esse nome. Na verdade, queria Marcela, porque sempre tive uma identificação muito grande com esse nome. Mas, na minha época, hoje isso não existe mais, eram as mais velhas que batizavam a gente. Aqui em Uberlândia, tinha um grupo de pagode que se chamava Samba K e eles tinham acabado de lançar uma música chamada Sayonara²⁸, que es-

²⁸ “Sayonara” foi lançada em 1995 no álbum “É gostoso te amar” da banda Samba K.

tava fazendo muito sucesso. Essa música conta a história de um encontro de amor entre o cantor e essa garota chamada Sayonara, que é uma fã japonesa em um show num clube oriental. Aí, ele precisa ir embora e canta pra ela que ela é a fonte de prazer dele, que não consegue viver sem ela e que vai voltar a Tóquio para buscá-la²⁹. E eu sempre tive os olhos muito pequenos, então uma travesti, que hoje está na Itália, me olhou e disse “Você é Sayonara”. E o nome pegou. Desde então, sempre que essa música tocava, elas cantavam e apontavam pra mim. Aí, o nome ficou.

Hoje, meu nome é retificado, mas retifiquei naquela época em que precisava ajuizar uma ação para retificar o nome e outra para retificar o gênero, e nessa segunda tinha que apresentar laudo psiquiátrico, exame de taxa de estrogênio e de testosterona. E foi muito bom porque já tive muitos problemas de desrespeito ao nome social, mas, na verdade, a essa altura, eu já era a professora Sayonara, os diários de classe vinham com meu nome social, o governador do estado tinha feito uma portaria baseada no meu caso, então eu já era conhecida como professora Sayonara.

²⁹ O refrão da música diz: “Sayonara | Minha fonte de prazer | Eu preciso de você pra viver | O que é que eu vou fazer | Se eu não posso te esquecer? | Ah, Sayonara | Um dia ainda volto a Tóquio pra buscar você | Sa sa sa sayonara | Um dia ainda volto a Tóquio pra buscar você”.

Sayonara montada de Drag Queen com o nome Sayonara Power

Foto: Acervo pessoal

Essa tristeza é normal: saúde

Meu processo de hormonização nunca foi feito com acompanhamento médico, sempre por automedicação. Eu aprendi com as mais velhas. Perguntava: “Qual hormônio você toma?”, ia na farmácia e comprava. Silicone industrial, eu não usei, botei prótese de silicone. Não frequentei e nem frequentei ambulatório transexualizador. Já até encaminhei umas alunas para lá, mas eles apenas bloqueiam a testosterona das menores de idade e, para as maiores, eles receitam hormônios que vão demorar muito a dar o resultado que elas buscam. Elas vão buscar acompanhamento, mas acabam ficando desesperadas.

Minha transição foi toda por automedicação e, quando eu terminei, resolvi colocar as próteses, em 2007, e aí meus problemas começaram. Meu irmão, que era policial, me disse na época que, se eu colocasse a prótese, minha vida ia mudar, porque eu ia ser a Sayonara 24 h por dia e as pessoas passariam a me ver de outra forma. Ele era da segurança pública, então tinha uma leitura completamente diferente e marginalizada de travestis e mulheres trans e tinha receio de que eu passasse a ser vista assim também. A vizinhança entrou em pânico, porque eu andava sempre muito andrógina com roupas pretas, bolsa grande e meus peitinhos de hormônio. De repente, coloquei as próteses, cortei o cabelo, pintei de vermelho e comecei a usar vestidos e saias.

Eu tinha acabado de passar no primeiro concurso, juntei dinheiro por um ano, fiz um empréstimo consignado e paguei a prótese à vista. Na época, foi muito barato, R\$3.700,00 a prótese e a cirurgia. Aí, eu saía com os peitos como se estivessem em uma bandeja, toda “cocotinha” e os vizinhos em pânico. Meu pai era conhecido como Carlos Nogueira e os vizinhos perguntavam: “Você viu o que virou o filho do Carlos Nogueira?”. Mas tudo isso valeu a pena para mim. Eu não me vejo sem ser a Sayonara, não consigo. Às vezes, fecho os olhos e penso: “E se eu não tivesse sido a Sayonara? E se eu tivesse ficado dentro do armário? “Não consigo imaginar nada, não existe nada.”

Hoje, eu faço acompanhamento médico para as questões da idade, faço exames periódicos, faço *check-up*. Tenho problemas nas cordas vocais por todos os anos de sala de aula, então tenho que fazer laringoscopia todo ano. Eu fumo, então faço também chapa de pulmão. E minha saúde é muito boa, eu malho duas horas por dia, ninguém fala que vou fazer 50 anos. Tenho um vigor que, às vezes, acho que tenho 15 anos. Minha vida é muito ativa e a atividade física dá esse gás. Minha saúde mental andou muito ruim nos últimos tempos, eu cheguei a desenvolver transtorno do pânico, ansiedade generalizada e depressão profunda. Mas fiz tratamento, tomei medicação e o que mais me ajudou foi a atividade física. Então, hoje, eu posso ter trabalhado o dia todo que não deixo de ir à academia. Atividade física me faz sentir bem, me faz dormir bem. Acho que todo mundo deveria fazer uma atividade física.

Às vezes, tenho momentos de tristeza profunda, mas é por causa do hormônio. Estou bloqueando a testosterona no meu corpo e injetando estrogênio, que é um hormônio que me deixa mais sentimental. Então, eu choro até com novela, mas isso é normal, essa tristeza é normal. Além disso, sou muito ansiosa. Se vejo que uma pessoa não está conseguindo fazer alguma coisa, arranco das mãos dela e faço eu mesma.

Esses acompanhamentos todos eu faço na UBS (Unidade Básica de Saúde) e acho que a atenção primária está preparada para a nossa população (LGBTQIAPN+) e isso é bom porque a atenção primária é a porta de entrada para a promoção da saúde. Não sei como isso está em outras cidades, mas aqui em Uberlândia venho sendo muito bem acolhida e as pessoas trans mais novas que me procuram eu encaminho para a UBS e vejo que o atendimento mudou muito. Aposentou muita gente e o pessoal mais novo que chegou é mais humanizado. Eu sou sempre convidada para dar palestra em cursos de enfermagem e de medicina e a gente vê que isso começou a ser uma preocupação nos currículos do campo da saúde. Aqui, boa parte dos profissionais são recém-formados e eu acho que essa melhora no atendimento tem a ver com a melhora na formação dos profissionais.

Antigamente, antes do nome social do SUS, eu fojjava o atendimento levando meu marido. Eu sempre tive marido, então eu dava meu nome de registro e ficava sentada do lado dele. Quando chamavam, eu empurrava ele na frente e ia atrás como se fosse só acompanhante. Hoje, tudo isso

melhorou. O que ainda precisa melhorar é o atendimento multidisciplinar. Não sei o que rege a composição das UBS e quais profissionais podem ter em cada uma, se pode ter urologista e ginecologista, por exemplo, mas deveriam encaminhar certas demandas para outra unidade de saúde com equipe multidisciplinar que tenha o profissional que essa pessoa trans está buscando. Eu, por exemplo, tenho problema de varizes por conta do estrogênio e aqui não tem angiologista, então fui examinada por uma médica que me fez um tanto de perguntas e me encaminhou para outra unidade onde tinha um angiologista e pude fazer mais exames. Então, esse atendimento multidisciplinar é importante porque não é tudo só questão hormonal. Outra coisa que eu sinto muita carência no campo da saúde é a saúde bucal. Tem meninas que me ligam 2h da manhã ardendo em febre por conta de dor de dente, dente quebrado, dente saindo pus. E dor de dente é a pior dor que existe, enlouquece qualquer um.

Rumo ao envelhecimento

Hoje, estou vivendo uma fase muito boa. Estou vivendo o agora, curtindo esse momento, me preparando para os 50 anos. Daqui a pouco, vou me aposentar, poder me dedicar a outras coisas, ter mais tempo livre, penso até em cursar serviço social. Vou estar com a bunda “em pezinha”, porque vou continuar malhando.

Já que a Antra não me matou aos 35, vou seguir minha vida rumo ao envelhecimento.



Sayonara na Parada do Orgulho LGBTI
de Uberlândia de 2024

Foto: Acervo pessoal





Jhulia Santos

Jhulia Santos
Nícia Raies M. de Souza
Bárbara Barbosa Dias dos Anjos

Quem é Jhulia?

Eu sou feita de várias mulheres da minha convivência, das que me antecederam, das que me inspiram. Acredito muito nas multiplicidades, então eu acho que talvez são Juhlias. Cronologicamente, na história, nasci em Belo Horizonte, na região oeste, e logo muito pequena, com o sonho da casa própria, minha mãe biológica, junto com a minha família, meus tios e minhas tias, foram para Ribeirão das Neves. Meu avô tinha um amigo que foi morar lá e abriu um restaurante no meio do caminho entre Belo Horizonte e Sete Lagoas¹. Então, esse amigo fez a vida nesse lugar. Meus avós foram para lá, em seguida, meus tios e minha mãe. Vivi em Ribeirão das Neves durante dez anos, na minha infância, na adolescência e no início da juventude. Talvez naquela época e naquele espaço, não experimentei várias dessas

¹ Belo Horizonte e Sete Lagoas são municípios de Minas Gerais, distantes 74 km entre si.

violências que as pessoas da cidade, da metrópole, da capital experimentavam. Não estou dizendo que eu não vivi, mas eu não tinha conhecimento de que eram violências.

Não gosto de nada prendendo meu pé: infância e juventude em Ribeirão das Neves

Na minha infância e juventude em Neves, apesar de convivemos com o racismo e o capacitismo, não tínhamos consciência disso nem acesso a esses discursos. A pobreza nivelava as pessoas porque todo mundo era pobre. Só depois, na fase adulta, que consegui entender essas violências. Tinha uma garota da minha sala, negra de pele bem retinta, que todo mundo dizia que ela era a mais feia, que tinha o pior cabelo... A gente



Foto: Ricardo Ricoo Photodesign

não se dava conta que era racismo. O pior é que a branquitude ainda nos rouba até o direito de nos reconhecermos enquanto negras. Nasci na zona oeste de Belo Horizonte, uma região de classe média alta onde não era considerada tão negra. Eu era considerada a moreninha, porque não tenho a pele muito retinta. Então, por mais que eu tenha todos esses traços negróides e uma pele escura, ainda assim eu tinha esse lugar. O cabelo não é tão duro assim... Começo a entender de uma possível passabilidade² social nesse lugar de não ser tão negra, de ser higienizada ... por ter nascido na região oeste, filha de uma manicure. Eu acessava muito as clientes da mamãe, então eu passava por essa higienização. “Ah, não pode falar alto, não pode aquilo, não pode aquilo outro”. Cresci nesse contexto, no caminho de uma higienização social.

Me lembro que a mamãe falava: “Olha, você tem que estudar, pode fazer o que você quiser da sua vida desde que você estude. Você tem que estudar para amanhã ser alguém”. Era o único caminho para melhorar de vida. Fui criada muito nesse lugar de tem que estudar, tem que estudar, tem que estudar. Eu não fui das melhores alunas, mas era muito boa nas matérias de humanas; e nas exatas era um fracasso. Mas aí tinha aula de reforço, tinha o plantão da escola, tinha tudo isso.

² A passabilidade, sob a perspectiva trans, é a qualidade de ostentar aparência e caracteres que permitem que a pessoa transgênero seja reconhecida socialmente como alguém do gênero ao qual se entende pertencente, sem que sua condição seja notada ou descoberta, garantindo-lhe a possibilidade de “transitar tranquilamente”.

Na escola, que hoje eu leio como um dos primeiros ambientes de extrema violência para *corpas* dissidentes, não experimentei diretamente essas violências porque estudei com a mesma turma, desde o pré-primário³ até a formação do terceiro colegial⁴. Então estudei a vida inteira com essas mesmas pessoas. A minha dupla de entrar nas formaturas foi a mesma, a mesma menina lá do prezinho, do primeiro ano⁵ até a formação final do terceiro colegial. Ela era a menina mais bonita da escola. E aí, lógico! Por que ela era a mais bonita da escola? Era branca de olhos claros, loira. Eu tinha o que se aproximava do contexto de beleza, do que é tido como referência de beleza. E, curiosamente, ela foi meu par em todas as formações. Do quinto ano para lá, revezava entre uma turma e outra e foram chegando outras pessoas, mas eram sempre as mesmas pessoas. Era um bairro onde conhecíamos todo mundo.

Mas eu já começava a experimentar algumas violências fora desse contexto da sala de aula, fora do contexto desse meu primeiro grupinho. O bairro também foi crescendo, as pessoas não eram as mesmas desde quando cresci. Aí vinham as piadinhas, as brincadeirinhas, mas eu sempre me coloquei muito forte, muito firme, sempre fui muito moleque.

³ Primeiro ano do ensino fundamental, na nomenclatura atual.

⁴ Terceiro ano do ensino médio, na nomenclatura atual.

⁵ Primeiro ano do ensino fundamental, na nomenclatura atual.

A minha mãe biológica sempre trabalhou fora e a tia que me criou era muito jovem, era minha tia mais nova. Tive uma infância na rua, de brincar de pipa, de bola. E, curiosamente, quando eu escuto as minhas e os meus dizendo dessa primeira infância, vejo que tinham algumas brincadeiras que não brincava e que não curtia tanto assim. Eu não queria brincar de boneca, queria brincar de futebol, mas queria que me respeitassem da forma que eu era. Queria soltar pipa... e aí me impunha muito nesse lugar. Nunca fui muito boa de futebol. Mas é muito louco porque, não era boa de futebol porque, na escola, para jogar futebol tinha que usar tênis e eu não gostava de tênis. Então não é que eu não gostasse do futebol, eu não gostava de botar tênis, gostava de sandália. Até hoje é assim, eu não gosto de nada prendendo meu pé, eu amo ficar descalça.

Religião e descobertas: as pistas de Juhlia

Nesse processo todo, passo pela Igreja Evangélica. Talvez na tentativa de esconder a minha sexualidade, a minha identidade. Foi um choque muito grande na minha família, eu sou de uma família católica. Então: “Ah, para quê? Evangélica, não!”, eles diziam. Mas, a Igreja Evangélica foi onde eu me apeguei, me encontrei. Diferente de várias outras pessoas, não passei por uma lavagem cerebral. Eu era de uma igreja muito massa, convivia com pessoas muito bacanas. Eu fui fazer teatro pela primeira vez dentro da Igreja. Lógico que

quando vinha um traço ou outro da homossexualidade, já flertando com as feminilidades, vinha o “vamos orar”, mas era um “vamos orar” muito tranquilo. Não posso ser desonesta de dizer: “A Igreja, enfim, foi sacana comigo.” Não! A Igreja foi muito massa! Fui dançar na Igreja, entendia que não dançava nem cantava muito bem, “Ah, então vai fazer teatro.” Meu primeiro grupo de teatro foi na Igreja. Era um teatro que a gente buscava formação de pessoas fora da Igreja. Tinha uma visão muito legal da arte, não só desse lugar cristão. Me lembro que, em uma das peças, a gente falava sobre aborto. Falava sobre aborto na Igreja! Lógico que por uma ótica cristã, mas eram assuntos que não se tratavam na época, nem dentro da Igreja muito menos fora, eram tabus... Me lembro que em uma das peças, eu era a cruz de Jesus. Olha, era uma coisa muito louca!

Com 14 anos, no aniversário de uma das minhas primas, conheci uma pessoa que falou comigo assim: “Ah, eu sou de Candomblé⁶, vou fazer uma

⁶ O Candomblé é uma religião afro-brasileira formada a partir de tradições religiosas de povos iorubás, negros escravizados e trazidos da África Ocidental. Reconhecido pelo Estado brasileiro e praticado por milhões de pessoas em todo o país, ele cultua os orixás (deuses supremos) por meio de rituais, cantos e danças. Os rituais do Candomblé são realizados em espaços sagrados chamados de casas, roças ou terreiros. Eles são conduzidos pelos líderes espirituais da comunidade, os pais ou mães de santo. Estes são também responsáveis pela manutenção da tradição e da continuidade da religião. A liderança do Candomblé pode ser matriarcal, patriarcal ou mista, dependendo da tradição e da linhagem de cada

sessão e tal”, eu: “Aí, misericórdia!”. Essa figura me chamou para ir num sábado e fui no domingo. Fiquei muito curiosa.

Aquilo tudo foi muito diferente. Aquele rapaz que tinha me convidado começou a falar igual a uma criança, agir como uma criança. Achei aquilo divertido, mas não tinha conhecimento de nada. E também o fato de não ser numa casa de Candomblé, era na casa da tia dele, me deixou mais à vontade. No final de tudo, eles falaram assim: “Agora a gente vai louvar Exu”, eu disse: “Agora eu vou embora, porque Exu é o capeta. Na Igreja, a gente queima o Exu, então vou embora”. Só que antes que eu fosse embora, o Exu chegou e me disse coisas muito potentes que até hoje reverberam na minha vida. Fui atravessada pela espiritualidade e pela primeira possibilidade de ser quem eu era de fato. Porque nesse diálogo com esse Exu, ele me expôs coisas e me deixou exposta num lugar que fui me dar conta muitos anos depois. Ele me disse coisas que hoje comecei a saber formular acerca da minha existência. Isso para mim foi muito potente. Me emociono toda vez que me lembro disso, fico muito atravessada. Porque lá atrás, aos 14 anos, aquela entidade viu a Juhlia. Aquela entidade não impôs, me deu sinais e caminhos dessa identidade de gênero, dessa sexualidade. Ele só colocou essa possibilidade e não me direcionou. Fui experienciando todas

comunidade. Essas diferenças refletem sua diversidade cultural e sua multiplicidade de tradições. Ver: <https://www.candomble.com.br/post/candomble-cultura-e-historia>.

essas questões com muita tranquilidade. Com essa mesma idade, eu conheço o quilombo Manzo⁷, que é aqui em Belo Horizonte, e me aquilombo ali. Eu ainda morava em Neves, mas fazia esse trânsito para a cidade, mas que não era com a cidade. Por mais que eu fizesse esse trânsito com o centro da cidade, me deslocava para o quilombo e ali aprendi a ser gente.

Sabor da memória: o invento contra a pobreza

Fui criada filha única, de uma mãe solo, negra, manicure e que tentava, de uma forma muito lúdica, minimizar o sofrimento. Às vezes, não tinha uma coisa tão legal para comer e minha mãe fazia alguma coisa. Eu perguntava para ela: “Mamãe, o que você está fazendo?”, ela: “Invento”. Na minha casa a gente comia muito invento que era uma mistura de comida. Me lembro que não tinha dinheiro para ir à pizzaria, minha mãe inventava uma pizza de frigideira. Não tinha dinheiro para comer determinadas coisas, ela inventava outra coisa.

Não tenho síndrome da filha única porque fui criada com três primas e se tinha algo para uma, tinha para as três, se não tinha, ninguém tinha. Éramos muito pobres, mas o quintal nos alimen-

⁷ A Comunidade Manzo Ngunzo Kaiango, que se autorreferencia como quilombola, foi fundada na década de 1970 por Mãe Efigênia. Em 2018, foi registrada como Patrimônio Cultural do estado de Minas Gerais, na categoria de lugares.

tu, tinha muito abacate, muita goiaba, muita carambola. Não dou conta de carambola hoje. Época de carambola, a gente comia de manhã, de tarde e de noite. Abacate, era suco, porque não tinha leite, era abacate com água. Às vezes, uma vez ou outra, tinha leite. Me lembro que época de goiaba, era doce de goiaba, suco de goiaba, goiaba em compota, chup-chup de goiaba. Não cheguei a passar fome, minha mãe sempre trabalhou muito para nos manter, a minha tia, os meus primos e eu.

Ela comprava sacolas enormes de pão dormido para ser o café da manhã da semana. Quando não dava, era o fubá suado. Outro dia, fui à casa da minha tia, falei com ela assim: “Ah, você podia fazer fubá suado para mim”. Ela respondeu: “Deus me livre! Hoje a gente pode comer bolo, pão; você quer comer fubá suado!?” Eu falei: “Ah, me traz uma memória afetiva, o fubá suado.” Queijo, a gente comia era a raspa, porque a mamãe tinha uma cliente que produzia queijo e não sei em qual processo do queijo, ela tirava a raspa. Uma delícia! Passamos por uma fase de catar legume e verdura no Ceasa⁸. Foi por pouco tempo, mas passamos por uma fase muito difícil quando meus avós morreram. Mas tudo de uma forma muito lúdica! Era divertido ir catar legumes na Ceasa.

Não tínhamos a dimensão do tanto que a gente era pobre. As pessoas não imaginam que vivi isso tudo quando veem a Juhlia de hoje. Só que não

⁸ Central de Abastecimento de Minas Gerais.

carrego as marcas duras dessa pobreza porque era tudo de uma forma muito divertida. Hoje eu falo: “Nossa, a gente era muito pobre, muito pobre.”

Eu tinha muito brinquedo, porque a mamãe foi muambeira, ela ia para o Paraguai comprar coisas para revender. As roupas eram legais, eu tinha um conjunto da Adidas que era o sonho de todo mundo. Era caríssimo, mas no Paraguai era barato, porque era falsificado.

Quando eu chego no quilombo, tenho contato com uma outra realidade, um outro contexto da vida. Fui criada numa redoma, com muito cuidado. No quilombo, dou de cara com outra realidade: arear a panela de carvão, que no quilombo cozinhava na lenha, catar lenha... Tem umas coisas tão simples e bobas que as pessoas não fazem noção, eu aprendi a picar cebola no quilombo com o meu tio.

Aquilombar e (re)existir: aprendendo a ser gente

No quilombo Manzo, fui aprendendo a ser gente num contexto de muito respeito a minha identidade, a minha sexualidade. No quilombo, eu podia ser *gay*, homossexual, bicha. No quilombo, eu podia! No quilombo, a minha mãe, Makota Cassia Kindoialê, me enxergou para além da religiosidade, me adotou e me protegeu. Eu era uma criança perdida que foi abraçada pelo quilombo.

Então fiz esse movimento de vir para o quilombo por causa do Candomblé a convite desse rapaz. Ele era filho de santo da minha avó e até hoje faz parte da minha vida. Muito do que eu sou hoje, agradeço a ele e à família dele. Em Neves, era a família onde eu podia ser eu. Me lembro quando ele perdeu o pai, eu fiquei muito tocada, porque para mim o pai dele foi o primeiro homem a me legitimar. E ele nunca me tratou no masculino, mesmo sem eu me reconhecer dentro das dissidências. Ele brincava, me chamava de desmilinguida, falava que eu era muito magra e espevitada. E ele nunca se referenciava a mim no masculino. O tio Marquinhos foi o primeiro homem a me dar o aval naquele momento. A gente ainda precisava de uma legitimação. Hoje é outra cabeça, hoje é outra coisa. Mas, por exemplo, a mãe do Alan foi a primeira a conversar comigo sobre sexualidade. Eu não tinha esse diálogo na minha casa. E ela falava comigo sobre preservativo e eu nem tinha uma vida sexual, mas ela já me orientava. Então essa família, os Pereira, foram essenciais na minha vida, me deram esse suporte, esse apoio.

Eu sou atravessada por mulheres muito fortes. A minha mãe biológica, uma mulher forte, inventiva, guerreira, lutadora. A tia Dete, uma mulher muito forte também, mãe de muitos filhos, com uma história de vida muito, muito maravilhosa, de resiliência. Muito forte! Uma mulher que se anulou a vida toda em prol da constituição de uma família. Então, carrego até hoje esses conceitos muito fortes, muito alicerçados, conceito de família mesmo, de irmandade. Quando che-

guei no quilombo fui adotada por uma mulher também muito guerreira, muito forte. A minha avó é uma das mulheres mais feministas que já vi na vida, mas que nunca se reivindicou enquanto feminista, porque o feminismo dela sempre foi na prática. No quilombo, nesse encontro de almas, de vidas, comecei a me encontrar comigo mesma. Compreendi melhor o que Exu tinha me falado anos atrás.

Voltei para Belo Horizonte com 18 anos com a desculpa de estudar. Neves já não me cabia mais, porque comecei a ter acesso a discussões de gênero, de raça, de classe. Quando cheguei no quilombo minha avó falou assim: “Por que a gente não está no asfalto?”. Minha avó foi lavadeira, mãe de santo e é hoje a nossa matriarca no quilombo. Ela lavava roupa para a família de Juscelino⁹ e atravessava da mata da Baleia ao centro para vir trazer as roupas. Uma história de vida muito dura. Criou os seis filhos, essa mulher preta.

Aos cabelos crespos jamais permitidos: estudo, trabalho, transição

Comecei a formular melhor: “Por que a gente não está no asfalto?”. Minha avó começou a me apontar esses questionamentos. E quando eu

⁹ Juscelino Kubitschek foi o 21º presidente do Brasil, entre 1956 e 1961. Foi prefeito de Belo Horizonte na década de 1940 e governador de Minas Gerais entre 1950 e 1955.

entrei na universidade, ela falou: “Nossa, demorou muitos anos para que a gente entrasse nesse lugar”. Eu e minha prima (também do quilombo) somos as primeiras da família a frequentar a universidade. Eu entrei com vinte e poucos anos. E, da minha família biológica, eu sou a segunda. É muito interessante que, foram as mulheres, as primeiras, as precursoras, dessas minhas duas famílias, muito pela mão das mulheres e com as mulheres. Trabalhei durante todo o período da universidade na área da beleza e com moda.

Minha primeira experimentação foi dentro do que na época era chamado de androginia¹⁰. Hoje, talvez a gente chame de não binariedade. Eu amava ser andrógina. Nossa! Adorava confundir a cabeça das pessoas, elas me olhavam e não sabiam se eu era homem, se eu era mulher, o quê que era aquilo. E eu deixava para elas definirem. Nunca me defini para as pessoas. E aí nesse lugar do exótico, eu tinha o cabelo *black power*, em 1998, 2000, que não era uma coisa comum aos cabelos crespos jamais permitidos – eu ganhava esse lugar da excentricidade, do exótico, do diferente. Eu curti e flertava muito com esse lugar. Até que um dia, na Galeria do Ouvidor, fui ao banheiro e lá você entrava numa catraca, de um lado era masculino, do outro, feminino. Fui para o banheiro masculino e a pessoa que estava na catraca me gritou: “Ei, ei, não! Você está no banheiro errado!”. A hora

¹⁰ O termo Androginia pode se referir a dois conceitos: a mistura de características femininas e masculinas em um único ser, ou uma forma de descrever algo que não é nem masculino e nem feminino.

que virei, ela falou: “Ai, me desculpa, mas é que você é muito bonita.”. Aí me dei conta de que a minha estada no banheiro masculino tensionava muito, trazia um desconforto muito grande. Os homens se sentiam extremamente desconfortáveis comigo. Comecei a usar o banheiro para deficiente, porque eu não era mulher o suficiente para usar o banheiro feminino e não era homem suficiente para usar o masculino. Quando tinha os banheiros de deficiente eu ia, ou esses banheiros individuais, ou quando não, não ia ao banheiro.

E nesse processo, entrei para a faculdade. Fui fazer comunicação, hoje sou formada em jornalismo. Curiosamente, no ano que caiu o diploma! E um pouco antes, perdi a minha mãe biológica. Eu era casada com um homem *gay*, falei para ele: “Eu acho que quero começar a experimentar mais a feminilidade, já não está me bastando mais só esse flerte”. Ele respondeu: “Ah tudo bem. vamos ver”. ”Comecei a me hormonizar e ele teve um choque muito grande. Eu acho que é super compreensível, porque ele tinha o marido. A gente se separou logo depois. Não por isso, pois eu tinha parado de hormonizar em prol desse relacionamento.

Comecei na faculdade de uma forma muito louca, quase que ridícula, porque é uma faculdade de comunicação e eu queria falar sobre gênero. Hoje, a gente consegue *linkar* de uma forma muito tranquila, mas na época não. Aí eu vou me valer da semiótica para discutir identidade de gênero.

Procurei a Santaella,¹¹ quando ela falava sobre os símbolos representativos, e peguei isso para dizer dos símbolos que legitimam a feminilidade e a masculinidade. Meu orientador falou assim: “Não está muito pessoal esse trabalho?”, eu: “Não, de forma alguma!”. Acho que eu estava muito tranquila nesse lugar da androgenia, da não binariedade. Eu queria falar sobre a história de uma figura muito importante com quem convivi durante algum tempo, que foi Porcina D’Alessandro¹², uma travesti¹³ que era dona de Belo Horizonte. Os pontos de prostituição eram todos controlados por ela.

A Porcina foi a travesti que fundou a primeira associação de pessoas trans em Belo Horizonte, em Minas Gerais. A gente tem pouca memória e tentam nos apagar a memória, eu faço esse movimento o tempo todo de buscar a memória. Eu sou da oralidade, me alicerço nela, mas se a oralidade não passar por esses registros, ela se perde. E Porcina criou ASSTRAV¹⁴, que é a

¹¹ Maria Lúcia Santaella Braga, pesquisadora e professora de comunicação e semiótica.

¹² Escritora, design de moda

¹³ Travesti é uma das identidades de gênero que estão dentro do guarda-chuva transfeminino, ou seja, tratam de corpos que foram identificados enquanto masculinos no nascimento, mas que se reconhecem enquanto femininos.

¹⁴ Associação de Transexuais e Travestis de Belo Horizonte. A ASSTRAV foi fundada no final da década de 1990 por Porcina

primeira associação de travestis. Foi uma figura muito emblemática. Ouvimos várias histórias da Porcina sobre violência e cafetinagem, mas as pessoas não contam que ela era a única que ia aos hospitais, ao João XXIII. Era a única que enfrentava a polícia e se dispunha a brigar pelas questões das mulheres trans e travestis. Porcina é, para mim, um dos marcos da história de Belo Horizonte, se formos falar sobre as dissidências de gênero. Muito louco! Porcina foi do exército, foi militar. Ela largou tudo, uma família tradicional para viver sua travestilidade. Ela era uma bombadeira também. Hoje, sabemos que não é saudável, mas naquela época era o que se tinha para a adequação do corpo à identidade. Então bombava, botava silicone industrial sim!

Juhlia Santos na cidade: então vocês estão dizendo que eu sou mulher? Porque o estado diz que eu sou um homem

Eu tinha muito medo do silicone industrial por causa de duas travestis que foram importantíssimas para a minha constituição: Carol Sales, minha amiga até hoje, e Baiana, que destransicionou, mas hoje vive muito bem como homem *gay*, cisgênero. Com uns 16,17 anos, eu passava muito tempo na casa delas. Foi meu primeiro

D’Alessandro e Walkíria La Roche e foi a primeira organização exclusiva de pessoas trans em Belo Horizonte.

contato direto com pessoas trans. Eu via a Carol e ficava assim: “Gente, eu quero ser igual a ela, ela é maravilhosa. Mas não posso porque eu posso perder essa passibilidade, o trânsito social”. Eu via como era difícil a vida delas, trabalhei na casa delas como um menino de recado. Eu que botava anúncio no jornal, fazia supermercado, serviços de banco porque elas não tinham vida durante o dia. Era uma época que a travesti só saía à noite, só surgia à noite, ia para as esquinas.

Carol e Baiana tinham alguma vida social porque eram do Candomblé, mas eu sabia que não queria aquela vida, não queria ter que me anular e me esconder. E, naquela época, não tinha essa possibilidade, tanto que Carol falava assim: “Mas você não vai ser travesti, você não dá conta nem de ser puta.” Entendi que fracassei nisso: em não dar conta de ser puta por causa da criação que tive. Realmente, eu não conseguiria ser puta, ela via isso e falava: “Você vai perder tudo que conquistou até hoje?”. Porque ela é de uma época e eu também pego parte dessa época que a única possibilidade para pessoas trans e travestis era o trabalho sexual. Não tinha outra alternativa. Quando muito, uma ou outra furava a bolha e ia trabalhar em salão de beleza. Era o máximo que acontecia. E muito no sentido de me proteger, ela falava: “Não, você não vai transicionar”.

Na faculdade, eu comecei a pesquisar, queria falar sobre a vida da Porcina. Mas a Porcina já estava morando no Rio de Janeiro e eu não ia ter tempo de fazer meu vídeo documentário.



Foto: Nícia Raies

Conheci a Anyky, que já estava flertando com a universidade e dá subsídio para a criação do Núcleo de Subgênero da UFMG, o NUH¹⁵, junto com o Professor Marco Aurélio, que hoje deságua em várias políticas dentro da própria universidade. Depois vem o Diverso¹⁶, vêm outros núcleos dentro da UFMG, mais tarde a Transpasse¹⁷ junto com o Júlio Vidal e o Professor Marco Aurélio. E então me lembro que, na minha gravação do vídeo com a Anyky, eu falei: “Fala para a gente um pouquinho desse universo de vocês pessoas trans?”, ela respondeu: “Meu não, nosso.”. Levei um choque. Ela falou: “Porque você também é trans.” E aquilo abriu minha cabeça para um lugar que eu me perguntei: “Que luta é essa que estou travando comigo mesma?”.

15 Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT (NUH) é um núcleo que agrega ações de ensino, pesquisa e extensão que envolve a temática das relações de gênero, orientação sexual e participação. Foi institucionalizado em 2007 por meio de convênio da Universidade Federal de Minas Gerais e a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República.

16 O Diverso UFMG – Núcleo Jurídico de Diversidade Sexual e de Gênero – é um programa de extensão criado em 2014 que tem como objetivos a promoção dos estudos sobre mulheres e pessoas LGBT e a articulação de ações políticas e legais contra violências baseadas no gênero e/ou na sexualidade.

17 O Transpasse é um projeto de extensão da Universidade Federal de Minas Gerais que tem por objetivo central oferecer acompanhamento psicossocial e jurídico a travestis e transexuais em Belo Horizonte.

Então, comecei a entender que quando o meu orientador fala que o trabalho era muito pessoal, era pessoal sim e de uma forma muito tranquila. Porque eu queria colocar os meus atravessamentos também ali, queria tensionar a universidade também, queria borrar essa margem, inclusive do curso de comunicação. E aí produzi o meu primeiro vídeo documentário a partir da Carol, da Anyky, da Lara, que era uma trabalhadora sexual, da Adriana, da Marcela, que é uma travesti que sempre sonhou ser mãe e dona do lar.

Legitimar esses desejos também é muito importante. A militância também nos traz muito para esse lugar de que toda pessoa trans e travesti tem que ser militante, tem que ser aguerrida. Não! Às vezes, as pessoas só querem ser mãe de família, ter uma família e isso tem que ser legitimado enquanto possibilidade também. A cisgenereidade não tem essa cobrança em estar sempre no *front*, estar sempre na luta. Por que essa cobrança tem que cair sobre as pessoas dissidentes de gênero?

Ali naquele momento com a Anyky, entendi sobre a minha. Apresentei meu trabalho de conclusão, logo comecei a me hormonizar. Minha hormonização foi um processo tardio, assim como externar a minha transexualidade. Mas graças a esse processo tardio, acessei vários lugares sociais. Fui para a universidade, tive um emprego formal. Achava que, se eu estivesse consolidada na minha área de trabalho e passado pela academia, a minha transição seria mais tranquila. Só que não, né!

Quando eu externalizei a minha transição, perdi tudo. Perdi o meu emprego, perdi tudo! Durante cinco anos, eu trabalhei de *bindar*, que é uma espécie de elástico que os meninos trans usam para apertar o peito. Tive essa vida dupla porque, no meu emprego, eu não podia ser a Juhlia. Até que um dia, um amigo passou pelo meu trabalho, quando a minha chefe tinha tido a brilhante ideia de plotar a fachada com a foto da equipe de trabalho, e lá estava a minha foto. Meu amigo entra e fala assim: “A Juhlia está aqui?”, e a pessoa respondi: “Não, não tem Juhlia aqui”. “Tem sim, a cara dela está lá fora”.

Isso começou a me tensionar, estava vivendo uma dupla identidade. Comecei a ocupar, em alguma medida, um lugar de protagonismo falando sobre dissidência de gênero, logo que eu saí da faculdade, segui pesquisando as dissidências de gênero, principalmente atreladas à raça.

Eu acho que a cidade de Belo Horizonte estava vivendo uma efervescência política muito forte, na qual tinha um movimento contra a higienização da cidade, que é o Fora Lacerda¹⁸. Quando eu falo da memória, é muito nesse lugar. As praças foram gradeadas, uma argentina foi presa na Praça Raul Soares porque estava fazendo *topless*. E aí a gente começa a questionar esse lugar do pertencimento social e nasce a praia da estação contra essa higienização e eu começo a fazer

18 Movimento independente e apartidário contra a gestão do prefeito de Belo Horizonte, Márcio Lacerda, no início da década de 2010.

topless lá. Quando a polícia vinha me prender ou me abordar, eu falava: “Então vocês estão dizendo que eu sou mulher? Porque o Estado diz que eu sou um homem”. Não tinha feito o processo de retificação de nome e gênero. A polícia não sabia lidar com aquilo. Então a Juhlia nasce nesse movimento social também, essa efervescência da cidade de tomada do espaço público, da retomada do carnaval de Belo Horizonte. Passei a fazer parte de vários blocos de carnaval da cidade, de ser essa *corpa* trans que criava tensão nesses lugares. Mas eu tinha uma vida dupla, trabalhava no Belvedere e trocava de roupa no meio do caminho, no táxi.

Trabalhei num salão, trabalhei numa produtora de moda e assinava editoriais de noiva. Trabalhei com noivas durante muito tempo. Tinha clientes da alta sociedade de Belo Horizonte. A Juhlia nasceu no táxi. Eu trocava de roupa no táxi e vinha para o centro da capital discutir coisas. Brigas, protestos, mil coisas. E boteco, que não era só trabalho e militância. Era era viver a cidade enquanto Juhlia.

Até que eu falei com a minha chefe que ia tirar férias e botar prótese. Ela disse: “Você vai trocar tudo que você tem até hoje por uma cicatriz”. Aí eu vi que não ia dar. Até que saí de lá e fui de vez para o teatro, que me abraça. Sou convidada para o elenco de uma peça e largo tudo. Literalmente tudo! Assim, eu perdi tudo, tudo, tudo, tudo. Desde os meus objetos de trabalho, tudo.... eu deixei lá.

Comecei a me hormonizar, parei por essas questões todas, e aí eu perdi a minha mãe biológica, voltei a me hormonizar mesmo e deixo tudo. A minha mãe de criação via as coisas, mas não sabia lidar muito com o que estava acontecendo. Um dia, ela falou: “Mas você está diferente”. Já eram os hormônios. Eu era muito magra e o hormônio dá um corpinho. E eu falei com ela: “A partir de hoje, você não tem um filho mais, você tem uma filha”. Ela disse assim: “Olha, a gente tem convivência com várias pessoas trans, mas dentro de casa eu não sei como é. Mas vamos descobrir juntas, você não vai estar sozinha”.

Ela começou a perceber quem era a Juhlia na cidade, mas em casa não se falava sobre o assunto. Era um peitinho que estava chegando, um corpo que vai ficando mais torneado. E eu não esqueço que ela me deu o meu primeiro short jeans, de periguete, bem curtinho que era dela. Até hoje ela é uma das pessoas que compra as minhas brigas mesmo. Se você falar: “Ah, você tem quantos filhos?”, ela diz, “Eu tenho três filhas e um filho”, porque eu tenho um irmão que é *gay*. As coisas foram acontecendo de forma tranquila e sendo entendida na minha casa, no quilombo. E aí, quando me vi, eu já era a Juhlia Santos na cidade.

Corpas dissidentes ocupando espaços: a gente sempre esteve por aqui

Não sou famosa, mas conhecida. Talvez por ser uma das poucas *corpas* dissidentes a ter esse trânsito a vários lugares que não foram projetados para as nossas existências. A universidade não foi projetada para pessoas trans, os espaços, acho que todos, né!? E quando rompo com isso e entro nesses lugares, criam-se essas fissuras. E acho que eu também sou higienizada socialmente, o suficiente para me fazer ouvida, para me fazer no direito de conviver. Toda pessoa cisgênero é transfóbica, toda pessoa branca é racista, talvez ela tenta dar conta de não reproduzir esses racismos e essas transfobias¹⁹ cotidianamente. Mas, conviver comigo, Juhlia, é muito fácil, muito tranquilo. Eu sei falar, sei me portar muito bem, dentro do que é bem quisto socialmente. Vai conviver com uma menina que foi constituída nesse universo de violências e violações, para aí você se perguntar se realmente você não é transfóbico.

E aí talvez as pessoas falem: “Mas vocês falam só sobre transexualidade, vocês querem imputar uma ditadura trans!”. De forma alguma! Estamos lutando por todos, porque a partir do momento que nós, pessoas trans, temos as nossas existências

¹⁹ Configura qualquer ação ou comportamento que se baseia no medo, na intolerância, na rejeição, no ódio ou na discriminação contra pessoas trans por conta de sua identidade de gênero.

naturalizadas, teremos vencido. Porque não é só o pertencimento, tem que ser natural a gente precisa estar em todos os espaços. As pessoas não têm que se abismar quando chega numa repartição pública ou numa loja e tem uma pessoa trans trabalhando. E aí quando as pessoas sentam para conversar comigo, elas falam: “Nossa, Juhlia, que bom te ouvir...”. Isso também é transfobia, essa admiração. Por eu ser trans não daria conta? Durante muito tempo (enquanto eu estava lá), fui a única, talvez a primeira pessoa trans funcionária da Assembleia Legislativa de Minas Gerais.

A Duda ter sido a primeira vereadora de Belo Horizonte travesti, depois de quanto tempo que se constituiu aquela Câmara Municipal? Tem uma questão, sabe? Quando a gente vê as primeiras significa que durante muito tempo não existia. Então eu, Juhlia, tenho muita dificuldade em celebrar a primeira, porque para mim é mostrar uma ausência.

Gosto muito da Maria Martins²⁰ quando ela traz a memória da ausência e vem dizer de uma memória do não pertencimento. Historicamente, não temos a memória das nossas *corpas* travestis, das nossas *corpas* dissidentes ocupando espaços. Vivemos um apagamento da nossa história. Sempre estivemos aqui desde Xica Manicongo²¹, só que existe esse

²⁰ Leda Maria Martins, poetisa, ensaísta e dramaturga, foi a quinta mulher negra a obter o título de Doutorado no Brasil, em 1991.

²¹ Xica Manicongo é considerada a primeira travesti do Brasil, em

apagamento. E aí quando a gente se coloca, é impor. Quando a gente sai dos nossos nichos, quando a gente se recusa a ser guetizada e fala: “Não! Eu quero estar de dia com o sol raiando na fila do banco, no açougue, no shopping, na repartição pública, nos equipamentos, porque são meus espaços também”. Nós também somos sujeitos sociais com direitos e deveres. Quando a gente fala sobre, por exemplo, o trabalho sexual, não é criminalizar o trabalho sexual, é dizer que ele não pode ser a única possibilidade. Assim como a universidade não pode ser a única possibilidade de um legitimador social. Isso não tem que ser um aval para você pertencer socialmente.

Uma vez eu estava numa mesa de boteco com um amigo que perguntou: “Ah, e você?”, “Eu sou fulano de tal, trabalho com isso, não sei o quê”. Cada um foi falando e todo mundo era muito interessante, todo mundo vinha de um curso interessante ou trabalhava numa área interessante e eu calada. E eles falaram: “E você?”, eu respondi: “Eu sou Juhlia”, eles: “Ah, e aí?” e eu: “Eu sou puta”. Causou um constrangimento tão grande, e acabou o assunto. Eu poderia falar: “Eu sou Juhlia, jornalista”. As pessoas ainda têm necessidade dessas patentes, dessas qualificações. Durante muito tempo eu não falava: “Sou Juhlia,

fins do século 16. Foi escravizada e trabalhou como sapateira na capital baiana, segundo registros oficiais. Para mais informações: Jaqueline Gomes de Jesus. Xica Manicongo: a transgeneridade toma a palavra. Revista Docência e Cibercultura. Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/issue/view/1796>. Acesso em: 06/08/2024



travesti preta e sobrevivente”. Mas, ultimamente, tenho sentido a necessidade de dizer: “Sim, eu sou jornalista, pesquisadora de gênero, produtora cultural” e vou descarregando tudo porque eu acho que, nos últimos sete anos, principalmente nos processos eleitorais, nos retrocessos todos que a gente vem vivendo, é importante dizer. E você vai parar para ouvir uma travesti preta quilombola.

Eu falo que a universidade para a gente tem que ser uma possibilidade, assim como todos os outros campos na vida, nada tem que ser imposto. Eu não sou contra o estudo formal, de forma alguma, mas sou a favor enquanto uma possibilidade. A escola e a universidade precisam ser uma possibilidade porque esses espaços são muito violentos, então eu não posso impor a uma pessoa dissidente, a uma pessoa negra, que ela esteja nesses espaços. Tenho que mostrar a importância, a urgência de estar em todos os espaços, da importância que é a gente requerer tudo que a branquitude, a cis-generidade tem, até mesmo para a gente negar.

A militância, os sonhos e os projetos

Eu não sou a régua para medir nada, sou a exceção da exceção da exceção e ter consciência disso é extremamente importante. Tenho muita consciência de que acessei e acesso vários espaços que não é a regra das minhas. E conviver com a realidade da maioria das minhas e dos meus me traz para esse lugar.

Em alguma medida posso ter uma proteção social contra essas violências, inclusive violência física: quando estou num palco, quando estou dando uma palestra, quando estou dentro da academia, ou nesses espaços onde as pessoas têm uma noção de quem é a Juhlia. Agora, quando saio desses espaços, grande parte da sociedade não sabe quem é a Juhlia. Logo, estou sujeita à violência assim como todas as minhas outras. Então, se eu não criar esse lugar, se não conseguir visualizar que a minha *corpa* está sujeita à violência assim como todas as outras, vou viver numa bolha e num mundo muito discrepante da realidade, mesmo que hoje eu tenha um emprego formal e me colocado em vários espaços.

Eu, andando na rua, percorrendo a cidade, as pessoas não sabem que sou jornalista, e produtora cultural, no máximo ou no mínimo, elas vão pensar que sou puta. E uma puta fora do padrão, porque não tenho um corpo dentro do estereótipo exigido para o trabalho sexual. E uma puta velha, já estou com 40 anos. Talvez só cheguei aos quarenta porque transicionei tardiamente e acessei vários desses espaços. Se eu não tiver essa consciência, não faz sentido a minha militância, não faz sentido nada disso para mim. Tenho consciência de que a minha trajetória é de exceção por esses acessos, por ter um alicerce familiar, uma base familiar.

A primeira violência que nós, pessoas trans e travestis, vivemos é a quebra do convívio familiar. Somos colocadas na rua muito cedo. E aí eu

não posso dizer: “Ah, eu tive uma base familiar então sou diferente”. Não! E, cada vez mais, no meu trabalho, principalmente com as mulheres trans e travestis, as pessoas dissidentes de gênero, em trajetória de rua, têm me trazido para um aterramento muito forte. Hoje convivo com várias meninas que tiveram acessos e privilégios, puderam experimentar a vida num lugar muito maior do que eu e que perderam tudo, hoje estão em trajetória de rua. Lógico que com terapia, com a minha base, hoje consigo formular isso de uma forma mais tranquila, mas isso me atravessou muito, muito. É duro entender que várias das minhas dormem nas marquises e que já tiveram casa, família e uma colocação social muito boa. Aí vem o desejo de criar um equipamento, um espaço seguro de afetos, feitos por nós, pensados por nós e para nós, à aKasulo²². Hoje, conseguimos ser uma casa de convivência, mas ainda não somos uma casa de abrigo. É um desejo antigo da militância, um sonho particular antigo. Peguei grana do meu bolso, circulei várias casas de apoio no país para escolher qual seria o modelo para replicar em Belo Horizonte. E vejo que nenhum dos modelos serviriam para cá. Criamos a aKasulo na ausência, na falta do poder público, na falta do sistema. E lá, claro que já dialogamos com vários equipamentos, porque as nossas usuárias usam vários deles.

²² A Akasulo é um espaço de convivência para a população LGBTQIA+ em Belo Horizonte que conta com biblioteca, cozinha, sala de informática, área de relaxamento, dentre outros.

Ver que nesses outros lugares já teve brigas, violências mil, entre elas também, porque a gente também tem que naturalizar isso. Porque, às vezes, quando acontece alguma coisa, tipo assim: Uma travesti foi presa, aí o povo fala: “Olha lá, travesti”. Nós somos como outra pessoa qualquer! O caráter não é hegemônico para pessoas trans, travestis. Nós somos múltiplas. Quando a gente olha para a aKcasulo hoje, a gente fala: “Nunca nunca teve uma briga!”. É porque funcionamos muito na honestidade, no olho no olho. E quando elas chegam lá e me veem, aquela figura travesti à frente daquele lugar, dizendo: “Olha, isso aqui é seu. Você tem que zelar por isso aqui, você tem que zelar para que isso não feche, porque se fechar não tem outro, não tem outra coisa parecida na cidade”. E a gente tem que fazer junta, a gente constrói a aKasulo conjuntamente. A gente tem as nossas reuniões amplas de discussões.

Acessá-las nessa humanidade também me traz humanidade. A gente, enquanto pessoa trans, não constrói um lugar de humanidade, a gente não é vista enquanto humanas. Naturalizar a minha existência nos espaços é abrir caminhos para que elas acessem de uma forma menos violenta, de uma forma mais natural. Tenho certeza que, pelos lugares que eu passo, tensiono aquele espaço. Por mais que muitas vezes eu não seja ouvida, só de estar ali já cria um outro lugar. Quando as minhas e os meus passarem por ali, vai ser menos violento, sabe?

Quando eu passo por um ciclo de formação dentro do Palácio das Artes,²³ tenho certeza que, quando uma outra pessoa trans estiver ali, tem um outro olhar. Por mais que elas não vão acolher o que nós dizemos durante toda a formação, elas vão se atentar. As pessoas não têm que amar pessoas trans, elas podem vir com os seus conceitos, com sua bagagem, mas elas têm que dar conta que ela vai dividir o mesmo espaço social que eu e que nós vamos disputar os mesmos lugares. É ainda uma disputa desigual. A outra questão é que as pessoas se veem antirracistas, antitransfobia até o ponto que não tensiona os espaços seguros delas. Porque se coloca num pé de disputa, aí em alguma medida, a tensão vai aparecer. O que a gente quer é que as pessoas cisgêneras arredem dos seus lugares de privilégio de acesso para que a gente pertença. A gente não está dizendo que a gente não quer que as pessoas estejam ali. Como seria chatíssimo se fossem só pessoas trans na vida, gente! O gostoso da vida é essa diversidade, é a gente se encontrar nas diferenças, é isso que acaba nos colocando enquanto humanas, enquanto pessoas sociáveis, enquanto pessoas.

²³ O Palácio das Artes é um centro de produção, formação e difusão cultural de Minas Gerais. Sede oficial da Orquestra Sinfônica de Minas Gerais, do Coral Lírico e de uma companhia de dança. É palco também para cursos básicos e profissionalizantes de música, dança e teatro.

Desbravando mais caminhos: acesso aos espaços da saúde

Um dos eixos que a gente entende que funciona minimamente para pessoas trans é a saúde. Talvez porque ainda somos atreladas à peste *gay*, ao HIV Aids. Quando chego hoje num posto de saúde, numa unidade de pronto atendimento com uma dor de cabeça, enxaqueca, fazem a testagem. Se estou com problema na unha do dedão do pé, fazem a testagem também.

Existe uma outra questão, dentro da minha religiosidade, a gente tem um outro nome que remete à nossa origem. Meu nome Banto significa *feita para dar caminhos*. E aí eu entendo que eu nasci para isso, para desbravar caminhos. Vivi uma coisa muito curiosa. Uma vez no SUS²⁴, eu cheguei, entreguei meu documento, estava esperando para ser atendida e o médico gritou o nome. O médico falou assim: “A senhora está acompanhando?”, eu falei: “Não, fulano de tal sou eu”.

Tensionar esses espaços, antes da retificação de nome e gênero, para mim era tensionar o sistema de saúde dizendo: “Vocês não dão conta de acolher as nossas demandas, vocês não dão conta nem da minha existência aqui no guichê de entrada, imagina no atendimento”. Eu fazia esse movimento de constrangimento, que não era

²⁴ Sistema Único de Saúde.

meu, era das pessoas de dizer: “Olha aqui para você ver, o sistema é tão falho que ele está dizendo que eu sou homem. Olha para mim, você está vendo um homem aqui? Você pode até não ver uma mulher, dentro do seu conceito de mulher, mas homem você não está vendo!”. Hoje no SUS já existe o direito ao nome social, só que ainda dependemos da sensibilidade do equipamento, da funcionária, do funcionário que, muitas vezes, não respeitam o nome e a identidade.

O SUS respeita a carteira com o nome social aqui em Minas Gerais, mas precisamos de serviços específicos para nossa população. É preciso dizer que todo processo hormonizador é castratório! As pessoas não falam sobre isso. Por quê? Porque a gente não está vendo? Não. Porque a gente ainda está pautando banheiro! E não conseguimos avançar nas pautas.

Se uma pessoa trans masculina está hormonizando, terá atrofia dos ovários, disfunção no sistema reprodutivo. E se, é uma pessoa que está dentro das transfeminilidades, terá dosagem baixa de espermatozoides, disfunção erétil. Ela terá uma série de coisas que vai colocá-la nesse lugar da castração mesmo.

Hoje a gente tem um ambulatório trans sucateado, com um quadro clínico extremamente reduzido. Acho que a equipe hoje do ambulatório conta com três ou quatro pessoas para atender o estado. O ambulatório só consegue prescrever e acompa-

nhar a hormonização, não abarca os processos cirúrgicos. Num olhar macro, nacionalizado, já vemos acontecer cirurgias de implantes de prótese mamária, a mastopexia, a cirurgia de redesignação sexual, em alguma medida, muito vagarosamente, mas têm acontecido. Mas, a própria medicina não avança, muitas vezes a cirurgia de redesignação sexual é equiparada à bariátrica no sentido de ser reversível. A nossa luta é que teria que ser uma cirurgia garantida como uma bariátrica, mas que respeitasse nossas necessidades específicas. Existe toda uma especificidade dos corpos trans e travestis que tem que ser levada em conta.

Me hormonizei durante muito tempo, mas parei por uma questão de qualidade de vida mesmo. Não é um padrão estético da cisgenereidade que quero alcançar. Respeito cada uma, sua linha de raciocínio, pensamento e desejo. Mas não desejo esse lugar estético, físico da cisgenereidade. Mas reivindico as feminilidades, o ser fêmea. Gosto de flertar com esse lugar das mulheridades, me sinto confortável e acredito que é o meu lugar. E aí de quem ousar me tirar desse lugar!

O bonde da Juhlia: referências e inspirações

Eu não costumo me colocar enquanto mulher, mas eu reivindico as mulheridades. Eu não preciso me reconhecer enquanto mulher para ter os meus direitos sociais assegurados, quero meus direitos assegurados enquanto uma travesti. Até mesmo

porque a violência quando chega para mim não chega assim: “Oh, mulher trans!”. As pessoas dizem: “Oh, traveção!”. E aí a gente ressignifica até isso mesmo. E quando me coloco como travesti é não negar a luta das que me antecederam e não tinham o direito nem de se reconhecer enquanto mulheres trans e travestis. Para que hoje eu, Juhlia, pudesse falar sobre isso tudo, para que eu pudesse pertencer, várias me antecederam. Várias! E me sinto muito feliz de poder conviver ainda com várias. Perdemos a Nick e a Rânila na pandemia, mas sou muito feliz de ter sido contemporânea delas que me inspiraram muito. Me sinto muito feliz de conviver com Tífane Odara, primeira doutora trans da Bahia. Com Meg Raiara, Érika Hilton...

Embora eu reconheça meu trabalho, não tenho síndrome da trava única, nem da preta única e não quero ser a única a compor os espaços. Acho que só de bando vamos ocupar tudo, porque para naturalizar, precisamos chegar de bando. Às vezes, eu penso assim: “Nossa, onde eu cheguei, o quê que me tornei... a criancinha lá de Neves!”. Tenho muito orgulho da Juhlia que me tornei, íntegra. E de estar hoje no lugar de uma referência política.

Estou vindo agora de uma viagem do Encontro Nacional de Negros e Negras do PSOL²⁵, que é o partido no qual eu milito. E só milito no PSOL porque foi ali que encontrei um lugar de escuta, um lugar de ser ouvida, um lugar de contribuir

²⁵ Partido Socialismo e Liberdade.

para uma construção. Historicamente, a gente está nas movimentações da militância. As movimentações políticas, enquanto base, botam a nossa carinha lá e falam: “Olha, não somos transfóbicos, temos até uma travesti aqui”. E aí, quando eu vou disputar partidariamente, é dizer: “Vão me ouvir!” Voltei agora do encontro nacional e a primeira coisa que eu falei: “Gente, vamos fazer o teste do pescoço aqui, você dá uma olhada para ver quantas pessoas dissidentes de gênero têm aqui, quantas pessoas trans e travestis estão aqui.” E, no encontro nacional, nós éramos seis. Temos que mudar isso!

Quando me vejo nesse lugar onde as pessoas fazem coro ao que estou dizendo, as pessoas me aplaudem no meio da fala aberta, lógico que o meu ego é massageado, fico muito orgulhosa de mim mesma e digo: “Porra, sou ouvida por uma militância de um país”. Hoje, por exemplo, sei que, lá no Macapá, eles sabem, em alguma medida, quem é Juhlia Santos. Mas não nesse lugar do ego, não é nesse lugar, da pretensão. E é porque não programei a Juhlia, eu não deixei tudo desenhado. Não programei o caminho que ia trilhar, só fui e só vou. E vou nas urgências. Ah, você está na arte, na cultura, na política, você está na militância negra, você está discutindo o feminismo, você está em várias frentes. E estou nesses lugares pela ausência. Eu fico exausta em ter que me dividir em várias frentes de trabalho e ainda ter que trabalhar para pagar a minha militância! Fico exausta! Mas não tem outra. E aí, se eu não vou, esse lugar fica vazio, e, se esse lugar fica vazio, vai sendo natural a nossa ausência.

Confesso que estou exausta da militância, exausta dos movimentos, exausta disso tudo. Eu, ainda com 15 anos, mais ou menos, de militância, estou novinha, convivo com pessoas com muito mais anos que eu. Não pude viver, gozar da vida tranquilamente ainda e isso me atravessou num lugar muito pessoal e muito difícil. Tenho construído pontes, caminhos, estradas para as minhas, só que não tenho vivenciado numa amplitude, a humanidade, o viver. A gente está na sobrevivência. Quero viver! Talvez as pessoas não imaginam a Juhlia brejeira, a Juhlia que gosta de ficar em casa vendo muita tranqueira nas plataformas de *streaming* que tem hoje. Eu gosto de ver coisas de maquiagem, vejo cada coisa besta, porque é o momento de não ter que ficar pensando.

Estou pré-candidata nestas eleições agora, porque até então eu estava construindo, mas não me colocava enquanto pré-candidata. E foi aí que encontrei forças de voltar renovada para mais essa empreitada. A terapia me ajudou muito a entender que tenho um discurso de que é urgente ocupar esse lugar de poder, é urgente alternar poder. Não vou ser a primeira travesti a estar na Câmara Municipal de Belo Horizonte, mas vou ser a primeira com os meus atravessamentos. Isso é inegável. Quero que as pessoas se vejam ali naquele lugar, quero que as pessoas, não só as pessoas dissidentes de gênero, mas as pessoas não brancas, as antirracistas... que elas vejam o quanto é possível ocupar esse lugar de poder. Mais uma vez, eu coloco o meu corpo à disposição dessa luta. Mas não imagino que vai ser uma car-

reira política longa. Eu vejo e acredito em outras frentes de trabalho, mas acredito na urgência de ter alguém ali que vai pautar o que eu trago, os meus atravessamentos, os meus anseios. E, principalmente, que vai vocalizar as minhas, os meus, que vai vocalizar um todo. Eu também quero ser eleita porque estou apta a estar naquele lugar, tenho bagagem para discutir política pública numa amplitude. E as pessoas insistem em nos colocar em caixas: “Ah, você é trans, vai discutir só questões LGBTs”. A gente vai discutir a cidade!

Futuro, sonhos e legado: não tenho ventre, mas pari muito

Eu quero estar saudável, daqui a dez anos, quero conseguir fazer as coisas que me dão prazer e ter mais tempo para elas. Quero trabalhar menos, quero ver cada vez mais as minhas e os meus alcançando esses espaços. Lógico que eu quero protagonizar várias coisas, mas também espero assistir protagonismos de outras pessoas. Quero poder recuar um pouco mais e ver os legados, e ver as coisas fluindo. E estou trabalhando para isso! Para estar mais tranquila, mais perto da terra, mais perto dos meus e das minhas. Eu acho que o trabalho, a militância, a política vai nos distanciando de quem nos é caro, de fato. Eu acho que é isso: queria ter mais tempo, mais espaço, coletivizar mais, quero ser avó logo.

Não sou mãe nem pai, mas sou responsável por uma pessoa. Hoje ele tem 20 anos, um presente que a vida me deu, que a mãe dele, a Vanessa, me deu. E eu brinco com ele dizendo que quero ser avó enquanto tenho saúde e disposição para brincar com o meu neto.

Fora as filhas e filhos que a vida me deu, né! Eu falo que eu não tenho ventre, mas pari muito, e tenho parido muito. Hoje, tenho muito orgulho quando vejo minhas filhas no cenário nacional. Meninas que não tinham muita perspectiva de vida, que hoje estão trabalhando em uma grande empresa e tocando a vida. Eu tenho orgulho de falar que sou mãe da Geovana, que hoje está despontando no país, famosa. Tenho orgulho de falar que sou mãe da Rebeca, mãe da Lune, uma das maiores produtoras de Belo Horizonte. Acho que isso me envaidece.

E quero poder envelhecer e vê-las cada vez mais alto. Então é isso! Acho que o principal sonho é poder envelhecer, com saúde, qualidade de vida. Porque é um sonho muito insubmisso das minhas e dos meus. Porque um dos nossos principais atos revolucionários é se manter vivo! Isso é muito sério, muito pesado: a gente está lutando por vida. E aí a galera não se dá conta que a gente vive, a gente vai para o *funk*, a gente vai para o samba, vai para a capoeira. A gente sofre, é apedrejada, a gente é pisada, mas a gente está sempre com um bom batom. Eu acho que é isso que afronta cada vez mais essas pessoas. Quanto mais somos perseguidas, mais rompemos com leveza, gracio-

sidade e felicidade. Por mais que tenhamos vários atravessamentos difíceis e duros, tentamos construir esses momentos de felicidade. Então volto lá na minha mãe biológica reinventando esses lugares, deixando mais suave o fardo, deixando mais suave o “rolê” de vivermos numa sociedade que não nos quer, que nos impõe a marginalidade e até mesmo o extermínio das nossas existências. E vamos, sei lá, inventando outras possibilidades e dando leveza a isso tudo.

Mas, ah, valeu a pena demais, demais! Eu não me arrependo de nada, de nada! Se eu tenho algum arrependimento, ele não passa pela minha identidade de gênero e não passa pela minha sexualidade. Ele passa por outras más escolhas que fiz na vida, mas, em relação à minha identidade de gênero e à minha sexualidade, não me arrependo de nada. Eu nasceria mil vezes travesti, seria mil vezes travesti, porque, para mim, a coisa mais deliciosa, a coisa maior de tudo de ser travesti é poder ter o poder de me adequar, de me montar, de desmontar, de remontar, me quebrar, me refazer. E burlar, transbordar, transpor, borrar isso tudo. Acho que, para mim, a inventividade das travestilidades é uma das principais dádivas do ser humano. É romper com tudo e dizer: “Eu digo sobre mim, sou protagonista da minha vida, tenho as rédeas da minha vida”. E a gente vai se forjando numa coragem tão louca que a gente não sabe da onde vem, que a gente enfrenta tudo e todo mundo. Porque é uma luta por e pela vida.



Yasarah Dutra

Yasarah Dutra da Silva
Juliana Lúcia Costa Santos Moraes
Maria de Lourdes Menezes

Inteligência, pioneirismo e sensibilidade

Eu me chamo Yascarah Dutra da Silva, tenho 41 anos. Sou técnica em enfermagem, formada pela Escola de Enfermagem do Hospital São João de Deus, aqui em Divinópolis¹. Sou nascida e criada no município de Divinópolis. Eu sempre tive o pioneirismo em relação à pauta das pessoas LGBT no município, pela minha formação na área da saúde e pelo meu conhecimento da pauta.

Fui a primeira mulher transexual em Divinópolis a fazer a retificação de nome e gênero, em agosto de 2018, a primeira trans a fazer parte do quadro de funcionários do município e também a primeira a entrar para um curso de graduação na Universidade Federal de São João del-Rei, aqui no *campus* Dona Lindu, na cidade de Divinópolis, em 2012. No ano de 2019, eu fui a primeira mulher transexual a ocupar uma das vagas de titular no

¹ Município localizado na região centro-oeste de Minas Gerais, Brasil.

Conselho Municipal do Direito da Mulher, aqui na cidade. Nós nunca tínhamos tido uma mulher transexual até então.

Sempre fui muito inteligente, sempre... Dos filhos do meu pai, isso aí eu falo de boca cheia, sou a mais inteligente. Meu pai e minha mãe falam isso também. Aí eu brinco e falo para evitar problemas com meus irmãos – são eles que estão falando, gente! Então, vocês vão brigar com eles, não é comigo, não! Sempre gostei muito de estudar, de ter conhecimento e de difundir isso. Também sempre me coloquei à disposição para ajudar as pessoas – tenho um lugar de privilégio sim e entendo isso. Sou uma mulher, embora seja uma mulher transexual, sou uma mulher branca, que tem um seio familiar maravilhoso. Sou de classe média, média para alta. Tive acesso aos estudos, nunca sofri violência dentro da minha



família, nunca fui colocada para fora de casa e nunca sofri essas violências que, infelizmente, são corriqueiras a outras mulheres e travestis². Eu não precisaria fazer política pública para o SUS³, porque tenho plano de saúde. Preciso do SUS como a sociedade toda precisa, para fins de vigilância sanitária, vigilância epidemiológica, porque até o privado só pode funcionar mediante documentação e vistoria do SUS. Mas o sistema em si nunca precisaria usar pelo meu local de privilégio. A gente não pode desprezar o outro pela cor da pele, porque é mais bonita, porque não vivenciou aquilo, porque, do contrário, não adianta eu dizer o que é empatia. Porque empatia não é você sentir por mim, não tem como seu cérebro entrar dentro da minha cabeça e ter as minhas emoções. Mas é saber que eu tenho uma mão estendida com a qual posso contar...

Por ser uma mulher transexual, a vida me proporciona e me proporcionou vários encontros e troca de conhecimentos. Do ponto de vista negativo, tive alguns encontros, mas sempre costumo dizer que tudo na vida não é por acaso. Para mim, o nosso papel é evoluir o nosso espírito. Todas as adversidades que passei na vida transformei em algo positivo. Sempre falo para as pessoas: tudo aquilo que você abomina, que você não quer seguir

² Travesti é uma das identidades de gênero que estão dentro do guarda-chuva transfeminino, ou seja, trata de corpos que foram identificados enquanto masculinos no nascimento, mas que se reconhecem enquanto femininos.

³ Sistema Único de Saúde.

como exemplo é necessário sim, que a gente tenha essas pessoas, esses seres que classifico como seres perversos, seres do mal, porque precisamos desse parâmetro para continuar tocando a nossa vida.

Uma família muito abençoada

Algumas pessoas me perguntam assim: Ah, e sua família? Sua família te aceita? Aí eu pergunto para a pessoa: “Sua família te aceita?”. Porque a minha me ama, se a sua te aceita, a gente tem que saber até que grau é essa aceitação, porque o amor é um sentimento que não é mensurado: ou a gente ama ou a gente odeia. Não existe isso, aceitar. Eu aceito condições, por exemplo, posso aceitar dar entrevista, como posso não aceitar. Agora, não existe aceitar o amor. O amor é algo que a gente não controla, a gente sabe, sente e vivencia...

Eu e minha família somos muito abençoadas. Não só os meus pais, os meus irmãos, sobrinhos – tenho até sobrinho neto, já – mas como a nossa família toda. As tias, os tios, as primas, os primos. E temos também os problemas, todas as famílias têm. O que seria de nós sem os problemas, se nós não tivéssemos soluções? Tanto a família do meu pai, como da minha mãe eram grandes. Eu brinco que a família trabalhou bastante! Tiveram muita disposição! E a maioria de nós mora aqui, que é o mais engraçado! Todos no mesmo bairro. Só minha avó Maria, mãe do meu pai, que morava

no centro, lá embaixo, com a minha outra tia, mas, do restante, a gente cresceu assim, muito perto. Minha vó Maria ainda é viva, 94 anos! Ela tem um papel muito importante na minha vida. É uma gracinha, um amor, a minha vó... Defende os netos assim, igual uma leoa! E ela me dá muitos conselhos, tem muita visão de vida. Sempre conversa comigo, na maioria das vezes, segurando as minhas mãos. E ela pega na minha mão e, do nada, ela começa a fazer uma oração! Depois, ela retoma o assunto de onde parou... Bonitinha!

Tinha também a minha vó Alcina, mãe da minha mãe, que a gente chamava de vó Fia, que morou conosco. Meu pai construiu um barracão para ela, dentro do lote da nossa casa... A gente falava barracão, mas hoje não se fala mais isso, é uma casa. Ela já é falecida, morreu com 68 anos... Quando comecei enfermagem, a vó Fia falou pra mim: “Vai ter um dia que a vó vai precisar muito de você. E nesse dia você vai ter que me ajudar, mas não sei como. Quando esse dia chegar, você vai entender”. Eu trabalhava no Hospital São João de Deus, cheguei em casa do plantão, dormi um pouco e acordei com a minha mãe me chamando. Meu irmão caçula tinha chegado da casa da minha avó que nessa época não morava no nosso lote contando que ela não estava reconhecendo ninguém e usava o vestido que tinha ganhado do tio Sérgio. Minha avó sempre falava que queria usar esse vestido para ser velada, quando morresse. Meu irmão pediu para que eu fosse na casa da minha avó e, quando cheguei lá, ela sentada no sofá, falou assim: “Ainda bem que você chegou,

estava te esperando”. Perguntei para ela onde estava indo e porque ela estava com aquele vestido que era para ser usado no dia em que morresse e disse também que ela estava muito bonita. Aí ela falou: “Eu estou te esperando para você me levar para o hospital, não estou bem. Eu vou morrer”. Eu disse assim “Não, a senhora não vai morrer”. E ela me falou “Eu já tô pronta. E quem são essas pessoas aqui? Eu não conheço essas pessoas”. Eram minha mãe, meu irmão caçula, a minha tia que era filha dela, a minha prima, filha da minha tia. Ela convivia com todos eles... Eu falei assim “São todas pessoas que te amam, vó. São pessoas maravilhosas, tá?”. Ela pediu para chamar a ambulância para ir para o hospital. Aí levamos minha vó Fia para o Hospital São João de Deus, onde eu trabalhava, ela foi para o mesmo setor em que eu trabalhava. Quando entrei, eles já estavam iniciando o procedimento de entubar a minha vó. No calor do momento nós somos muito mecânicos, porque não podemos perder tempo, o tempo é muito precioso para a qualidade de vida do paciente. Os médicos iam perguntando coisas sobre ela, nome, idade, doença pregressa, se tomava medicação... e ia respondendo tudo. Quando acabou o procedimento, um dos médicos, que é meu amigo pessoal, falou assim “Yascarah como você sabe tanto dessa senhora?” Respondi: “Ela é minha avó”. Ele disse assim: “Você está bem?”. Falei: “Estou maravilhosa, porque ela me fez prometer que o dia que ela precisasse de mim teria que ajudá-la, mas eu só iria saber quando esse dia chegasse”. Infelizmente, o dia chegou. Então, não me pergunte como, mas cumpri o que tinha

que cumprir e ela já falou que veio para morrer... Uma semana depois ela veio a falecer.

Nos anos 80, eu era muito próxima dos meus primos. De 80 até 85, aconteceram muitos nascimentos na nossa família. A família trabalhou muito nessa época! A gente convivia sempre, a família sempre fazia festa, encontro. A gente ia acampar, ia pescar, ia para sítio... a maioria dos pais era caminhoneiros ou carreteiros. Então, os nossos lugares eram praticamente os mesmos... Era muito gostoso.

A minha mãe se chama Suely Dutra da Silva e meu pai se chama Romer Lúcio da Silva. Eu brinco que não é o Homer Simpson⁴. Ele se aposentou porque em 2021 teve um infarto. Foi um susto grande! Ele estava subindo a rua de casa com a minha mãe. Meu pai foi caminhoneiro autônomo a vida toda. Ele teve que se aposentar, porque precisou fazer uma cirurgia cardíaca na qual colocou três pontes – duas safenas e uma mamária – mas recuperou plenamente. Hoje ele já está aí firme e sem sustos para a gente. A minha mãe sempre foi do lar. Meus pais têm quatro filhos... Eu tenho dois irmãos e uma irmã. Tem o meu irmão mais velho, a minha irmã, eu e o caçula, então sou a terceira. Eu e meus irmãos temos um relacionamento maravilhoso, convivemos todos harmoniosamente. A família é grande, então tenho ao todo sete sobrinhos e um sobrinho neto que é meu afilhado!

⁴ Personagem de desenho animado, ele é o patriarca da família ficcional Simpson, de Os Simpsons, uma série de televisão.

Dos filhos, eu sou a única que tem o sobrenome da minha mãe. Quando fiz a minha retificação de nome e gênero, quis homenageá-la. Eu penso muito assim: qual é o papel dessa mulher, da minha mãe, na minha vida? Se tenho a possibilidade de homenageá-la, porque não fazer? Eu acho que carregar o sobrenome dela é uma homenagem que faço para ela. Os outros filhos só têm o sobrenome do meu pai. Mais uma vez o machismo imperando... Eu não falei nada para ela que ia fazer, só ficou sabendo quando cheguei com a certidão retificada. Ela ficou muito emocionada! Era algo que ela sempre quis, mas antigamente não se usava... O homem que tinha plenos poderes para registrar a prole. O homem que tinha que comparecer ao cartório, nunca era a mulher.

Religiosidade, fé e devoção

A minha família é católica. Eu fui batizada na igreja católica, consagrada, crismada, e parei por aí. Mas hoje gosto muito de ir aos cultos do candomblé, acho muito bacana... É uma energia muito gostosa... Eles cultuam os santos deles, os orixás, que na verdade são santos, os santos da natureza. Mas também não deixo de ter Deus como meu pilar. Eu sou devota de Nossa Senhora Aparecida e creio muito. Eu também creio muito no Divino Espírito Santo, nós temos uma história muito bacana, o Divino Espírito Santo e São Judas Tadeu. Foi quando o meu sobrinho neto, que é meu afilhado, nasceu. Ele nasceu em perfeitas condições, mas, depois de dois meses, foi internado com uma suposta pneumonia. Ele foi

para um hospital do SUS, para uma enfermaria. O médico, depois de cinco dias, o liberou para voltar para casa, mas, em menos de 24 horas, eu tive que interná-lo de novo. Esse menino começou a piorar, o transferiram para o CTI⁵ e já o colocaram no isolamento. Deram para ele os três antibióticos mais potentes que existiam e ele não estava respondendo a nenhum. Precisou colocar uma sonda para urinar e foi entubado. Fiquei pensando... Como acredito muito na energia das pessoas, falei assim: “Gente, isso aí foi alguma coisa espiritual que mandaram para alguém e se instalou nesse menino, que afinal de contas ainda não foi apresentado para o poder do Divino Espírito Santo”. Então, eu como madrinha, tenho que fazer isso. Pedi para entrar no CTI do Hospital São João de Deus, como uma visita espiritual. Falei com a coordenadora na época: “Milena, eu preciso entrar aqui porque preciso apresentar esse menino para o Divino Espírito Santo. Eu preciso rezar para esse menino, porque acredito que isso é uma questão espiritual, não faz sentido nenhum esse menino estar aqui”. Então, rezei muito e pedi para os orixás Omolu e Obaluaê, que são os santos da cura de doenças. Fico até arrepiada... E fui rezando, fui pedindo e o apresentei para o Divino Espírito Santo. Saí, voltei para casa e tal. Entrei e falei: “Deus, o Senhor vai me levar para eu pegar uma água benta, que depois eu vou voltar para o hospital com os pais dele e nós vamos fazer o ritual do batismo dentro da UTI⁶”.

⁵ Centro de Terapia Intensiva.

⁶ Unidade de Tratamento Intensivo.

E aconteceu no dia de São Judas Tadeu. Eu entrei na igreja no dia 28 de outubro. A igreja estava lotada, eram mais ou menos umas três horas de tarde. Na minha cabeça não entendia a data em si... Por que a igreja estava cheia? Porque estava tendo missa na igreja e era uma quinta-feira. Então pedi para o secretário da paróquia, falei: “Eu preciso de uma água benta, porque o meu sobrinho está enfermo, preciso batizá-lo. Fui escolhida pelos pais para ser a madrinha dele de batismo, senão a gente vai perder esse menino. Se for da vontade do Divino Espírito Santo, que a passagem dele acabe aqui, tudo bem. Mas, não quero ficar com essa dúvida para o resto da minha vida, você tem que me ajudar”. Ele foi, pegou a água benta e pôs na garrafinha para mim. Eu deixei o nome do meu sobrinho lá, falei para ele: “Pede ao padre para celebrar uma missa para ele em ação de graças pela recuperação da saúde, para livrar de todos os males”. Quando retornamos para o hospital, ele já estava fora do isolamento, sem tubo, sem antibiótico, só com cateter de oxigênio e com uma veia puncionada correndo só soro fisiológico para manter a veia, caso fosse necessário. Então, fizemos o ritual do batismo com o meu sobrinho, o pai, a mãe dele e eu, a madrinha. Foi muito emocionante... E depois, para o batismo dele dentro da igreja, não tinha horário na igreja de São Judas Tadeu, mas nós fomos para onde? Para os braços de Maria, foi na igreja do São José Operário. E lá a consagração é com Nossa Senhora das Graças, que também, tenho uma devoção por Nossa Senhora das Graças. Ela já me ajudou a alcançar muitas

graças. Então assim, o poder de Deus na vida de quem acredita é fantástico! A gente não sabe mensurar... Por isso falo que a gente sempre tem de aprender a tirar o positivo do negativo... Vou ser grata eternamente a todos os santos aos quais me apeguei: São Judas Tadeu, Nossa Senhora das Graças, Omolu, Obaluaê e a Deus!

Transexualidade na infância, a escola e os afetos — tudo muito natural

A minha infância foi muito boa. Na época, não tinha muita tecnologia. A tecnologia que a gente tinha era televisão, não existia nem TV a cabo, nada disso. Era uma época muito gostosa, que a gente tinha os amigos, os vizinhos, a gente brincava na rua, jogava bola, jogava vôlei, pique esconde... Acho que a tecnologia, ao mesmo tempo em que é benéfica, traz um mal muito grande, que é o fato das pessoas acharem que podem dizer tudo, essa “tal” liberdade de expressão. E com o avançar da internet, vejo que a infância das crianças de hoje não tem uma qualidade igual foi a minha, na minha época não tinha essa questão bullying⁷. Na minha vida, sempre foi tudo muito natural, até me descobrir uma mulher transexual

⁷ Todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

todo mundo já sabia... Na escola, todo mundo super me respeitava, nunca tive esse problema de preconceito e os colegas sempre me tratavam no feminino. Eu tinha o cabelinho escorridinho e sempre fui muito feminina... Minha amizade era com os meninos e com as meninas e a gente vivia muito unido naquela época. Não tinham esses problemas que são vivenciados hoje. A única situação que ocorreu foi na aula de história, na 6ª série, com a professora Norma. A chamada era feita por números e o meu número era o 24 para todo ano letivo. Tinha entrado um menino novo na escola que não era do nosso convívio, pois quase todo mundo que morava na vizinhança estudava nas mesmas escolas. Quando a Norma chamou o número 24, ele começou a rir, tipo assim, me piorando. O pessoal da sala ficou todo calado, mas a professora Norma falou com ele – você está rindo de quê? Qual é o problema que está acontecendo aqui? Você está dizendo com essa risada que ele é um animal? Um veado? É isso? Porque, se for isso, nós vamos para a direção, vamos chamar seus pais aqui e nunca mais vou admitir desrespeito com ninguém aqui dentro. E pronto!

Quando me tratavam no masculino, eu via que as pessoas também não ficavam muito confortáveis, porque nunca tive estereótipos nem trejeitos masculinos. Quem não me conhecia falava para o meu pai, para a minha mãe – olha, que linda sua menina! Que gracinha! Aí meu pai falava assim: “Não, tá bom... é bonitinha mesmo. Mas, não é bonitinha não, é bonitinho”. As pessoas ficavam

sem graça e ele falava que não tinha problema. O importante é ninguém fazer nada, né? Então meu pai, mesmo sendo caminhoneiro, uma profissão machista, sempre foi muito claro com os quatro filhos... Ele não tinha motivos para se envergonhar de ninguém, muito pelo contrário. Ele e minha mãe sempre deram para gente o que não tiveram enquanto filhos, proporcionaram tudo para a gente.

Viajei muito com meu pai, com minha mãe e com meu irmão caçula quando era criança. Nessa época, nós dois éramos muito unidos. A nossa diferença de idade é muito pequena, são três anos. Os outros dois já eram maiores e estavam estudando. A última viagem que fiz foi com 8 anos de idade, depois entrei para a escola. Até hoje, quando paro em um posto de gasolina, principalmente na beira de estrada para abastecer o meu carro ou estou em viagem, sinto o cheiro da minha infância, do caminhão do meu pai. Me lembro que meu pai viajava muito. Pegávamos a Belém-Brasília quando era ainda terra, quando os índios faziam piquetes e a gente tinha que pagar para poder passar. Isso eu não esqueço... Nós, na boleia do caminhão, era tudo muito gostoso... Desde quando comecei a me entender por gente, eu sempre tive senso crítico que foi sendo apurado ao longo da vida. Me lembro também que eu fazia comparações e perguntava para meu pai e minha mãe – aqui, eles são muito pobres, né? Meus pais falavam assim – como você sabe? Eu respondia – porque a casa deles não é igual à nossa. E aquele pessoal que mora do lado da

casa da gente é tudo pobre, porque o senhor e a senhora que dão comida para eles, deixam eles tomarem banho lá em casa...

Quando minha mãe viajava com meu pai, a minha vó Fia que fazia o papel de mãe, ficava com a gente. Eles tinham total confiança na minha vó, ficavam tranquilos. Meus pais levavam meu irmão caçula e minha avó ficava cuidando da gente – de mim, da minha irmã e do meu irmão. Eu aprendi muito com a minha avó. Ela foi uma mulher muito sábia, embora não entendesse a magnitude da sua sabedoria, ela sempre foi muito simples... Ela foi cozinheira de um restaurante muito famoso na cidade à época. Tem coisas dela que para mim são pontuais, por exemplo, quando eu tinha de 8 para 9 anos, teve um dia que ela falou assim: “Olha, você tem que aprender a arrumar a casa”. Eu perguntei: “Por que vó? Ela respondeu– porque um dia você vai morar sozinha ou você vai ter um marido, mas não mexe com homem não, tá? Fica sozinha até o tempo que você der conta de ficar, viu? Ou então até lá já vai estar mais evoluído esse “trem” em você...”. Ela já me enxergava mulher... Aí ela falou assim: “Você precisa, tá? E depois a vó vai te ensinar a cozinhar, também, tá bom? Você vai começar arrumando o seu quarto, tá? A partir de hoje a vó não vai mais limpar o seu quarto, você que vai limpar porque precisa aprender”. Ela me ensinou a limpar a casa, lavar o banheiro, arrumar as roupas, lavar roupa, cozinhar, ir ao supermercado, escolher os alimentos e tudo.

Transexualidade na infância — uma passagem traumática

Minha mãe me levou ao psicólogo quando eu tinha mais ou menos uns 6 anos de idade. Eu fui ficar sabendo já depois de velha, na época eu não entendia... Eu perguntei para meu pai e minha mãe sobre essa questão que, para mim, foi uma situação traumatizante. E nessa época, no final da década de 80, não se falava aqui no Brasil em transexualidade, o termo usado era o transexualismo, que era incluído no CID 10⁸, no capítulo dos transtornos mentais. O psicólogo nunca me abordou como uma pessoa transexual. Ele me tratava como se eu fosse um menino *gay*, não como uma menina transexual. Ele ligou alguns aparelhos, colocou uns negócios na minha cabeça e pediu para minha mãe aguardar do lado de fora do consultório e me deitou numa cama. E eu com esses trens lá... Ele falou que eu era daquele jeito porque o meu pai não era presente na minha vida. Eu disse para ele não falar isso sobre o meu pai. Então ele respondeu assim: “Fica aí nessa cama, quem manda aqui sou eu!”. Gente, desde sempre, quando você nasceu para a luta, você sempre vai estar lutando... Lembro que falei: “Eu

8 Décima versão da Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde. Trata-se de uma listagem estabelecida pela Organização Mundial de Saúde com códigos para doenças, sinais e sintomas, achados anormais, queixas, circunstâncias sociais e causas externas de lesões ou doenças.

não vou ficar, você não me manda!”. Arranquei o negócio e comecei a gritar e chamar a minha mãe. Ele: “Para de gritar, para de gritar!”. Eu chutei a canela dele, não sei... Comecei a bater na porta: “Mãe! Me tira daqui, mãe! Me tira daqui!”. E aí ele ficou apertado. A minha mãe começou a bater na porta, falou que ia arrebentar a porta. Então ele abriu a porta e minha mãe perguntou o que estava acontecendo. Chorando, eu pedi para minha mãe me levar embora. A minha mãe perguntou para ele o que ele tinha feito. Ele: “Não, nada, nada”. Depois minha mãe me perguntou o que tinha acontecido. Eu contei que ele tinha falado que eu não tinha pai, que disse para ele não falar isso e que eu tinha pai e que sou assim mesmo. Minha mãe falou assim: “Nunca mais o senhor vai me ver”. E foi embora chorando, arrasada. Meu pai estava viajando e minha mãe me fez prometer que eu não iria contar isso para ele. Tadinha dela... Ledo engano. A hora que meu pai chegou, antes dele parar o caminhão eu já pulei lá dentro! Comecei a chorar e tremendo, abracei o meu pai que perguntou o que tinha acontecido e o que minha mãe tinha feito comigo: “Deixa eu parar esse caminhão, você está me desorientando!”. E já desceu a boleia do caminhão comigo grudada igual a um carrapato no pescoço dele. Perguntou para minha mãe o que tinha acontecido e minha mãe: “Nada não, nada não”. E minha mãe olhou pra mim e fechou a cara. Eu falei: “Pai, sabe aquele homem que a minha mãe estava me levando?”. Meu pai falou: “Que homem Suely, que homem é esse?”. Aí a minha mãe: “O psicólogo”. Meu pai: “O quê que tem?”. Eu falei

assim: “Pai, ele disse que eu sou assim porque não tenho pai”. Gente, me lembro direitinho, o meu pai tem o olho azulinho, igual uma pedra de anil, ele ficou todo vermelho, marejado. Meu pai disse: “Ele falou isso, Suely?”. E minha mãe: “Ele falou”. O meu pai: “Já entendi! Onde que esse homem atende? Vou lá agora, vou matar ele! Ele vai aprender que todos os meus filhos têm pai, ninguém vai falar isso”. Aí falou para mim: “O seu pai te ama, e você é assim porque você teve de ser assim, igual eu sou assim, né?”. O meu pai ficou transtornado e minha mãe teve que chamar a minha vó Maria. Meu pai queria ir atrás do psicólogo e minha mãe correu para dentro do quarto para não dar o endereço... Antigamente, resolvia as coisas assim... Mas a vó Maria e a vó Fia foram acalmando o meu pai.

Acho que ser assim era um problema para a minha mãe, até então... Porque ninguém me reconhecia enquanto menino. Mas, para o meu pai, não. Para ele, nunca foi problema e ele nunca cobrou isso dela. Então, nunca mais fui a um psicólogo. Só depois de adulta, depois de formada. Essa é a única parte traumática que tenho na minha infância que de fato me marcou. Assim, o diabo me tira uma mão e Deus vem e coloca o corpo dele... Porque isso foi marcante pelo trauma de escutar que eu não tinha pai, mas a reação dele e saber que eu tinha um pai, que me amava e que cada um nasce do jeito que tem que nascer, isso foi maravilhoso.

Enfermagem como profissão — dedicação e protagonismo

Eu sempre gostei muito de estudar. Eu sou a única dos quatro filhos que chegou até a graduação, porque eu quis, os meus outros irmãos não quiseram. Meus pais falavam que quem não queria estudar teria que trabalhar porque não iria ficar à toa. Tem que ser gente na vida! Comecei a fazer um curso técnico de enfermagem no ano de 2003, com a ajuda dos meus pais. Na época, meu pai pagou minha inscrição e bancou mensalidade, alimentação e ônibus durante os quatro primeiros meses. Depois, no final do ano de 2003, comecei um estágio na prefeitura e passei a ganhar meia bolsa. Eu sempre entendi os contextos, situações da vida real. Quando o meu pai veio me dar o dinheiro para pagar o valor total, devolvi para ele a metade. Eu disse a ele: “O senhor lembra que eu falei que o senhor ia me ajudar até a hora que eu precisasse? Eu comecei a trabalhar na prefeitura e ganho a metade da bolsa, por isso estou devolvendo para o senhor”. Foram dois meses, novembro e dezembro. Em janeiro de 2004, consegui um estágio extracurricular remunerado no Hospital São João de Deus. Esse estágio me dava o valor integral da bolsa do curso, ônibus e alimentação. Como sempre tive uma visão de futuro, eu pensei que seria uma forma de aprender sempre. Enquanto os meus amigos estavam em casa, eu estava lidando direto com pacientes. Eu aprendi

e vivi muito a rotina do hospital. Eu fiquei nesse estágio até janeiro de 2004, quando me registrei no Coren⁹ como auxiliar de enfermagem e fui contratada no hospital em fevereiro de 2004, como auxiliar. Em 2007, prestei concurso público para o município de Divinópolis e passei. Hoje, tenho dois cargos na prefeitura como técnica em enfermagem, um desse concurso e outro, que fiz em 2017. Trabalhei na atenção básica por algum tempo e fiquei quase dez anos no serviço de urgência e emergência.

Comecei a cursar graduação na Universidade Estadual do Estado de Minas Gerais, no polo de Divinópolis em agosto de 2006, mas tive que sair. Em 2012, prestei vestibular novamente e entrei para o curso de graduação da Universidade Federal de São João del-Rei, no campus Dona Lindu, também em Divinópolis, mas não concluí o curso. Entrei para a graduação novamente em 2022, mas não foi por escolha, foi porque eu acordei e falei assim: “Gente, eu preciso estudar. Eu preciso me engrandecer intelectualmente, academicamente, porque o conhecimento está ali e nós precisamos de títulos, infelizmente! Então eu vou terminar a minha graduação em enfermagem e vou ser uma enfermeira muito maravilhosa, muito plena! E vou continuar estudando enquanto eu tiver vida”. Sou apaixonada pela minha profissão! Tanto que fui homenageada pelo Conselho Regional de Enfermagem, pelos serviços prestados à população, no ano de 2019! Nunca pensei que o meu

⁹ Conselho Regional de Enfermagem.

Conselho pudesse me prestar essa homenagem! Foi uma homenagem muito fidedigna, porque eu perguntei para o conselheiro que entrou em contato comigo por que o Conselho estava querendo me homenagear. Ele respondeu que era porque eu merecia a homenagem. Eu falei: “Tudo bem, merecer eu mereço mesmo”. Todo mundo que trabalha na enfermagem, para mim, merece ser homenageado. Mas quero saber quem sou para o Conselho? Ele falou: “Bem que me avisaram que você é muito técnica e que não quer ser aquilo que você não é. Eu já estou preparado, vamos lá! Você, Yascarah Dutra da Silva, foi registrada no ano de 2005, como técnica de enfermagem. Formou-se na Escola de Enfermagem São João de Deus. Você é pioneira nas causas para as pessoas da população LGBT. Atualmente, você é membro do Comitê Técnico de Saúde Integral da População LGBT no estado. Você é extremamente atuante, você foi delegada no eixo da saúde da 4ª Conferência Nacional Estadual de Direitos Humanos, está atualmente na rede de urgência e emergência, você faz um papel fundamental no fluxo de ajuda aos pacientes, o que mais você quer que fale de você?”. Eu respondi: “Não, está bom! Você me convenceu”.

O meu conhecimento e empoderamento me levam a locais que nunca imaginei. Eu, do interior, de Divinópolis, chegando a esses patamares... Eu tive o prazer de estar na última Conferência Nacional de Direitos Humanos, que foi em Brasília, no ano de 2016 e me tornei Delegada Nacional. Foi quando ouvi um discurso de uma presidenta da

república, no dia 28 de abril de 2016. E lá eu fiquei muito emocionada, passou um filme na minha cabeça... Fico pensando: “Yascarah, você tem noção de onde você chegou? Qual dia que você, lá do interior, imaginou que iria estar presente no discurso de uma presidenta, a única mulher?”. Na época, sendo vítima do machismo, do patriarcado? Isso para mim é de uma felicidade tamanha! Nesse mesmo ano, em 2016, nós fundamos aqui, pela Secretaria de Estado e Saúde de Minas Gerais, o Comitê Técnico Integral de Saúde para população LGBT¹⁰. Aí eu tenho a honra de ser a representante titular das mulheres transexuais no estado de Minas Gerais, desde a sua criação. E em 2020, nós conseguimos aprovar o primeiro plano para atendimento da população LGBT no estado de Minas Gerais. Essas coisas pra mim são de uma magnitude!

A transfobia no trabalho

A transfobia¹¹ que vivencio é muito subliminar. Quando se trata de mim, eles já sabem, sou uma receita para eles, uma receita de bolo pronta, que não tem como errar. Então, só vai errar comigo

¹⁰ Órgão colegiado consultivo, constituído com o objetivo de promover políticas públicas de saúde para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, pessoas não binárias, intersexo, assexuais.

¹¹ Configura qualquer ação ou comportamento que se baseia no medo, na intolerância, na rejeição, no ódio ou na discriminação contra pessoas trans por conta de sua identidade de gênero.

quem quer ter problemas. Mas teve um caso muito explícito que aconteceu aqui na prefeitura.

Foi em 2021, antes da pandemia, quando eu trabalhava na Ouvidoria-Geral. O que eu lançava no sistema, tinha que imprimir e entregar no papel, não podia ser *on-line*. Numa bela manhã, fui entregar o resultado da Ouvidoria na Secretaria de Estado do Meio Ambiente, no mesmo prédio onde eu trabalhava, e havia uma funcionária lá com a cabeça baixa, mexendo no telefone. Eu disse: “Bom dia! Você poderia receber esses documentos da Ouvidoria, por gentileza?”. Ela falou assim: “Oh Marina, vem aqui atender ele”. Eu disse: “Primeiramente, eu não sou ele”. Segundo, você cometeu um crime. Terceiro, vou chamar a polícia. Você vai sair daqui presa, ouviu? Porque a Marina é advogada e presenciou tudo! Ela vai ter que ir lá depor e o depoimento dela tem muito peso, porque ela não vai mentir. Ela só vai falar o que aconteceu aqui. Transfobia é crime, ouviu?”. Então acionei a polícia militar, foi aquele alvoroço todo, a moça saiu algemada, de camburão. Fui à delegacia prestar depoimento e foi tomado o depoimento da Marina também. Me perguntaram se eu queria uma medida protetiva contra ela, mas, se eu quisesse, ela não poderia trabalhar no mesmo local que eu. Então não quis, pois só queria que isso não tivesse acontecido. Acredito que de agora para frente, ela vai pensar duas vezes no que ela faz e com quem ela faz. Eu só não poderia deixar isso passar em branco, pois as pessoas têm de aprender que se trata de um crime!

Outra situação que passei e, nesse caso, é bem subliminar, foi no Sintram.¹² Organizei tudo quando fui trabalhar lá. O meu setor era o único que tinha escala de trabalho, plantão advocatício, consegui uma sala de atendimento e zerar a pilha de processos. Por uma medida arbitrária do presidente, que não consta no estatuto, ele me “devolveu” para a prefeitura. Ele foi contra a legislação, não respeitou os ritos, foi arbitrário. Particpei de uma eleição, me candidatei e fui eleita como diretora jurídica. O estatuto do Sintram não fala de devolução de diretores, não faculta ao presidente o poder de devolver ninguém. Mesmo porque o artigo 8º da Constituição Federal¹³ é o único que versa sobre atividade sindical aqui no país. Então, a lei não diz que o presidente pode retirar, a bel prazer, diretores. Eu não gosto de me vitimizar, mas considero que isso foi um ato de transfobia. O fato de ser mulher, ser uma mulher transexual, ser uma mulher empoderada, competente, que tem coragem, que não tem medo de encarar homem nenhum e deixar isso muito claro os intimida, e o que eles puderem fazer para me destruir, eles farão!

¹² Sindicato dos Trabalhadores Municipais de Divinópolis e Região.

¹³ Art. 8º É livre a associação profissional ou sindical, observado o seguinte:

VIII - é vedada a dispensa do empregado sindicalizado a partir do registro da candidatura a cargo de direção ou representação sindical e, se eleito, ainda que suplente, até um ano após o final do mandato, salvo se cometer falta grave nos termos da lei.

Processo de identificação como transexual, preconceitos da sociedade e despreparo institucional

Para mim, o processo de identificação como pessoa transexual foi muito natural e tranquilo. Desde menina eu sempre me senti mulher, as pessoas já me reconheciam como do gênero feminino. Com o tempo fui adequando as minhas vestimentas ao meu gênero e me adequando, também. E como sempre fui uma mulher muito forte, tinha que ter um nome muito forte, marcante como eu. Então um dia, quando eu ainda era nova, falei com a minha mãe: “Eu me reconheço assim, com esse nome, Yascarah”. Ela falou: “Ótimo! Eu também acho que é muito bacana”. Desde então, minha família, na escola, todo mundo passou a me reconhecer como Yascarah. A minha família toda me chama de Yayá, entendeu? Carinhosamente, sou a Yayá e isso é muito gostoso.

Com 18 anos, comecei a hormonioterapia, fui tomando forma, as características secundárias sexuais foram aparecendo. Atualmente, faço acompanhamento com um endocrinologista, no ambulatório do processo transexualizador do SUS, no Hospital Eduardo de Menezes¹⁴ porque

¹⁴ Hospital público, integrante da rede SUS de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, possui o Ambulatório de Saúde Integral da População de Travestis e Transexuais. É mais conhecido como

eu precisava saber a qualidade do serviço ofertado, afinal estou no Comitê Técnico de Saúde Integral da População LGBT, na cobrança da efetivação de políticas públicas. E faço também um acompanhamento com uma psiquiatra, mas ela é de um plano de saúde.

Eu sempre falo para as meninas que querem fazer a cirurgia de redesignação sexual, na tentativa de acabar com o preconceito que sofrem, que a sociedade vai sempre vê-las como uma mulher transexual. Deixo bem claro para elas: “Para os preconceituosos, você é um homem com vagina. Só isso, mais nada. Então, a sua genitália é parte de um processo de adequação cerebral, de como você se vê no mundo, mas ela não vai te dar status quo para ser uma pessoa cisgênero. Se você vai se submeter a esse procedimento pensando que os seus problemas irão acabar, muito pelo contrário, aí que vai começar outro tipo de problema, a sua frustração. Então, começam os transtornos mentais. A vida vai acabar, porque uma vez redesignada sexualmente não tem jeito de construir o pênis de novo. Acabou! Não tem. E aí? Você tem que refletir sobre isso”.

Em 2018, pleiteei a retificação de nome e gênero num cartório em Divinópolis, quando ouvi do escrivão que o cartório não estava preparado para isso. Foi um momento em que vivenciei de fato o que chamamos de transfobia institucional. Nas entrelinhas, o escrivão não quis fazer o registro.

Ambulatório Trans Anyky Lima.

Ele ficou surpreso quando eu disse: “Olha, sei o procedimento de cabo a rabo, que consta de oito artigos, dois anexos, com todos os documentos que tenho que entregar para você. Mas, se você não puder receber e me der um protocolo de recebimento das minhas documentações, vou me dirigir à Defensoria Pública, na vara de registros públicos e vou conversar com o defensor público”. E assim fiz, e o juiz corregedor deferiu: “Cumpra-se com o provimento. Sem mais para o momento”. Isso para mim foi de uma felicidade enorme, que, além de ter sido pioneira, as portas ficaram abertas para todas as outras e os outros que pleiteassem isso.

Infelizmente, as instituições não estão preparadas para atender a população LGBT, inclusive na área da saúde. Estamos ainda em um processo de construção, porque até mais ou menos uns seis anos atrás, não se discutia transexualidade como ela é discutida hoje. A transexualidade não entrava no movimento acadêmico, nenhum dos cursos voltados para a saúde tem uma disciplina de gênero e sexualidade. E quanto ao SUS, foi estabelecido o nome social desde 2006, pela Carta dos Direitos dos Usuários da Saúde. Mas o SUS nunca ofereceu nenhuma capacitação com esse tema que eu, Yascarah, tenha participado ou tenha ficado sabendo. E olha que estou no SUS desde 2008! Existe a Política Nacional de Saúde Integral para população LGBT datada no ano de 2011, mas a política não é efetivada! Para atender a população transexual, precisamos de entendimento dentro de um dos princípios do SUS, que

é a equidade. O próprio SUS é excludente, por quê? Não capacita os profissionais. Para se ter uma ideia, eu mesma passei por uma situação no ambulatório do processo transexualizador do Hospital Eduardo de Meneses. A funcionária marcou o grau de escolaridade, a minha cor, a minha identidade de gênero, a minha orientação sexual na ficha. Pergunto: esses dados serão usados posteriormente em uma pesquisa científica? Porque se forem, são falsos!

O SUS tem uma carta dos direitos dos usuários do SUS 2006, tem a Portaria nº 1.820/2009¹⁵ que contempla como um direito o nome social, a nº 457/2008¹⁶ que foi a primeira portaria do processo transexualizador, tem a Política Nacional de Saúde Integral para população LGBT, de 2011, a gente tem a última portaria de 2013 no processo transexualizador, a 2.803¹⁵. Está tudo no papel. O SUS poderia olhar para essa questão, promover seminários e capacitações para estabelecer metas, agora nós temos orçamento para isso dentro da Política de Equidades. Mas, infelizmente, o que se vê são profissionais que ainda carregam o preconceito, pois, para eles, pessoas transexuais não podem ficar dentro da unidade de saúde, pensam que o lugar delas é nas esquinas, na marginalidade, nos presídios.

¹⁵ Dispõe sobre os direitos e deveres dos usuários da saúde.

¹⁶ Redefine e amplia o Processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS).

Infelizmente, no SUS não temos um ambiente acolhedor para esse público. Para mim, um ambiente acolhedor é aquele que a gente aprende quando se tem educação em casa. E também, é um dos provérbios de Deus – não julgue para não ser julgado. Respeite o próximo como a si mesmo. É aquele que te deixa confortável, para você não ter dúvidas onde procurar. É respeitar a sua singularidade dentro do seu processo de saúde e doença. É entender que, mesmo existindo uma limitação para atender a demanda, até isso é preciso saber como será colocado para o usuário, pois até um “não” como resposta tem de se saber a forma de falar. Se você não implementar isso dentro do seu processo de trabalho diuturnamente, então não adianta.

Transexualidade e relacionamentos amorosos

Não me escondi e não me passo por uma mulher cisgênero, quando converso com rapazes para estabelecer uma relação afetiva, porque para mim isso está muito bem resolvido, né? Eu não tenho porque ter vergonha de ser a mulher que sou. Mas quando eu digo que sou uma mulher transexual, já vem o rótulo do preconceito – é a profissional do sexo, marginalizada, mexe com drogas, não trabalha e tal. A conversa já vai diretamente para o cunho sexual. Eu acho isso muito maravilhoso, sabe por quê? Porque nesse momento as pessoas se revelam sem máscaras. Então, começo a perceber que se eu fosse uma mulher cisgênero, poderia estar entrando em

um relacionamento que custaria a minha vida. Se ele me trata assim, é porque é uma pessoa que não respeita ninguém... O fato de dizer quem eu sou para esses homens os deixam confortáveis o suficiente para me tratarem como se eu fosse um objeto de satisfação de prazer momentâneo, nada além disso.

Já tive dois relacionamentos mais duradouros, o mais recente foi em 2022. Hoje o chamo carinhosamente de “Ser Perverso”, porque fui vítima de um relacionamento abusivo, no qual adoeci. Emagreci 22 quilos, não tinha vontade de comer nem de trabalhar. Ele me manipulava, fez coisas horróricas comigo, fui perdendo a vontade de viver, de tudo... A minha psiquiatra quando me viu, tomou um susto. Ela virou para mim e falou assim: “Você está muito feia! Você está acabada, horrórica, eu nunca te vi desse jeito. É muito sério o que está acontecendo com você!”. Ela era a única pessoa que eu podia contar naquele momento. Meu ex-companheiro era uma pessoa tão perversa, tão ruim, que ele me fazia sentir culpada e envergonhada se eu contasse alguma coisa para as pessoas. Ele falava para mim: “O pior é que se você contar isso para alguém, vai ficar muito ruim para você, porque você trabalha, é enfermeira, empoderada, faz palestra... Como vai contar que eu faço isso com você? Como que as pessoas vão confiar em você?”.

Descobri que ele levava uma vida promíscua, me traía... Praticava diversos tipos de violências comigo. Além disso, me lesou financeiramente, cometia

crimes com clonagem de cartão de crédito, tinha envolvimento com agiota... Ele me enlouqueceu tanto que um dia tentei autoextermínio. Nunca tinha passado pela minha cabeça fazer isso e hoje também, não passa! Eu queria me livrar daquilo, daquele momento. Eu não enxerguei o próximo segundo, para mim o próximo segundo era estar liberta daquilo. Só não morri e estou aqui, porque Deus achou um desaforo muito grande! Deus falou assim: “É um desaforo. Essa menina não merece, eu a deixei dar grandes passos na vida, não vou aceitá-la aqui. Ela vai voltar normal, sem sequela nenhuma!”. E eu estou aqui inteira, plena e maravilhosa! O meu ex-companheiro apareceu com a função de me fazer entender a mulher que eu sou, de não dar ao outro o poder de conduzir a minha vida. Só isso! Eu prometi a mim mesma que toda vez, na minha vida, que eu contasse essa história, nunca mais ia chorar. Porque eu não dou a ele o direito de me entristecer, de me roubar a alegria, o sentimento de viver, minha vontade de trabalhar, minha satisfação. Ele me roubou tudo isso, até a minha dignidade. Então tenho que viver, ser plena, ser feliz e ponto final. As adversidades eu vou ter que contornar, mas isso não vai me abater! Eu não tenho que ficar em cima de uma cama, depressiva, oprimida. Eu tenho que arrumar uma solução para encarar tudo. Tenho que estar bonita para enfrentar as adversidades da vida. Já é feio o suficiente o que fazem comigo. Então, eu tenho que estar plena, maquiada, com cabelo bonito, cheirosa e em cima do salto! Estou adorando essa minha fase e ela vai durar até o resto dos meus dias.

Daqui a dez anos...

Até aqui, eu acho que tudo valeu a pena. Passar pelo processo de transexualização, me tornar a pessoa que sou hoje. Como já disse, passa um filme pela minha cabeça... Quando conto aqui pontos marcantes da minha vida, vou entendendo a magnitude dos lugares em que eu cheguei. Eu nunca imaginaria estar aqui, fazendo parte de um livro, sendo uma das protagonistas. Eu nunca imaginaria estar em Brasília e ver uma presidenta da república discursar. Eu nunca imaginaria estar sendo uma referência para outras mulheres transexuais... Tudo isso, esse retorno que eu tenho realmente me orgulha muito, porque a vida é isso, para toda ação tem uma reação. E as reações que eu tenho são muito positivas para mim e me engrandecem muito. E graças a Deus, consigo não ficar cega, com o ego inflamado, achando que sou melhor do que qualquer outra pessoa, pelo conhecimento que tenho arraigado ao longo da vida. Muito pelo contrário! E de que adianta ter o conhecimento sem disseminá-lo?

Daqui a dez anos eu me vejo linda, plena e maravilhosa! Academicamente, mais fortalecida e intelectualmente mais empoderada. Se tudo der certo e for a vontade de Deus, quero me formar, me tornar uma enfermeira e continuar estudando. E me vejo linda e plena, já fazendo *botox*! Vai precisar, afinal de contas eu já vou estar com 51 anos. Não vou esperar ficar com a cara toda enrugada! Vou manter a jovialidade para o povo achar que eu sou uma vampira, falando: “Gente,

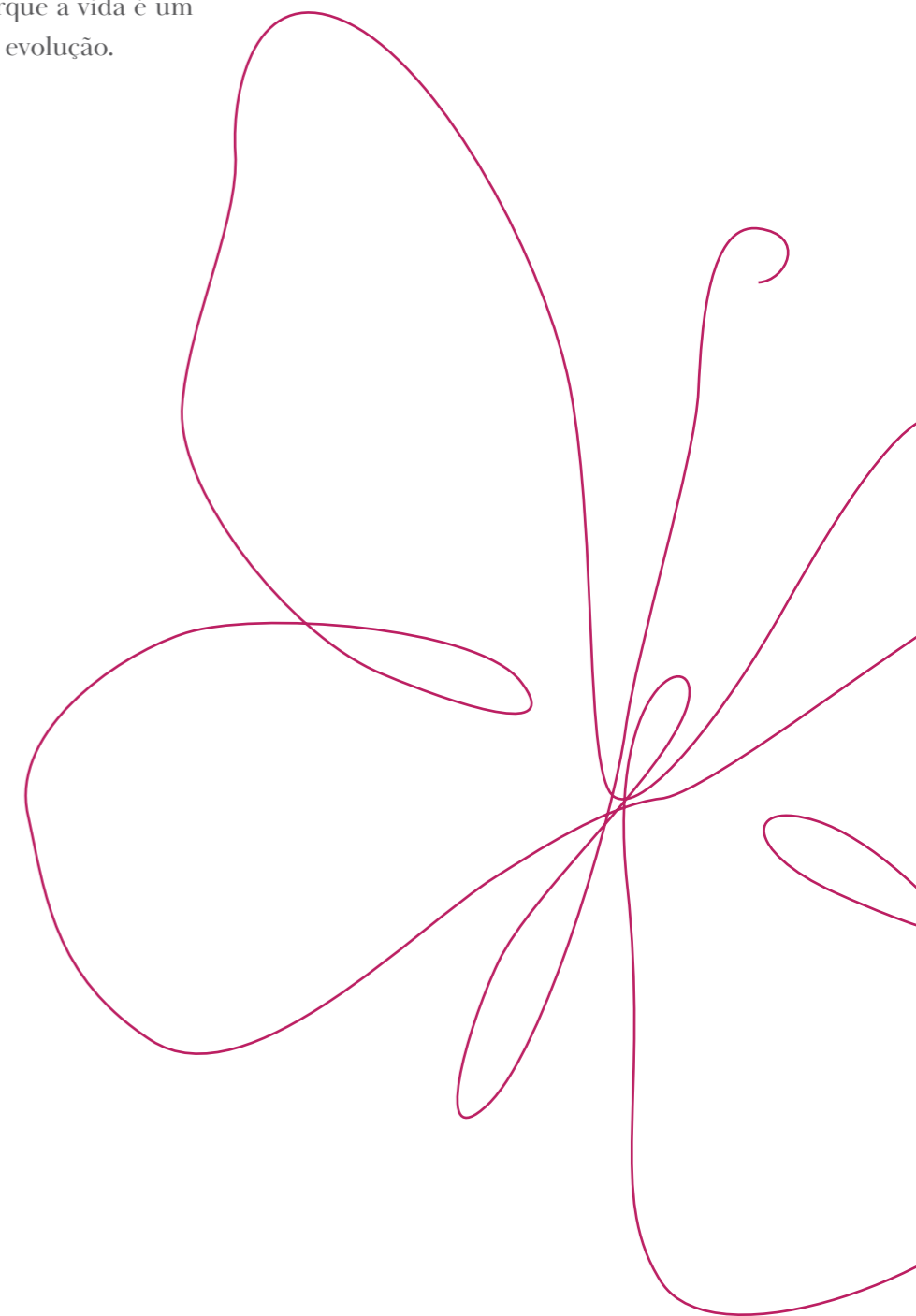
passa ano”, corre ano e a danada está bonita do mesmo jeito!”. Me vejo feliz e se for da vontade de Deus, não perder nenhuma pessoa que eu goste. Estar com outros desafios no ambiente de trabalho e que mulheres transexuais e travestis possam ser sujeitas, realmente, das suas vidas. Que elas possam ser atendidas no âmbito do SUS com toda dignidade, como está estabelecido no artigo 5º da Constituição Federal de 1988¹⁷. Que elas possam ocupar espaços políticos e que possam ser quem elas quiserem ser. Que elas estejam dentro dos espaços escolares, desde o 1º ano do fundamental, até um pós-doutorado.

Que, em dez anos, o mundo possa ter o entendimento que as pessoas travestis e transexuais são humanas. Que as pessoas percebam que isso é normal, igual é normal engravidar, parir, crescer... Que a nossa existência se torne normal e que a sociedade como um todo nos olhe como pessoa e entenda que a gente não merece ser violentada por ser quem somos. Assim, como foi tão fácil o entendimento e a popularização do pix, seja tão fácil o entendimento da individualidade humana.

Espero que as pessoas que lerem ou que me ouvirem na posteridade se preocupem em ser felizes, que não se preocupem em fazer o mal para ninguém e nem deixar que determinadas

¹⁷ Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos (dos incisos I a LXXIX.).

falas consigam estragar a sua saúde mental. Que elas sejam resilientes como eu fui, tirando sempre o positivo do negativo, porque a vida é um aprendizado e isso faz parte da evolução.





4

Ale Gonçalves

Ale Gonçalves
Ana Paula Salej
Cláudia Beatriz M. M. de Lima Nicácio
Caio Benevides Pedra

Meu corpo já é político

Eu me chamo Ale Gonçalves¹. Sou travesti², negra, candomblecista, da favela, das minorias, do Nordeste. Nasci no interior da Bahia, numa cidade chamada Ituberá³. Lá convivi com meus pais, meu irmão e minha família. Eu me mudei para Minas Gerais em 2020, quando vim morar em Ribeirão das Neves.

O processo de descoberta de quem eu era, ou do porquê eu era, começou na minha adolescência. Foi o contato com pessoas que se pareciam comi-

¹No ano em que a biografia foi escrita (2024), Ale completa 36 anos.

²Travesti é uma das identidades de gênero que estão dentro do guarda-chuva transfeminino, ou seja, trata de corpos que foram identificados enquanto masculinos no nascimento, mas que se reconhecem enquanto femininos.

³Ituberá se localiza ao sul da capital baiana, Salvador. O município fica na região conhecida como Costa do Dendê, à qual também pertencem Valença, Morro de São Paulo e Boipeba. A distância da capital é de 162 km via ferry boat ou 348 km via BR 101/BR 324.

go que me possibilitou ver e entender o que eu sentia. Eu precisei do outro para me conhecer, fui me identificando. Tudo meu foi a partir do outro, porque se eu não conhecer o outro, não vou me conhecer. É por isso que a minha vida perpassa a de cada pessoa com quem tenho contato.

Na minha cidade, não se falava muito sobre as temáticas LGBT. Eu fui procurando, me informando na internet e no Orkut⁴. Adentrei alguns espaços, participei de coletivos, de conselhos de luta LGBT. Isso me fez entender quem eu era, porque e para que eu estava ali — foi esse processo que me fez. Até que, um dia, eu rasguei o véu, saí do guarda-roupa. Do guarda-roupa mesmo! Coloquei trança, mudei minha aparência física, social, tudo. Hoje sou travesti. Eu me sinto maravilhosa desse jeito, nessa plenitude.

⁴Rede social operada pela Google, muito usada no Brasil na primeira década dos anos 2000 e encerrada em 2014.



Sou do signo de escorpião. A minha personalidade é muito forte. O que é parado me incomoda. Eu não espero, odeio esperar. Eu vou à luta. Eu sou ousada, sou atrevida. Sou líder e arretada. Quando eu estou falando, às vezes, o meu tom de voz faz pensar que estou brigando. Eu sou uma pessoa muito aguerrida, não de briga ou de confusão, mas não levo desaforo para casa. A homofobia e o preconceito me fizeram assim. A vida me fez dessa forma e tem gente que não entende. Meu corpo já é político com três vertentes: sou negra, sou do Candomblé e sou travesti. Então, por que eu vou baixar a cabeça? Eu não vou, não posso me permitir.

Não estava nem aí se tia, tio, padrinho ou madrinha, irmão, primo falassem. Não dava ousadia e não dou até hoje. Eu ainda sou uma pessoa muito pavio curto, mas estou me reeducando para mostrar respeito pela opinião do outro. Eu me polio porque, no lugar de liderança que ocupo, lido com diversas pessoas: aqueles que são contra o que eu penso e aqueles que são a favor e me respeitam.

O termo “travesti” hoje é um termo político. O termo “sapatão” hoje não é um termo pejorativo, é um termo político também. O termo “bicha”, a mesma coisa. A gente pegou, refez essa história. Travesti é mulher, a mulher empoderada, aquilo

que eu quero ser, o que quero fazer da minha vida.

Família de origem e família construída

Nasci em uma família negra, pobre, católica e conservadora. Naquele espaço, eu era uma pessoa diferente e isso era algo que me incomodava. Eu estava dentro de um ambiente familiar no qual não me entendiam e julgavam meus comportamentos, o meu gosto de querer brincar apenas com meninas e com brinquedos considerados de meninas. Por isso, tive muitos embates dentro da minha casa. Lá enfrentei muitas barreiras, muitos traumas que ainda estou tratando.

Minha mãe⁵ está aposentada, mas antes de se aposentar era trabalhadora doméstica. Ela é atuante na Igreja Católica, nasceu e viveu em um ambiente conservador, onde homem é homem e mulher é mulher. Os pais sempre percebem quem são os filhos, o que eles querem, o porquê de seus comportamentos, mas minha mãe sempre travava o olhar para a minha realidade de vida. Tive ressentimento da minha mãe por ela não me entender, por me julgar, por sempre me apontar. Em algumas situações, ela falava que teria abortado se soubesse que eu seria dessa forma, que teria um jeito de menina, de viado, de bicha. Minha mãe é uma pessoa muito cabeça dura. Fiquei com raiva dela, em nenhum momento a abraçava — não havia carinho e eu me trancava. As

⁵ Eliana Maria dos Santos Gonçalves.

pessoas são diferentes e ela não teve isso naquele convívio dela. Ela ainda carrega as dores da vida dela de antigamente nos dias de hoje, ela tem complexos dos quais não se curou até hoje e esses traumas afetaram a mim, ao meu pai e ao meu irmão. Hoje eu não julgo minha mãe e entendo, mas não quero contato com ela, não consigo ter.

Meu pai⁶ me surpreendeu. É homem, pedreiro. Foi pescador, de família de pescadores, que sobrevivia da pesca e morava nas zonas estuarinas⁷, mas foi para a cidade, conheceu minha mãe e lá formou a família. Ele é aquele tipo conservador, machista, mas não larga a família. Ele tem carinho comigo, tem preocupação. Meu pai era pai e mãe. Ele não quer os filhos longe não, quer perto, ao alcance dos olhos dele. Se fosse pelo meu pai, eu não saía da Bahia. Ele também sofria com minha mãe, seus apontamentos, seu julgamento. Meu pai permanece com minha mãe até hoje. Ele pensa assim: “Se eu me separar da sua mãe, quem vai ampará-la? Ela vai ficar com quem?”. Ele tem esse lado humano que a minha mãe não tem. Minha mãe era quem “causava” dentro de casa.

Eu tenho um irmão mais velho, Alex. Ele saiu de casa, foi viver a vida dele, casou. Enfim, não ficou

⁶ Aremlton Mendes Gonçalves.

⁷ Área de estuário ou braço de mar ou de rio que se estende pela terra adentro. “Estuário”, in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008–2024, <https://dicionario.priberam.org/estu%C3%A1rio>.

preso aos pré-julgamentos da minha mãe. Ele é uma pessoa maravilhosa! Sempre me respeitou porque, do contrário, eu reagiria e ele sabia disso. Nossa convivência é muito tranquila. Hoje também convivo bem com a mulher do meu irmão, com meus quatro sobrinhos, com meus tios, minhas tias. Nunca ninguém disse assim: “Ah, ela está errada”. Eles conhecem a onça que eu sou.

Uma pessoa importante foi minha vó Vitória, mãe da minha mãe. Ela sempre morou com a gente. Era meu acalento. Tinha um lado carinhoso comigo, e eu sinto falta disso até hoje. Eu cuidava dela. Ela também foi trabalhadora doméstica, faleceu há mais de 20 anos⁸. Ela tinha esse carinho com toda a família e queria todo mundo junto. Nunca contei para a minha avó quem eu realmente sou, que eu era apontada na rua, que as pessoas me olhavam diferente. Eu me reprimia.

Eu tinha muito contato com todos os meus familiares, mas, por eu ser tão julgada, nunca tive muita vontade de estar no seio familiar. Eu não fazia questão nenhuma daquelas patacoadas⁹, odiava aqueles encontros familiares! Eu ia, assim, uma, duas ou três vezes, mas não gostava. Eu via que era coisa forçada, mentirosa. Minha mãe e meu pai me ensinaram, desde criança, a não ficar

⁸ A avó materna faleceu quando a Ale tinha em torno de 12/13 anos.

⁹ Dito disparatado, impensado ou tolo. = asneira, disparate, patetice, tolice. “Patacoada”, in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008–2024, <https://dicionario.priberam.org/patacoada>.

na casa dos outros, aí eu não ia para a casa de ninguém da família, de nenhum familiar. Eu não queria ouvir: “Ah, mas por que você é assim?”. Para eu não “voar no pescoço¹⁰” de algum deles, eu não dava abertura. Hoje, não tenho vínculo com a família, nem *on-line*, e nem quero. Só tenho contato com o meu pai e falo com minha mãe pelo telefone do meu pai. Eu não tenho nem o número da minha mãe e não quero. Não é ódio, não é raiva, não é isso, mas eu não sei fingir. É uma mágoa.

Eu prefiro as pessoas que conheço agora. Elas são minha família, me acolhem, me respeitam. Conheci meu companheiro em uma festa popular de bairro na Bahia. Ele também é de lá e já frequentava a casa do meu pai de santo. É pedreiro. Estamos juntos faz dez anos, entre idas e vindas. Hoje eu tenho a percepção que entendemos os sentimentos um do outro. Ele é tranquilo, fala com todo mundo que tem mulher, que é casado e mora comigo. Eu me sinto bem com ele. Ele me faz bem porque é cuidadoso, não tem preconceito. Muito tranquilo quanto a isso, por incrível que pareça. É uma pessoa bem resolvida.

Ele veio para Ribeirão das Neves primeiro a trabalho. Depois de um mês, eu vim para ficar com meu parceiro. A família dele, primos, primas, irmãos, já morava na cidade há muitos anos. Eles são um amor comigo, me tratam bem, me abraçam, saem comigo, bebem comigo. Eles me

¹⁰ Agredir.

respeitam ou fingem que respeitam, não é? Morei na casa da mãe dele. Ela era uma pessoa de idade. Ela veio para Neves porque a maioria dos filhos estava na cidade e faleceu aqui.

Em Neves, eu me sinto muito bem, acho que criei raízes. Minhas amizades hoje são mais com homens. Por que eu falo isso? Ah, mulher gosta muito de fofoca, não é? É uma competição, uma querendo ser melhor que as outras. Mas não são todas, não. Joângela¹¹, da Bahia, me ajudou muito, me fortaleceu. Foi como uma irmã. É uma mulher negra que é “babadeira” também. Minha vizinha daqui é como uma irmã para mim. O nome dela é Ingrid¹², me acolheu, o marido dela também, entendeu? Ela me acolheu tanto, que antes tinha pavor de Candomblé, tinha medo, mas hoje ela fica encantada com as minhas histórias com o Candomblé.

Trajetórias: escola, religião e relações afetivas

Eu sempre estudei em colégio particular. Minha mãe não suportava meu pai dizer: “Ale vai estudar em colégio público”. Eu sempre gostei de estudar, era disciplinada e curiosa. Eu gostava de assentar

¹¹ Joângela Santana é uma grande amiga da Ale que mora na Bahia, onde se conheceram. Elas participaram juntas do Movimento Mais Você, LGBT.

¹² Ingrid Daiane é uma grande amiga e vizinha da Ale, de Ribeirão das Neves.

na frente na sala de aula e era considerada CDF¹³. Exercícios, atividades, para casa, tudo correto, tudo direitinho. Eu também queria ser uma pessoa diferente, sempre sagaz. E acho que isso me fez ser quem eu sou hoje. Era organizada, participativa: lápis colorido, caderninho forrado, tudo bonitinho. Minha mãe sempre me influenciou na leitura. Ela me ensinava e ajudava nos exercícios de casa, sempre estava ali no meu pé.

As pessoas eram conservadoras na minha escola. Sempre me impus nesse espaço escolar. Eu assentava com algumas meninas no fundo da sala. Escutava piadinhas, me jogavam papel. Eu chegava em casa chorando, mas nunca fui de briga e de confusão. O único dia que briguei foi quando uma menina colocou o dedo no meu rosto e quebrei o dedo dela, mas não levei advertência. Acho que foi por causa do meu bom comportamento e das minhas notas. Essa menina, com quem briguei, foi na porta da minha casa. Minha mãe me deu uma surra. Então, eu falei: “A senhora não me ensinou a não levar desaforo pra casa? A senhora que está errada e foi quem me ensinou a revidar quando alguém me fizesse algo!”. Eu me formei em magistério nessa escola particular.

Quebrei paradigmas quando namorei um colega de escola, o meu primeiro namorado. Ele estudava à noite e eu durante o dia. Depois, ele passou a

¹³ CDF é a sigla para o termo “cabeça de ferro”, usado para denominar um indivíduo que é muito inteligente, que é muito dedicado aos estudos.

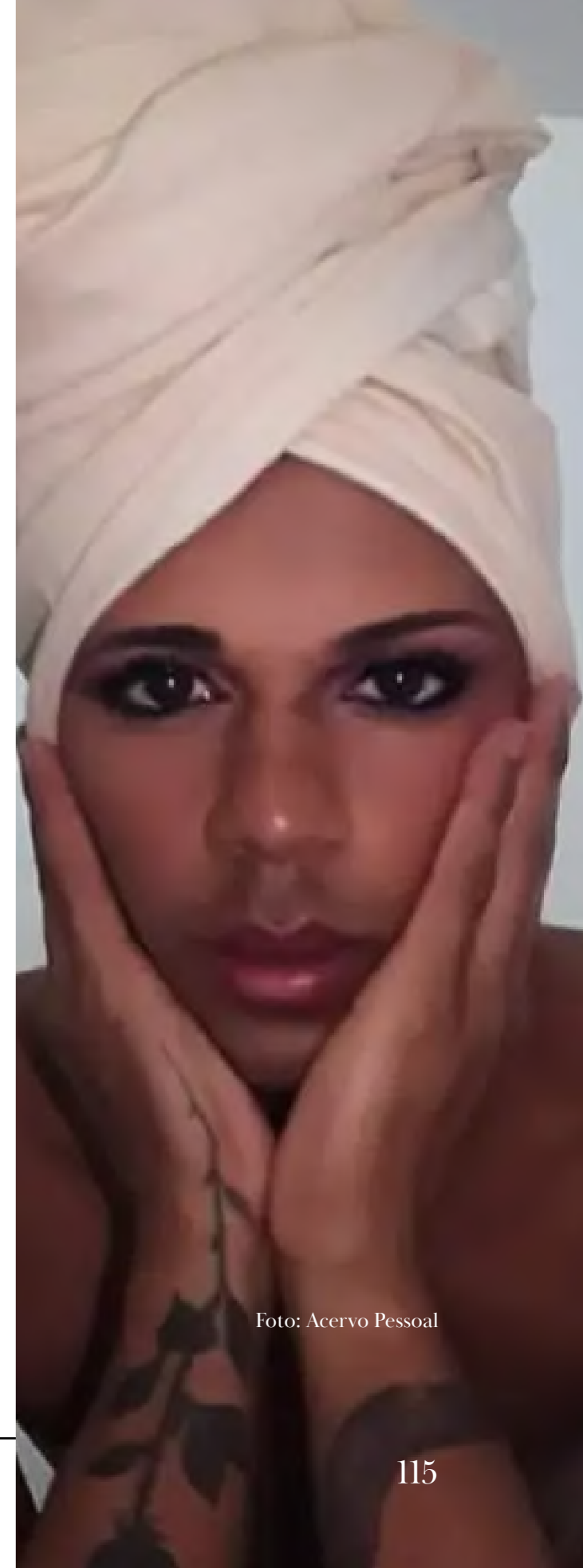


Foto: Acervo Pessoal

estudar no período do dia também. Criamos e fortalecemos vínculos. Tudo aconteceu quando houve uma gincana no colegial. Eu fui a líder e ele foi o vice-líder. Nessa época, teve o primeiro beijo e ficávamos juntos 24 horas. Aí explodiu a bomba: “Ale é gay. Ale está namorando”. Isso tudo chegou aos ouvidos da minha mãe. Eu mentia, lógico! Fui muito mais feliz dentro da escola quando o conheci. Eu fugi para São Paulo com esse primeiro amor, com 18 ou 19 anos, nessa faixa.

Eu me apaixonei, larguei trabalho e faculdade quando ele disse que iria embora. Eu não queria ficar longe dele. Meu primeiro contato com um homem, em uma relação de namoro, foi com ele. Tudo era encantado, tudo era bonito. Eu estava loucamente apaixonada. O príncipe encantado! Foi como “Alice no País das Maravilhas¹⁴”, não é? Eu deixei uma carta enorme para os meus pais com todas as minhas lamentações, os meus sofrimentos. Falei tudo. Eu me assumi como homossexual, como gay. Meu pai leu a carta e minha mãe ficou revoltada.

São Paulo é um mundo dentro do mundo. Eu me vi nesse lugar que eu não conhecia, não tinha familiares, ninguém. Meu namorado e eu fomos para a casa da irmã dele. Foi um choque de realidade. Enfrentei sim as complexidades que a

14 Obra infantil que conta a história de uma menina chamada Alice, que cai numa toca de coelho e é transportada para um lugar fantástico, povoado por criaturas peculiares. O enredo revela uma lógica do absurdo, característica dos sonhos.

gente ainda enfrenta até os dias de hoje em São Paulo. Enfrentei um pouco de preconceito e de rejeição. Também tivemos problemas de convivência dentro de casa, dele com a irmã que era lésbica e tinha sua parceira. Não deu certo. Ele me traiu, conheceu pessoas, começou a se envolver. Com o término, saí da casa deles, me expulsaram da casa: “Terminou, então tem que sair daqui”.

Fui morar com um amigo, com quem trabalhei em uma rede de lojas de calçados. Eu sofri muito. Imagina uma pessoa que nunca foi a São Paulo, sem familiares, naquele espaço! Em quem eu ia me apoiar? Eu me senti muito sozinha. Foi um momento muito apreensivo, de ansiedade. Meu pai adoeceu quando tinha mais ou menos seis meses que eu estava na cidade, aí resolvi voltar para Ituberá. Há males que vêm para bem! Foi ótimo eu ir para São Paulo pelas experiências, mas também para romper. Foi isso que eu fiz na carta que deixei ao fugir, quando declarei aos meus pais que eu era homossexual.

Voltando para minha cidade, meu pai me acolheu, minha mãe me acolheu, mas eu não me senti bem dentro de casa com meus pais. Minha mãe sempre fazia piadas. Os diálogos eram muito deprimentes. Ela jogava tudo na cara, falava palavrões, fazia julgamentos. Ela pegava minhas roupas, minhas coisas femininas e queimava. Eu estava morando na casa dela, então precisava sair de lá. Decidi sair da casa dos meus pais, mas para morar na mesma cidade. Fui para a casa do meu pai de santo, Márcio. Ele era como um pai mesmo:

ciumento, acolhedor e cuidadoso. Morei com ele por um bom tempo. A partir daí, fui construindo minha vida.

Quando conheci meu pai de santo, comecei a conviver com a comunidade do Candomblé¹⁵ e saí da Igreja Católica. Reconheço os ensinamentos que recebi do catolicismo, aprendi valores importantíssimos para a minha vida. Fiz crisma, primeira eucaristia, participei de grupos de jovens, fui coordenadora de grupos de teatro e de dança na igreja. Eu criava as apresentações artísticas da Paixão de Cristo e decorava a igreja. Sempre gostei dessa parte artística. Mas eu não me sentia mais à vontade na Igreja Católica, naquele ambiente onde me julgavam e me apontavam. Ali, eu estava forjando minha identidade.

O Candomblé me recebeu de portas abertas,

15 O Candomblé é uma religião afro-brasileira formada a partir de tradições religiosas de povos iorubás, negros escravizados e trazidos da África Ocidental. Reconhecido pelo Estado brasileiro e praticado por milhões de pessoas em todo o país, ele cultua os orixás (deuses supremos) por meio de rituais, cantos e danças. Os rituais do Candomblé são realizados em espaços sagrados chamados de casas, roças ou terreiros. Eles são conduzidos pelos líderes espirituais da comunidade, os pais ou mães de santo. Estes são também responsáveis pela manutenção da tradição e da continuidade da religião. A liderança do Candomblé pode ser matriarcal, patriarcal ou mista, dependendo da tradição e da linhagem de cada comunidade. Essas diferenças refletem sua diversidade cultural e sua multiplicidade de tradições. <https://www.candomble.com.br/post/candomble-cultura-e-historia>.

me abraçou. Lá eu encontrei pessoas que eu não conhecia, que são hoje minha família do Candomblé. Entrar numa casa de Candomblé não é viver apenas a questão da espiritualidade, das doutrinas e da liturgia, mas é também compartilhar com o outro as vivências, trocar, se conhecer, crescer. No Candomblé, cresci com os direcionamentos do meu pai de santo e com suas experiências como *gay* que viveu de prostituição. A experiência de vida dele fez muita diferença, porque ele conhecia minha realidade de vida e me acolheu. Reconheci quem eu sou e comecei a me descobrir. Eu me aceito dessa forma. Eu não escolhi, eu nasci assim. Quando a gente afirma que nasceu dessa forma é que estamos prontas para todos os embates que a vida nos traz. Sou eu quem sofre na pele quando saio de casa e sou apontada, eu que não pude não voltar para casa, apenas porque sou desse jeito que incomoda.

O público LGBT está no Candomblé, não só pessoas trans e travestis. Ele acolhe as pessoas da forma que elas são sem julgar. Mesmo tendo a hierarquia da diáspora¹⁶. Por exemplo, no

16 Diáspora é um fenômeno complexo que está relacionado com o deslocamento de grupos étnicos, religiosos ou culturais e possui um significado profundo na história e na identidade desses povos. Ela tem um papel fundamental, pois influencia profundamente a forma como as pessoas se relacionam com suas origens, suas culturas e suas tradições. A diáspora cultural se refere à disseminação e à preservação das tradições, das línguas, dos costumes e das identidades culturais de um determinado grupo que estão presentes em diferentes partes do mundo. Essa dispersão resulta em uma

Candomblé, quem veste saia é mulher. Na casa do pai Márcio é permitido usar saia. Ele fala que na casa dele é dessa forma, com respeito a você e ao sagrado, mas eu não uso saia na casa dele. É respeito. As questões de gênero, de orientação sexual e de identidade ainda não levaram a uma revisão no Candomblé. Alguns ficam presos na liturgia, nos ritos religiosos. Assim, mesmo no Candomblé, há pessoas que vivem acorrentadas às ignorâncias, aí vem o preconceito.

Temos que enfrentar essa barreira, principalmente com os fundamentalistas religiosos, eles são os piores. Eu respeito, mas não suporto os evangélicos que são alienados, doentes, maldosos. Eu tenho amigos evangélicos que são maravilhosos, que vêm à minha casa, me conhecem, mas a cada dia a questão conservadora é maior. Para mim, hoje, o Deus que eu tenho é o que eu sinto, que está nas minhas atitudes, quando saio para procurar uma cesta básica para matar a fome de alguém. Essa é a manifestação de Deus, da espiritualidade, seja em Alá ou em Buda.

Depois que saí da casa do meu pai de santo, já com meu atual companheiro, fui morar na minha própria casa, que conquistei com meus esforços.

riqueza cultural única, pois cada comunidade da diáspora traz consigo as próprias experiências, as perspectivas e as contribuições para a sociedade que a recebe. Assim, ela é importante tanto para a preservação das identidades culturais quanto para a construção da diversidade cultural global. <https://www.significadodascoisas.wiki/sociedade/diaspora-significado/>.

Eu fiz campanha para o meu primo que foi vereador lá na cidade. Ele ganhou e me prometeu dar todo o material da casa. Meu pai construiu a minha casa no mesmo lote da dele. Ele tem uma casa que já alugava na época, mas eu não queria morar lá. Ele ganhava aquele dinheiro do aluguel, e eu não ia tirar essa renda dele, queria ter meu canto. Hoje meu pai toma conta da minha casa. É um patrimônio, entendeu? Minha mãe tem a casa dela, onde mora com meu pai. Meu pai tem a casa dele que é alugada, e eu tenho a minha. Se eu quiser voltar, eu tenho lugar para ficar. Não estou jogada às traças ainda não, entendeu? Mas foi com luta mesmo, tudo com sacrifício. Tudo com humilhação, ouvindo, ficando calada, chorando. Mas estou aqui!

Ainda na Bahia, eu comecei a estudar, a fazer faculdade na cidade vizinha, em Valença¹⁷. Como eu fiz o magistério, escolhi pedagogia, porque é educação e gosto desta área. Foi maravilhoso! Eu ia à aula duas vezes por semana, às quartas e quintas, com um ônibus disponibilizado pelo município. A faculdade era particular. Minha tia começou a pagar a faculdade e depois minha mãe. A faculdade me abriu um leque de conhecimento

¹⁷ Município localizado no litoral da Bahia. Encontra-se na região conhecida como Costa do Dendê, à qual também pertencem Ituberá, Morro de São Paulo e Boipeba. A distância da capital é de 118 km via BR 101. Da sua atividade econômica, destaca-se a produção de camarão em cativeiro, sendo o principal produtor da Bahia, e a cultura e o beneficiamento de cravo-da-índia, de pimenta-do-reino e de azeite de dendê.

na área da educação. Isso também me impulsionou dentro dos movimentos sociais.

Não concluí o curso de pedagogia, faltam três semestres ainda. Teve um período que eu tranquei o curso, passaram alguns meses e aí eu vim para Neves. Quero terminar o curso, mas não sei quando vou conseguir. Estou desempregada e preciso financiar meus cursos. Tem cursos federais, mas não é fácil para a gente acessar esses mecanismos. Eu dizia para os meus professores e professoras que eu iria fazer meu TCC¹⁸ sobre a questão homoafetiva, sobre a educação com diversidade e o preconceito nas escolas. Minha professora ficou animada, dizia que não existem dados. É importante estudos como esse, que falam o que é gênero, o que é orientação sexual, o porquê de as pessoas serem assim, a questão da psicologia que envolve as experiências de vida das pessoas LGBT. A escola tem muita gente da comunidade LGBT.

A vida profissional, a transfobia e a militância LGBTQIAPN+

Não estou atuando ainda na área em que pretendo me formar, pedagogia. Mas procuro sempre aprender e evoluir, porque o mundo exige isso. Se não acompanharmos essa evolução, ficamos para trás. Conhecimento nunca é demais, sempre

¹⁸ Trabalho de Conclusão de Curso.

estou buscando meios para aprender.

Trabalho não falta, está faltando trabalho remunerado. Estou desempregada, então, a maior parte dos gastos é custeado pelos rendimentos do meu parceiro, e isso me incomoda. Tento fazer o que dá, desenrolar. Um trabalho aqui, algo ali. Eu sou um *mix*. Fome eu não passo. Um pouco de cada coisa eu sei fazer. Eu me desafio dessa forma. Eu odeio depender do outro. Não vou passar fome e nem vou para a rua. Deus é bom e não vai permitir! Não é orgulho! É ter dignidade, isso edifica a sua vida. Se tenho um trabalho que me edifica, o resto vai vir.

Trabalhei com tanta coisa! Quase sempre na linha de cuidar das pessoas, é o que eu gosto de ser. Em Ituberá, antes de fugir para São Paulo, trabalhei em várias casas e fiz estágios. Trabalhei numa favela do meu bairro e na Educação para Jovens e Adultos (EJA) em uma zona rural. Adoro lugares distantes, onde há menos olhares. Eu nunca gostei de centro. E, em São Paulo, trabalhei em uma loja de calçados, como já disse.

Quando voltei para a Bahia, comecei a reconstruir a minha vida. Aí voltei a trabalhar. Meus empregos de maior permanência foram lá, como agente social no Centro de Referência Especializado de Assistência Social (Creas), com pessoas em situação de vulnerabilidade; como oficina de dança e de balé no projeto de serviço de convivência do Creas; coordenadora de igualdade racial e gênero na cidade.

Lá também trabalhei em escola particular, onde fui auxiliar de educação infantil; em uma loja, como vendedora; e em várias academias, dando aula de zumba e de aeróbica. Também fui decoradora. Decorei casamento, aniversário infantil, de 15 anos. Amo decoração, fazer arranjos, criação, produção cultural, mas aqui em Neves eu parei.

Logo que cheguei a Minas, fui contratada no Abrigo Maria Maria¹⁹, em Belo Horizonte. Os três meses que trabalhei lá foram muito ricos, ainda sinto falta. Eu tinha contato com mulheres de rua, mulheres cis, mulheres trans, mulheres viciadas em drogas, mulheres que se prostituíam, mulheres que tinham sido agredidas. Elas me contavam sobre suas vidas e eu também falava sobre as minhas experiências. As mulheres não desgrudavam de mim. Todas me respeitavam muito. Aquelas mulheres não tinham para onde ir e faziam daquele espaço a casa delas. Algumas saíam do abrigo e não voltavam, outras levavam dias e dias para voltar. Isso era desesperador para

¹⁹ O Abrigo Maria é um espaço de moradia provisória para população feminina adulta com trajetória de vida nas ruas ou em situação de vulnerabilidade e de risco pessoal e social. Atendimento 24 horas, tendo como referência uma metodologia inclusiva com participação das moradoras na discussão e na construção de critérios e de normas de convivência e da gestão coletiva da moradia. O acolhimento institucional dessas pessoas compõe a rede de serviços de acolhimento institucional que integra a Proteção Social de Alta Complexidade do Sistema Único de Assistência Social (Suas) de Belo Horizonte. A Cáritas Regional de Minas Gerais atua em parceria com a gestão municipal na execução dos serviços.

a coordenação do abrigo. É complexo demais, demais, demais!

Meus trabalhos aqui em Ribeirão das Neves foram fragmentados, de dois ou três meses, sempre de contrato temporário. Trabalhei na academia do meu bairro. O município, infelizmente, é conservador e preconceituoso com os nossos corpos. É muito difícil para uma trans ou um *gay* conseguir trabalho. Algumas pessoas conseguem emprego porque estão fechadas dentro do guarda-roupa. Eu não consigo fazer isso mais, não vou viver no guarda-roupa. Acredito que a mudança da minha identidade e da minha aparência fez diferença na possibilidade de conseguir empregos formais. Ficou muito mais difícil a partir do momento em que mudei, por eu ter trança, usar saia... isso incomoda o setor trabalhista. Uma coisa é todo mundo desconfiar que você é... outra coisa é você assumir que é. E, quando você assume, não consegue trabalhos. O preconceito é ainda muito grande.

É engraçado que, quando eu vou pela primeira vez à casa de alguém que não me conhece aqui em Ribeirão das Neves, muita gente fala assim: “Nossa, eu pensei que ela fosse muito diferente, que pessoas como ela fossem espalhafatosas, promíscuas... isso e aquilo”. As pessoas falam “ela”, não a palavra “travesti”. E quando me conhecem, veem o outro lado. Eu sempre digo que as pessoas são diferentes e que cada uma tem sua vivência. Elas não podem ser julgadas por causa do jeito que são. O mundo faz com que as travestis e os

gays reajam de forma agressiva quando são ofendidos. Quando eles tiram uma faca por terem sido chamados de “bichinha”, ou por outras palavras como esses estereótipos, estão se defendendo.

A evasão escolar das trans, da comunidade LGBT, é gigante aqui. Essas pessoas não se sentem bem nesses espaços. Muitas pessoas trabalham como autônomas. A Constituição diz uma coisa, mas a realidade é outra. Não temos acesso nem garantia dos nossos direitos. Se eu não tenho oportunidade para trabalhar em um trabalho formal, como é que eu posso ter aposentadoria na minha vida futuramente?

Esse é um assunto muito delicado, que fere muito, que nos empurra para a margem. Os corpos das trans e das travestis se encontram nas avenidas, nas encruzilhadas, na prostituição. Pensam que nascemos apenas para isso. Esse pensamento é muito cruel com os nossos corpos. É por isso que poucas têm um trabalho formal aqui. Eu nunca me prostituí, mas se eu precisasse, iria. Tive oportunidades que muitas das minhas companheiras não tiveram. Tive oportunidade de sair de casa e ir para a casa de uma pessoa que me acolheu (meu pai de santo) e com quem aprendi. Também tive a oportunidade de sair da casa dele e ir para a minha própria casa e, de lá, vir para Ribeirão das Neves. Nessas idas e voltas, não precisei fazer o caminho da prostituição.

Não julgo quem trabalha com sexo. Tem que

trabalhar porque tem que sobreviver, o dinheiro não vai cair do céu. Nos empurram para esse mundo e não criam mecanismos para lidar com as consequências. Não existem políticas públicas para gerar empregabilidade. Precisam criar ferramentas, cursos profissionalizantes de verdade. Tem projetos de economia solidária, mas os nossos não estão lá, não. Tem os cursos que a assistência social oferece... cursos vagos, maquiados, parafraseados. Não nos colocam na tecnologia, na saúde. Não há bolsas de estudos direcionadas para pessoas trans que querem ser enfermeiras, médicas, advogadas. Nada. Tem curso de manicure, pedicure. Coisas desse tipo não têm muito efeito, ainda mais na realidade do município. Sempre nos empurram para isso, para o que é menor, para as migalhas. Não queremos migalhas e não queremos somente serviços para as trans bonitinhas. Estamos falando de igualdade de direito para todo mundo. “Eu quero aquelas políticas que vocês não criaram”, falei para um vereador. É por isso que a gente luta por inclusão. Quando estou lá na plenária da Câmara dos Vereadores, acabo com aqueles vereadores. Eu destruo! Eu nunca vou deixar de ser quem eu sou para agradar pessoa A ou B, ou para conseguir um trabalho.

Nós do movimento estamos incomodando: “Olha esses corpos, essas vidas existem! Não vim aqui ser anti-igreja, não vim aqui ser antifamília. Estamos aqui por direitos e vocês são cegos e fingem que não sabem, que não conhecem”. É assim mesmo que eu falo. Eu não sou amorosa com esse povo, eles não são com a gente.

Ribeirão das Neves é um lugar muito conservador, racista demais, misógino, tudo de ruim! Mas vou tentando romper essas barreiras. Minha cidade também é preconceituosa, como outras cidades do interior, pequenas, onde todo mundo conhece todo mundo. Lá eu me impus. A bagagem que eu trouxe da participação em atividades comunitárias na Igreja Católica me ajudou a lidar com o diferente, lidar com comunidade. Com essa minha amiga Joângela, criei um movimento LGBT lá da cidade, Movimento Mais Você, e fui aumentando esse espaço e as pessoas me vendo na liderança. Na Bahia, fui de Conselho de Juventude, movimento LGBT, grupos de mulheres, de quilombos, grupos de terreiro, Movimento Negro Unificado etc. Fui me envolvendo nos movimentos sociais e buscando o respeito das pessoas, pois a gente só quebra o paradigma do respeito mostrando o que você tem de melhor para o outro. Essas experiências eu trouxe para cá.

Logo que cheguei em Neves e saí nas ruas, eu disse assim: “Nossa, essas pessoas nunca viram uma travesti, um gay?”. Não estavam me apontando, nem me criticando, mas eles olhavam diferente porque não conviviam com pessoas como eu. Fui conhecendo e conversando com as pessoas, me envolvendo no conselho, me envolvendo nos coletivos e as portas foram se abrindo. Eu não vim para cá para ficar parada, estagnada. Conheci a

Estefane²⁰, a Marcela, o Thiago²¹ e outras pessoas. Criamos um movimento social e temos projetos aqui no bairro.

Começamos como um movimento LGBT. Agora é a Associação da Diversidade de Ribeirão das Neves²². Por que a Associação da Diversidade? Porque a gente pega nosso povo do Candomblé, da Umbanda, do movimento LGBT, de favela e da periferia. Trabalhamos com essa vulnerabilidade. A gente não quer só a comunidade LGBT, o mundo é diverso. Nossa associação está movimentando a cidade, está abrindo os olhos dos políticos. Não acreditavam. Disseram que já tinham tentado criar outros coletivos aqui, mas nenhum ia para frente. Jogaram um balde de água fria na gente. Vai fazer três anos e a gente tem um portfólio de ações no município.

Dou aulas para as minhas alunas sobre cuidar da saúde, do corpo e da mente. A boa saúde para mim é a premissa²³ para ter equilíbrio. Principalmente,

20 Stefane é uma líder do movimento trans de Ribeirão das Neves, também biografada neste livro.

21 Marcela Menezes e Thiago Toth são jovens lideranças locais envolvidas com projetos sociais e debates políticos em Ribeirão das Neves.

22 Surgiu em maio de 2021 com o objetivo de fomentar as políticas públicas de representatividade, ocupar espaços que muitas vezes são negados às minorias e à luta pelos direitos de todos.

23 Ideia que serve de base para a criação de um pensamento, opinião, ponto de vista, raciocínio; axioma, pressuposto. <https://>

a saúde mental. Se a saúde mental não está bem, nada vai bem na vida. Então pensei em cuidar das mulheres num local onde não tem nada, não acontece nada: das mães solo, das mães desempregadas, das mães que têm benefício do governo e que não têm como comprar uma roupa para as crianças ou um material didático.

Estava dando aula de teatro e de balé para crianças também, mas não teve contrapartida da gestão pública. Trabalho voluntário não tem contrapartida. Eu usava o espaço do Cras (Centro de Referência de Assistência Social), logo aqui perto, para reuniões e eventos. Não usavam o espaço para nada. Mas aí eu parei, porque precisa ter investimento. Eu não vou ser escada para ninguém.

Eu conheço as mães das crianças, conheço os pais, as famílias: “Ale, eu preciso de uma cesta básica.”, “Ale, eu preciso de um médico.”, “Ale, eu preciso de um exame”. Não tenho dinheiro não, mas eu adentro nos espaços, não faço diferença apenas com minha fala. Vou ao secretário²⁴ cobrar por esse povo esquecido, invisibilizado. Então, o pouco que tenho, o que aprendi no interior da Bahia, as minhas experiências de família, eu trouxe para cá.

O que tenho vivido aqui está sendo fantástico, tantas coisas, tantas pessoas que eu conheci.

www.dicio.com.br/premissa/.

24 Uma pessoa de quem cobro muito é Rodrigo Augusto Rocha Vieira, secretário de Saúde de Ribeirão das Neves.

Participar de um programa da Globo, “Rolê nas Gerais²⁵”, falar da minha vida como LGBT parecia mentira. Foi gravado aqui no bairro. Fiz muitas amizades aqui, as pessoas têm um carinho muito grande comigo. Chega a me incomodar, às vezes, fico com vergonha, constrangida. Querem que eu esteja em tudo; “Vem na minha casa, vem no meu aniversário...”, muita coisa! Hoje, eu estou na coordenação da Associação da Diversidade, na Revin²⁶, nos Conselhos da Mulher e de Juventudes da cidade, no Fórum Permanente da Diversidade de Ribeirão das Neves²⁷, no Comitê de Equidade²⁸, no Ocupa Curumin²⁹, no Movimento Farol³⁰.

25 Edição de 8/7/2023. Globoplay <https://globoplay.globo.com/v/11754965/?s=0s>

26 Rede de enfrentamento da violência contra a mulher de Ribeirão das Neves.

27 Faz parte do conjunto de atividades a serem desenvolvidas na direção da construção de políticas de inclusão e de ações afirmativas na universidade, destacando-se os marcadores sociais de gênero, classe social, raça/etnias, sexualidade e pessoas com deficiência.

28 Comitê Municipal Técnico de Políticas de Promoção da Equidade em Saúde de Ribeirão das Neves, instituído em 13 de abril de 2022, com o objetivo de criar estratégias voltadas ao fortalecimento do acesso à saúde sem preconceitos e discriminações.

29 Ocupa Curumim é projeto social e cultural que faz parte do dia a dia da comunidade Urca, em Ribeirão das Neves. <https://www.instagram.com/ocupacurumimoficial/>

30 Coletivo negro Movimento Farol Neves. <https://www.instagram.com/movimentofarolneves/>

Eu me encontrei quando vim para Ribeirão das Neves, foi como se eu tivesse nascido aqui. Nada na vida é por acaso. Vai fazer três anos que eu moro aqui. Eu me sinto muito acolhida e mais livre. É por isso que eu não quero voltar para a Bahia, agora não. Morro de saudades, mas não. A comunidade me respeita em qualquer lugar que eu vou: homens, mulheres, crianças. Admiro isso aqui. Quando saio na rua, principalmente no meu bairro, não escuto piadinha, como “viadinho”, “bicha”. Mas se eu escutar, volto e educo.

Reconhecimento como pessoa trans, processo de transexualização e saúde

A minha identidade de gênero estava sendo formada desde a infância. O querer brincar apenas com meninas, com brinquedos de meninas e estar apenas com meninas. Desde criança, com mais ou menos uns 12 ou 13 anos, se eu via um menino beijando uma menina, eu estranhava. Minhas paixõezinhas eram por meninos, mas eu não entendia por que as pessoas me apontavam na rua. Entender faz parte do processo de descoberta de quem você é.

Na adolescência, foi dentro da Igreja Católica, no contato com pessoas que pareciam comigo que comecei a entender. A partir do dia que eu contei para outras pessoas quem eu era, elas também tiveram abertura para falar. Tanto na

escola quanto na igreja, havia pessoas como eu e é onde foi se criando a minha personalidade, a minha identidade. Eu não tinha a consciência de que existia orientação sexual ou identidade de gênero, se eu nasci travesti, se eu ia ser *gay*, se eu ia ser bissexual. Esse momento foi de transição. Eu tinha um comportamento dentro de casa e fora era outro.

Na faixa de 16 anos, na igreja, percebi olhares diferentes do irmão de um padre. Ele assediava as pessoas, as meninas da igreja, e me assediou. Um dia, na casa paroquial, ele fechou a porta e me prendeu. Me agarrou, pegou, machucou. Não houve penetração, mas teve um trauma. Já curei isso, mas aquilo acendeu uma Ale dentro de mim que não tinha.

Eu nunca tive relação sexual com mulheres. Perdi minha virgindade aos 18 anos com um homem de 32 anos, no meu aniversário. Quando fui para São Paulo com meu namorado, eu usava o pronome “ele”. Mesmo com os trejeitos, eu era “ele”, *gay* afeminado. O primeiro namorado namorou uma mulher sem saber. Eu já sabia, mas ainda vestia roupa masculina porque eu achava que me vestindo de feminino, eu ia afrontar, incomodar e ofender as pessoas, era ofensa ser quem eu sou.

Houve de tudo nesse meu processo de conhecimento. Quando eu entrei nos movimentos sociais que falavam dessas pautas LGBT, procurei me informar, ler mais, conhecer o que era travesti, co-

nhecer quem é trans, bissexual, todo esse conjunto de informações sobre orientação e identidade sexual. Fui conhecendo mais e, a partir daí, me enfrontei nesse espaço que é as nossas vidas, os nossos corpos. Eu me olhava no espelho, era um corpo masculino, mas eu me sentia como uma mulher. A transição é a partir dessa descoberta, da tomada de conhecimento, entendeu? E, até hoje, é uma descoberta porque a nossa orientação sexual e identidade é ilimitada. Não se limita em ser homem, mulher e não se limita a uma genitália.

Ao voltar de São Paulo para a Bahia, eu já tinha começado a me libertar. Aí botava uma blusinha assim feminina, uma roupinha, uns trejeitos diferentes, gostava de me maquiarm escondido. Eu estava me descobrindo também e com medo da reação. Eu nunca fui exagerada, espalhafatosa. Não era dessa forma para não ser zombada, criticada, apontada, agredida.

Eu também tive medo da reação das pessoas se eu pedisse para me chamarem de “ela” ou se eu falasse que era travesti. Eu mesma tive dificuldade com a minha identidade, tive muitas dúvidas. Quando eu comecei a trabalhar na Bahia, sempre me policiava com o pronome “ele” porque eu ainda estava me descobrindo. Tive receio de expor para os meus alunos a minha identidade. Eu trabalhava com adolescentes, alguns eram do tráfico de drogas, outros tinham o pai que também era do tráfico de drogas. Eu tinha que saber lidar com isso.

Mas eu nunca tive problema nas comunidades onde trabalhei. Sempre gostei de trabalhar em comunidades vulneráveis. Eu me preocupava com o olhar do outro, como as pessoas iriam me aceitar. As minhas alunas já percebiam meu jeito feminino e me chamavam de “ela”, mas as outras pessoas não. Aí eu tinha que ir pisando assim, de mansinho. Eu sempre tive cautela porque eu pensava que era ofensa dizer quem eu era. A gente passa por isso nesse processo. Não sou mais assim não, não pertencço a isso mais. O uso do “ela” foi a partir desse empoderamento.

Transição é de transitar de um local para outro. Inclusive, eu transitei daquele meu lugar de angústias, de desespero, de não saber o que eu era, o que eu gostava, o porquê eu era diferente das pessoas. Muitas pessoas quando falam em transição, pensam só em travestis ou trans que têm peito, tomam hormônio, fazem redesignação sexual, mas não é só isso, não é? Elas têm essa ignorância, são pessoas analfabetas. Eu falo sempre para estudar, porque não tem nada a ver. Tem pressão da própria comunidade LGBT, que criou um padrão e acha que todos têm que estar dentro dele, dessa caixinha, e se não for assim é bichinha. Essa é uma das dificuldades dessa comunidade LGBT em Ribeirão das Neves: se respeitar.

Eu nunca quis tomar hormônio, nunca quis passar nada. Eu já me aceito, eu gosto do meu corpo. Quero colocar prótese, mas não é algo primordial. Se acontecer, tudo bem, se não, me aceito dessa forma. É muito além de botar um peito. E nós, da

comunidade LGBT, principalmente as trans e as travestis, criamos esse padrão para nós mesmas. A vaidade já empurra a gente para esse mundo, mas isso não tem nada de primordial. Eu me sinto nessa plenitude, eu me sinto maravilhosa desse jeito e as pessoas nos meus ambientes sempre falam: “Ale, não faz nada, você é ótima, você é linda, não faz nada, não”.

Há dias em que não estou boa não, mas eu tento equilibrar porque se eu ficar doente, os meus, que estão perto, também vão ficar. Eu sou muito saudável, dificilmente fico gripada ou doente. Nunca me acidentei, nunca passei por cirurgia. Faço meus exames de IST³¹ e de rotina, minhas vacinações, tudo *ok*. Tem vez que bate um desespero, uma agonia, mas nada melhor do que um dia após o outro. Nós, humanos, somos carentes, todos nós. Eu nunca usei o posto aqui em Ribeirão das Neves, nunca fui para nada, mas quando eu for, será para falar das violações que estão acontecendo, que minhas alunas me contam.

Os espaços de saúde não estão preparados para atender a população trans. As pessoas da comunidade LGBT não vão para os médicos, para os postos de saúde, por causa do constrangimento. Eu me chamo Ale Gonçalves e meu nome de nascimento é Alessandro. Ainda não retifiquei meu nome. É um constrangimento para a pessoa ser chamada pelo nome masculino na frente de várias pessoas e eles fazem isso. Participo do Comitê de

³¹ Infecções Sexualmente Transmissíveis.

Equidade, que é dentro da Secretaria Municipal de Saúde daqui de Ribeirão das Neves. Neste comitê, discutimos o plano operacional municipal que já foi enviado para a Secretaria Estadual de Saúde. Eu trouxe para as discussões a realidade da comunidade LGBT. Na Associação, criamos uma capacitação para as equipes de saúde, como abordar a comunidade LGBT. No prontuário, não tinha nome social, agora tem. É pouco ainda. A gente tem que reeducar, não vamos trazer “kit gay”, não se ensina ninguém a ser *gay*, nós somos desse jeito.

Já sofri homofobia e sofro transfobia³² a todo momento. A discriminação que sofria como um homem *gay* afeminado é diferente da que sofro como mulher. Incomodo mais assim, até as próprias mulheres. Acham que nós queremos tomar o lugar delas, ser mais mulher do que as próprias mulheres com genitália. Ignorância! Nunca fui agredida, nem ameaçada de morte. Espero que isso nunca aconteça. Meu Deus! Minhas manas já passaram por isso. Eu sempre procuro observar o ambiente ao meu redor e as pessoas que estão perto de mim.

No transporte público, dão em cima, falam, pedem número... direto. Fetiche de homens. Acontece muito assédio, mas eu tiro de letra. É uma falta de respeito você ferir o outro, assediar o outro,

³² Configura qualquer ação ou comportamento que se baseia no medo, na intolerância, na rejeição, no ódio ou na discriminação contra pessoas trans por conta de sua identidade de gênero.

não precisa. Muitos homens casados, que já deram em cima de mim, são daquele tipo assim... ficam com você, mas não querem que ninguém saiba, entendeu? O preconceito é tão grande que querem nos usar como boneca, como um chaveirinho. Eu nunca me prestei a isso, nunca quis! Ou me aceita, ou some! Ou assume, ou some! “Eu não sou assim”, dizia e repetia, “Eu não vou voltar para o guarda-roupa!”.

Expectativas

Os efeitos que essa minha transformação, essa transexualidade, esse travestilizar no mundo cruel que vivemos de apontamento, de preconceito, de discriminação, onde nos sentimos muito sozinhas por tantas vezes... é essa força que a gente tem dentro de nós mesmas, de nos aceitarmos. Eu já sou totalmente realizada da maneira que sou. Eu vou para onde eu quiser, fico com quem quiser, faço da minha vida o que eu quiser. Travestilizar foi um processo de libertação, que trouxe coisas boas e não feriu o outro. Ser o que eu sou não vai ferir você, não te fere.

O mundo me quis e quer minha existência hoje de novo. A minha existência já é o significado de tudo isso. Tudo que eu passei até os dias de hoje tem significado. Isso me impulsiona, eu estou no caminho correto, é esse o caminho mesmo. Eu não espero mais ser reconhecida pelo outro, mas eu sou respeitada.

A maior prioridade para mim é estudar, ter um

curso superior, ser alguém, ter uma estrutura de vida equilibrada. Daqui a dez anos, eu quero estar com filhos, com uma família maior, com a minha casa própria aqui, além da que eu tenho na Bahia, com a minha vida estruturada, não rica. Criar um filho, ter um filho, adotar... eu amo crianças, eu amo cuidar. Eu sou assim, muito amorosa, e gosto de criança. Eu tenho vontade, entendeu? Mas quando minha vida estiver ainda mais equilibrada, com tudo certinho.

Eu não quero ficar rica, nunca pensei em ficar rica. Eu gosto do pouco, eu gosto do menos. É por isso que vou para as favelas, para as periferias, porque gosto daquele povo, me sinto bem com aquele povo. Não gosto das vaidades deste mundo, da mídia cruel. Não gosto. Eu gosto dos lugares onde estão os vulneráveis, porque me reconheço e me reencontro ali. Eu adoro minhas velhinhas, meus idosos. Eles me respeitam, me chamam de “moça”. Um senhor de 80 anos que é avô da minha amiga aqui, a Ingrid, ele me chama de “moça”. Quando eu não vou à casa deles, ele pergunta: “cadê a moça?” Olha, uma pessoa de 80 anos que aprendeu que homem é homem e mulher é mulher, que homem é azul e mulher é rosa, me chama de “moça”, ele me respeita assim e ninguém precisou dizer: “A Ale é travesti”, não, ele já me viu sem me olhar. É “ela”, gente. Eu não firo ninguém, a minha humanidade não fere o outro.



Foto: Acervo pessoal



Natália Cysne

Natália Cysne

Maria José Nogueira

Luísa De-Lazzari Bicalho Peixoto Resende

Quem é a Natália? Quem deixa o mindinho subir?

A Natália é a pessoa que eu sempre fui, mas que eu negava que existia, negava com todas as minhas forças, porque eu tinha muito medo de ser a Natália, apesar dela estar na minha vida desde a minha infância. E a Natália só existe hoje porque foi preciso entender a primeira coisa: que ser LGBT não é nenhum problema, não faz mal para ninguém. Aí, a Natália começou a aparecer e fui entendendo quem eu sou. Graças a Deus que ela veio! A Natália representa a pessoa que eu sou com a maior autenticidade possível. Eu gosto de música, gosto muito de rock, hoje em dia tenho escutado mais pop. Eu gostava antes, mas tinha vergonha de escutar. Hoje não tenho uma banda, estou aqui em São Paulo, mas quero explorar também esse lado. Estou até pensando em gravar uns vídeos tocando bateria, que é o meu

principal *hobby*. Gosto muito de andar reparando nas pessoas, escutando música, refletindo sobre a vida, refletindo sobre as coisas. Acho isso bem gostoso, me relaxa bastante.

Quando nasci, meu nome de batismo era Thiago e a minha questão sempre foi muito mais complexa de me entender porque assim, com cerca de 8 anos de idade foi um marco na minha vida. Até então eu tinha mais contato com meninas, gostava de coisas ditas mais femininas como os desenhos *Sakura Card Captors*¹, Chiquititas, Xuxa, Angélica, várias coisas desse tipo. Meus pais sempre me apoiaram, pois sempre gostei muito de arte

¹ *Sakura Card Captors* é uma série de mangá japonês cujo anime foi transmitido em canais de televisão aberta no início dos anos 2000.

Foto: Acervo pessoal



também, então eles me viam como uma criança artista e não me podaram em nada. A partir dos 8 anos, começaram os primeiros *bullyings*², a encheção de saco, que aquilo que eu gostava era coisa de menina. Eu comecei a me adequar para me encaixar na sociedade. Para ser percebida como menino, arrumei todas as formas, e, como eu não era aquela criança veada, super afeminada, consegui passar despercebida por muitos anos. Na puberdade, era a maior confusão, nada funcionava, eu tinha muitas paixonites por meninas. Meninos, tinha um ou outro que me chamava atenção, mas eu não deixava transparecer. Então, estava ali minha bissexualidade, mas eu não deixava acontecer. Nessa fase, tive desejo sexual de me sentir feminina. Eu cheguei a usar roupas da minha irmã, da minha mãe, mais ou menos até os 13 anos de idade. Só que a partir dos 13 anos de idade, falei: “Eu nunca mais vou fazer isso”. A Natália nunca mais vai aparecer (apesar de não ter o nome de Natália na época).

Eu sou a primogênita da família. Eu tive um irmão e tenho uma irmã. O meu irmão, Felipe, faleceu quando eu tinha 13 anos e minha irmã tinha 6 anos. Felipe teve um câncer que começou quando ele tinha 6 anos e foi até os 9. Eu brincava mais com ele porque minha irmã é mais nova. Meus pais

² Todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

me tiveram muito novos, os dois tinham 23 anos de idade, estavam aprendendo a ser pais. Com relação a carinho, isso não faltou lá em casa. Não faltou mesmo. Em relação aos meus avós também, eu estava sempre próxima deles, tanto paternos quanto maternos. Eu era muito paparicada, isso foi bem gostoso. Então acho que isso é um ponto legal da minha história.

Felipe fez tratamento contra o câncer durante três anos, depois ele faleceu. Foi muito pesado, entrei em depressão aos 13 anos, por isso mencionei essa idade. Foi uma das coisas mais difíceis da minha vida. Naquela época, com a depressão, eu achava que a minha dificuldade em me enturmar com as outras pessoas era por conta da minha personalidade: era ser O THIAGO. Resolvi mudar e a partir daí, na adolescência, comecei a me espelhar nos meninos populares do colégio, nos “playboyzinhos”³. Eu fiz isso de forma obstinada. Eu prestava atenção em cada movimento que eu fazia: parei de escrever com letra cursiva para fazer com letra de forma, que é uma letra mais feia; quando tomava chazinho, meu dedo mindinho sempre levantava. Quando me zoavam por isso, começava a baixar o dedo mindinho. Mas, agora que a Natália voltou, não me sinto pressionada a esconder coisas desse tipo, automaticamente, meu dedo mindinho voltou a subir. E então foi assim desde os 13 anos, me preocupando muito em aprender a ser homem e também com uma

³ Playboizinhos foi utilizado para se referir aos meninos modelo do colégio e ao estereótipo de homem.

grande confusão na cabeça porque eu tinha paixonite pelas meninas. Acho que era uma certa carência de ter alguém ao meu lado, mas também uma vontade de me sentir feminina.

Tive a minha primeira namorada com 18 anos de idade. Foi um relacionamento muito legal, foi o primeiro grande amor da minha vida, a gente se dava super bem. Ficamos juntas por dois anos. O que pegava era a questão sexual, considerando os meus desejos, nunca gostei de me ver como quem penetrava. Como funcionava? Quando eu me punha pressão, ou melhor, só funcionava quando eu tinha uma pessoa em quem eu confiava muito, no caso ela, porque eu acabava me sentindo feminina de alguma forma. Ela não sabia de todos os meus desejos. Era assim que acabava funcionando e eu parecia a pessoa mais feliz do mundo para os meus pais e para as pessoas. Minha mãe comentou comigo, depois que eu saí do armário⁴, que ela achava que tinha algo de errado comigo, mas ela não sabia dizer o que era.

Família e infância: não era nem sonho, era querer imaginar

Minha família é bem tradicional e todos são de Minas Gerais, com exceção do meu avô paterno que era cearense, mas estudou em Minas Gerais.

⁴ A expressão sair do armário foi utilizada no sentido de se aceitar e dizer abertamente que é trans.

Acho que minha criação foi bem legal, pois tive representação de dois mundos diferentes. A família da minha mãe tem origem mais pobre. Meu avô era caminhoneiro, minha avó ficava em casa. Ela teve dez filhos, seis faleceram porque eles não tiveram condições de cuidar.

Já a família do meu pai era descendente de um grande cafeeiro brasileiro. Meu bisavô, que era o dono da riqueza, faleceu precocemente e ninguém estava preparado para assumir o lugar dele, então a riqueza foi se perdendo ao longo do tempo. Cada um foi tendo o seu próprio negócio, mas não tiveram o sucesso do meu bisavô. Na questão da religiosidade, minha mãe é espírita. Espírita de carteirinha. Então, na minha infância, ela me colocou na aula de evangelização. O meu pai é uma pessoa mais espiritualista, agnóstica. Ele gosta bastante da moral, mas ele não quer se prender em dogmas de qualquer religião. Eu puxei o meu pai. Sou bem assim. O Evangelho Segundo o Espiritismo diz mais ou menos o seguinte: “No dia que a ciência provar tudo que está aqui, fique com a ciência”. Isso me atrai muito, porque eu sou bem lógica, gosto de ciência e de dados. Também sou bem pragmática e gosto da ideia de evolução. Acho bem legal a ideia de termos várias vidas para termos várias experiências e vários pontos de vista, o que possibilita nossa evolução. Eu gosto bastante disso, mas também não me preocupo em saber como funciona o mecanismo da vida após a morte. É uma hipótese legal, mas prefiro esperar a ciência explicar.

Durante a infância, morei em várias cidades. Nasci em Montes Claros⁵, interior de Minas, e com um ano de idade fui para o Pará, morar na cidade de Tucuruí, pois meu pai foi para lá a trabalho. Ficamos lá até os meus 4 anos. Naquela época, minha mãe ficou mais presente me acompanhando, pois meu pai trabalhava fora. Voltei para Montes Claros com 4 anos. Minha infância foi muito boa, muito gostosa. Eu estava até relembrando com minha mãe, quem eram os meus amigos nessa época. Eu tinha uma amiga e tinha alguns outros amigos homens. Eu, sinceramente, não consigo lembrar, nem minha mãe, se eu comecei a andar só com meninos depois dos 8 anos de idade, se antes era só meninas ou se era misturado. Talvez fosse misturado, mas não conseguimos lembrar. Mas uma coisa que era interessante é que essa minha amiga acabou sendo a minha primeira modelo de mulher. Antes mesmo de começar a puberdade, gostava de imaginar que iria trocar de corpo com ela.

Eu imaginava duas historinhas para pegar no sono, então, não era nem sonho, era querer imaginar. A primeira história era que eu ia acordar com um corpo feminino e a outra era que a professora tinha montado uma máquina de trocar de corpo que era o próprio armário da sala. Imaginava que eu ia entrar de um lado, a minha amiga do outro e a mudança de corpos aconteceria. Eu lembro também de uma situação que aconteceu. Eu fui

⁵ Montes Claros é uma cidade de grande porte localizada na região norte de Minas Gerais.

ao banheiro com ela na casa dela, fui fazer xixi, a gente estava conversando, foi a primeira vez que percebi que os nossos corpos eram diferentes. Lembro-me que ela estava fazendo xixi sentada, eu não fazia. Lembro-me também que alguém entrou no banheiro e começou a brigar com a gente, dizendo que não podíamos estar juntos ali. Foi bem marcante.

Eu fiquei em Montes Claros até mais ou menos os meus 10 anos de idade, quando surgiu o câncer do meu irmão e tivemos que mudar para Belo Horizonte, onde meus avós moravam e poderiam ajudar a cuidar da casa. Ficamos 6 meses em Belo Horizonte e voltamos para Montes Claros. Depois de um ano, o câncer do meu irmão voltou, teve metástase. Foi um período muito difícil, até para os meus pais, porque meu pai ficou morando em outra cidade, trabalhando bastante. A principal renda era a dele, não era a da minha mãe.

Na infância, eu era mais distante da minha irmã Carol, mas depois fomos nos aproximando. Éramos distantes porque ela era menina e era mais nova. Na época, eu era um menino e acabava brincando mais com o meu irmão. Ela foi uma das primeiras pessoas para quem contei da minha transição e, de todos lá em casa, ela foi a que melhor recebeu a notícia. Hoje, ela faz ginecologia e está me ajudando, como mulher transexual, então acho que isso é uma parte legal.

Formação: quando se contentava com a média para enturmar

Em Montes Claros, estudei no Colégio São Mathus. Antes do Felipe ter o câncer, sempre fui uma das primeiras alunas da turma, era super curiosa, gostava de aprender matemática, lia os livros antes da professora ensinar a matéria. Quando o câncer do Felipe voltou e fomos morar novamente em Belo Horizonte, para mim foi um impacto muito grande porque fui estudar no Loyola, um colégio de pessoas ricas. Esse fato dificultou um pouco meu processo de adaptação, mas acabei sendo aceita no colégio. Como falei, nessa época, eu estava tentando me parecer com os meninos populares e tinha colocado na cabeça que menino popular não estudava. Então, eu ia ser melhor se não estudasse. Queria ser mediana e fui fazendo isso. Me formei em 2008 no colégio e passei no primeiro vestibular que fiz para o curso de engenharia metalúrgica na UFMG⁶. Acabei escolhendo engenharia metalúrgica porque meu pai e meu avô tinham feito. Meu pai nunca me pressionou para fazer isso, mas era um curso mais fácil de passar e, naquela época, eu não estava nem um pouco interessada em fazer mais.

Chegando na UFMG, me dediquei muito e fui muito bem no 1º período, fui uma das alunas com as melhores notas, só que com as minhas

⁶ UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais.

questões de transexualidade mal resolvidas, veio a depressão. Na verdade, eu tinha depressão desde a época do câncer do Felipe. O 2º período foi péssimo, no 3º fui muito ruim e por aí vai.... Na faculdade, ainda era o Thiago, mas o Thiago não correspondia à minha verdadeira essência. O Thiago, para poder se enturmar com os meninos, contentava-se com a média.

Na faculdade, eu vivia em paranoia constante, achando que todo mundo imaginava alguma coisa sobre mim, ou que eu era um homem *gay* ou, que eu era afeminado demais. Só que, para a minha surpresa, ninguém falou: “Ah, eu imaginava alguma coisa de você”. Na parte de construção de gênero, que tem uma parte performática, uma construção social gigantesca, temos que criar máscaras para a sociedade. O problema é que, quando a gente cria uma máscara que não tem nada a ver com a gente, ela fica muito mais pesada. A gente cria as máscaras que se encaixam de alguma forma no nosso rosto. E o Thiago era uma máscara que não tinha nada a ver comigo, absolutamente nada a ver. E então, eu vivia nessa paranoia. Na faculdade, foi também a primeira vez na vida que tive contato com alguém defendendo uma pessoa *gay*. Eu falei: “Uai, pode isso? Pode defender *gay*?”.

Amores, terapia, dúvidas: mas quando a vida começou?

Tive a minha primeira namorada no começo da faculdade e terminei com ela no meio do curso. O término contribuiu muito para eu entrar novamente em depressão. E por que que eu terminei com ela? A gente tinha um relacionamento ótimo, começamos em 2008 e ficamos juntos até 2010, mas tinha a questão sexual que não era resolvida. Terminei com ela porque imaginava que eu tinha que ter experiências com outras mulheres para me afirmar como homem. Logo depois, arrependi e quis voltar, mas já tinha passado o prazo. Então comecei, pela primeira vez, a fazer terapia.

Fui buscar um terapeuta porque minha vida estava muito ruim, estava com uma depressão forte. A terapia foi muito importante, eu falava dos meus desejos sexuais e o psicólogo falava: “Olha, você pode ser *gay*, não tem problema, você irá escolher o caminho da sua vida. Agora, o fato de você gostar de sentir-se feminina é um fetiche”. Como eu gostei das minhas ex-namoradas, eu não me assumia como *gay* e acabei tratando a questão como um fetiche. Falava isso constantemente, porque eu queria, eu queria falar, eu queria me curar.

A terapia foi me ajudando em outras áreas da vida. Entrei em 2011 na Valourec⁷ como estagiária

⁷ Valourec é uma grande empresa do ramo da engenharia metalúrgica.

e fui selecionada para fazer um estágio na França, pela própria empresa. Isso me deu um gás muito grande e melhorou minha autoestima. Fui para a França em 2012 e voltei em 2013. Depois da primeira namorada, tive outras três mulheres em relacionamentos curtos. Nessas relações, a questão é que eu estava como homem e homem não pode broxar. Como homem eu tinha que penetrar, mas não era a coisa que queria fazer, nem sentia tanto tesão nisso, nem sinto na verdade. Mas eu mantinha os relacionamentos porque as mulheres me davam carinho e amor, e eu buscava isso, principalmente, depois de ter terminado meu primeiro namoro. Mas, ao mesmo tempo, eu não tinha paixonites por homens. Então, a questão para mim era: quem sou?

Em 2013, quando voltei da França, conheci a minha ex-noiva. Ela me ajudou a me descobrir como trans, como Natália, sem ela saber. Hoje, o que me magoa, apesar de saber que a gente se tornaria incompatíveis, é que a gente não teve um final que merecíamos. Da minha parte. É por isso que me emociono falando desse caso. A mensagem que quero passar é que minhas duas ex-namoradas foram grandes amores que tive na vida. Mas, por não entender as questões da sexualidade, eu não podia me abrir com elas e não tivemos as conversas honestas que a gente deveria ter tido desde o início, para não fazer nem uma nem outra sofrer.

O ano de 2016 foi outro período de baixa na minha vida, por causa da questão profissional.

Eu não estava gostando de onde estava trabalhando, não estava satisfeita com a carreira de engenheira metalúrgica. Trabalhava desde 2011 na mesma empresa, primeiro como estagiária e depois como engenheira. Eu era muito disciplinada e tinha guardado muito dinheiro e como gostava de investimentos, pensei em fazer um MBA fora do país. Nessa época, já não estava performando bem na empresa, por tudo isso que falei e também por ser uma empresa muito machista. Faziam piadinhas com homens *gays* e tudo mais. Depois de um tempo, isso começou a me incomodar muito. Nesse mesmo ano, fui demitida. Foi muito ruim para o meu ego porque esperava sempre ser uma boa profissional, mas foi um presente também, porque saí da minha zona de conforto. Por coincidência, a minha ex-noiva tinha conseguido o primeiro emprego dela aqui em São Paulo. Ficamos noivas e mudamos para cá. A ideia era eu fazer o teste do GMAT⁸, que é um teste para estudar no exterior. Se eu passasse, iríamos juntas para eu fazer meu MBA⁹.

No final de 2017, arrumamos uma casa e eu passei no GMAT. Eu tinha um *coach* profissional na época,

⁸ O Graduate Management Admission Test é uma prova de aptidão lógica e verbal em inglês. É requisito básico para inscrição em muitos cursos de MBA e em universidades, principalmente as norte-americanas e europeias

⁹ O Master of Business Administration, mais conhecido pela sigla MBA, é um grau acadêmico de pós-graduação destinado a administradores e executivos das áreas de gestão de empresas e gestão de projetos, mas que atrai também pessoas de várias outras disciplinas acadêmicas.

ele me sugeriu trabalhar no mercado financeiro, mas eu não tinha experiência nenhuma, não tinha nada no currículo. Então, uma empresa me propôs operar no mercado financeiro com o dinheiro dela e repartir os lucros. Eu falei: “Poxa, bacana, eu tenho dinheiro para viver por uns quatro anos, vou poder ter essa experiência”. Comecei a comprar e vender ações na bolsa, a mexer em simuladores de investimentos e depois de seis meses, comecei a ganhar dinheiro. Tendo todo o tempo para mim e refletindo, comecei a pensar o que faria se não dependesse de ninguém, se pudesse ser minha própria chefe. Refleti sobre tudo que tinha acontecido na minha vida, sobre os oito anos de terapia. Comecei realmente a compreender que ser LGBT não era problema nenhum e que o problema não estava comigo, e sim na sociedade. E aí eu falei: “Eu sou LGBT e vou assumir isso pela primeira vez na minha vida”. Só que agora quero ver que letrinha eu sou, porque até então, eu não tinha me entendido como nada. Eu comecei a procurar na internet casos de transexualidade. Apareceu para mim o caso da Laerte,¹⁰ bem emblemático, porque ela transacionou tarde, passou a vida inteira como homem. Não é o caso da transexual clássica que é aquela que com 3 anos de idade já fala que tem disforia, quer cortar o pênis, é superfeminina de forma mais evidente e tal. Esse não era o meu caso também. No meu caso, a minha incongruência de gênero tem um nível menor, menos intenso. Em meados de 2018, comecei a me experimentar

¹⁰ Laerte é uma cartunista e chargista brasileira. Realizou sua transição com mais de 60 anos de idade.



e falei com a minha ex o que estava acontecendo. No primeiro momento, ela me ajudou com todas as questões, com as roupas dela e tal, mas depois ela e eu percebemos que eu não ia voltar atrás. Decidimos terminar. Foi uma coisa difícil, eu ainda tinha esperança que ela poderia rever algumas coisas. Hoje, entendo que não fazia sentido nenhum, ninguém escolhe ser homo, ninguém escolhe ser hétero.

E aí a vida começou

Comecei a minha transição social em 2018. Procurei psicólogos, psiquiatras, endócrinos, fonoaudiólogos, um conjunto de profissionais “Do AMTIGOS”, um grupo do Hospital das Clínicas de São Paulo que atende pessoas trans. Começar a transição quando estava aqui em São Paulo me ajudou muito, porque tinha saído da minha bolha de Belo Horizonte. Então pensava: “Ah, não conheço ninguém, então posso me experimentar aqui sem problemas”. Cada vez que eu usava uma maquiagem, que via uma mulher no espelho, eu tinha a chamada euforia de gênero. Coisa que nunca tinha tido antes.

Nesse momento, fui a Belo Horizonte para visitar meus pais e quem descobriu primeiro foi a minha mãe. Eu nem estava querendo conversar com ela, mas ela viu que eu tinha um resto de esmalte na unha e falou: “Você está com esmalte?”. Então tive que chamá-la para conversar. Sentamos para conversar e eu “joguei reto”. Falei assim: “Mãe, estou explorando o meu gênero, não sei onde

vai dar, não é uma coisa de agora, é uma coisa que venho sentindo a vida inteira, mas vinha reprimindo”. A primeira reação dela foi: “Estou aqui com você, para você”. Foi maravilhoso, mas depois veio todo o medo de ver a minha transição, a vergonha por causa das pessoas. Tivemos a noção dos seus medos. Depois eu contei para a minha irmã, falei com ela: “Carol, eu estou explorando o meu gênero”. Ela falou: “Sério? É mesmo?” e soltou um “Que legal”, e eu pensei: “Poxa, que bacana”.

Eu estava com mais receio do meu pai, o que era uma grande bobagem. Estava pensando como ele ia lidar com isso por ser homem. Mas ele lidou até melhor que a minha mãe. Meu pai sempre foi uma pessoa com a mente aberta, muito tranquilo, mas não falávamos, em casa, sobre questões LGBT, sobre sexualidade. Isso foi uma coisa que dificultou, mas quando falei com ele e mostrei o vídeo da Caitlyn Jenner, uma transexual americana que tinha saído do armário em 2015, e falei assim “Pai, eu tenho uma coisa para te mostrar, veja esse vídeo”. No meio do vídeo, ele falou: “Olha, eu te entendo, eu já entendi tudo. Pode contar comigo”. Eu falei: “Poxa, isso é muito raro, é absolutamente raro”. Então, eles foram fazer o processo deles também. Como meu pai sempre gostou de psicólogo, de autoconhecimento, ele ajudou minha mãe. Minha mãe teve o luto de sentir que estava perdendo um filho. Até entrar na cabeça dela que ela estava ganhando uma filha mais feliz, foi muito difícil. Nesse momento, eles começaram a participar do grupo “Mães pela

Diversidade¹¹” e foram super bem acolhidos. Isso ajudou muito no processo deles. Eles se filiaram às “Mães pela Diversidade”, para passar a mensagem e dividir a experiência com outras pessoas. Hoje, em Minas, o grupo se chama “Mães pela Liberdade¹²”.

Antes de contar para os meus pais, eu tinha começado a contar para alguns poucos amigos. Eu não tinha nenhum amigo *gay* até então. A única pessoa próxima era o vocalista da minha banda que alguns anos antes tinha se assumido como bissexual. Um outro amigo que contei foi um amigo da época do colégio que sempre foi mais mente aberta. Todos reagiram com surpresa, eu fui super aberta: “Gente, eu estou sentindo isso há muito tempo, mas estou feliz, é isso”. Depois voltei para São Paulo.

Em janeiro de 2019, conheci meu atual namorado, Rafael. Foi o primeiro homem da minha vida. Eu falei assim: “Até hoje eu não estive com homem nas vias de fato, vou perder esse medo e vou experimentar”. Comecei a sair com ele, abertamente trans, até porque no início do processo eu tinha zero de passabilidade¹³. E aí o Rafa começou a ficar

¹¹ Mães pela Diversidade é uma organização não governamental que reúne mães e pais de crianças, adolescentes e adultos LGBTQIA+.

¹² Coletivo de apoio às famílias das comunidades LGBTQIAPN+ em MG que luta pelos direitos de seus filhos, filhas e filhas.

¹³ A passabilidade para uma pessoa trans é a qualidade de possuir aparência e características físicas que permitam que seja reconhecida socialmente como alguém do gênero ao qual se identifica.

comigo. De junho de 2018 até março de 2019, eu fiquei na transição social. No campo profissional, em março de 2019, eu vi que ia perder todo o meu dinheiro se continuasse operando no mercado financeiro e percebi que precisava voltar para o mercado de trabalho. Eu falei: “Olha, eu não volto nunca mais como Thiago, volto como Natália e vou seguir com isso”.

Rafa: um capítulo à parte?

Rafa foi a primeira pessoa com quem a Natália se sentiu mais completa. Nossa jornada tem sido muito legal, porque o Rafa me conheceu quando eu não tinha quase nenhuma passibilidade e estamos juntos até hoje. A gente está morando junto há cinco meses e tem sido muito bonito nosso processo. Um homem que se assume como um homem que está com uma mulher trans. Em relação à sexualidade, eu nunca estive tão bem, estou com 33 anos e ele entrou no rol dos grandes amores da minha vida. É com ele que eu gostaria de ficar até o final, até quando der.

Quem me batizou, quem me nomeou?

Meu nome foi escolhido junto com a minha família. Me sentei com todo mundo da família. Eu falei: “Gente, eu quero que vocês me ajudem a pensar num novo nome”. Meu pai sugeriu Camila, eu não gostei, minha mãe falou: “Nat”. Era o apelidozinho curto que sempre gostei, que eu queria

na época do colégio. Na hora que ela falou Nat, eu falei: “Poxa, é isso, fechou, é Natália”. Então, em março de 2019, eu fiz um vídeo no Youtube, porque pensei: “Eu vou sair do armário, mas quero gerenciar essa comunicação. Eu quero que as pessoas saibam pela minha boca”. Fiz um vídeo com o título “Saindo do armário como mulher trans”, resumindo, em 15 minutos, o que tinha passado e por que estava fazendo aquilo. O vídeo deu uma mini viralizada, chegou a ter 15 mil visualizações e foi muito surpreendente a recepção positiva que tive, inclusive, da família. Acho que o meu relato ajudou muito as pessoas a criarem uma conexão, uma certa empatia, a entender que não foi uma escolha leviana, porque estaria depressiva, maluca ou desorientada.

Então, comecei a procurar trabalho, decidi que queria continuar no mercado financeiro. Apesar de ter perdido todo meu dinheiro em negociações na bolsa, percebi que tinha fundamentos bens legais a serem aplicados no mercado financeiro. Comecei a estudar e entender que o mercado financeiro tem várias certificações. Comecei a tirar a primeira certificação, um pouco mais básica, aqui no Brasil. Comecei também a fazer uma pós-graduação no Insper¹⁴. Durante uma feira de empregabilidade do Insper, o banco Santander participou e entreguei meu currículo para eles. Eu sempre entregava meus currículos constando que era mulher transexual, contando minha

¹⁴ Insper é uma instituição de ensino superior e pesquisa localizada na cidade de São Paulo.

história. Então, o recrutador do Santander me chamou para conversar. Eles estavam aumentando o time de assessores de investimentos, expandindo a assessoria do varejo e era a área que eu tinha um pouco de experiência porque sempre cuidei das minhas finanças. De fato, meus pais nunca me ajudaram durante a minha transição. Tudo foi pago com o dinheiro que juntei e investi ao longo da minha vida. Fui chamada para uma entrevista e fui muito bem. Falaram que chamariam a pessoa selecionada na semana seguinte, pois eles tinham um prazo de uma semana para fazer a seleção, mas no mesmo dia me ligaram e fui contratada! Foi fantástico, pois em março de 2019, estava procurando emprego em uma área que nunca tinha trabalhado, me assumindo como trans e com uma coragem que nunca tinha tido na minha vida. Estava fazendo coisas que eu nunca imaginei que conseguiria fazer, me expondo de uma forma que nunca imaginei que conseguiria e em novembro estava contratada em um dos maiores bancos do Brasil, em uma área que não tinha experiência formal.

Transição e saúde: e a euforia?

Comecei a transição social em julho de 2018 e a transição médica em março de 2019 só com hormônios. Isso já me deu uma boa feminilizada, além do laser, é claro. Eu estava levando o meu processo com muita calma. Tenho sorte de ter um rosto mais feminino, o que a gente chama

de passabilidade. Então a passabilidade foi me ajudando. Isso é uma sorte mesmo. Tem gente que não tem essa mesma sorte e tem que fazer várias cirurgias. A minha sorte também foi ter dinheiro para arcar com os custos. Dinheiro que fui acumulando ao longo de anos, fruto do meu trabalho. Hoje sei que só estou no setor de *private* do banco Santander, que é um setor que atende os clientes multimilionários, porque tenho passibilidade. Na verdade, eu comecei no Santander atendendo um segmento de varejo, depois com 9 meses fui promovida porque apareceu uma vaga *private* para Belo Horizonte. Agora trabalho como *banker*, que é gerente de conta total desse segmento que atende pessoas bem ricas. Nesse cargo, lido com pessoas muito conservadoras também. Tem que ter jogo de cintura.

Transfobia¹⁵? Olha, no começo da minha transição eu estava numa euforia muito grande, estava com tanta coragem que não liguei para nada disso. Claro que tinha transfobia. A transfobia explícita de alguém ter uma coisa muito grande comigo, me destruir, não aconteceu. Aconteceram alguns fatos, no início da transição de gênero, tipo eu falar: “Eu me chamo Natália” e a pessoa olhar torto. Por exemplo, acho a minha voz bem grave, não é a voz que gostaria de ter, mas transicionei tarde, com 28 anos de idade. Então, atendendo o

¹⁵ Configura qualquer ação ou comportamento que se baseia no medo, na intolerância, na rejeição, no ódio ou na discriminação contra pessoas trans por conta de sua identidade de gênero.

telefone, às vezes, eu falo: “Meu nome é Natália”. A pessoa do outro lado da linha indaga: “Natália?”. Esse tipo de coisa. O bom que eu trabalhei a minha voz com uma fonoaudióloga e agora é bem raro alguém me encher o saco.

No banco, sempre fui bem aberta com minha identidade de gênero. Desde que cheguei, contava a minha história: o que estava acontecendo, quem eu era, porque que estava ali e tudo que tinha passado. Acho que isso ajudou a quebrar alguns mitos. Confesso que agora, com quase cinco anos de transição, perdi um pouco dessa euforia e percebo as porcarias que tem no mundo. Tem que ter uma cabeça boa para isso, porque o mundo não é só cor de rosa, tem muita gente lutando contra. Mas, de uma forma geral, eu penso que a grande maioria das pessoas é preconceituosa por ignorância. Então, a melhor forma é educar. É assim que eu vejo.

Durante a transição, nunca frequentei nenhum serviço de saúde pública. Isso é uma coisa rara e faz toda a diferença. Muita diferença. Meus privilégios de ter nascido em uma família com condições de pagar um plano de saúde se mostram aí também. Em espaços privados que frequentei, tinha muito lugar que não estava preparado para receber pessoas trans, mas isso mudou depois que tive a minha retificação de nome. Imagino que é uma das principais coisas que afeta as pessoas pobres, que não têm a retificação de nome. O Estado não vê como mulher. Acho que para os serviços de saúde serem um espaço acolhedor, a primeira

coisa é reconhecer a mulher trans como mulher. A primeira coisa é saber disso. É ter profissionais preparados que saibam que não existe cura para esse tipo de coisa. Apesar da transexualidade ainda estar escrita no DSM¹⁶, no CID¹⁷, que são os dois manuais de transtornos mais usados no mundo, o serviço de saúde precisa entender que da mesma forma que a homossexualidade saiu do CID e DSM, a transexualidade vai sair também. Por sinal, a transexualidade já saiu do capítulo de doenças mentais do CID em 2019 e isso me deu forças para seguir com o meu caminho de aceitação e saída do armário. Eu espero que a saúde seja o mais multidisciplinar possível. As pessoas trans precisam de todas as áreas, endócrino, psicólogo, que é extremamente importante, psiquiatra, fonoaudióloga. Então, isso é o mais importante no sistema de saúde pública, principalmente, para as pessoas mais vulneráveis.

¹⁶ É a sigla para Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders ou Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Esse documento foi criado pela Associação Americana de Psiquiatria (APA) para padronizar os critérios diagnósticos das desordens que afetam a mente e as emoções.

¹⁷ Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde. É uma das principais ferramentas epidemiológicas do cotidiano médico. A principal função do CID é monitorar a incidência e prevalência de doenças, através de uma padronização universal.

Militância: para sonhar com uma sociedade mais justa

Hoje, estou no grupo institucional do Santander para tratar de ações de diversidade, focada na questão LGBT, para o Santander no Brasil. Quando entrei no banco, o grupo institucional LGBT já existia, mas, em 2023, começou a tomar maior corpo e poderemos falar mais sobre as questões LGBT.

Acho que um ponto que ajuda na militância é mostrar pra todo mundo que pessoas trans são tão capazes, tão legais e bacanas quanto qualquer outra pessoa cis. Passa uma imagem, sabe? No final de 2023, eu consegui tirar a certificação do CFA, que é uma conquista gigantesca para a área. É reconhecido como o certificado mais completo e difícil de tirar de todo o mundo na área de finanças. E eu ainda consegui passar com uma das maiores notas do mundo! Sou a primeira trans do Brasil com essa certificação. Isso tem me ajudado muito a ganhar respeito. Outro ponto é que voltei a estudar a questão da diversidade e da transexualidade. Estou querendo voltar mais para fora, para as outras pessoas. Então, estar aqui no banco é uma forma de militar e ajudar dentro da instituição e também outras pessoas

que vão aparecendo na minha vida. Eu quero ajudar educando, poder falar sobre as questões de diversidade sem barreiras. Estou nesse lugar de privilégio, mas sei que lá fora a realidade não é essa. Tenho pensado bastante sobre isso, principalmente estudando finanças e economia. O capitalismo tem as suas vantagens, eficiência, trouxe pujança, tirou muita gente da pobreza, mas ele concentra, ele sempre vai concentrar. Então, pessoas que têm pouco estudo, têm mais risco no olhar da sociedade e ficam de fora. Mulheres trans, que são vistas como pervertidas ou malucas, ficam de fora e isso perpetua a pobreza, é um ciclo vicioso. Então alguma coisa tem que ser feita para alterar essa situação.

O que eu tento fazer no meu dia a dia é ajudar pessoas de forma mais próxima, sabe? Conheci uma menina trans em um grupo de *whatsapp* que chamou minha atenção. Ela só fez o ensino médio, mas é super articulada. Eu estou querendo ser mentora dela, dar um suporte psicológico, ajudá-la a dar os primeiros passos, ajudar a retificar o nome e contribuir na formação escolar dela. É uma coisa que acho importante. Na nossa sociedade, pessoas que têm mais privilégios têm que ajudar os menos favorecidos. Temos que ajudar para podermos sonhar com uma sociedade mais justa.

Presente e futuro: seguir em frente...

Hoje, tenho três núcleos de extrema importância na minha vida. Primeiro, minha família. Eles estão longe, mas são muito importantes para mim. É a primeira vez que estou morando fora, então a saudade começa a bater. Meus pais ainda são novos, mas já estão com 56 anos, então, daqui a pouco, terei que cuidar mais deles e não eles de mim. Tenho o meu namorado, o Rafael, ele é super importante. Estamos cada vez mais juntos e parceiros. Me afirmo cada vez mais como mulher. Coisa que antes eu ficava me questionando. E tem a minha carreira, que é uma coisa que foco bastante porque sou extremamente inquieta e tenho um sentimento de sempre querer melhorar, resolver problemas.

Recentemente, no início de 2024 mesmo, eu descobri uma coisa que mudou muito a minha vida e que me fez entender tudo, desde a infância até hoje. Eu fiz um teste neuropsicológico e descobri que eu tenho superdotação. O engraçado é que eu não me imaginava uma mulher inteligente. Eu fui lá fazer o teste achando que tinha TDAH¹⁸ porque tinha muita desatenção, esquecia as coisas. Eu nem sabia do conceito de superdotação e isso fez todo o sentido para mim, me dando mais confiança. É uma neuroatipia não muito falada e

¹⁸ Doença crônica que inclui dificuldade de atenção, hiperatividade e impulsividade.

que requer cuidado. Uma identificação mais cedo teria me ajudado demais. Porque, tudo isso não é só coisa boa não. Tenho muitos problemas que tenho que lidar, como uma ansiedade crônica, perfil que questiona todo mundo e, às vezes, com uma impulsividade muito grande.

Uma coisa que dificultou muito também é o fato de eu ser trans e ter escondido isso a vida inteira. Meu cérebro entrava em curto-circuito porque, além de me preocupar com os problemas do dia a dia, eu ainda tinha que me preocupar em performar como um homem bem masculino. A minha sorte é que a palavra autoconhecimento sempre foi muito forte lá em casa. Se eu não tivesse começado com meu psicoterapeuta em 2010, eu não estaria aqui hoje. Sem sabermos da superdotação na época, ele me ajudou a controlar vários impulsos que vinha tendo na adolescência e início da vida adulta. Foi super importante. Agora a vida tem que seguir, sempre lembrando que eu não sou infalível para não deixar este dom me cegar. A vida é repleta de casos de pessoas inteligentes que são frustradas por algum motivo. O que quero sempre é fazer o que eu falo, olhando para mim e para o coletivo também. Se eu deixar de fazer isso, sei que estarei seguindo o caminho errado. Eu sou uma pessoa com poucos amigos e gosto de ter um vínculo maior com essas pessoas na minha vida. Eles me ajudam bastante e isso está sendo muito legal. Como eu falei no começo, eu tinha muito mais altos e baixos na minha vida, agora já tem seis anos que não tenho as crises que tinha, está sendo um momento bem positivo.

Foto: Acervo pessoal

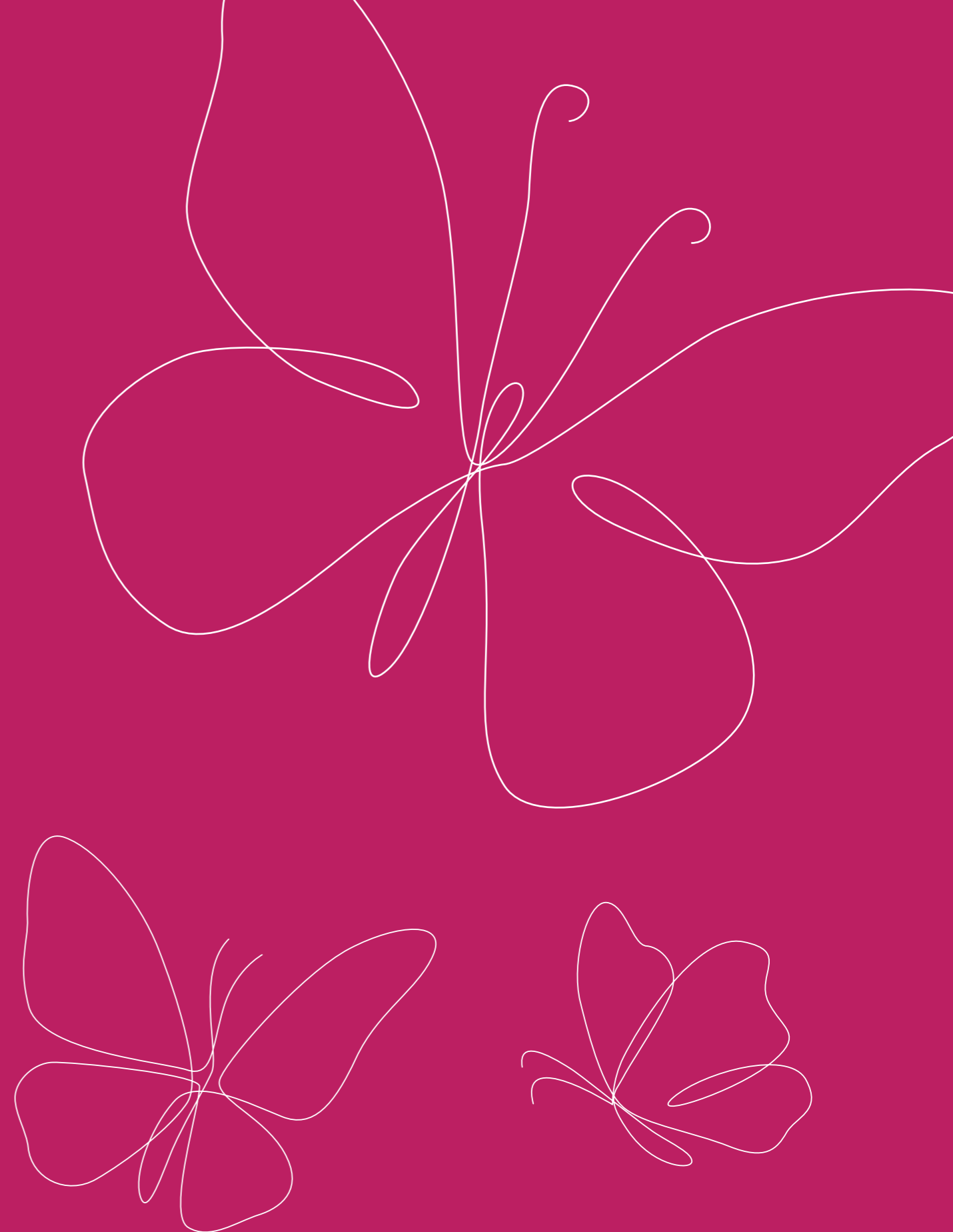
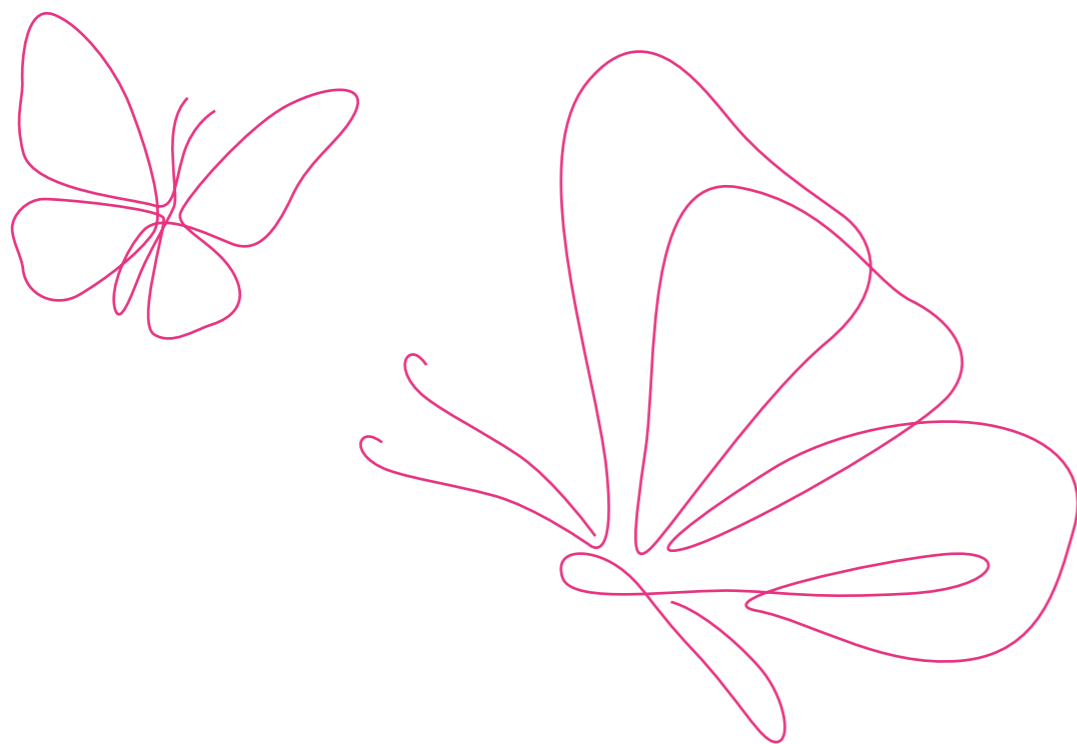


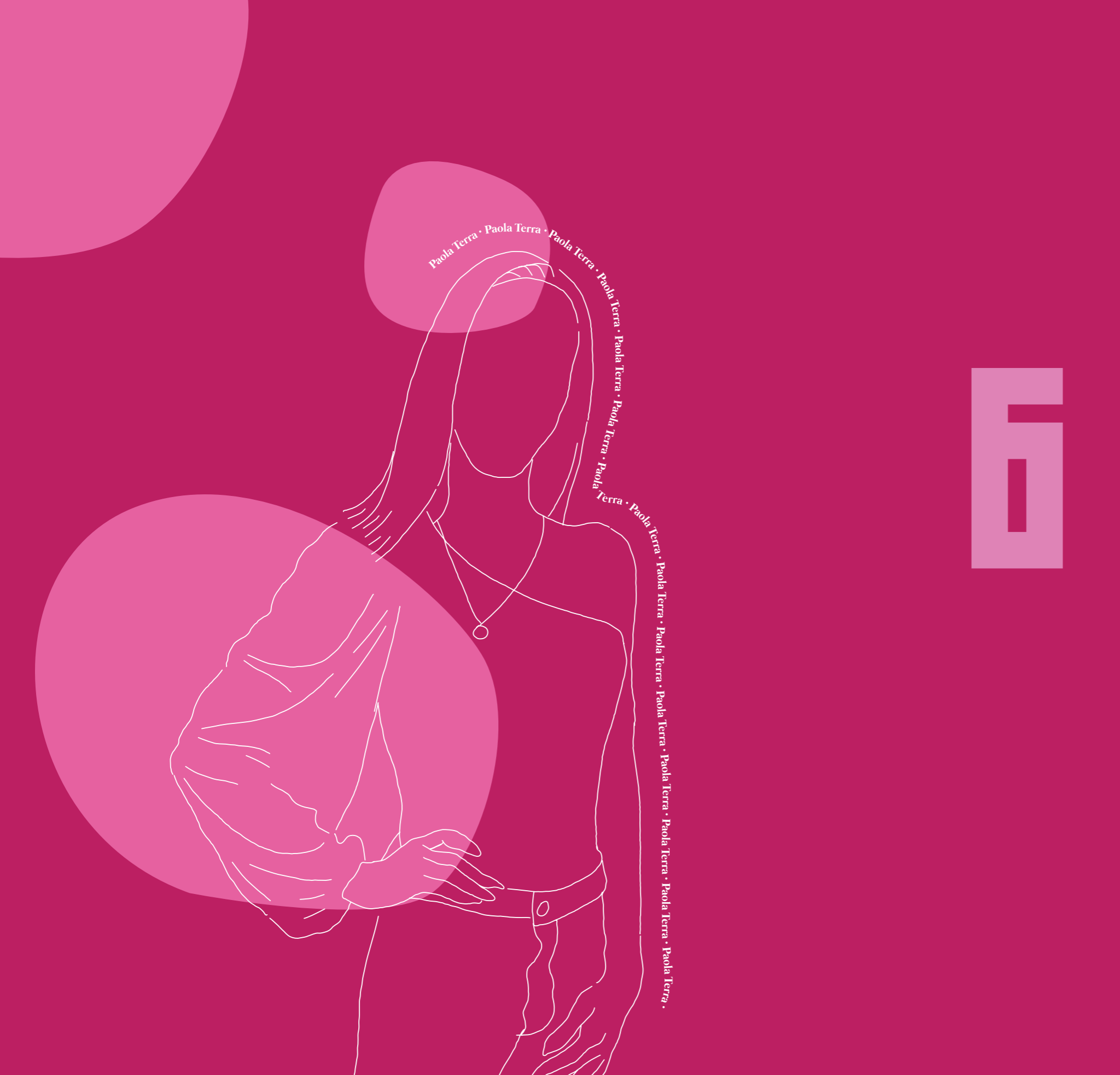
Coisas externas vão acontecer, não é? Mas pelo menos eu tenho mais estabilidade para lidar com os problemas, tenho mais resiliência.

Particularmente, posso dizer que nunca tive tanta resiliência em toda a minha vida, mas minha experiência como trans e a saída do armário foi bem diferente da maioria das pessoas. Eu achava que

todo mundo era bom, ainda acho, não deixei de acreditar nisso, mas está caindo a ficha que tem gente que realmente não quer aprender e, se deixarmos, elas vão querer nos extinguir. Então tem que saber combater isso e nada melhor para mim do que educação e mostrar a ciência, pois a ciência já constatou que não tem nada de errado em ser trans. A Natália representa a pessoa que eu sou com a maior autenticidade possível. Como falei, temos que ter máscaras na nossa vida, temos máscara de namorada, máscara de empregada. No trabalho, tenho máscara atendendo alguma pessoa, tenho máscara na sociedade, com os amigos, mas a máscara que temos que ter são as máscaras que mais se encaixam com a nossa personalidade, nossa essência. Se tivermos uma máscara muito diferente, ela vai ser muito pesada, não vai se encaixar e você terá problemas em sua vida.

E as questões LGBT? O preconceito tem que acabar, porque isso não tem fundamento, é preconceito por preconceito, porque no final das contas não fazemos mal a ninguém. Eu acho que esse é o ponto. Eu sou otimista, um pouco pela religiosidade da minha mãe, que num futuro, sabe-se lá quando, tudo vai melhorar. Se compararmos com algumas coisas do passado, percebemos que já tem melhorado. Então acho que é isso, seguindo em frente, tentando fazer o melhor que você pode para os outros e tentar educar as pessoas.





Paola Terra

Paola Terra

Bruno Reis de Oliveira

Maria José Nogueira

Família e essência

*Paola é uma mulher muito autêntica,
forte e guerreira.*

Paola é uma mulher muito autêntica, forte e guerreira. É como posso me definir em três palavras. Tenho um irmão, o Matheus, o meu pai e a minha mãe. A minha mãe é pastora da Igreja Quadrangular¹ e o meu pai é obreiro da mesma Igreja. Minha mãe trabalha na secretaria de uma escola e o meu pai é soldador.

A minha mãe cursou o ensino médio completo, tem técnico em nutrição e também fez teologia para ser pastora. Eles moram lá na minha cidade, de onde é a família da minha mãe. Já a família

1 A referência é à Igreja do Evangelho Quadrangular, uma denominação cristã evangélica pentecostal fundada em 1923 nos Estados Unidos e implantada em 1951 no Brasil.

do meu pai é de Conselheiro Lafaiete². O meu pai foi morar com a irmã dele em Alfredo Vasconcelos³, a cidade onde nasci e onde conheceu a minha mãe. Eles namoraram, casaram, foram para Conselheiro Lafaiete, lá moraram até eu ter uns 2 anos e depois voltaram para Alfredo Vasconcelos, onde estão até hoje.

Não me lembro do meu avô paterno, ele faleceu quando eu era muito nova. A minha avó sempre

2 Município pertencente à microrregião de mesmo nome, localizado no estado de Minas Gerais, com cerca de 130 mil habitantes.

3 Município localizado na região do Campo das Vertentes, estado de Minas Gerais, com cerca de 7 mil habitantes. Pertence à microrregião de Barbacena.



Foto: Bruno Reis

foi cozinheira. Meus avós tiveram cinco filhos e era a minha avó quem trabalhava para sustentar a casa.

Da parte materna, convivi com os meus avós um tempão. Meu avô está vivo, mas a minha avó já faleceu. Não me lembro de onde eles são... só sei que eles também mudaram para Alfredo Vasconcelos e ficaram por lá. Até hoje, o meu avô vive na mesma casa.

Meu pai sempre me respeitou muito. Mas veja: eles não aceitam, eles respeitam. O respeito sempre prevaleceu dentro de casa... Eles não têm que concordar que sou uma mulher trans, e não aquele menino que nasceu, isso para mim seria aceitar. Respeitar é, apesar de não aceitarem, eles me verem sem expor a opinião deles, sem me discriminar, é não falar nada que me afete, que me deixe triste. Então, é isso. Eles me respeitam, porém não aceitam quem eu sou... Acredito que seja por causa de questões éticas de vida, pela criação, por serem pessoas mais velhas e até pela religião mesmo. Como eu disse, minha mãe é pastora e eles seguem à risca o que está escrito na Bíblia e o que é pregado pela Igreja Quadrangular. Eles têm aquela teoria: se eu nasci como Lucas, tenho que continuar sendo Lucas e não Paola. Por isso, a gente não convive muito. Nos falamos todos os dias pelo WhatsApp, mas é muito difícil eu ir à casa deles e eles me visitarem aqui.

É um incômodo para mim chegar na minha cidade e ser tratada como Lucas. Fui lá domingo e a cidade inteira me conhece, sempre fui muito popular. De cinquenta pessoas que cumprimentei, quarenta e nove me chamaram de Lucas. Isso me incomoda muito... Eu tento entender o lado deles. Por ser uma cidade muito pequena, as pessoas têm a mente mais fechada. Além disso, eu sou a primeira mulher trans da cidade a ser retificada. Mas ao mesmo tempo, fico muito triste. Eu até comentei com a minha mãe: “Não entendo por que você não pode me chamar de Paola”. Ela falou: “Você ficou nove meses na minha barriga. Eu te pari, te criei 18 anos”, eu respondi: “Mas você entrou numa igreja e chamou um ser humano de pastor. Por que você não pode me chamar de Paola?”. Isso ainda é uma briga na minha casa e me afasta da minha família.

Quando chego na casa dos meus pais, eu não falo “minha casa”, embora eles falem que a casa é minha perante a divisão. Eu chego domingo de manhã e vou embora domingo à tarde. Não gosto de ficar porque eu não sou a Paola na minha cidade. Por mais que eu queira, as pessoas me forcem a ser o Lucas, e não gosto disso... por isso vivo aqui. Em um ano, vou só uma vez à casa dos meus pais. Eles também não vêm aqui. Não gosto que venham. Temos essa distância. Costumo dizer que a minha família sou eu, meu gato e só. Eu e o Chico.

Eu tenho a minha família de sangue, mas, em Juiz de Fora⁴, tenho pessoas que também considero como família: a Jaqueline, a Neide e o Senhor Geraldo. Eles são uma família que me acolheu. Mas mesmo assim, depois de uma fase da minha vida em que quase morri, me tornei uma pessoa muito solitária. Não confio nas pessoas; tanto para relacionamento, quanto para amizade.

Não gosto que ninguém me chame de amiga. O Guilherme e a Jaqueline eu os considero irmãos. Eles não me chamam de amiga porque eles sabem que não gosto. Como eu disse, família sou eu e meu gato, só. Eu e eu. Sei que o ser humano precisa de pessoas, mas tento ser o mais sozinha que posso.

A Jaqueline e o Guilherme são como irmãos para mim. O Guilherme nasceu comigo e com a Jaqueline eu fiz amizade em 2018. Meu primeiro emprego foi vendendo *chip* na rua com ela. Ela virou a minha irmã. Quando a gente está em algum lugar, e a pessoa fala assim: “Mas ele...”, ela logo corta e diz: “Não, ele não, ela, Paola”. E quando eu não tinha os meus documentos, ela corrigia todo mundo dentro da casa dela. As crianças me chamam de Paola, apesar de terem me conhecido como Lucas. Isso é devido à educação que ela deu às crianças.

⁴ Juiz de Fora é um município localizado na região da Zona da Mata de Minas Gerais, com aproximadamente 540 mil habitantes, sendo o quarto município mais populoso do estado.

Infância

Só que a minha infância, ela foi muito voltada nisso: muito amor, muito carinho, muito afeto...

Da minha infância, me lembro que os meus pais eram muito carinhosos. Eu e meu irmão fomos muito mimados. Apesar de não sermos uma família rica, tudo o que a gente queria, a gente tinha. O pessoal até costuma falar: “A burguesinha, filhinha de papai.”

A minha família era muito pobre. Meu pai e minha mãe moravam de favor na casa do meu avô e ele não aceitava que ela fosse para a igreja. Me lembro que, por mais dificuldade que eles passassem, tudo que a gente queria, eles davam. Eles usavam a frase: “Tudo o que eu não tive, eu vou dar para os meus filhos”.

A minha infância foi muito gostosa. Eu brinquei muito; brincava de boneca. Ah, eu brincava, eu amava! Nossa... era uma tristeza quando eu tinha que brincar de carrinho! Odiava! Não foi como essa infância de hoje em dia em que as crianças só ficam no celular. A gente brincava na rua até tarde, machucava, arrancava a cabeça do dedo do pé... era a mãe buscando com a vara para bater na gente: “Anda que você tem que estudar!”. E essa foi a parte gostosa da minha infância. As crianças de hoje em dia tinham que ter essa infância, com maior apego aos pais, elas só se comunicam pelo celular. Você olha a criança, ela está assistindo a um desenho. Ela sabe tudo de celular. O primeiro



Paola com seu amigo Guilherme e familiares

Foto: Acervo pessoal

celular que tive foi um Nokia, aquele tijolo, não sei se 1100. A gente ganhava um celular só quando já estava no ensino médio, quase formando.

Lá dentro de casa era assim: “Se você está na minha casa, você tem que fazer o que eu mando”. A gente era obrigado a ir à igreja. A minha mãe falava que ela ensinou o que ela pôde e falava assim: “Tu saiu de casa com 18 anos, mas te ensinei uma parte da religião que sigo. Você foi obrigado a estudar e te ensinei a índole e o caráter aqui de casa. Se você segue outras coisas, quis ser outro tipo de pessoa, não é errado, mas te ensinei o que prego, o que para mim é correto”.

Lá em casa a gente podia fazer o que queria. Sempre me impus muito; acho que isso me distanciou um pouco dos meus pais porque sempre “bati muito de frente”, com o meu pai principalmente. Eu puxei muito ele nesse aspecto: sou ignorante. Eu ouço a opinião deles, respeito, guardo para mim. Meu pai não: ele já fala o que acha que deve falar. A minha infância foi na base de muito amor, muito carinho, mas foi um pouco rígida dentro dos costumes do meu pai e da minha mãe.

Me lembro que depois que a gente morou de favor, o meu pai comprou um lote “de meia” com o irmão da minha mãe e meus pais construíram a casa. Eu estudava de manhã e cuidava do meu irmão à tarde. Eu tinha essa obrigação de olhar o meu irmão, trocar fralda, fazer comida, arrumar casa, lavar roupa... Tudo do meu jeito, não é? Porque quando somos adolescentes, não fazemos nada muito bem.

Quando nós nos mudamos, a casa tinha piso de chão batido. Mudamos porque minha mãe não aguentava mais o meu avô e a casa que a gente morava também era bem ruim. Meu avô brigava muito com ela. A minha infância, como eu disse, foi com muito amor, carinho, afeto e até hoje, mesmo eu não morando com eles, tudo que a gente quer a gente tem. Eu e meu irmão.

Eu era muito afeminada. Sempre fui um *gay* afeminado. E a minha família era muito protetora. Então, quando eu ficava chateada, eu falava: “Ai, mãe, o menino falou isso”. Nessa hora, meu pai e minha mãe desciam, como todo pai e toda mãe, para brigar. Mesmo eles já sabendo que era, em certa medida, verdade, eles brigavam muito.

Só que, como comentei, sempre tive uma personalidade muito forte. E parei de falar, parei de me importar mesmo. As pessoas que eu gostava me chamavam de viado. Mas eu gostava mesmo era que me chamassem de bicha, me engrandecia com isso. Eu tinha a opção de ficar triste com essas

coisas, ou me engrandecer nessas situações. O Guilherme sempre foi mais retraído. Ele falava: “Então agora a gente é bicha e acabou! Quero ver quem vai falar o contrário”. E eu também não via isso como um problema.

Uma pessoa que me traz uma lembrança boa dessa época é o Guilherme, meu “irmão”. Ele é meu confidente, marcou a minha vida, mas não teve coragem de sair de casa. De toda forma, ele também saía vestido de mulher, colocava peruca... As pessoas diziam: os “atentados da cidade”. Ele me chama de Bicha, a gente se chamava assim. Ele: “Amigo, eu posso ir pra sua casa? Porque preciso me vestir aí”. E falava com os meus pais: “Gente, vocês me deixam vestir aqui? Sei que vocês não gostam, mas a minha mãe vai matar se ela vir que estou vestido de mulher”. Guilherme foi o meu melhor amigo de infância, sempre vem para Juiz de Fora e me acompanha a vida inteira.

Na infância, eu chamava o Guilherme: “Amigo, pula o muro. Vamos brincar de casinha, anda, minha avó me deu um monte de coisa”. As nossas casinhas eram perfeitas, na roça a gente fala casinha, não é? Era bolo de barro, boneca comprada, até boneca com espiga de milho a gente fazia! Aquilo era fascinante, encantador. E, quando a minha mãe me tirava dessas brincadeiras, ela me batia...

Religião

Eu não era aquele homem que eles queriam... que fosse pastor, que ficasse de terno e gravata num altar.

Minha família é toda da Igreja Quadrangular, diferente de mim que sou da Umbanda⁵ desde o ano passado. Me lembro da data: foi em setembro. Essa é uma parte da minha vida que não queria falar porque é uma coisa muito triste, muito ruim. Tentei suicídio algumas vezes... E a Umbanda me ajudou... na minha última tentativa de suicídio, em que ia entrar na frente do trem, apareceu uma pessoa que me ajudou. Descobri que uma pessoa tinha feito um “trabalho” para uma coisa ruim acontecer comigo. A partir de então, me apeguei à Umbanda para fazer o bem, me cuidar, me tirar daquela situação. É por isso que vivo na Umbanda hoje; porque foi o que me salvou, o que me ajudou. É de onde eu tiro as minhas forças.

Antes eu não tinha relação com religião nenhuma porque achava que as pessoas tentavam te forçar, de forma agressiva, a seguir a religião deles, te obrigando a aceitar aquela opinião. E não é assim, a pessoa vai por livre arbítrio. Se eu achar por bem, se tocar meu coração, eu vou. E há pessoas que não são assim. Você começa a falar sobre

⁵ Umbanda é uma religião afrobrasileira que prega o culto aos Orixás e a outros elementos das religiões africanas, ao lado dos espíritos tradicionais indígenas e dos santos católicos. É, assim, uma religião fruto do sincretismo, estabelecida no Brasil desde o início do século XX.

religião e elas quase te batem. É aquele ponto de vista delas ali e pronto, acabou.

Mas, em casa, sempre foi uma relação de muito respeito. Apesar deles terem sua religião, sempre observaram que eu não era aquele homem que eles queriam... que fosse pastor, que ficasse de terno e gravata num altar.

A avó da minha mãe tinha um centro de Umbanda lá na casa onde eles moravam. Minha mãe sempre falava que ela se tornou pastora devido ao que aconteceu comigo. Quando eu tinha uns 3 ou 4 anos, não dormia: via um homem preto de capa e chapéu preto me chamando para brincar todo dia e toda noite. Só eu que via, mais ninguém. Eu ficava brincando com ele, conversando. Além disso, não estudava, mas eu sabia as figuras geométricas, falava algumas palavras em inglês e minha mãe começou a achar aquilo muito estranho. Então, ela me levou a alguns médicos para fazer uma série de exames. Falavam que eu era hiperativo. Me deram uns remédios para fazer eletro... eu tinha que dormir, mas não dormia. E o médico falou com ela: “Mãe, isso não é da medicina, isso é espiritual, você vai ter que procurar uma igreja porque ele não tem nada...”.

Minha mãe foi a uma igreja católica. Ela conta que eu chorei muito quando entrei dentro da igreja e que o padre pediu para ela se retirar porque eu estava atrapalhando a missa. Então, uma conhecida falou para ela ir a um culto na

Igreja Quadrangular. Ela foi e obrigou meu pai a ir. Depois disso, ela quis se aprofundar na religião porque passou a acreditar que o que eu via era um espírito. De fato, é! Se formos olhar pelo entendimento da Umbanda, é. Mas, na religião deles, é algo ruim.

E ainda tem a história da Umbanda da minha bisavó, que minha mãe me contou. Um dia, liguei para ela e falei: “Mãe, engraçado, eu fui em três terreiros de Umbanda diferentes em Juiz de Fora e falaram a mesma coisa: que eu tenho uma espécie de herança. Não estou entendendo, pois eu nunca frequentei terreiro. O que está acontecendo?”, e ela: “Ah, então vou te contar. Tua bisavó tinha um terreiro sim, você ficava lá dentro brincando. Eu não gostava. Ela tirou uma foto contigo lá que eu rasguei achando que ela estava te passando alguma coisa... então, é isso”.

A minha cidade é muito pequena e o pessoal tem a cabeça muito fechada. Por isso, ela rasgou a foto... Lá tem três religiões. Têm os evangélicos, que são os crentes; têm os testemunhas de Jeová, que vêm na porta da gente domingo de manhã e têm os católicos. Quando eu chego com as guias da Umbanda no pescoço, é uma coisa de outro mundo! Na ocasião da minha troca de nome, como fui a primeira, também fui o comentário da cidade. Então, se você comenta alguma coisa sobre religião com alguém de lá, eles são até agressivos. Não se abrem para ouvir outras coisas, para entender as outras religiões.

Estudos

O mínimo que vocês têm que me entregar é estudo.

O meu irmão é bem mais novo que eu. Acho que tem 23 anos. Ele trabalha numa empresa em Barbacena⁶, acho que é estoquista. Ele não gosta de estudar.

A minha mãe sempre prezou os estudos. Quando eu morava com eles, ela tinha uma teoria: “Se está debaixo do meu teto, vai fazer o que eu mandar, enquanto morar aqui”. O pai dela não a deixou estudar porque, na época, a escola era à noite e meu avô falava: “Filha minha não estuda à noite”. Então, até ela se casar, e ter o meu irmão, ela tinha o ensino médio incompleto.

Lembro-me que, na oitava série, eu e meu irmão falamos que íamos parar de estudar e minha mãe disse: “Então vocês vão ter que sair de casa porque para viver na minha casa vocês precisam estudar. Vocês têm tudo, não precisam trabalhar, o mínimo que vocês têm que me entregar é estudo”.

Eu repeti a oitava série, meu irmão também. No ensino médio, eu era terrível, matava aula, mas sempre fui muito popular na escola. Todo mundo gostava de me seguir, era líder da turma.

⁶ Município brasileiro no interior do estado de Minas Gerais, Região Sudeste do país. Localiza-se na região central mineira e ocupa uma área de cerca de 760 km², sendo que 28,6 km² estão em perímetro urbano.



E concluímos os estudos. Levei para a vida que o conhecimento nunca é demais: se com estudo já está muito difícil, sem estudo é pior. Ainda mais para uma mulher trans. A sociedade é preconceituosa. No comércio, por exemplo, não vemos uma mulher trans aqui em Juiz de Fora. Moro na parte central e não vejo. É muito difícil arrumarmos emprego, devido ao preconceito. A mulher trans está associada ao ramo da prostituição, então fica difícil arrumar trabalho, mesmo tendo estudo... é difícil.

Juiz de Fora

Porque a gente, uma mulher trans, passa por um processo de aceitação.

Uma mulher trans passa por um processo de aceitação. No meu caso, antes de me retificar, de me entender e me aceitar, morei uns três meses com a minha avó em Conselheiro Lafaiete. Depois vim para Juiz de Fora, foi em 2012, eu tinha me formado no ensino médio e estava com 18 anos.

Quando cheguei, morei com o meu primo e o namorado – hoje em dia, marido dele – em uma quitinete. Depois de três meses, falei assim: “Não dá para mim, preciso do meu canto”. Arrumei um emprego, fui morar sozinha. Eu tinha um colchão inflável, uma manta. Meu estoque era Toddyinho e biscoito *waffer*. E aí fui construindo a minha vida.

Quando cheguei em Juiz de Fora, pensei: “Tenho duas opções, ou cair no ramo da prostituição, que

é o que a sociedade permite, ou terei que bater de frente, pegar qualquer serviço, qualquer coisa de carteira assinada”. E foi isso que eu fiz. Não critico quem é do ramo da prostituição, óbvio que não, mas é uma profissão muito desvalorizada então optei por trabalhar de carteira assinada. Sempre prezei muito os estudos, para não ter que depender de ninguém e também não correr os riscos que as mulheres trans correm nas ruas.

Depois que vim morar sozinha, fico lembrando de tudo que a minha mãe falava e me pergunto: “Vou querer ser operadora de caixa para o resto da vida? É um serviço digno, não vou mentir, mas eu ganho muito pouco. Quero mais, tenho sede de mais. A Paola Terra quer alcançar o mundo e quanto mais, melhor para ela”. Então pensei: “O que eu serei? Não tenho paciência, então como vou cuidar do outro? Como vou fazer enfermagem?”. Não fiz.

Meu melhor amigo é cabeleireiro e maquiador. É o melhor da nossa cidade, ele falava comigo: “Vem trabalhar comigo para me ajudar e aprender”, eu falava: “Pelo amor de Deus, tenho pavor, amigo”. Ele até me ensinou a ser cabeleireira e maquiadora, mas não quis, não gosto. Pensei: “Gente, nada é para mim, pelo amor de Deus, nada é para mim, nada é para mim”.

Mas então, conheci uma advogada da área criminal que se tornou minha amiga, a Bianca Reis. Fui conhecendo o trabalho dela e falei: “Uai, acho que isso é para mim”. Foi despertando essa

vontade de cursar a faculdade de direito, comecei duas vezes a faculdade de direito, mas parei. Eu pagava aluguel e todas as despesas da casa. Na época, ainda não tinha me reconhecido como trans, não tinha esses gastos de uma mulher trans e ainda assim era difícil.

Autodescoberta, transição de gênero e retificação do nome

Bicha, está passando uma novela, A Usurpadora, olha a Paola Bracho, ela é muito a tua cara!

O Guilherme é homossexual. Quando ele deixou o cabelo crescer, eu achei que ele seria a trans da dupla. Ele falava: “Amigo, deixe o seu cabelo crescer”. Eu: “Não”, sempre cortava. Eu era aquele garoto *playboy*, mas me olhava no espelho e não era eu... Eu falava: “Tem alguma coisa errada, ponho a roupa, sigo o estilo e mesmo assim não sou um garoto como os outros. Tem alguma coisa errada”.

Em 2020, fui desfilando no concurso *gay* na cidade de Bicas⁷. Tinha comprado aquelas perucas para desfilando com penteado e na hora eu falei: “Amigo, raspa a minha cabeça”, ele estranhou, mas falei: “Raspa a minha cabeça, vou deixar meu cabelo crescer a partir de hoje. É isso que quero para

⁷ Município brasileiro do estado de Minas Gerais, localiza-se na Zona da Mata e distancia-se por rodovia 290 km da capital Belo Horizonte.

mim. Eu na passarela, maquiada, de vestido, é isso.” Então, ele me olhou e disse: “Bicha, está passando uma novela, “A Usurpadora”, assista e veja a Paola Bracho, ela é muito a tua cara!”. Assisti e me identifiquei, meu nome passou a ser Paola. Naquele concurso, desfilei como Paola, mas antes de escolher este nome eu me chamava Andréa por causa daquela atriz, a Andréa Beltrão.

Eu ainda tinha os documentos masculinos quando comecei a ser a Paola. Passei a usar roupa de mulher e exigir que as pessoas me tratassem no feminino. Acho que a aceitação tem que vir de dentro. Foi assim que fui me descobrindo enquanto Paola.

Desde pequena, eu sabia que não era homem. Meu pai me dava todos os carrinhos, os “Power Rangers⁸”, ficavam lá: era ele quem brincava. Por outro lado, via na televisão aqueles concursos de miss e falava com o meu amigo: “Eu vou ser miss um dia”. Ainda não fui, porque eu desfilei duas vezes, mas para Miss *Gay*. E ele falava: “Quando tu fala, tu consegue, tu é terrível”. Quando comecei minha transição, fui convidada para participar do Miss Juiz de Fora *Gay*, mas tinha trocado de nome. Eu falei: “Não posso, porque é contra a minha índole, contra o meu caráter, estarei indo contra a lei. Já não existe mais o Lucas, não posso desfilar.”

8 Série de televisão de sucesso no Brasil nos anos 1990. Narra histórias de um grupo de super-heróis, caracterizados com uniformes coloridos (cada qual de uma cor), que lutam para proteger o planeta – nos moldes das séries japonesas de mesmo estilo.

Nessa época, não tinha consultado com endócrino ainda e não tomava hormônio por conta própria, porque tinha muito medo. Um dia, conheci um garoto trans, trabalhando num evento e ele falou: “Procura uma endócrino, sua feição é feminina”. Eu procurei e comecei a usar hormônios. Depois dos hormônios, meu corpo, meus seios... fui ficando bem feminina. Tenho vontade de colocar silicone e operar o nariz. Redesignação não tenho vontade de fazer. Não sinto necessidade, já me vejo enquanto uma mulher trans, não preciso fazer essa cirurgia para me sentir completa.

Quando estudava direito, um dia, a coordenadora me chamou e falou: “Tenho uma amiga que é advogada, a Luiza Cotta. Ela está participando de um projeto de uma associação de travestis⁹ e transexuais aqui de Juiz de Fora. Tem uma verba para o processo de retificação, você quer ser retificada?”. Eu respondi: “Óbvio que eu quero!”. Na época, o processo era pago e eu não tinha condições financeiras”.

Entrei em contato com a Luiza e ainda tinha verba. Consegui. Comecei o processo de retificação. Foi muito burocrático, mas em momento algum pensei em desistir. No começo, vi que não ia ser fácil, fiquei muito ansiosa. Era uma oportunidade que a vida estava me dando, eu não tinha condições de

9 Travesti é uma das identidades de gênero que estão dentro do guarda-chuva transfeminino, ou seja, tratam de corpos que foram identificados enquanto masculinos no nascimento, mas que se reconhecem enquanto femininos.

pagar, tinha alguém na associação pagando pra mim. Durante esse processo, já tinha começado a tomar hormônios, meu cabelo estava grande, estava na altura do ombro. Eu só pensava: “É isso que quero”.

A Luiza me deu uma lista de documentos que tive que providenciar. A minha certidão de nascimento estava com a minha mãe. Falei com ela que perguntou: “Pra que você vai fazer isso?”. Eu expliquei, ela trouxe a certidão. No cartório, me informaram que teriam que mandar tudo para o cartório onde fui registrada. Ficou um pouco mais caro, mas a Luiza falou que não teria problema.

Depois veio a grande surpresa. O cartório da minha cidade respondeu: “Paola, não sabemos fazer isso, nunca fizemos, você é a primeira pessoa que vai ser retificada. Temos que chamar o cartório de uma outra cidade para nos ensinar”.

Quando falo que Alfredo Vasconcelos é uma cidade muito pequena, não é aberta, é por isso. Porque, para mim, quando começou a retificação a ser uma lei, as pessoas passam a ter o direito e acho que todos os cartórios deveriam saber fazer. Deveria haver um treinamento. Mas chamaram o cartório de uma outra cidade. Eu fui o comentário da cidade, a primeira trans a trocar de nome e sexo. No fim, mandaram, fizeram. Isso demorou um mês e pouco. E eu naquela ansiedade, sem o documento.

Com a certidão em mãos, cheguei na Polícia Civil para tirar a identidade, mas tinham feito errado. Voltei triste, chorando, liguei para o cartório: “Gente, vocês têm que mandar um comunicado para a polícia, alguma coisa”. “Tá, Paola, a gente vai chamar o...”, acho que era o escrivão, “da outra cidade para voltar aqui e ensinar a gente de novo”.

Eu acho que é uma falha muito grande das cidades no geral. Quando começa uma coisa, assim, que é um direito de todos os seres humanos, das pessoas trans, tem que se preparar... Todo mundo tem rede social, hoje em dia tudo vira notícia. Já tem que se preparar, fazer o cartório pesquisar, saber como é. Porque aconteceu isso comigo... imagina se não fosse eu? E se fosse outra mulher trans que estivesse pagando; como tudo não sairia muito mais caro? Não paguei porque consegui tudo por essa associação, mas não gostei do erro deles.

Até hoje, quando visito alguns *sites* do governo, Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), Caixa Econômica Federal (Caixa), o meu nome não foi trocado. No Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), eu fiz a prova este ano como Lucas, o que é um absurdo porque havia um campo para nome social, mas não é social meu nome. O bom é que depois da prova não precisei fazer nada: atualizou automaticamente meu nome como Paola. Isso cansa. Mas te digo que quando vi meus novos documentos, eu chorei... Sou muito chorona. Pensei assim: “Gente, agora sou eu! Agora é aquela pessoa por quem eu lutei, apanhei. Agora a minha vida pode virar a chave”.

Costumo falar para todo mundo: “Ah, o Lucas morreu para a Paola nascer”.

Nunca frequentei muito o meio LGBT¹⁰ em Juiz de Fora. Já fui agredida por pessoas do meio. Mas dos lugares que eu já frequentei... já fui em *Miss Gay*. Fico fascinada e isso me torna a Paola.

Mas acho que, no fim, aqui em Juiz de Fora, tudo depende do jeito como você se impõe. Certa vez, me falaram assim: “Ainda bem que você é uma...”, falaram esse termo, “Ainda bem que você é uma travesti que não é igual às outras da rua. Você tem classe, porque as outras são todas daquele nível barraqueiro”. Então acho que tudo depende muito do jeito que você se impõe; é tudo ação e reação.

Em Juiz de Fora, acho que as pessoas não sofrem preconceito primeiramente pela aparência, porque aqui se respeita muito como você quer ser chamada. E eu sempre deixei claro que queria ser chamada de Paola. Um ou outro que troca, mas depois fala assim: “Desculpa”. São pessoas mais velhas.

A minha chefe me conheceu como Lucas. Eu trabalhava neste bairro e passava lá na padaria. Ela tinha meu contato salvo como Lucas. Entretanto, quando fui fazer entrevista de emprego com ela, eu

¹⁰ LGBT é uma sigla que significa Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgênero. Em uso desde a década de 1990, pode indicar qualquer pessoa não heterossexual ou não cisgênero, ou fora das normas de gênero por causa da orientação sexual, identidade ou expressão de gênero.

falei: “Meu nome agora é Paola”. Ela: “Desculpa, seu nome está salvo como Lucas. Então, a partir de hoje, te chamo de Paola. Te trato no feminino, não é?”, e eu respondi: “É”. Até o filho dela de 9 anos me chama assim.

Então, Juiz de Fora é uma cidade muito receptiva nesse sentido. As pessoas não discriminam ninguém “de primeira”, pela imagem. Sei que o preconceito existe. Tem pessoas que vão falar que eu sou não uma mulher trans, que eu sou um veado. Mas a sua postura na sociedade define se você vai sofrer um preconceito ou não.

Sempre fui em ambiente heterossexual e nunca sofri preconceito. Quando eu ainda tinha o documento masculino, as pessoas só falavam: “Infelizmente, não posso te liberar a entrada feminina de graça porque rege pelo seu documento, mas vou te liberar porque te conheço”. Ou, ainda, quando eu não tinha o documento feminino, entrava no banheiro das mulheres, mas nunca fui barrada. Não sei se é porque também eu sou da equipe de segurança. Enfim, não sei se porque sou muito conhecida em Juiz de Fora, ou se é porque a cidade é assim mesmo, mas não sofro preconceito aqui. Nunca sofri.

Trabalho

Eu sei onde meu calo aperta, então eu faço de tudo.

Comecei vendendo *chip* na rua. “*Chip* da Oi, promoção, vem cá!”. Ficava eu, no centro, igual

aquele meme de dinossauro, gritando. A minha mãe sempre me ensinou que todo trabalho é digno. Eu gosto de ser burguesa, “filhinha de papai”. Então, tenho que correr atrás.

Como optei por não me prostituir, eu falava: “Gente, com um salário mínimo não consigo ter tudo que quero, as coisas caras, pagar aluguel e me sustentar. Vou ter que fazer bico, vamos lá”. Então, eu vendia *chip* na rua e fazia evento. Porque pensava: “Gente, não está dando um salário mínimo, o que eu vou arrumar? Vou tentar trabalhar em evento. Mas é só R\$ 100 por noite... Ah! R\$ 100 que me salva, vamos lá”. Sempre fiz de tudo um pouco. Hoje, trabalho de carteira assinada em uma padaria como atendente.

Mas sei que a mulher trans é associada à prostituição. Ela é vista como um objeto sexual. Quando eu entrei pra padaria, comecei a atender os clientes e vi que alguns estavam me tratando de uma forma diferente. Todas nós que trabalhamos na padaria – eu, a menina da manhã e minha chefe – chamamos os clientes de “amor”, de “meu bem”, porque achamos que temos que tratar as pessoas da forma como nós gostaríamos de ser tratadas. Isso é algo que atrai o cliente. Mas, desde que entrei em outubro nesse trabalho, já recebi uns quinze papéis com telefone. Alguns homens entram sem querer comprar, ou compram sem necessidade alguma só para tentar sair comigo. E isso me incomoda um pouco pelo fato de eu ser trans. Um dia, perguntei para minha chefe: “Não tem uma trans aqui nesse bairro?” Ela: “Por quê?”. Eu falei: “Comece a observar as câmeras”. Isso é um assédio para mim.

Certo dia, um cliente deitou no balcão. Quando percebi, ele estava tentando passar a mão para me alcançar do lado de dentro. Essa é a parte que me afeta, porque a mulher trans, infelizmente, é vista mesmo como objeto sexual. Eu olho o cliente como um cliente, jamais como um homem, no sentido do desejo sexual. No entanto, muitos clientes me adicionam no Instagram e dizem: “Ei, você me atendeu”. Nessas horas, eu falo: “Eu te atendi? Nunca reparo quem é o cliente que eu estou atendendo de tão profissional que sou”.

Eu moro no centro. Quando saio, os carros param. Se estou maquiada, perguntam quanto eu cobro. Eu acho que isso é um fato que a sociedade deveria mudar, porque nem toda mulher trans opta por trabalhar como objeto sexual.

Quando eu faço evento, vou de salto, maquiada, mas sempre estou acompanhada de um fotógrafo. Eu sou cerimonial de fotografia. Faço meu trabalho e nunca aconteceu assédio. Trabalhava na portaria de uma boate. Eu era da equipe de segurança, mas também ia maquiada, de salto. Sempre ficavam dois, três seguranças comigo. Nessa boate, de vez em quando um ou outro cliente bêbado, alterado, me convidava: “Vamos embora? Eu vou te levar, vou te dar uma carona.”, mas eu não aceitava.

Essa parte do assédio, sinto muito no meu serviço atual, apesar de não haver ninguém bêbado. Eles acham que a câmera não está vendo e fico muito constrangida. Teve um dia em que eu e minha chefe estávamos lavando a padaria e ela falou: “Por que você está com o olho cheio d’água? O

que aconteceu?”. Nesse dia, o que aconteceu foi que parou um táxi na porta, desceu um homem, só comprou uma cerveja, pediu um papel e uma caneta e ficou me chamando para sair com ele depois do trabalho. Então, ela, que me defende muito, falou: “Se eu vir algo assim de novo, eu brigo com ele. Você está no seu ambiente de trabalho!”.

Eu tenho uma boa qualidade de vida. Não posso dizer que sou rica, nem que sou pobre. Tenho tudo que quero: o meu armário é cheio, minha geladeira, tudo que quero eu tenho. Vivo de salário mínimo, igual a todo mundo. A gente passa aquela dificuldade de final de mês, mas é a dificuldade pontual de fim de mês mesmo e pronto.

Mas quando penso no futuro, a Paola quer ser advogada criminal. Porque sou muito autêntica, tenho uma opinião muito forte. Como eu falei, a Bianca é uma advogada criminal e me espelha muito nela. Acho muito bacana você defender o direito que o outro tem. Na área criminal é isso... Você não defende o que o ser humano fez, você defende o direito dele enquanto ser humano. O que ele fez, ele vai pagar por isso e a lei é clara.

Saúde

Olha, você vai ter que fazer terapia.

A Paola já enfrentou várias batalhas. Tentei suicídio três vezes. Chegou um momento que o meu corpo estava com mancha roxa, meu cabelo estava

caindo, eu não conseguia contar para ninguém. A endocrinologista até me encaminhou para acompanhamento psicológico, mas não quis ir.

A batalha do meu último relacionamento foi a maior delas, porque deixou cicatrizes, marcas com que sou obrigada a conviver todos os dias, desde quando me levanto até a hora de deitar. Não consigo contar nem para a terapeuta o que eu vivi. Cheguei a fazer ocorrência contra meu ex. Temos um processo baseado na Lei Maria da Penha. Só consegui contar para o meu pai e minha mãe o que estava acontecendo muito tempo depois. A forma deles me ajudarem foi assim: “Entrega o apartamento e vamos embora”. E eu ainda sofro com resquícios disso e vou ter que sofrer para o resto da vida.

Quando fazia faculdade, tínhamos uma psicóloga a nossa disposição. Certa vez, ela me atendeu e me encaminhou. Falou assim: “Você vai ter que fazer terapia devido à tentativa de suicídio, pois isso não é certo”. Hoje em dia, não faço terapia por falta de tempo. Trabalhar, estudar e ser dona de casa, não me sobra tempo, mas sinto necessidade... Tem dias que eu vou dormir duas horas da manhã para levantar às seis. Mas sei que tenho que fazer esse acompanhamento. Minha saúde mental é 50% devido a tudo que eu vivi, ao contexto geral do meu último relacionamento, ao fato de ser uma mulher trans e também devido ao preconceito presente na sociedade. É muito fardo que carregamos. Então, trabalho todos os dias para aumentar essa porcentagem da saúde

mental. Vejo que estou me isolando. Convivo com pessoas na padaria e na escola porque tenho que conviver. Chego em casa, minha televisão fica no mudo, meu celular no silencioso, fico trancada, choro sozinha e não costumo contar a ninguém sobre as minhas tristezas.

Uma pessoa trans, assim como um *gay*, uma lésbica, já levanta da cama sabendo que vai sofrer um preconceito. Pode não ser verbal, talvez um olhar, alguma coisa desse tipo. Essas coisas vão me entristecendo, mas prefiro não bater de frente com o outro porque tem gente que é ignorante, fechada no seu próprio mundo e, às vezes, nem um processo judicial faria a pessoa mudar de opinião.

Mas nessa questão de ser trans, fui sempre muito bem resolvida. Tenho uma personalidade forte, mas escuto tudo, atenta, e, chegando em casa, filtro algumas coisas de conversas com clientes, procuro pesquisar os assuntos. Como não tenho tempo de ir à terapia, faço essa terapia dentro de casa. Tento reconhecer meus erros.

No que se refere ao acesso à saúde, meu pai paga um Plano de Saúde para mim e para o meu irmão. Chama “Cartão de Todos”, ele dá direito a descontos. É, na verdade, um convênio médico. Ele já pagava quando eu morava com eles. Eu saí e ele manteve. Minha endócrino atende nesse plano, então pago um valor mais baixo. Quando consultava pelo SUS^{II}, mesmo quando não era retificada, as pessoas olhavam meu documento,

^{II} Sistema Único de Saúde.



olhavam para mim, que já era mulher trans e falavam: “Como você quer ser chamada?”. Eu falava o nome e eles me chamavam da forma que eu queria. Quando alguém esquecia, sempre pedia desculpas. Minha experiência na saúde tem sido assim...

Relacionamentos, violência e o meio LGBT

E ainda teve esse relacionamento que me fez ter certeza que relacionamento não é para mim...

Um dia, fui agredida na rua por outra mulher trans com quem meu ex-companheiro estava ficando. Ele enganou nós duas. Vou contar rapidamente, porque não gosto de entrar nesse assunto. Eu estava morando com um menino. Quando eu ia trabalhar, ele me traía. Então, descobri. Levei ela lá em casa. Não briguei porque ela não tinha culpa, mas falei: “Pelo que estou entendendo, nem você, nem eu, sabíamos”. Ela respondeu: “Mas estou com ele há seis meses, namoro com ele”, e eu disse: “Eu estou há dois anos”.

Eu pedi para ela o levar embora. Só que, passado um tempo, como eu nunca tinha me relacionado, nunca tinha me apaixonado antes, perdoei e deixei ele voltar. Um belo dia, estava na rua com ele, abraçada, senti minha cabeça batendo no meio-fio. Era uma mulher trans com quem ele ficava. Falou que eu a ameacei. Eu falei: “Para você, chamar a polícia é uma ameaça?”. Ela falou isso porque, um dia, ela entrou no meu prédio e, a partir do

momento em que você entra em um prédio sem autorização, para mim é invasão. Então, disse que chamaria a polícia.

Do mesmo jeito que essa trans me pegou de costas na rua e bateu a minha cabeça no meio-fio e falou essas coisas, tenho medo de ser pega de costas e tomar uma facada, um tiro. Tenho esse medo.

Mas tirando essa parte muito ruim da minha história, se eu estou discutindo, começo a chorar muito. Não gosto de bater, prefiro chorar a agredir. Sempre me lembro do que a minha mãe me ensinou: agredir não é certo. Então, naquele dia, eu apanhei, mas não bati, não fiz nada. Depois, fiz uma ocorrência policial e levei para minha advogada. É um fato isolado, um capítulo muito ruim que tive na vida do qual ainda estou me recuperando.

Assim, em alguns espaços tenho medo de como serei recebida, porque o meu contato com trans, gays e lésbicas foi de agressão. Aqui em Juiz de Fora, apesar de ser uma cidade grande, é pequena ao mesmo tempo e a comunidade LGBT é muito unida. Tenho medo de contar para uma pessoa sobre a agressão que sofri e a pessoa contar para outra e eu ser agredida de novo na rua.

Posso te contar de todas as vezes que fui ameaçada. Tenho provas no meu celular. Teve uma mulher trans que me ameaçou tanto pelo Instagram que troquei de conta. Era uma outra mulher trans com

quem o meu ex também estava ficando. Não sou de ficar batendo boca, não tenho tempo. Ela usava palavras de baixo calão, tenho todas as conversas salvas. Fiz uma ocorrência contra ela.

Assim, prefiro não me inserir no movimento LGBT. Tenho para mim, que alguém que não vai com a minha cara vai querer me agredir. Eu sei que posso me defender de uma agressão, mas não gosto. Não gosto de evento *gay*, de boate *gay*. Sei que alguém pode acabar cismando com a minha cara. Eu tenho um gênio difícil, sou insuportável. Defendo muito o meu ponto de vista, porque batalhei muito para ser quem eu sou, para chegar onde eu cheguei. Aí, as pessoas não gostam de mim e falam: “É metida, lá vem a rica, a burguesinha”. Então prefiro não ir, para não ser agredida, para não ser exposta.

Minhas redes sociais são privadas. Faço mil *stories*, mas eu vejo quem está ali dentro. Imagina um vídeo meu sendo agredida, brigando na rua... Acho feio, não é da minha índole, do meu caráter. Minha mãe fala que você não paga o mal com mal, que você não tem que reagir da mesma forma que o outro te trata. Ela nos ensinou a sempre fazer o bem. Você pode tomar mil porradas na vida, mas você tem que fazer só o bem, porque no final das contas é você e você. Ela fala: “Te bateu, você faz o quê? Você tem advogado, faz uma ocorrência, não agride ninguém na rua”.

É importante pontuar que, quando fui agredida, a Jaqueline, essa que eu falo que é minha irmã,

foi fundamental. Me ajudou demais, me tirou do fundo do poço! Eu estava com tanto medo de sair na rua... Eu tinha que andar com canivete para me defender. Por tudo que ela fez, terei gratidão eterna a ela.

Sonhos

Hoje em dia eu só quero ser advogada, mãe e miss...

Eu costumo chamar os meus sonhos de “sonho-projeto”. De todos os “sonhos-projetos” que tenho, o maior de todos, fico até arrepiada, é a adoção. Para eu alcançar isso, preciso me formar. Tranquei a faculdade por questões financeiras e para redirecionar a minha vida e meus pensamentos. Virando a chave, de repente, eu pensei: “Quero ser mãe.” Por que quero ser mãe? Porque vejo que meu pai está deixando uma coisa para mim. E vou deixar para quem? Eu quero um filho. A faculdade dura cinco anos. Depois, preciso fazer OAB¹². Então, resolvi cursar técnico em administração que dura só um ano e meio. Assim, terei uma profissão melhor, com mais condições de ter uma criança e, depois, mesmo tendo uma criança, poderei cursar a faculdade de direito. Então, é isso! A Paola quer ser advogada. Ela vai ser técnica em administração por causa desse sonho que ela tem de ser mãe, mas ela quer advogar.

Costumo falar que quero a criança mais preta ou negra que tiver – não sei que termo devo usar

¹² Ordem dos Advogados do Brasil.

para não discriminar ninguém –, porque o índice de rejeição de crianças pretas ou negras é muito grande no Brasil. Minha mãe falou que, onde ela trabalha, na secretaria de uma escola, fica uma menina revoltada, bem pretinha, chorando porque ninguém quer adotá-la. Quero adotar um recém-nascido porque quero curtir essa fase. E também porque acho que a criança vai sofrer menos por ter uma mãe trans, umbandista, neta de uma pastora que também é negra. A minha família é bem diversificada, ela é alvo de vários preconceitos, por isso, quero adotar bem pequeno.

E, no futuro, daqui a uns dez anos... Antigamente, eu me via, no futuro, muito famosa. Hoje em dia, só quero ser advogada, mãe e miss. Para mim, sonho é isso: ser mãe, conseguir ensinar para meu filho tudo que minha mãe me ensinou. Claro que eu filtrei muita coisa. Quero deixar a criança numa condição boa, aquela frase do meu pai: “Eu vou dar para você tudo que nunca tive”. Na verdade, eu não posso falar que darei o que nunca tive, porque tive tudo. E ser miss é um sonho, tenho sonhos pequenos e sonhos grandes. Eu tinha o sonho de passar a virada do ano em Copacabana, por exemplo, e realizei.

Pensamentos finais

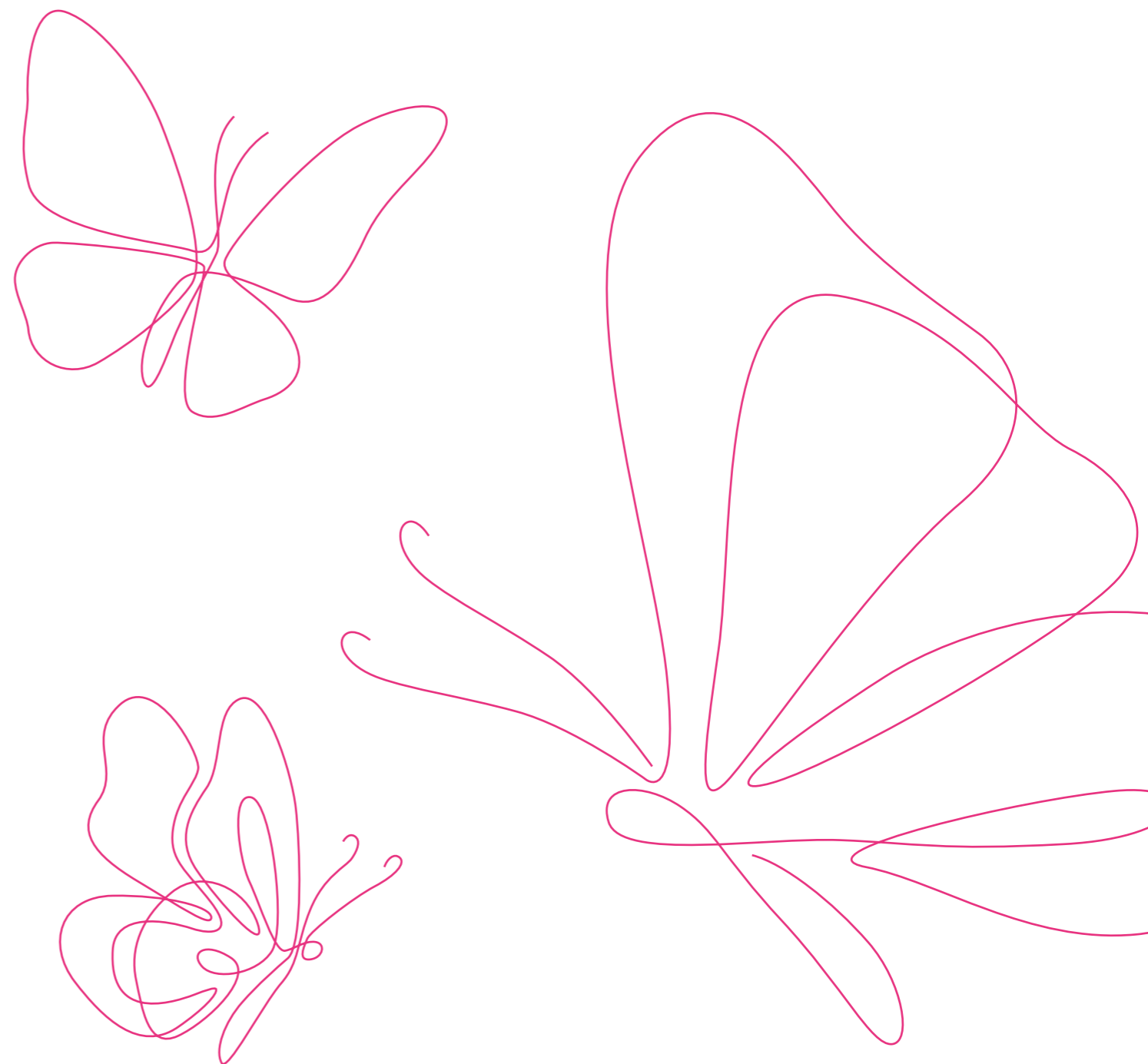
A gente tem que buscar para conseguir o “sim” de tudo.

Eu só gostaria de acrescentar que não podemos, de um modo geral, nos importar com a opinião do outro. Li na internet uma frase, não me lembro

o autor, mas que era mais ou mesmo assim: “A gente é o que a gente consegue ser, não o que a gente quer ser”. Todo mundo quer ser uma coisa. Quando se é criança, quer ser o mundo. E não é bem assim que acontece. Cada um faz a sua trajetória, tem a sua vida, enfrenta os seus desafios. E, no fim de tudo, somos o que conseguimos ser. Podemos chegar bem perto de alguma coisa, mas no meio do caminho alguns sonhos ficam para trás, outros sonhos entram. Às vezes, conquistamos coisas que não imaginávamos.

No meu caso, não imaginava ganhar a retificação, não imaginava ser a Paola que sou. Talvez, eu pudesse ter sido a Andréa, aquele primeiro nome. Poderia estar no *Big Brother* e ser muito famosa. Mas não: a gente é o que a gente consegue ser, não o que a gente quer ser. O recado que tenho para todas as pessoas é que elas não tenham medo de tentar, de buscar, apesar de eu ser uma pessoa muito medrosa. Por mais que você esteja com medo, vá e faça. O “não” a gente já tem. A gente tem que buscar o “sim” em tudo.

“Ah! Eu tenho medo dos meus pais, tenho medo de me assumir.” Trace um plano para sair da casa dos seus pais, para não depender deles e, quando começar a se sustentar, você pode ser quem você quer ser. Na casa dos meus pais, eu era obrigada a ser uma certa pessoa até os 18 anos. Eu saí de lá e hoje sou quem quero ser. Não aceito que falem o contrário. Respeito a opinião deles, como eles respeitam a minha. Mas é isso! Obrigada e me desculpem se eu chorar. É porque me lembro de muitas coisas... não tem como!



Duda Salabert

Duda Salabert
Marina Alves Amorim
Cláudia Torres Lopes



Família de Origem

Meus pais se tornaram pais muito jovens. Quando eu nasci, meu pai tinha 18 anos e minha mãe, 19. A minha mãe é uma mulher negra. Ela estudou até o 8º ano do antigo ensino de primeiro grau¹. O meu pai é torneiro mecânico. Mais tarde, ele até conseguiu cursar engenharia na Faculdade Kennedy, mas nunca exerceu a profissão de engenheiro – ele entrou na graduação quando eu fazia letras. A profissão que meu pai sempre exerceu e continua exercendo é a de torneiro mecânico. Eu tenho uma irmã e um irmão. Sou a mais velha dos três, a primogênita.

Meu avô paterno era carteiro, já meu avô materno era pipoqueiro. Na minha infância, eu tive uma relação muito forte e muito intensa com o meu avô por parte de pai, porque esse meu avô, apesar

¹ Atualmente essa etapa da educação básica se chama Ensino Fundamental e é composta por nove anos de escolarização.

de não ter estudado por muito tempo, era um autodidata. Então, ele lia e escrevia muito. Eu me lembro que ele tinha uma biblioteca muito curiosa, muito interessante. Quando eu estava no 6º ano, eu pegava os livros dele sobre o Erich Fromm e lia. Erich Fromm é um sociólogo. Eu me lembro de conversar sobre o que eu lia nas aulas de geografia. Eu, com o olhar da época, achava uma coisa natural. Eu, com o olhar de hoje, acho uma coisa muito estranha: uma criança de 12 anos de idade lendo Erich Fromm, que é um baita sociólogo. Hoje é que eu vejo isso dessa forma. Pegava textos do Freud para ler também, naquela época. Eu não entendia muito bem, mas eu tinha um fascínio pela biblioteca do meu avô. Isso teve um impacto muito grande em mim.

Foto: Bruno Reis



A vida entre Contagem, São Paulo e Belo Horizonte

Eu nasci em Belo Horizonte, em 1981, embora só tenha vindo morar em Belo Horizonte com 22 anos. A minha infância e a minha adolescência se deram entre Contagem e São Paulo. Eu fiquei dois anos em cada uma dessas cidades, como comprova o meu histórico escolar do que, hoje, chamamos de ensino fundamental. Então, eu ficava dois anos em Contagem, e, depois, dois anos em São Paulo. Na sequência, mais dois anos em Contagem, e mais dois anos em São Paulo. Foi assim o ensino fundamental inteiro. Só no ensino médio, de fato, que eu finco o pé em Contagem, passei minha adolescência por lá.

Esse trânsito entre Contagem e São Paulo se deve às dificuldades financeiras da minha família. Com várias dificuldades financeiras em Contagem, minha família tentou uma melhor condição de vida em São Paulo. Aí, quando não deu certo lá, minha família voltou para Contagem, para morar com a minha avó. Foi quando Fernando Collor ganhou a eleição para a Presidência da República. Isso teve um impacto muito grande na economia, negativamente. Meu pai ficou desempregado na época, quase dois anos, no contexto do governo Collor e, depois, do governo Itamar. Nesses dois anos em que ele ficou desempregado, nós moramos em Contagem, em um apartamento da minha avó – ela tinha um apartamento próprio; meu avô já tinha falecido nessa época. Quando passou esse

período e a economia começou a estabilizar, meu pai conseguiu um novo emprego em São Paulo. Então, nós voltamos para São Paulo.

São Paulo nos anos 1990 tinha um índice de violência absurdo! Eu morava em um dos bairros mais violentos de São Paulo. Há uma curiosidade: o bairro em que eu morava era o mesmo do Criolo, aquele *rapper*. Ele é uns quatro anos mais velho do que eu, então, ele não lembra de mim, e também, não o encontrei depois que ele fez sucesso, mas me lembro dele e da família dele. Vivíamos na mesma região da periferia de São Paulo, com uma violência muito grande, uma violência exacerbada. E é justamente por causa dos cenários de violência que a gente decidiu voltar para Contagem. Vários colegas meus estavam sendo assassinados.

A violência era tão comum, naquele contexto de São Paulo dos anos 1990, que o que mais me impressionou quando eu voltei para Contagem, aos 15 anos, é que eu passei um mês sem ver nenhuma pessoa morta a tiro. Lá, onde eu morava na periferia de São Paulo, a cada semana, eu via corpos mortos à bala. E a gente sabia até os códigos, por exemplo, se tinha um triângulo na testa, era morte por determinado erro que a pessoa cometeu. Então, eu volto para Contagem, fugindo da violência de São Paulo.

Contagem é muito importante na minha história. Tanto é que, na primeira candidatura para



Duda Salabert e Marina Amorim durante a entrevista deste livro
Foto: Bruno Reis

vereadora, havia uma dúvida sobre onde eu sairia candidata, se em Belo Horizonte ou em Contagem. Nós já tínhamos o diagnóstico de que, se eu saísse candidata em Contagem, eu ganharia as eleições. E tínhamos também o diagnóstico que eu ganharia em Belo Horizonte. Aí, a dúvida era sobre onde teríamos maior capital político. Nós optamos por Belo Horizonte, estrategicamente, considerando que a capital do estado tinha uma centralidade maior no campo geopolítico. Foi por isso a decisão. Mas Contagem é, em grande medida, a minha vida.

Contagem é, historicamente, uma cidade industrial, uma cidade esvaziada do ponto de vista

cultural, quando se entende cultura no sentido da efervescência cultural. A gente não percebia isso vivendo em Contagem, mas as minhas vivências lá foram muito traumáticas, justamente porque não tinha esse diálogo com pares sobre temas culturais que me atraíam. Eu me sentia um pouco ilhada.

Ao mesmo tempo, essa vida indo e vindo entre São Paulo e Contagem foi ruim, em função dos laços afetivos, né? Era difícil enraizar, afetivamente, com amigos. Isso moldou por completo a minha personalidade: eu sou uma pessoa solitária ao extremo, e não vejo isso como algo ruim. E, além de ser uma pessoa muito solitária, eu sou uma pessoa que não estabelece muitas relações

de amizades. É muito difícil fazer amizade, para mim, não porque não haja possibilidades, mas porque eu sou uma pessoa bastante fechada. Foi uma estratégia para me blindar. É a análise que eu faço hoje. Então, com certeza, foram vivências traumáticas que moldaram a minha personalidade de ser uma pessoa mais distante das relações afetivas, de amizade. Eu não sou uma pessoa que tem amigas ou amigos. Sou eu, minha companheira e minha filha. Com as outras pessoas, a gente tem relações políticas. As minhas relações afetivas são, estritamente, com a minha companheira e com a minha filha.

A escola, o esporte, a cultura punk e a poesia

Eu estudei em escolas tradicionais, do ponto de vista pedagógico. Professoras e pedagogas nunca viam em mim a possibilidade de algum sucesso. Pelo contrário, era sempre um discurso de que, se eu continuasse com determinadas posturas, essas posturas iriam limitar minhas possibilidades de futuro. Durante minha vida toda, eu tomei recuperação. Fui reprovada no 7º ano, e, daí para frente, eu nunca deixei de pegar recuperação – sempre estive entre as piores alunas da sala.

Ao mesmo tempo em que era uma das piores alunas, eu sempre conseguia me desenvolver muito bem com a educação física. O esporte sempre foi importante para mim. O que me salvou na adolescência, na minha avaliação, foram três coisas: em

primeiro lugar, o esporte; em segundo, a cultura *punk*; em terceiro, a poesia.

Entrei em contato com a cultura *punk* nos anos 1990. Porque ela me ensinou a importância do desafinado, né? Você desafinar é muito importante. Você buscar o acorde mais simples e não o mais complexo ou o erudito, também tem seu espaço. O espaço da feiura, o espaço do estranho, tem a sua dimensão estética. Isso é interessante. Eu sempre fui a pessoa estranha da escola, né? Eu sempre fui a pessoa que ficava mais isolada. Então, a cultura *punk* foi muito importante para mim. Eu acho que, se eu não cometi o suicídio na época, foi por isso. Eu era uma criança que tinha uma depressão profunda ou aguda – hoje, eu tenho certeza.

Eu encontrava no *punk-rock*, assim como eu também encontrava no esporte e na poesia, os elementos para me manter viva. Então, eu escrevia muito. Achava que era poeta na época. Depois, eu descobri com o Paulo Leminski que é muito fácil ser poeta com 16 anos. É muito fácil ser poeta com 15 anos, né? Quero ver ser poeta com 40, com 50, com 60... Como Drummond, poeta com 70 anos. Poxa, você está com 70 anos e você está escrevendo ainda?! Com 16 anos, era fácil! Mas a poesia era um escapismo para mim. Eu me achava poeta. Cheguei a escrever muitos poemas; tentei publicar um livro. No meu contexto na escola, consegui até mudar a relação da sala de aula com a poesia. Porque, como eu escrevia muito e declamava muitos poemas em sala de aula, a escola

em que eu estudava decidi fazer um concurso de poesia e escrever um livro de poesia com as poesias dos alunos. Os colegas pediam para que eu escrevesse poemas para eles mandarem para as meninas pelas quais eles estavam apaixonados e vice-versa. Em festas de 15 anos, as mães pediam para eu escrever os poemas que iam ser lidos. Então, a poesia teve muita importância. Eu conseguia socializar com meus colegas por meio do esporte, da cultura *punk* e da poesia.

Eu decidi fazer a graduação em Letras, no 7º ano do antigo 1º grau. Eu sempre fui muito ruim em português. Eu me lembro que, no último bimestre do 7º ano, para eu não pegar a recuperação em português, eu precisava ir bem, tirar uma pontuação impossível, algo como 25 pontos em 30. Foi, justamente, quando eu saí de São Paulo e voltei para Contagem. Eu não tinha interesse nenhum pela escola, nesse momento. Eu pensei: “Professoras de português gostam de poemas. Eu vou fazer uma rima para ela”. Aí, no momento da chamada, eu declamava um poema para a professora. Alguns poemas muito ruins, logicamente, mas eram poemas que eu achava que sensibilizavam. A turma gostava; ela também. Eu estudei muito, muito, muito aquele bimestre! E, por exemplo, se eu precisava de 25 pontos, eu consegui alcançar 23. Mas, mesmo assim, eu fui reprovada; mesmo assim, ela me reprovou. Quando isso aconteceu, eu falei para essa professora: “No ano que vem, eu vou esfregar na sua cara que eu sou a melhor aluna de língua portuguesa que você já teve na sua vida!”.

Eu lembro que fui reprovada no 7º ano, e pedi de presente de Natal para os meus pais um Dicionário Aurélio. Eu não sabia nem como estudar português... Eu queria o Dicionário Aurélio, aquele grande que era super caro. A minha família não teve condições de comprar o grande, mas comprou o pequeno. E, porque eu fui reprovada na escola, eu passei as minhas férias lendo as palavras, marcando, para chegar com um vocabulário bastante erudito no outro ano. Que loucura! Foi assim que eu comecei a usar um vocabulário que, na minha ótica da época, era mais erudito: lendo muito dicionário e estudando muita gramática. Eu assistia ao programa do professor Pasquale Cipro Neto², O Professor Pasquale ficou famoso naquela época. Não perdia um programa dele, fiquei as férias inteiras fazendo isso. Aí, no outro ano, eu já me destaquei como a melhor aluna de português da minha sala de aula.

A escolha da profissão docente

Eu era uma pessoa tida como estranha, e sofria exclusão. As pessoas começaram a me procurar para tirar dúvidas de português – o português foi importante. Foi o português, em grande medida, que me colocou em contato com os colegas, que me tornou uma pessoa popular na sala de aula e na escola, porque eu era a pessoa na escola que

² O Programa Nossa Língua Portuguesa foi idealizado e apresentado pelo Professor Pasquale Cipro Neto, e transmitido pela Rádio Cultura AM (por 21 anos) e pela TV Cultura (por 19 anos).

mais sabia gramática. E, como aquilo dava certo, essa era uma forma de eu me tornar popular, todos os anos, eu estudava ainda mais gramática. Fui tomando gosto pela poesia também, como eu já disse. Então, eu decidi fazer faculdade de letras, no 7º ano.

Meus pais não queriam. Eles queriam que eu fizesse um curso técnico no Cefet (Centro Federal de Educação Tecnológica), já que o meu pai era técnico mecânico. Eu decidi não fazer, insisti em fazer Letras. Meu pai não queria, mas minha mãe terminou comprando a briga. Ela falou assim: “Quer fazer Letras? Vai fazer Letras”.

Eu prestei vestibular para o curso de Letras, na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), e não fui aprovada. Na época, o vestibular de Letras na UFMG era concorrido, tinham poucas vagas. Isso foi antes do governo Lula. Eu não consegui ser aprovada na UFMG, mas fui aprovada na PUC Minas (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais). Eu passei em último lugar, em um vestibular em que a concorrência era de 1,5 candidatos por vaga. Entrei em 2002, sem saber. Entrei na universidade, sem ter lido um livro completo na escola, com muita dificuldade na leitura. Eu era uma analfabeta funcional. Aí, no primeiro semestre da faculdade, eu tive muita dificuldade. No segundo semestre, também.

E, eu comecei a dar aula. Isso é importante. Como entrei na PUC, uma universidade privada, era

preciso pagar a mensalidade, mas eu não tinha dinheiro para poder pagar. Como não tinha dinheiro, logo que passei no vestibular, distribuí currículos dizendo que eu já lecionava. Inventei alguns lugares em que havia trabalhado como docente, tipo Projeto Social Sol Nascente. “Vai que alguém me chama?”. Aí, um supletivo me contratou para dar aula. Hoje, os antigos supletivos seriam escolas com foco na educação de jovens e adultos, a chamada EJA. Então, comecei a dar aula até antes de entrar na faculdade. Eu já tinha sido aprovada no vestibular, mas ainda não tinha começado o curso efetivamente. Que coisa! No primeiro período de letras, eu já dava aulas, mesmo sendo uma analfabeta funcional. Eu sabia gramática, e isso bastava. Porque gramática não precisa interpretar; gramática é uma coisa muito matemática, não é?

Dei aula no supletivo, cursando o primeiro e o segundo períodos da faculdade. No segundo período, uma professora da UFMG chamada Ivete Walty, me convidou para entrar no seu grupo de pesquisa — ela trabalhava com literatura e grupos marginalizados ou excluídos. Eu decidi deixar a sala de aula e me envolver com pesquisa. No terceiro período, eu consegui uma bolsa do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e comecei a estudar a literatura do MST, a poesia do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Eu terminei o terceiro ano com a pesquisa premiada. O trabalho foi escolhido como um dos destaques do ano da iniciação científica de todo o Brasil, pela SBPC

(Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), em 2006. O prêmio, na época, era 12 salários mínimos e uma bolsa de mestrado onde eu bem entendesse. Continuo fazendo pesquisa; fiz pesquisa até o final da faculdade, mas perdi a bolsa de mestrado, não usufruí dessa oportunidade.

No quinto período, eu voltei a dar aula. Na época, eu tinha um sonho romântico de dar aula para muita gente, em grandes cursinhos. E, no sexto período, eu consegui dar aula no melhor cursinho de Belo Horizonte da época. Também de gramática, né? Eu esqueci o nome do cursinho. Hoje ele não existe mais. Era o cursinho do professor Pachecão, um cursinho famoso. Aí, eu comecei a me enveredar pelos cursinhos, e fui deixando a faculdade de lado, fui deixando a pesquisa de lado. E, eu me encontrei na sala de aula. A época da pesquisa foi boa, foi importante, mas eu não tenho, hoje, interesse em fazer mestrado, doutorado. Sei a importância disso, mas eu não tenho interesse em fazer. O que eu tenho interesse é em dar aulas. Dar aula para a juventude é uma coisa que me agrada realmente. Na verdade, eu sempre fui professora, pois nunca trabalhei com outra coisa, e eu gosto disso.

A transição de gênero

A minha formação, tanto na escola quanto na universidade, foi muito rasteira, no que diz respeito à discussão de gênero. Então, eu concluí o curso de letras sem ter estudado gênero. Não tive uma disciplina sobre gênero, ou alguma disciplina que abordasse essa temática.

Eu tenho até um fato curioso de quando eu já era professora do Colégio Bernoulli. Eu me lembro perfeitamente disso. No vestibular da UFMG, cobravam obras literárias. Aí, em 2008, eu tive que escrever, para os meus alunos, o estudo de um livro chamado “Conto da Mulher Brasileira³”, que é uma coletânea de escritoras feministas, que constava na lista de obras exigidas pelo vestibular 2009. Eu trabalhava em parceria com outra professora da escola. Ela falou assim: “Quem vai pegar a parte do gênero?” Eu respondi: “Você pode pegar essa parte”. Mas eu havia entendido que gênero, nesse caso, era o gênero textual conto. Ou seja, eu não entendi. E eu já era professora do Bernoulli nessa época e não sabia o que era gênero, a sua dimensão sociológica e antropológica. Então, ficou essa lacuna na minha formação. Por que eu estou dizendo isso? Para demonstrar que era uma coisa muito distante de mim, do ponto de vista de acúmulo intelectual.

Iniciei a minha transição de gênero em 2013. Eu sempre tive algumas coisas mal resolvidas comigo. Em 2013, assisti uma entrevista do João Nery, que é um homem trans, no programa da Marília Gabriela. Aquela entrevista me marcou profundamente. É uma questão inconsciente mesmo, sabe? Escutar a história do João Nery me levou a acessar espaços do meu inconsciente. Logo depois, assisti à entrevista da cartunista Laerte, uma mulher trans, no mesmo programa. Essa entrevista também me marcou profundamente.

³ Trata-se do livro “O Conto da Mulher Brasileira”, de autoria de Edla van Steen.

E eu me lembro que, quando eu dava aula, sempre contei piadas – piadas muito ruins, machistas, LGBTfóbicas. Contava, inclusive, piadas em relação à minha identidade. Eu dizia que era uma mulher, mas de forma debochada, como uma piada muito malfeita e muito machista também. Um dia, uma aluna levou a sério isso que eu falava, mesmo que de forma caricata e risível. Ela levou a sério e disse assim: “Você tem que assistir um filme! O filme se chama Laurence Anyways”. E aí, eu assisti. Quando fiz isso, eu chorei litros de lágrimas, como dizem. É um filme francês sobre um professor que faz a transição de gênero. Então, ele se reconhece como uma professora. Mas não é um filme sobre a transexualidade, é um filme sobre o amor. Porque, antes da transição, o professor tinha uma mulher. Quando ele faz a transição, quando “ele” se reconhece como “ela”, esse amor fica abalado. Eu chorei ao longo do filme todo. Falei para mim mesma: “Essa é a minha história”.

Foi assim que eu comecei a entender a minha existência. Porque, inicialmente, eu achava que era gay, mas eu nunca tive desejo por homens, nunca tive nenhuma atração por homem. Eu achava isso complexo. Pensava: “Então, eu sou gay, mas eu estou casado com uma mulher e eu não tenho atração por homem? Eu tenho que resolver isso de alguma forma! Isso é um problema, e um problema sério”. Eu tinha essas questões. Quando assisti ao filme, eu concluí: “Olha, a minha existência é possível! É possível existir assim”.

Nessa época, eu era até mais feminina do que hoje. Eu comecei a estudar sobre o assunto – mal e porcamente, é verdade. Eu ainda não sabia nada sobre gênero. Eu comecei a ver “Rupaul’s Drag Race”, aquele programa da TV americana. Achava as *drags queens* desse programa maravilhosas! Ao mesmo tempo, pensava: “Mas não acho que eu me enquadre como drag. Eu acho a cultura drag maravilhosa, mas eu não sou uma *drag*”. Quando assisti à entrevista da Laerte, eu comecei a estudar sobre *crossdresser*, que são homens que se vestem como mulheres por diversos motivos. Concluí: “Também não é isso”. Mas tinha a possibilidade que o filme “Laurence Anyways” apontou.

Eu falei, então, com a minha companheira: “Olha, eu acho que eu sou uma mulher”. Ela respondeu: “Eu sempre soube disso”. Minha companheira reagiu dessa forma. Quando eu perguntei o porquê, ela argumentou: “Você sempre se mostrou muito feminina. Para mim, não é nenhum mistério”. Uma vez que minha companheira reagiu assim, eu disse que queria iniciar a minha transição de gênero. Isso complicou um pouco o relacionamento, porque ela se sentiu insegura, e eu desisti. Falei: “Então, eu não preciso fazer a transição de gênero”. Isso foi em 2013.

Nós morávamos no Rio de Janeiro, nessa época, no interior do estado. Eu dava aulas no Bernoulli, aqui em Belo Horizonte, mas eu ia e voltava toda semana. Um ano depois, eu decidi montar uma escola ou um curso em Belo Horizonte, porque tinha lido uma notícia sobre a abertura de uma

escola voltada para alunos gays em Campinas. Falei: “Vou fazer a mesma coisa em Belo Horizonte”. Porque eu ainda não diferenciava muito bem gênero e sexualidade. Depois, eu entendi que, na verdade, o que eu pretendia era criar uma escola para trans, para as travestis⁴. Foi assim que surgiu a TransVest, que é um projeto para travestis e transexuais.

Na época da TransVest, fui a um endocrinologista e pedi para fazer um exame para verificar se eu era uma pessoa intersexo. Então, eu também cheguei a pensar que eu poderia ser intersexo, porque, segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), 1,8% da população mundial é composta por pessoas intersexo, antigamente chamadas de hermafroditas. A intersexualidade, muitas vezes, é compreendida como ambiguidade genital, mas existem outras ambiguidades, não é? Tem a questão gonadal, a questão hormonal, a questão cromossômica. Não existe só XX e XY; tem X0 e toda uma gama. Essa gama de diversidade cromossômica gonadal, hormonal e genital se enquadra dentro da intersexualidade. Eu pedi para o médico para fazer o exame. O exame não era feito em Minas Gerais; somente em São Paulo, e era caríssimo. Eu não fiz o exame. Essa foi a minha primeira experiência com um endocrinologista.

⁴ Travesti é uma das identidades de gênero que estão dentro do guarda-chuva transfeminino, ou seja, trata de corpos que foram identificados enquanto masculinos no nascimento, mas que se reconhecem enquanto femininos.

A TransVest é um projeto que eu criei, sem financiamento público, privado ou de terceiros, com dinheiro do meu bolso. Na verdade, cada tijolo que eu colocava na TransVest, era um tijolo que eu colocava no meu processo de transição de gênero. Hoje, eu compreendo isso. A minha relação com as travestis me empoderou. Eu entendi que havia diversas travestis que se relacionavam com mulheres, assim como havia travestis que se relacionavam com homens, que se relacionavam com os dois e que não se relacionavam com ninguém. Foi assim que eu percebi, realmente, que a minha existência era possível. Tornou-se possível porque existem travestis que só se relacionam com mulheres, e porque, inclusive, isso é uma coisa muito comum. Eu não sabia até então, ou melhor, para mim, parecia algo incomum.

Assim, eu decidi iniciar a minha transição de gênero de uma vez por todas. Mudei para Belo Horizonte. Eu mudei porque era impossível fazer a transição no interior do Rio de Janeiro, em Rio das Ostras, onde eu morava. Minha companheira, no contato dela com as travestis, apoiou a minha decisão. Ela disse: “Vai fundo! Vamos lá. Eu vou com você, eu te ajudo a fazer a transição”. A minha parceira foi importante nesse processo.

Eu iniciei a minha transição de gênero na rua, não na escola onde eu trabalhava. Na rua, eu era Duda, e, na escola, eu era Dudu. Como eu postava fotos nas redes sociais, não era nada escondido, o colégio viu e me chamou para uma conversa no final do ano, em setembro mais ou

menos. Isso foi em 2016. Não, isso foi em 2017. A escola disse: “Olha, Dudu, a gente viu que você se veste de mulher fora da escola. A partir de amanhã, você pode vir trabalhar do jeito que você bem entender”. Eu falei: “A gente está no final do ano, em setembro, e as aulas acabam em novembro. Vamos aguardar. Eu vou dar esse passo, só que será no ano que vem. E, eu prefiro sair da escola, sair do curso preparatório para o ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica) e o IME (Instituto Militar de Engenharia), e dar aulas só no pré-vestibular. Porque é mais fácil: não vai ter problema de pais reclamando”. Eu dava aula em todas as turmas de 3º ano do Ensino Médio do Colégio Bernoulli, que é um colégio de elite, e em todas as turmas do pré-vestibular. Eram 30 turmas. Mais as duas do ITA e uma do IME, eram 33 turmas. O colégio não concordou: “Não, a gente quer você lecionando para o colégio também”.

A escola comprou a briga. No início de 2018, eu fui dar aulas já como Duda. Então, não teve nenhum problema com a escola em si, porque a escola me apoiou bastante. Os alunos me apoiaram muito, acharam maravilhoso! No Bernoulli, os professores são avaliados pelos alunos e ranqueados pela escola em função dessa avaliação. E eu sempre fui a melhor, antes e depois da transição. Com a transição de gênero, eu recebi uma avaliação ainda mais positiva dos alunos.

Logicamente, a escola recebeu inúmeras reclamações de pais, eles reclamaram muito. Era 2018, ano em que o Bolsonaro foi eleito presidente. E, com

a vitória do Bolsonaro, no ano seguinte, os alunos mais radicais e mais preconceituosos ganharam força e começaram a se mobilizar e a levantar questões sobre mim. Então, houve uma mudança com a eleição do Bolsonaro. Mesmo assim, o Bernoulli me manteve no corpo docente até eu ser eleita vereadora de Belo Horizonte, em 2020.

Quando eu iniciei a minha transição, eu falei para a minha família de origem. Minha casa sempre foi frequentada por *gays*, lésbicas, travestis, prostitutas. A minha mãe e o meu pai sempre tiveram uma relação muito tranquila com esse mundo. As amigas e os amigos da minha mãe, em sua maioria, são lésbicas e *gays*. Por isso, eu esperava uma reação tranquila. Mas a minha mãe, quando eu contei, falou: “É um absurdo isso! Como é que o seu pai vai ver isso? Como é que seu irmão vai ver isso?” Foi uma surpresa para mim.

Em 2018, eu passei sem falar com a minha família, com a minha família de origem e com a família da minha companheira, porque eu tenho sogro e sogra — minha companheira também tem família. Mas, na eleição de 2018, eu me candidatei ao Senado e não venci, mas fui a quarta mulher mais votada da história de Minas Gerais. Fui votada em todos os municípios do estado — foram mais de 350.000 votos. A eleição foi, então, um sucesso! Depois da eleição, meus pais vieram conversar comigo e a família da minha companheira também veio conversar comigo. Na minha análise, isso aconteceu porque essa eleição foi um sucesso, porque se tivesse sido um fracasso, eu não sei se

teria restabelecido esses laços. Não tenho o menor romantismo em relação a isso. É uma crítica que nós do movimento LGBT fazemos: eles nos aceitam quando nós temos dinheiro, quando nós temos um cargo de destaque. Enquanto sou deputada federal, todo mundo me ama, não é? Quer dizer, então, que eles não nos aceitam pelo que nós somos, mas pelo que nós conquistamos. Eu não quero ser aceita pelo que eu conquistei, quero ser aceita pelo que eu sou.

Quando a gente inicia a transição de gênero, a gente sempre fala que há duas coisas que a transexualidade nos ensina. A primeira é que você não precisa ouvir “Eu te amo” para se amar, porque se você tiver que esperar a aceitação e o amor do outro, você nunca vai se aceitar e se amar. Esse é o maior ensinamento da transexualidade. Então, você começa a dar o mínimo de valor para a opinião alheia, porque se fosse seguir a opinião alheia, você nunca teria feito a transição de gênero. O segundo ensinamento é ligado à questão familiar: família é aquilo que a gente constrói e não é determinada pelos laços sanguíneos.

Quando estive no endocrinologista com a intenção de verificar se não era uma pessoa intersexo, eu cheguei a pedir para tomar hormônios. O endócrino ponderou que, se fizesse isso, meus seios iriam crescer e meu pênis iria diminuir. Ele apontou que várias mudanças ocorreriam no meu corpo, trouxe mil problemas. Então, eu deixei essa ideia para lá. Depois, eu tomei hormônios por conta própria. Meu seio cresceu bastante,

nessa época. Mais adiante, a minha companheira queria engravidar, e, por isso, eu decidi não tomar hormônios mais. A minha companheira engravidou nas eleições de 2018. Quando ela engravidou, eu desejava muito amamentar. Eu fui, então, ao endocrinologista, para iniciar um processo de hormonização com esse objetivo. Tomei doses hormonais muito altas, durante quatro meses. Isso me fez muito mal. Eu cheguei a lactar, mas não consegui dar continuidade ao processo, porque me sentia muito mal, preferi desistir. Agora, eu e a minha companheira queremos ter um segundo filho, e eu não tomo hormônios por isso. Quando ela engravidar, desta vez, eu pretendo amamentar. Então, vou ter que me hormonizar.

Eu consultei uma psiquiatra quando minha companheira estava grávida. Nessa época, a transexualidade ainda era classificada como patologia pela OMS. Por isso, eu precisava do laudo psiquiátrico para apresentar para a endocrinologista que concordou em me receitar hormônios para que eu pudesse amamentar. Escolhi uma psiquiatra qualquer que atendia pelo meu plano de saúde. Na consulta, eu disse para ela: “Preciso de um laudo seu para começar a me hormonizar. Eu só preciso que você me dê esse laudo”. Essa médica me olhou como se estivesse diante de uma pessoa muito maluca ao escutar a minha demanda. Ela me negou o laudo. Um dia depois, a OMS retirou a transexualidade da lista dos transtornos mentais e eu pude fazer o processo de hormonização sem o laudo psiquiátrico.

Em 2018, eu também procurei um médico que tinha experiências com mulheres e homens trans para colocar silicone nos seios. Quando conversei com esse médico, ele disse que não iria fazer a cirurgia. Falou: “Você é uma pessoa muito masculina. Não vai ficar legal, não vai ficar bonito em você. Acho que você tem que fazer algumas cirurgias antes dessa. A gente pode, primeiro, afinar o seu nariz, por exemplo. A gente pode mexer em várias coisas, antes, para depois colocar o seio”. Nessa época, as mulheres trans ainda precisavam de laudos médicos para fazer essa cirurgia. Terminei não fazendo por esses motivos.

Ser trans no Brasil

No Brasil, historicamente, as cidadanias sempre foram construídas a conta-gotas. Com as pessoas trans e toda a comunidade LGBT não é diferente. A gente tem conquistado melhorias, mas a conta-gotas. Por exemplo, a questão do nome social ainda é um problema, mas já tem lei, e há uma preocupação do Estado e do setor privado para capacitar os profissionais para respeitar o nome social. A gente tem um ambulatório trans, aqui em Belo Horizonte, o Ambulatório Trans Anyky Lima⁵, mas ainda é um ambulatório muito pre-

⁵ Instituído em 2019, o Ambulatório Trans Anyky Lima, do Hospital Eduardo de Menezes, é o primeiro serviço ambulatorial de atenção especializado no processo de transição de gênero do estado de Minas Gerais (Fhemig, 2019). O nome do ambulatório é uma homenagem a uma travesti ativista pelos direitos das pessoas transexuais e travestis e na luta contra a transfobia.

carizado. A fila para a cirurgia de redesignação sexual é de 15 a 20 anos. Então, há melhorias, mas são poucas e são mais simbólicas.

É preciso reconhecer as pessoas trans sem exotizar ou estigmatizar essa experiência ou essa identidade, esse é o primeiro passo. Porque, por exemplo, a experiência trans ainda é tomada como sinônimo de doença sexualmente transmissível. A pessoa pode estar com uma unha encravada, mas o médico vai, necessariamente, pedir um teste de HIV⁶, de AIDS⁷. Há motivos para associar a transexualidade com IST (Infecções Sexualmente Transmissíveis)? Há: estima-se que 41% das travestis e transexuais do Brasil estão com HIV, mas algumas abordagens acabam sendo violentas, porque, embora a incidência seja maior na comunidade, a gente não é só isso. Então, por que, ao buscar um atendimento para uma doença ou mal qualquer, insistem em nos colocar nessa caixa? Isso tem que melhorar.

Além disso, sobretudo no campo da saúde mental, há muito receio na comunidade de associarem qualquer coisa que aconteça nas nossas vidas à transexualidade. Isso porque, no Brasil, a transexualidade é muito mal discutida. Não se entende a transição de gênero como algo natural. A tran-

⁶ Human Immuno-Deficiency Virus – Vírus da Imunodeficiência Adquirida, em português.

⁷ Acquired Immunodeficiency Syndrome – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida em português.

sição de gênero é somente uma das transições possíveis do ser humano, mas as pessoas não interpretam dessa forma. Então, por exemplo, é muito comum as mães de travestis e de transexuais dizerem que viveram o luto da perda quando os filhos ou as filhas fazem a transição. Falam isso porque se discute muito mal a transexualidade. Basta perguntar para a mãe assim: “Está certo: eu mudei. Mas meus irmãos não mudaram? E minhas irmãs? Você e meu pai não mudaram? O que você é hoje não é a mesma pessoa de 15 anos atrás”. A gente faz várias transições na vida. Muda de cidade, de profissão, de forma de ver o mundo. O gênero é só mais uma mudança possível. Só que a sociedade põe um peso muito grande na mudança de gênero.

Eu não vou a nenhum psicólogo, nem a nenhum psiquiatra. Acho importante cuidar da saúde mental, mas eu não vou procurar um profissional, porque eu sei que a probabilidade é grande de associarem qualquer coisa à transexualidade. Vão dizer: “A depressão é por causa da transexualidade”. Não é, pois a transexualidade é o que me faz bem, mas sempre tendem a achar que sim. Normalmente, querem buscar a raiz da transexualidade na infância, como se eu tivesse vivido alguma coisa na infância que tivesse levado à transição de gênero. Ou, então, a transexualidade é um trauma. Teve um trauma que fez transitar. Isso é um debate desnecessário. O que faz uma pessoa mudar a forma de ver o mundo? Vários fatores. Isso também vale para a transexualidade. Resumindo: a gente tem uma grande dificuldade

de lidar com o setor da saúde, porque a maioria dos profissionais não compreendem bem a transexualidade.

Mesmo assim, sobre a vivência trans, eu não sou um retrato da transexualidade no Brasil. Nós somos um país em que 90% das travestis estão na prostituição. Em Belo Horizonte, segundo a UFMG, 91% das travestis não concluíram o ensino médio, 41% têm HIV e 6% foram expulsas de casa com menos de 13 anos de idade. Esse é o retrato da transexualidade no Brasil e na América Latina. Eu não carrego esse retrato, porque iniciei a minha transição depois dos 30 anos. A minha experiência não pode ser tomada como exemplo da experiência trans no Brasil e na América Latina. Há, na verdade, somente alguns denominadores comuns, como é o caso da violência, entre a minha experiência e o que é ser trans no nosso país. A violência é um aspecto fundamental do que é ser trans.

Eu sou uma figura pública. As pessoas querem conversar comigo, querem chegar perto de mim, querem tirar foto. Eu recebo muito carinho. Sou solitária, é verdade, mas porque isso é uma característica minha, algo da minha personalidade, e que me faz bem. Não tem a ver com a vivência trans. E, ao mesmo tempo, eu vivo a dinâmica de vida de uma pessoa pública. Tradicionalmente, um dos problemas na comunidade trans é justamente a solidão. As vivências trans são muito marcadas pela solidão. E essa solidão existe porque os laços de amizade se rompem com a transição de



Foto: Bruno Reis

gênero. Quem quer ser amigo de uma travesti? Quem vai levar uma travesti para a ceia de Natal? Por isso que as datas comemorativas são muito ruins, normalmente, para as pessoas trans. As datas comemorativas costumam ativar memórias traumáticas, na medida em que pressupõem a reunião de famílias e de amigos. Por um lado, quando essa reunião inclui, pode ser algo muito ruim, porque é preciso encontrar familiares que não nos toleram. Por outro, quando se passa sozinha, significa que você não foi convidada.

A gente costuma dizer que nem o direito ao afeto é dado a uma travesti. Vale lembrar, por exemplo, que o Ronaldo Fenômeno, quando transou com duas ou três travestis em um motel, precisou se justificar no programa “Fantástico” da Rede Globo. O “Fantástico” cedeu um bloco inteiro para ele explicar por que transou com duas ou três travestis em um motel. O Brasil tratou aquilo como natural. A pessoa precisou se explicar, porque é inadmissível, nesta sociedade, alguém ter tesão em uma travesti. Ou melhor, porque é inadmissível, nesta sociedade, alguém ter afeto por uma travesti. O tesão pode até ter, mas o afeto não, não é? Por isso, as vivências trans são muito solitárias.

Por exemplo, no espaço prisional, muitas travestis ficam em celas com os homens e não querem sair daquelas celas e ir para celas femininas. Algumas querem, mas a maioria não quer. Por que não querem? É uma coisa difícil de compreender para as pessoas cisgênero. Elas não querem, muitas

vezes, porque o presídio é, talvez, o único espaço na sociedade em que é possibilitado o afeto com uma travesti, o casamento com uma travesti. O homem fala, e fala com orgulho: “Essa é minha esposa”. Ela se sente amada, valorizada e, talvez, foi somente ali que isso se deu. Fora desse contexto, ela não teve uma relação de amor e afeto.

Políticas públicas

Eu não sou uma estudiosa da pauta LGBT e das políticas LGBT. Eu vivencio essa pauta, e busco fazer políticas públicas para atendê-la, porque eu carrego essa pauta comigo e fui eleita também com essa pauta. Mas quando se pensa na construção de uma política pública, a questão do nome ainda tem uma centralidade. O respeito ao nome e à identidade é um ponto fundamental.

Os sistemas de saúde público e privado também precisam contemplar a questão trans, sabe? Sempre dá algum problema. Sempre! Eu vou dar um exemplo. Um homem trans, colega meu, queria ir ao ginecologista. Ele já tinha retificado o nome e o gênero. Ele liga, porque, pelo aplicativo da Unimed, ele não consegue marcar uma consulta com o ginecologista, porque ele é homem e o sistema não permite que homens marquem consultas com ginecologistas para si. Então, ele tem que telefonar. Aí, como a voz dele já engrossou, as pessoas acham estranho. Ele pede para a namorada ligar e marcar. Ele chega no consultório com barba, já fez a mastectomia. Ele já é lido socialmente como homem, já tem a expressão

toda masculina. Quando o médico chama, e ele levanta: “Não, não é você. É outra pessoa”. Ele: “Não, sou eu mesmo”. Retrucam: “Não, você é homem”. E ele tem que dizer, no meio do consultório, com todas as pessoas olhando: “Eu sou um homem trans”. O médico sabe o que é homem trans? Se o médico não souber, vem a pergunta: “Como assim? Você tem pênis?”. Tem episódios como esse, que envolvem desde a dificuldade de marcar a consulta até os médicos e os profissionais que trabalham com ele deterem as informações necessárias para tratar a situação como se deve.

Eu sou uma figura pública, as pessoas me conhecem e elas têm muito medo de errar comigo, como se eu fosse processar todo mundo. Ainda assim, eu tenho problema, sabe? Fui ao médico, esses dias, no Mater Dei. Eu entreguei o meu documento, e está tudo feminino. A pessoa que me atendeu na recepção, o médico, foi tudo no feminino. Na hora de imprimir o atestado médico, vem com o meu nome antigo, de antes da retificação, provavelmente de alguma vez que eu fui ao hospital, anos atrás. O médico viu, pediu desculpa. Então, eu não tenho dúvida: o sistema é importante, não é? A política pública precisa ser uma política de formação de consciência, de formação das pessoas, para que se entenda as especificidades das pessoas trans e essas coisas parem de acontecer. Isso passa por provocar a universidade, para que a universidade traga esse debate também, não é?

Outro tema que é pouco discutido é a vivência da maternidade trans. Até dentro do movimento

LGBT, porque a vulnerabilidade é tamanha que uma pessoa trans ter família é algo quase impossível. A minha filha, por exemplo, foi registrada com duas mães. Eu tive licença maternidade por quatro meses pelo INSS (Instituto Nacional do Seguro Social). Foi uma vitória! Até onde eu sei, eu fui a primeira travesti a conseguir isso. Foi uma vitória importante.

E essa questão de uma travesti ter uma filha, no imaginário popular, termina endossando a forma como a sociedade sempre interpretou as travestis: como uma falsidade. Ela é *fake*. Ela é falsa, é uma enganação. As piadas são sempre ligadas a enganação. Por exemplo, quando minha companheira engravidou, foi noticiado até no jornal Estado de Minas. Eu já era uma figura pública. Recentemente, eles começaram a divulgar no Twitter fotos minhas com a minha filha e fotos d'eu beijando a minha companheira. E eles escreveram assim: “Esse aqui é o Dudu, que engana a comunidade LGBT e engana as mulheres para poder conseguir um cargo público”. Aí, até quem não é transfóbico no sentido odioso aceita e fala: “Realmente, como pode, né?” Quando isso viralizou na internet, eu estava no Congresso. Algumas pessoas me pararam e perguntaram: “Você tem filha mesmo? Você tem uma esposa mesmo? Como que é isso? Você me explica?”.

É um apagamento da sexualidade trans, também, muito grande. O apagamento é tamanho que eu nem ousar me reivindicar lésbica, por exemplo. Porque, considerando os debates de gênero e sexu-

alidade, se for usar a classificação dos estudos de gênero e sexualidade, eu seria uma mulher trans lésbica. Mas eu nem ousar falar isso. Já falam que eu estou ocupando o espaço das mulheres, sem eu fazer essa reivindicação. Em primeiro lugar, eu não sei qual espaço das mulheres, porque não tem cota. Além disso, falam que eu estou me beneficiando com a pauta trans, como se a pauta trans trouxesse voto. Se trouxesse voto, nós íamos ter quantas travestis eleitas? Se eu não tivesse feito a transição, não tenho a menor dúvida, eu teria o triplo de votos, em função da quantidade de gente que foi meu aluno nessa cidade, da quantidade de projeto social que eu participei nessa cidade. Mas, para uma mulher trans, reivindicar-se lésbica é assustador, provoca muita violência. Por isso, é um debate que eu não faço. Eu prefiro nem comentar.

Transfobia e violência política

Meu maior receio é a transfobia⁸. Não exatamente contra mim, pois eu lido cotidianamente. O problema é que a transfobia se amplie e atinja a minha família. Eu tenho receio de como a violência em relação à transfobia pode chegar na minha filha, ou nos meus filhos, se eu tiver outro. Eu tenho muita preocupação de como isso pode afetar os filhos. Então, eu não gostaria que minha filha

⁸ Configura qualquer ação ou comportamento que se baseia no medo, na intolerância, na rejeição, no ódio ou na discriminação contra pessoas trans por conta de sua identidade de gênero.

ficasse no Brasil. Às vezes me pego pensando em, no futuro, sair do Brasil, em procurar um país em que a nossa identidade seja mais bem trabalhada, em que ela seja reconhecida, porque tenho medo.

Tive experiência fora. Por exemplo, na Bélgica, eu tive uma reunião no Parlamento Europeu, e uma parlamentar belga me disse: “Olha, aqui na Bélgica, a vice do Primeiro-ministro é uma mulher trans, e isso é sinônimo de orgulho para o país”. O país tem orgulho de ter uma mulher trans no topo do sistema político, sabe? Eu queria viver num país assim, para que a minha filha não precise passar pelas transfobias que eu passo, porque isso respinga nela. Basta ver as ameaças de morte que a gente sofre. Não são, simplesmente, contra mim; são contra a minha filha.

Eu não pretendo viver de política, sou professora e estou na política. Porque o preço que eu pago é um preço muito alto, do ponto de vista familiar, do ponto de vista afetivo e psicológico. De modo geral, por onde eu passo, eu sou muito bem recebida em Belo Horizonte, mas a violência política, sobretudo nas esferas virtuais, é muito grande.

Nas eleições de 2022, eu fui a candidata que mais recebeu ameaças de morte. Essas ameaças não foram só virtuais, porque começaram a colocar cartas embaixo da porta do gabinete com ameaças de morte. As ameaças que eu recebo vêm de um grupo muito específico, é um grupo neonazista, ligado aos atentados nas escolas. Esse grupo fez

um *site* especificamente sobre mim, descrevendo as formas que usariam para me matar. Eles usaram fotos da minha filha, descreveram as formas como iriam estuprá-la na minha frente. Depois do *site* pronto, eles mandaram para a minha esposa e para a família, mandaram para o pai, para os avós.

A forma que existe para lidar com isso tudo é muito ruim. A minha companheira sofre muito com isso. Eu tive que voltar a usar colete à prova de bala. A minha filha precisa andar escoltada para ir ao balé. Eu tinha feito comigo o compromisso: eu dizia que uma pessoa armada nunca iria entrar na minha casa. Eu carregava esse compromisso comigo. Era algo que eu tinha como um valor

Foto: Bruno Reis

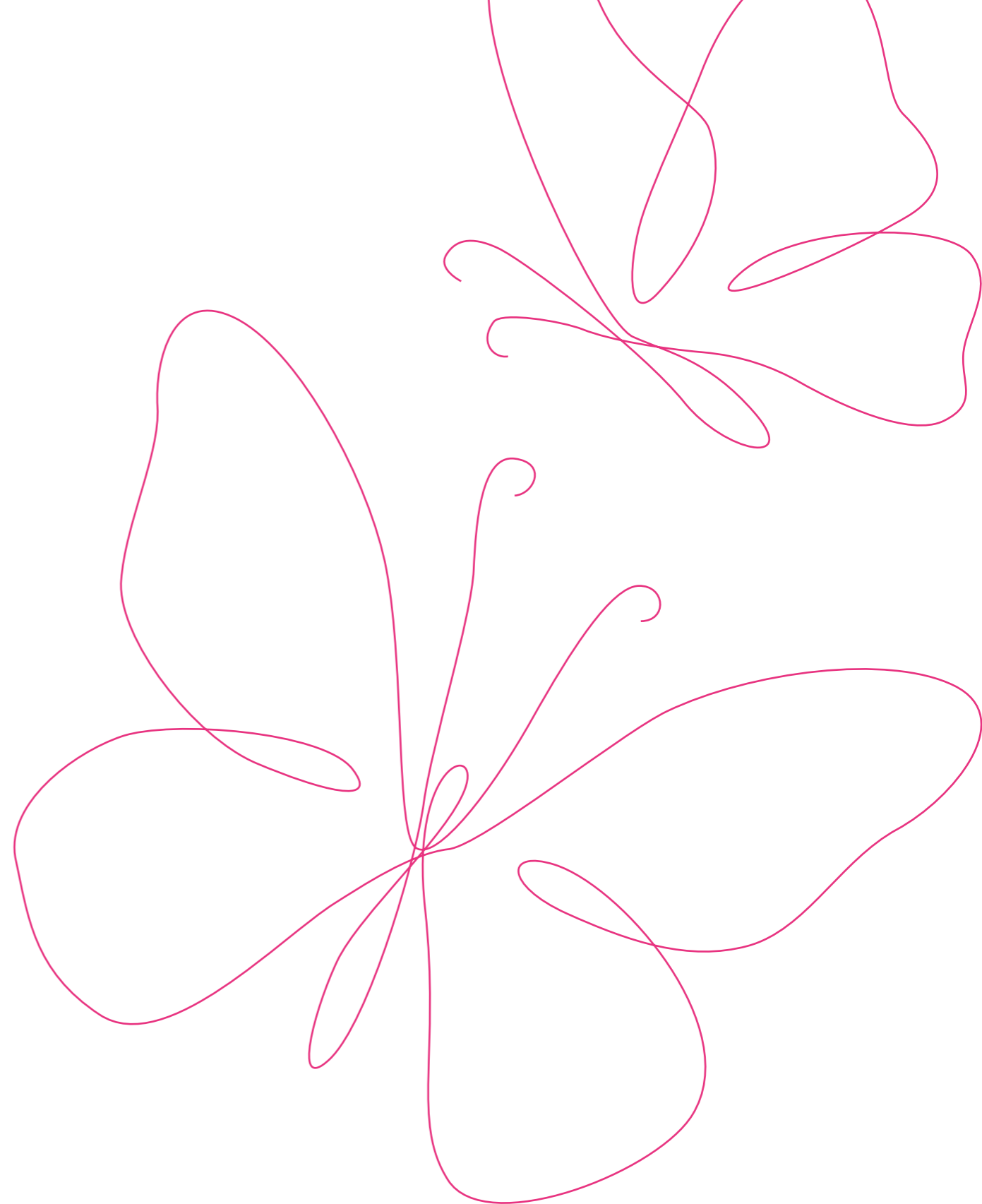
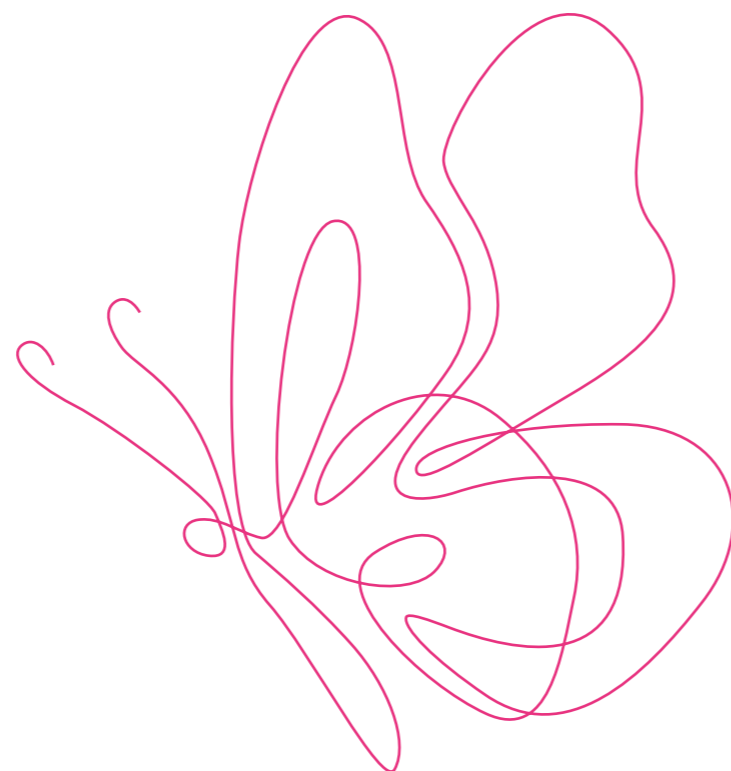


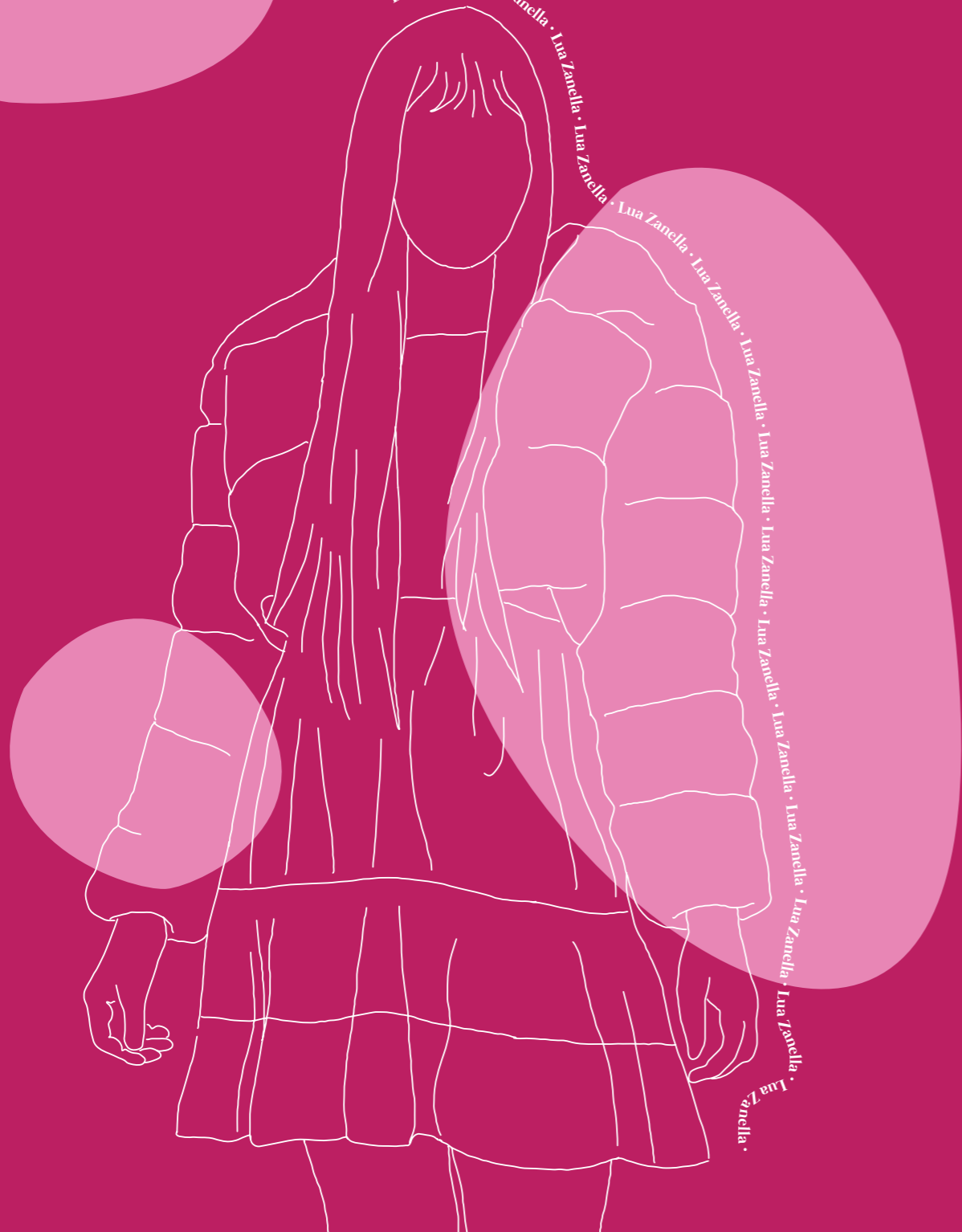
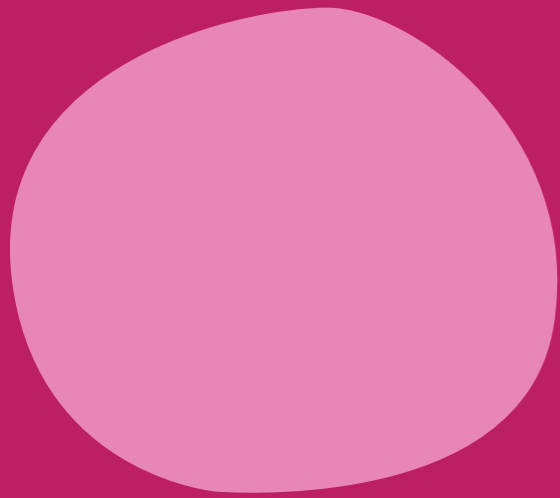
ético. Mas eu comecei a ver a minha casa cercada de homens armados. A minha filha, para ir ao balé, vai com dois carros blindados, cercada de seguranças armados. Não é isso que eu quero para a minha filha. Ela não percebe isso ainda, mas quando ela estiver maior, não quero que ela tenha essa vida.

No caso dessa última ameaça que eu sofri, mandaram para o celular da minha companheira uma ameaça de morte, envolvendo o meu nome e o da minha filha também. O que incomoda, além das ameaças em si, obviamente, é você ter consciência de que você é um risco para a sua família. Foi a primeira vez que eu pensei em autoextermínio. Pensei: “Eu sou um risco para a minha família”. Eu sou um risco para todo mundo que está ao meu redor. Pode entrar alguém, de repente, e dar um tiro. Por onde eu ando, as pessoas que estão comigo estão em risco, e sou eu que estou colocando essas pessoas em risco. Isso é muito ruim. Se fosse só eu, tudo bem. Mas a partir do momento que eu começo a colocar as pessoas ao meu redor em risco, é muito difícil. Meu sogro e minha sogra, por exemplo. Um carro de polícia fica estacionado na porta da casa deles para protegê-los. É um preço muito alto.

A gente estava discutindo, agora, o planejamento estratégico para o mandato. Eu não posto nas minhas redes sociais. Eu só posto algumas coisas, não provoço tanta polêmica. Eu não posso fazer diferente porque, toda vez que eu posto uma coisa que dá polêmica, essas ameaças de morte

chegam. Então, eu tenho que ter uma rede social que não seja tão grande, uma rede social média, e tenho que me esquivar de temas polêmicos nas redes sociais, por causa do preço de fazer de outra forma, do que eu vou sofrer com isso. Toda vez que eu me posiciono de forma mais firme, vem uma chuva de ameaças de morte. É difícil construir política nesse cenário, porque o preço que eu pago é um preço muito alto do ponto de vista familiar, do ponto de vista afetivo e psicológico.





Lua Zanella

Lua Zanella
Rosânia Rodrigues de Sousa
Lucas Moreira Barreira

Poema-manifesto

Visibilidade trans é a pauta que hoje está nos seus planos?
Não basta nos ver hoje e sermos invisíveis o resto do ano
Quantas pessoas trans você escuta no seu fone?
Quantas pessoas trans você desrespeita errando o pronome?
Quantos artistas trans você ajuda a divulgar?
E quantas pessoas trans estão na TV para nos representar?
Vocês não sabem o que é andar na rua, olhares escrotos e até violentos
Não ter acesso a afeto e as disforias que nos atormentam
Nos negam direito a nome, hormônio, banheiro e nos negam a fé
E pregam a lógica errada, binária, atrasada de homem e mulher
Resistência eu não escolhi, mas está estampada no meu peito
A força eu não busquei, mas ela tem que estar aqui
O meu corpo trabalha para ter todos os direitos
e minha alma busca forças para resistir.



Infância

Eu sou sinônimo de família, afeto e carinho, características que vejo fortemente em mim. Além disso, amo fazer arte, escrever, cantar, compor e estar em movimento artístico. Sou jovem! Essa sou eu, Lua Zanella.

Eu nasci em Belo Horizonte, mas fui criada em Vespasiano¹, onde vivi minha primeira infância até os meus 7 anos. Me lembro pouco desse período, mas recordo que morávamos em um barracão muito pequeno e simples, no bairro Morro Alto², que é uma área bastante humilde de Vespasiano. Naquela época, éramos de classe baixa. Meu pai trabalhava na Fiat e minha mãe não trabalhava, então as coisas eram difíceis. Em nossa casa, além de mim e de meus pais, viviam meus dois irmãos: o mais velho, que é o Vinícius, e o mais novo, o Lucas.

Eu e meu irmão sempre tivemos uma união muito incrível. Desde pequeno, o Vinicius sempre foi meu protetor. Quando as pessoas, em algum momento, eram violentas comigo na escola, ele sempre foi a pessoa que me acolheu, me abraçou. A gente sempre gostou de compor junto, de criar junto, quando chegava alguma visita, algum familiar

¹ Município da Região Metropolitana de Belo Horizonte-MG. Ocupa uma área de cerca de 70 km², sendo que 21 km² estão em perímetro urbano.

² Morro Alto é um bairro periférico de Vespasiano-MG, fundado em 1979. Faz divisa com Belo Horizonte-MG.

lá em casa, a gente ia para o quarto, criava um teatrinho e voltava para sala e apresentava para as famílias. A gente sempre teve uma relação maravilhosa, acho que é porque eu sempre quis ter um irmão mais novo. Sempre sonhei com isso. Quando fiz 18 anos, minha mãe engravidou do Lucas, que foi a nossa vida, foi a nossa luz. Lembro que me emocionava de olhar para ele no berço, de imaginar que eu tinha um irmão e era incrível, foi incrível e é incrível. Eu tenho uma tatuagem, uma lagartinha, foi ele quem desenhou e decidi tatuar. A minha relação com os meus irmãos e com os meus pais é tudo para mim!



Tatuagem feita por Lua com base no desenho de seu irmão mais novo Lucas.

Foto: Acervo pessoal

Minha mãe sempre foi muito preocupada comigo, talvez por perceber algo diferente em mim que não podia ser falado abertamente. Por isso, ficávamos muito dentro de casa, e eu brincava principalmente com meu irmão, vendo as outras crianças brincando na rua enquanto minha mãe tinha medo de nos deixar participar.

Cresci em uma família cristã e muito dogmática, pertencente à Congregação Cristã do Brasil, uma igreja bem restrita e dogmática, onde as mulheres usam véu e se sentam de um lado, os homens do outro, e os músicos no meio. Lá, eles têm uma fé muito grande de que professam a religião perfeita e, portanto, que todas as outras são erradas. Eu fiquei dentro da Igreja durante 19 anos, um período que foi longo! Olhando agora, era um ambiente muito tóxico e cheio de problemas, sobretudo para a identidade que eu iria assumir futuramente. Ao mesmo tempo, meu primeiro contato com a música foi na Congregação, onde tocava violino e meu irmão tocava sax. Essa iniciação musical foi muito importante para mim, apesar de todos os problemas do ambiente. Íamos à igreja todo domingo, com o cabelo raspado, terno e gravata, bonitinho, como mandava o regulamento. O movimento de sair da igreja veio de mim. Minha própria mãe e meu próprio pai saíram junto comigo, pois o espaço onde não coubesse a filha deles não os caberia também.

Nesse meio tempo, nós mudamos para Contagem³

³ Município da Região Metropolitana de Belo Horizonte, MG. É um dos principais centros urbanos e industriais do estado.

e foi lá que minha infância ao ar livre começou, ou quase isso. Mudamos para um prédio fechado que tinha uma quadra onde eu podia descer e brincar todos os dias. Minha infância em Contagem foi muito intensa e divertida. Eu brincava na rua até não poder mais, até os 18 anos. Brincávamos de queimada, pega-pega e até de *Big Brother*, onde eu fazia o papel de Pedro Bial, organizando provas e reunindo as crianças. Adorava brincar de queimada, vôlei e até futebol. Como sempre fui uma pessoa alta, às vezes, o pessoal me colocava no gol, e eu ficava lá, me divertindo. Acredito que essas lembranças moldaram a minha infância e me deixaram memórias muito queridas.

Na minha família, além dos meus pais, minha tia Carla foi uma figura muito importante para mim. Ela morava em Mário Campos⁴, e todas as vezes que íamos para lá era um respiro enorme. Brincávamos muito e eu adorava ouvi-la contar histórias e cantar, pois ela é cantora de sertanejo. Ela me proporcionou uma infância que eu não podia ter no Morro Alto. Na sua casa eu podia brincar na rua, correr e até me machucar sem preocupações.

Também tenho um lugar especial para a Xuxa em minhas memórias. Eu a ouvia o tempo todo, eu a amava, ela marcou a minha infância. Mas minha mãe me pedia para não contar a ninguém. Isso porque ela não queria que as pessoas da Igreja soubessem que eu ouvia a Xuxa. Nessa época,

⁴ Município da Região Metropolitana de Belo Horizonte, MG.

as pessoas diziam que era coisa do diabo, mas ela nunca me privou disso em casa. Ela sempre teve esse cuidado de não querer que os outros soubessem de certas coisas, mas ainda assim me proporcionava esses pequenos prazeres. Lembro de quando ela me deu uma Barbie baratinha depois de eu pedir e chorar muito por isso. Quando minha tia do Maranhão nos visitou, minha mãe pediu que eu escondesse a Barbie para que ela não soubesse.

Hoje, meu pai e minha mãe estão em processo de divórcio, e minha mãe está namorando uma mulher chamada Tê. Isso foi uma descoberta nova para ela também. Tem sido um momento também conturbado, porque mudanças são conturbadas. Por outro lado, também tem sido um momento muito bom, sabe? É que eu estou vendo o que é o melhor para eles dois.

Estudos

Estudei em várias escolas durante minha infância e adolescência. Não me lembro muito da minha primeira infância, mas no ensino médio passei cada ano em um lugar diferente, o que me deixava agoniada e com vontade de mudar de escola frequentemente. No primeiro ano do ensino médio, estudei no Confrade;⁵ no segundo ano, no Ruy Pimenta⁶; e no terceiro ano, no Grupão, oficialmente chamado de Escola Estadual Doutor José Roberto de Aguiar. As três escolas eram públicas. Sempre me senti muito sozinha nas escolas, achando meu jeito diferente das outras pessoas. Usava o humor como escapatória e não conseguia falar sério, o que incomodava um pouco as pessoas e, conseqüentemente, me incomodava também. Por isso, mudava de escola com frequência. Tinha

⁵ Escola Estadual Confrade Antônio Pedro de Castro.

⁶ Escola Estadual Ruy Pimenta.



Lua e familiares em comemoração de aniversário do irmão mais novo Lucas

Foto: Acervo pessoal

um melhor amigo, João Vitor, que é meu melhor amigo até hoje. Ele sempre me acompanhava nas mudanças de escola e nos formamos juntos. Ele é meu *best*⁷.

Dentro desse meio tempo, pude ter acesso à arte e à cultura através do Valores de Minas⁸. Foi por meio desse programa que tive alguns despertares em relação à minha própria negritude e à minha sexualidade. Lá, me lembro que participamos de um processo para criar o espetáculo chamado “Garimpar”, que fazia várias homenagens ao Vissungo⁹ e aos povos indígenas. Durante esse processo, as professoras incentivavam as meninas a passar pela transição capilar, e todas da sala aderiram. Foi uma experiência muito incrível.

Lembro também que Nego Ativo, o professor de harmonia, me disse que eu era uma pessoa negra. Até então, ninguém tinha me dito isso e nunca havia sido um tema de conversa para mim.

⁷ Gíria referente ao termo em inglês *best friend*, que se traduz como “melhor amigo”.

⁸ O Valores de Minas foi um programa do governo de Minas que oferece aos jovens das escolas estaduais oficinas de arte, com o objetivo de possibilitar aos estudantes formação cidadã e crescimento pessoal.

⁹ Vissungo, em etnografia, refere-se à música de caráter responsorial praticada por escravizados africanos que trabalhavam nas lavras de diamantes e ouro na região compreendida, entre outras, pelas periferias das cidades brasileiras de Diamantina, São João da Chapada e Serro, no estado de Minas Gerais.

Depois disso, comecei a me entender como pessoa negra e a me identificar dessa forma. Eu tinha 14 anos na época. O período em que participei do Valores de Minas foi muito enriquecedor e transformador para mim.

Depois, fiz faculdade na UNA Campus Liberdade, onde estudei Cinema e Audiovisual de 2017 a 2021. Na faculdade, não tive nenhum conflito com a instituição. Quando falei que queria ser chamada de Lua, todos respeitaram imediatamente. De um semestre para o outro, ninguém errou meu pronome, nem professores, nem alunos, foi tranquilo. No entanto, foi estranho para mim entrar na faculdade e me deparar com realidades muito diferentes da minha. Havia muita gente rica, e seus “papos”, nichos e gostos musicais eram muito diferentes dos meus. Lembro que uma vez uma menina comentou: “O Felipe não está aqui porque foi para a Disney”. Achei que era zoeira, mas vi no Instagram que ele realmente estava na Disney. Era uma realidade comum para eles, o que foi estranho no início.

Transexualização

No período em que eu fazia *drag*¹⁰, comecei a ter contato com várias outras pessoas trans. Me lembro que todas diziam a mesma coisa para

¹⁰ A arte *drag* é uma expressão cultural que envolve performances como canto, dança e comédia. Comumente, uma *drag queen* é uma pessoa que se veste e performa como uma mulher de forma teatral, usando trajes chamativos, maquiagem e perucas.

mim: “Lua, você sabe que você não é *drag*, você é mulher”. Eu respondia: “Não, eu faço *drag* e tal”. Lembro especificamente da Frans, uma travesti¹¹ que era e é até hoje *host*¹² de uma festa, que me disse: “Mulher, por que você não começou a sua transição ainda?”. Depois disso, comecei a matutar muito sobre isso porque todas falavam a mesma coisa para mim quando eu me montava. Foi então que tive coragem de falar para minha mãe. Ela foi quem sugeriu o nome Lua Zanella para minha *drag*. Quando contei que eu era trans, perguntei se ela sugeria um novo nome. Ela respondeu: “Lua, Lua de Moraes Justino”. Ela escreveu um soneto aos 13 anos chamado Lua, sempre gostou de escrever. Ela tocava órgão na igreja e disse que, quando tivesse uma filha, gostaria de dar esse nome.

Me lembro que, ao começar minha transição, decidi trocar as roupas e iniciar o processo. Com o primeiro salário que recebi após a transição, comprei um monte de Barbies.

Desde o início da transição, preferi usar o termo “travesti” porque sinto que incomoda mais as pessoas conservadoras. Foi um termo margina-

¹¹ Travesti é uma das identidades de gênero que estão dentro do guarda-chuva transfeminino, ou seja, trata de corpos que foram identificados enquanto masculinos no nascimento, mas que se reconhecem enquanto femininos.

¹² Aquele que recebe ou entretém socialmente hóspedes ou convidados; anfitrião.

lizado por muito tempo, e me reconheço como travesti. Minha transição começou aos 22 anos. Aos 19, assumi para meus pais que era *gay*, então passei por dois processos de me assumir: como menino *gay* e, depois, como mulher trans. Quando me assumi como menino *gay*, comecei a fazer *drag queen*. Meu primeiro contato com a Lua foi fazendo *drag*, indo a festas *drag* e performando com um grupo de amigos chamado “A House do Caralho”. Percebi que me sentia mais confortável montada do que desmontada, e a minha versão *drag* me ajudou a entender que eu era a Lua, 100%.

Quando comecei a hormonização, decidi não fazer acompanhamento médico, pois só havia um ambulatório trans no Eduardo de Menezes¹³. Fui lá para falar sobre a minha transição, mas os funcionários não faziam o básico, não me tratavam com o pronome correto, por exemplo. Acredito que só ter o Eduardo de Menezes como opção em um estado tão grande é uma falta absurda, pois muitas pessoas precisam se locomover para um lugar distante e acabam sendo mal atendidas. No Eduardo de Menezes, não lembro de muitos detalhes, pois faz muito tempo que fui lá, mas sei que faltava educação e respeito. Profissionais devem nos tratar pelos pronomes corretos e entender o mínimo sobre ser uma pessoa trans. Decidi que não voltaria mais lá e fiz toda a minha

¹³ Hospital Eduardo de Menezes. Hospital público, da rede da Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (Fhemig), integrante da rede SUS de Belo Horizonte, Minas Gerais. Localiza-se no bairro Bonsucesso, na regional do Barreiro.

transição sozinha, comprando e tomando os hormônios por conta própria, sem acompanhamento médico. Inicialmente, pesquisei no YouTube, assisti alguns vídeos de outras mulheres trans e conversei com elas. Descobri que a maioria faz a transição sozinha, devido à falta de acesso e de acompanhamento adequado oferecido pelo estado. No ambulatório trans, os profissionais não estavam preparados para lidar com as pessoas trans. Respeitar o pronome correto era o mínimo que esperava.

Agora, no Iria Diniz¹⁴, há um centro específico para atender pessoas trans com psicólogos e outros profissionais. Comecei a ser acompanhada por lá e estou tomando os hormônios com o acompanhamento correto. Funcionou para mim porque estou tomando o mesmo remédio que já usava antes e a médica continuou a recomendação. Sinto que lá os profissionais entendem bem nossas demandas e inseguranças.

No início, eu me importava muito com a passabilidade¹⁵ e me sentia triste e invalidada. Foi um processo difícil e essas dificuldades não deixaram de existir porque existe uma cobrança para que

¹⁴ Centro de Consultas Especializadas Iria Diniz.

¹⁵ A passabilidade, sob a perspectiva trans, é a qualidade de ostentar aparência e caracteres que permitem que a pessoa transgênero seja reconhecida socialmente como alguém do gênero ao qual se entende pertencente, sem que sua condição seja notada ou descoberta, garantindo-lhe a possibilidade de “transitar tranquilamente”.

as travestis se encaixem no estereótipo de gênero para serem aceitas. Mas, hoje em dia, aprendi a ignorar o que as pessoas pensam e aceito quem sou. Às vezes, prefiro estar de blusão largo, sem peruca, e me sinto confortável assim. A expressão de gênero não importa tanto para mim quanto antes. Sonho em ter silicone, mas enquanto isso não acontece, estou tranquila com meu corpo.

E, atualmente, minha saúde mental está melhorando. Estou tomando medicação e tenho o acompanhamento de uma psiquiatra trans da Bahia, que é maravilhosa e me ajuda muito. Minha saúde física precisa melhorar, pois estou sedentária, mas, em geral, está boa. No Iria Diniz, me sinto muito acolhida, desde a portaria até todos os profissionais. Uma outra coisa que tem me ajudado muito nesse processo é minha mãe, ela é psicóloga. Não tem tanto tempo que ela atende na área, mas tem várias características em mim que ela me ajudou a descobrir. Ela sempre me ajudou muito até no processo de me entender, assim, enquanto mulher trans, ela que me deu o meu nome, ela que me batizou como Lua. E eu sempre tive esse sistema familiar de muito afeto e acolhimento, os meus pais, os meus irmãos sempre me acolheram muito.

A transição valeu muito a pena e é importante para mim. Qualquer evolução dentro da transição é um momento feliz. Passei por períodos sem hormônio, devido à falta de dinheiro ou responsabilidade, mas sempre fico feliz com as mudanças no meu corpo. Atualmente, estou to-



mando hormônios regularmente há nove meses. No entanto, os hormônios têm efeitos colaterais como mudanças de humor, parecidas com TPM¹⁶.

Trabalho

Eu já passei por vários empregos diferentes. Trabalhei em *telemarketing* por algum tempo e também numa creche chamada Quintal da Leste, que foi uma experiência muito gratificante. As crianças são incríveis e entendem tudo sem precisar de muitas explicações. Muito diferente dos adultos... Eu gostava muito de supervisionar o quintal e cantar musiquinhas para elas.

Depois, trabalhei na Aprosmig (Associação das Prostitutas de Minas Gerais), na Guaicurus, onde levávamos insumos como camisinhas e lubrificantes para as prostitutas. Em seguida, fui assessora parlamentar da vereadora Moara Saboia¹⁷, na área de cultura. Organizei alguns eventos, como o festival de cinema negro, e convidei colegas de faculdade cujos filmes tratavam da negritude. O trabalho com a Moara foi muito significativo para mim. Lembro que ela me acolheu quando postei um *story* perguntando sobre vagas de emprego. Ela mudou de equipe recentemente e me desligou, por isso, estou desempregada novamente.

16 A tensão pré-menstrual é um conjunto de sintomas físicos e emocionais que ocorrem na fase que antecede a menstruação.

17 Moara Saboia é vereadora na cidade de Contagem-MG e atua como líder de governo na Câmara.

Atualmente, estou sem emprego de carteira assinada. Tenho feito algumas entrevistas de emprego, procurando algum “trampo” que me ajude a pagar as coisas. Minha mãe prefere que eu espere por uma oportunidade boa, pois ela acredita que coisas como voltar para o *telemarketing* podem não ser a melhor opção a longo prazo. Claro que a arte nunca saiu do meu horizonte. Estou sempre pensando em seguir na produção musical ou trabalhar na minha área de formação, que é edição de audiovisual. Trabalhar com audiovisual é algo que me agrada muito e seria uma ótima alternativa para minha carreira.

Arte

Como eu falei, minha introdução à música foi na própria Congregação da Igreja, onde eu e meu irmão mais velho já gostávamos de compor. Depois que nos desvinculamos da Igreja, começamos a criar nossos próprios sons. A gente tem um *duo* musical chamado Imorais. Nós gostamos de fazer músicas polêmicas, que trabalham temas controversos, como a legalização da maconha. Meu primeiro contato com a música depois da Igreja foi com o meu irmão por meio do Imorais, quando a gente começou a cantar e tocar em festivais. Na verdade, meu irmão escrevia mais e é o melhor compositor que conheço. Ele é incrível, realmente talentoso. Após essa fase, iniciei minha carreira solo com o Pocotião¹⁸. Sempre gostei de assistir batalhas de *rap* no YouTube e era viciada

18 Grupo musical independente.

nas batalhas como a do Tanque¹⁹ e da Aldeia²⁰. Um belo dia, uma batalha surgiu na rua onde meus pais moravam quando eu tinha acabado de voltar para a casa deles. Comecei a frequentar a Batalha do 402, na pracinha do 402. Decidi participar e, já na primeira vez, fui campeã. Gostava de brincar de *freestyle*²¹ e estava muito confiante naquele dia. Particpei em dupla com o Lelis MC, um MC²² que eu admirava muito. A partir dessa vitória, percebi que queria seguir esse caminho.

A batalha de *rap* foi significativa para mim porque, pela primeira vez, tive um núcleo de amizades masculinas. Homens me acolheram e se tornaram fãs do meu trabalho. A batalha me ajudou a descarregar a ansiedade. Independentemente de ganhar ou perder, me sinto energizada quando estou lá e escuto a galera gritando. Gosto de assistir e aprender com as rimas das pessoas. Juntar a batalha e a música é algo que adoro; o clipe da minha próxima música terá cenas de batalhas, criando essa imersão. As batalhas também foram

19 Batalha de rimas improvisadas realizada na cidade de São Gonçalo-RJ, que ficou muito popular na internet nos anos de 2013 em diante.

20 Batalha de rimas improvisadas realizada na cidade de São Paulo. Atualmente, é o evento dessa categoria com mais repercussão no Brasil.

21 Modalidade da cultura *hip-hop* caracterizado por ser uma competição entre dois ou mais artistas que disputam com rimas improvisadas.

22 Mestre de cerimônia. Na cultura *hip-hop* é o artista que desempenha o papel de cantar ou rimar.



Capa do 1º Album de Lua Zanella "Transmachine"

importantes para desenvolver minha confiança em me apresentar em público. Embora ainda seja tímida, esqueço disso quando estou em um sarau, recitando um poema ou batalhando. Assumi a Batalha do 402 quando o antigo organizador precisou sair. Hoje, eu cuido de tudo, incluindo o Instagram e a arte.

Gosto de combinar batalhas de *rap* com *Vogue*²³, um tipo de batalha de dança. Tenho um projeto

²³ É um estilo de dança que se originou nas comunidades LGBTQIA+ de Nova York, especialmente entre pessoas negras e latinas, nos anos 1980. Essa forma de dança é caracterizada por movimentos estilizados e precisos que imitam poses de modelos, inspiradas pelas revistas de moda, especialmente a "Vogue".

chamado Balltalha,²⁴ que mistura momentos de *Vogue* e *rap*, mantendo os dois públicos juntos do início ao fim. *Vogue* tem várias categorias, como *runway* e *face*, onde as pessoas são avaliadas. No dia primeiro de julho de 2024, por exemplo, aconteceu uma batalha de *Vogue* inspirada na carreira da Lady Gaga. Não costumo fazer atividades que demandem muito corpo, mas gosto de dançar em casa, colocando músicas e dançando até cansar.

Eu queria aproveitar o espaço também para dizer para as meninas trans que ainda não têm coragem de botar as caras nas batalhas, botar a cara na música, botar a cara na arte, para não ter medo, e que são espaços que, ainda que sejam violentos, têm as pessoas que vão te acolher. E a cena precisa da gente, precisa da nossa cara porque a luta que a gente passa, a marginalização que a gente passa é a mesma marginalização que está dentro do *rap*. E eu acho que ele tem o poder de nos abraçar e nos engrandecer.

Violência cotidiana

Toda vez que saio de casa, sei que vou encontrar pelo menos algum olhar violento, uma piadinha ou algo assim. Na maioria das vezes, aprendi a não ligar, mesmo que, em dias em que já estou para baixo, uma piada pode me deixar ainda mais triste. Geralmente, não me importo tanto, porque

²⁴ Existe um trocadilho aqui. As batalhas de *Vogue* são popularmente chamadas de *ball*. Ao misturar os nomes *ball* e batalha, produz-se o neologismo Balltalha.

sei que, se me importar, vou sofrer. Além disso, existem as violências que são mais sutis. Encontrar roupas que me sirvam até hoje é uma aventura. Minha mãe costuma escolher e comprar roupas para mim. Ela simplesmente chega com roupinhas novas, o que me ajuda muito. Na questão de calçados, descobri recentemente uma loja em BH que vende sapatos maiores, onde já comprei uma bota e pretendo comprar mais.

Até como artista já passei por situações desafiadoras, como um MC que me zoolou em um grupo de batalha. Todos os outros MCs me defenderam e o expulsaram do grupo. Ele me pediu perdão no Instagram, e eu o perdoei. Depois, quando o organizador perguntou se ele poderia participar de uma batalha, disse que não tinha o poder de julgar, especialmente se ele havia se desculpado.

Entendo a realidade de muitos MCs que nunca tiveram contato com travestis. Tenho paciência para explicar como quero ser tratada e vejo amigos de batalha mudando comportamentos e pensamentos.

O *hip-hop* me acolhe muito, sinto mais toxicidade na cena de *drag queen* do que nas batalhas. O *hip-hop* é acolhedor, e adoro ir às batalhas, onde sempre sou recebida com carinho. Mas as batalhas de *rap* não costumam entrar em questões pessoais, são mais uma performance fictícia, sempre na base de comparações, referências, metáforas e jogos de palavras. Em algumas situações, quando fica pessoal demais, as pessoas se afastam. A gente até tem um grito que fala: "Quando fica pessoal é que fica interessante / o que vocês querem ver? SANGUE", que é só um jeito de aquecer o duelo,



Foto: Lucas Barreira

dentro da dinâmica do jogo. Ou não, né? Às vezes, pega fogo de verdade!

Relacionamentos

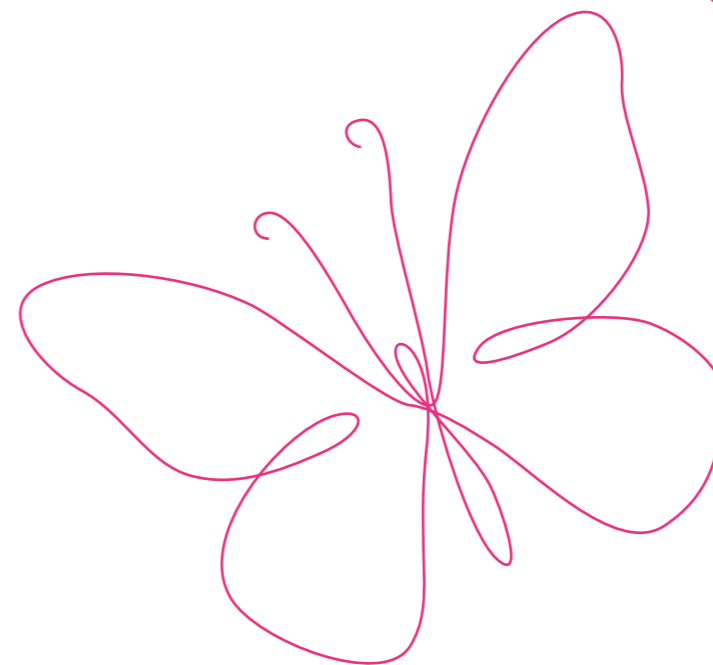
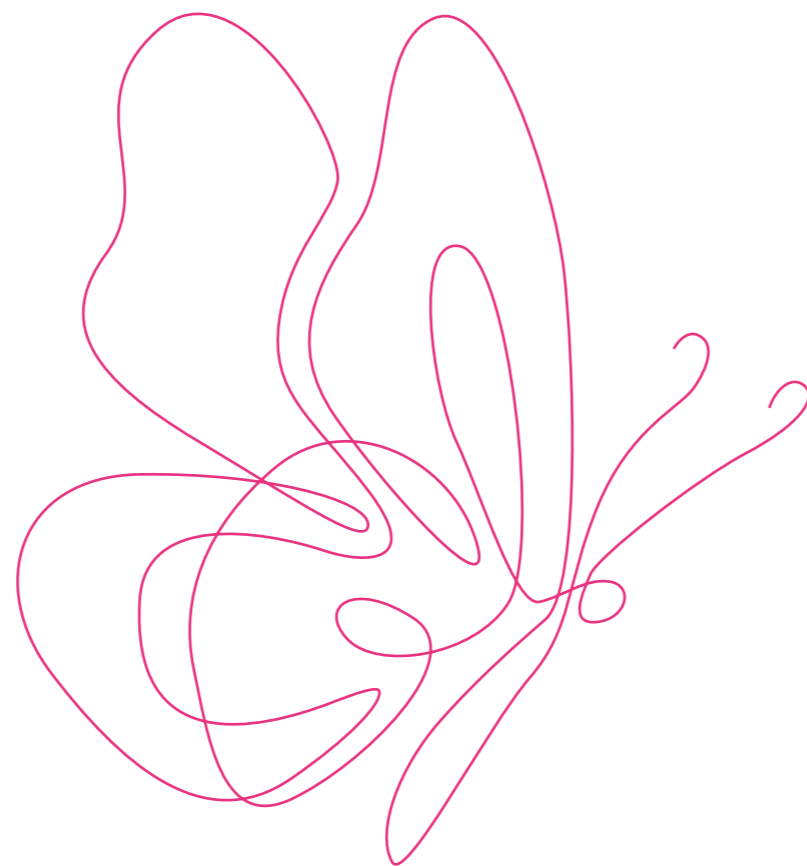
O meu último relacionamento terminou bem recentemente, e não sei se quero ter outra experiência monogâmica, porque a última foi bem dramática.

Eu tive três namoros durante a minha vida, meu primeiro namoro foi em 2020, com o Jader, foi muito estranho. Estranho, porque, me lembro que fui muito carente afetivamente, sabe? Porque teve coisas que eu não tinha vivido na adolescência, como o primeiro namoradinho. Não sentia que eu era uma pessoa desejada na escola. Eu via essas coisas acontecendo para as outras pessoas e achava que era uma coisa que não ia acontecer comigo. Então, o Jader foi o meu primeiro namorado, foi uma pessoa que me apeguei rápido demais. Ele foi lá em casa, aí eu falei: “Dorme mais um dia”, ele ficou. E ele foi ficando e não saiu mais. A gente tinha se conhecido pelo Tinder. A minha família achava um absurdo.

O meu segundo namorado me traiu, foi uma experiência horrível! Acho que quem já passou sabe o quanto ruim é. E me lembro que ele me traiu com uma amiga minha que era muito próxima e a gente tinha várias músicas nas plataformas juntas. Lembro que quando ele me traiu com ela, tive que derrubar todas as músicas das plataformas. Era uma pessoa que eu tinha carinho demais, quando

eu não tinha o *show*, a indicava para fazer. Então, de fato, doeu mais a traição dela do que a dele.

E, com o meu terceiro namorado, o relacionamento acabou recentemente. A gente morou junto por sete meses. Foi uma relação bem conturbada, porque foi a primeira pessoa com quem me relacionei que os meus familiares não conseguiram ser próximos. Foi muito difícil para mim, sabe? Eles falavam coisas sobre ele que eu não concordava, e hoje em dia, vindo de fora, vi que eles estavam completamente certos, basicamente isso!



Uma grande vitória

Eu me chamo Estefane¹, sou mais conhecida como Estefane Souza em todos os lugares aonde vou. Tenho 32 anos, sou uma mulher trans, guerreira, corajosa e me considero uma grande vitoriosa só por estar viva até hoje. É difícil encontrar uma mulher trans que nunca tenha sofrido preconceito ou que não tenha sido agredida na vida por pessoas na rua. Nunca apanhei na rua e agradeço muito a Deus por isso. Acho que quando uma mulher trans se dá ao respeito, ela ganha respeito da comunidade. Vou à favela, sei me comportar em qualquer lugar. Mas se vejo que um lugar não é para mim, não vou.

Não uso droga, nem fumo, nem bebo. Uma das minhas qualidades é que sou uma pessoa muito

¹ Um agradecimento especial à Estefane pela sua atenção, disponibilidade e sensibilidade, pois participou do segundo encontro da entrevista com dengue, sentindo todos os sintomas.

lutadora, vou sempre atrás dos meus sonhos. Sou também muito verdadeira com as pessoas, mas isso pode ser considerado como um defeito.

A família e a religião

Nasci em 1991, em Belo Horizonte, no Hospital Risoleta Neves²; antigamente o hospital nem tinha esse nome. Mas foi em Ribeirão das Neves que vivi quase toda a minha infância e a minha “sofrência”, é a cidade onde resido hoje. Costumo até falar que nasci em Ribeirão das Neves, não em Belo Horizonte. Ribeirão das Neves é o local onde meus pais e meus avós moram, o lugar

² Hospital Risoleta Tolentino Neves pertence ao Sistema Único de Saúde (SUS), filantrópico e referência para a região norte de Belo Horizonte e municípios do entorno (como Lagoa Santa, Pedro Leopoldo, Ribeirão das Neves, Santa Luzia, São José da Lapa, Vespasiano, entre outros).

Foto: Olívia Bittencourt



de onde eu não quis sair. Todos me conhecem na cidade, sabem onde eu moro e conhecem a minha história.

Minha mãe³ me abandonou quando eu tinha 7 anos de idade para ir morar com o pai do meu irmão mais novo e meu padrasto, Dinei. Então, eu e a minha irmã, que na época tinha 8 anos, fomos morar um tempo com minha avó materna, Cleia, no porão da casa dela. A gente chamava esse porão de garagem e era onde a minha avó guardava vários restos de roupa. É triste falar sobre isso.

Minha avó está bem idosa e me considera como uma filha. Ela sempre diz que se eu estivesse morando com ela, teria “tudo do bom e do melhor”. Se dependesse da minha avó, eu estaria morando com ela até hoje. Esse é o sonho dela! Ela não deixava faltar comida, mas morar num porão de chão de barro, com ratos, fazia mal. Tenho uma boa relação com minha avó até hoje! Um dia desses, fui à casa dela comer um costelão com quiabo que ela fez para mim. Mas nunca tive um bom relacionamento com a minha avó paterna. Nunca teve afeto, ela é uma pessoa muito preconceituosa, sempre me julgou e chegou a falar: “Não aceito você aqui na minha casa, o seu pai eu aceito”. Me doía muito ouvir essas palavras e acho que por isso não ficava tanto na casa do meu pai.

Quando eu tinha 13 anos, minha mãe foi buscar

³ Adriana Rodrigues Gois.

minha irmã e eu para morarmos com ela e com meu padrasto na roça, em Raul Soares⁴. Nessa época, eu apanhava dia e noite do meu padrasto. Ele me batia demais na roça. Tinha que tirar leite no curral de madrugada e pegar água na mina para sobreviver. O meu padrasto achava que eu era um menino, só que eu não era o que ele pensava. Um dia resolvi enfrentá-lo e falei: “Não fico mais aqui”. Fui embora sem olhar para trás e nunca mais voltei.

Nessa época, tinha 15 anos e voltei a morar com o meu pai numa casa abandonada que ele tomava conta em Ribeirão das Neves. Eu brinco que meu pai⁵ foi mãe e pai para mim, sempre me apoiou, mesmo me batendo. Quando eu chegava da escola, meu pai estava bêbado e queria me agredir, me bater. Ele me batia com fio de luz. Eu ia para escola com blusa de frio, mesmo com o sol rachando, para não mostrar as marcas de tanta agressão. Meu pai é alcoólatra, bebe muito até hoje. Eu sempre ia para o conselho tutelar, sofria muito, mas mesmo assim considerava meu pai como “pai e mãe”, porque ele sempre cuidou bastante de mim, até eu decidir sair de casa e ir morar sozinha. Eu costumava falar: “Se meu pai falecer, eu acho que vou com ele”. Meu pai cozinhava no fogão de lenha para mim. Ele fazia gambá com farinha, às vezes tinha um arroz queimado na lenha, que era

⁴ Município brasileiro da Região Intermediária de Ipatinga, no estado de Minas Gerais. A distância da capital é de 228 km via BR-381 e BR-262.

⁵ Lourival Francisco de Souza.

muito mais um queimado do que arroz mesmo.

Quando completei uma certa idade, que não lembro muito bem, passei a ir para a casa da Cleuza, esposa do Robinho Gás. Ele até já faleceu. A Cleuza era professora na minha escola e me ajudava muito. Ela sabia tudo sobre a minha vida. Na casa deles, eu almoçava, ganhava o meu dinheiro e dormia algumas vezes. A Cleuza falava para eu só voltar para casa do meu pai depois das 18 horas, porque ele já estaria dormindo de tão bêbado e não iria me bater. Eu costumava acordar cedo, ia para a escola e não tinha contato com o meu pai. Na casa da Cleuza e do Robinho, eu trabalhava carregando gás, lavava canil, podava grama, cuidava das plantas e ganhava R\$15,00 por dia. Eu recebia esse valor no final do mês. Essa quantia era muito dinheiro naquela época. Fiquei vivendo dessa forma na casa do Robinho Gás até os 18 anos. Nesse período, fui juntando dinheiro para morar sozinha.

Depois, consegui morar sozinha numa quitinete. Hoje moro na minha casa e, praticamente, vivo sozinha. Visito minha mãe, mas sempre volto para a minha casa. Não tenho rancor da minha mãe, mas preferi seguir a minha vida da forma que achava melhor. Minha família é muito preconceituosa. Hoje em dia, meu pai e minha mãe me aceitam bem mais. Antigamente, tinham a cabeça mais fechada, um povo de roça.

Sou a filha do meio, tenho uma irmã mais velha

e um irmão mais novo. Minha irmã é casada e tem cinco filhos. Tenho uma convivência muito bacana com meus irmãos. Meu irmão sempre foi o xodó da minha mãe. Quando eu fiz 18 anos e comecei a trabalhar, passei a bancar os estudos do meu irmão, dando R\$ 300,00 por mês. Hoje ele trabalha.

Não gosto de ficar lembrando de coisas ruins que aconteceram na minha vida. Acho que não temos que olhar para trás, o importante é seguir em frente. Minha mãe me abandonou, fui morar de favor, mas tem coisas boas também. Tive uma família, meu pai me acolheu apesar de tudo. Tive um tio que também me acolheu muito e que até já faleceu, mas as minhas melhores lembranças são da época em que me assumi como uma mulher trans aos 18 anos. Fui trabalhar, abandonei a família, resolvi colocar peito, deixei o cabelo crescer e fui à luta. Nesse momento, falei: “As pessoas terão que me engolir, me respeitar”. Hoje visito minha família, mas tenho a minha casa e fico quieta no meu canto. Meu relacionamento com a minha família é mais distante, cada um fica na sua, sem muito envolvimento. Mas a gente sempre conversa pelo WhatsApp – a tecnologia ajuda muito.

Hoje, minha mãe vive com um outro homem, meu atual padrasto, Lucas. Faz quase dez anos que eles estão juntos. Ele gosta muito de mim, nossa relação é boa. Conversamos demais, ele sempre me apoia. Acho que ele ajudou a minha mãe a ser uma pessoa mais aberta. Ela é daquele

povo antigo, de uma família muito preconceituosa, sabe? Depois que minha mãe começou a viver com esse meu padrasto, passamos a ter uma relação mais de mãe e filha. Ele brinca comigo, liga sempre me chamando para ir para casa deles. Ele nos uniu. Antes, minha relação com a minha mãe era muito difícil, era tipo ferro e fogo, ela ia logo soltando faísca para o meu lado e eu reagia. Costumo ir para a casa da minha mãe de 15 em 15 dias, ela mora na cidade de Igarapé⁶. Vou mais para me distrair. Fico sexta, sábado e volto a domingo para minha casa. Minha vida é aquela rotina, casa e serviço.

Fui criada na religião Católica, mas sou do Candomblé há sete anos, uma religião que é muito criticada, não é? Eu creio em tudo, acho que só tem um salvador, Jesus Cristo. Ele é o pai, ele é o espírito. Então, acredito em Deus que é um só em nossa vida. Você pode ser macumbeira, ser pai de santo, pode ser qualquer coisa, mas Deus é único. A minha mãe é como eu, tem um pé lá e outro cá. Ela é evangélica, e católica também, um pouco de tudo, cada um com as suas crenças.

6 Município da região metropolitana de Belo Horizonte, aliado ao sistema viário de rodovia, que liga a cidade aos principais centros industriais do país pela BR 381 - Rodovia Fernão Dias (Trecho BH-São Paulo), beneficiando assim o seu crescimento.

O apoio da escola

Eu consegui concluir o ensino médio. Eu era o capeta na escola, aprontava, mas estudava. Eu batia e apanhava. Meus pais me ensinaram que se alguém me batesse na escola, eu deveria bater também, caso contrário apanharia em casa. Meu pai era sempre chamado na escola, mas não podia ir todas as vezes. Então, ele me batia quando chegava em casa. Todas as vezes que meu primo, Guri, me encontrava na diretoria da escola, ele falava: “Prepara seu lombo porque você vai tomar um pau quando chegar em casa”. E eu apanhava de verdade, apanhava muito. Eu passei por psicólogo e psiquiatra.

Já fui com fome para a escola muitas vezes. Eu sempre tive ajuda na escola, nunca comprei material, sempre ganhei das professoras. Tenho até saudade daquela época, as pessoas da escola me ajudaram muito, marcaram a minha vida. A esposa do Robinho Gás era diretora da escola e me ajudava muito. Eu saía da aula e ia para casa dela comer. Eu gostava muito dela, ela sempre me apoiou. Toda a diretoria da escola sempre me dava força e por isso cheguei onde estou hoje. Lembro ainda da Tânia, que era da diretoria da escola também. Gostava muito da Tânia. Agradeço muito a ajuda e o apoio que tive na escola.

Eu sofria *bullying*⁷ na escola, mas sempre ficava

7 Todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou

quieta no meu canto, ficava na minha, não conversava. Não tinha coragem para chegar perto das pessoas, ficava retraída. Não tive muitas amizades na escola. Não tive amigos no ensino fundamental. No ensino médio, tive um colega que era homossexual que me apoiava e me incentivava a seguir em frente.

Eu nunca tive privilégios como os meus colegas. Eu levava meus cadernos e lápis numa sacola de arroz porque não tinha mochila. Nunca tive uma mochila! Eu ficava com vergonha de ir para a escola por causa disso. Já matei muita aula. Quando eu chegava cedo na escola e via meus colegas na fila com as mochilas, me sentia muito triste e constrangida. Muitas vezes, eu subia a rua atrás da escola e ficava esperando sentada o dia inteiro até o horário das aulas terminarem, acho que eu tinha uns 8 anos nessa época.

Quando eu matava aula e o pessoal da escola sabia que eu realmente estava faltando às aulas, eles me deixavam de castigo no dia seguinte. Algumas vezes, a diretoria me pedia para chamar o meu pai ou então mandava uma cartinha para ele. Eles falavam: “Ou seu pai vem aqui na escola, ou ele tem que assinar a carta”. Eu assinava a carta como se eu fosse o meu pai e quando o pessoal da escola descobria, eles diziam que eu teria que ficar na escola até meu pai me buscar.

grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

Minhas notas não eram nenhuma maravilha, dava para passar de ano, pois se eu não passasse, apanhava. Acho que não foi tão ruim. Quando eu queria, conseguia tirar o conceito A, mas quando não queria tirava B e C. Eu sempre estudava durante as madrugadas. Na escola, algumas vezes, eu partia para cima das pessoas quando percebia que estavam me criticando ou dando apelidos. Era sempre mulher que mexia comigo, nunca homem. Eu brigava, batia mesmo. Acabava sempre na diretoria e levava advertência.

Hoje valorizo muito os meus estudos, principalmente quando penso no que passei para chegar até aqui. Muita dificuldade! Meu chefe quer que eu volte a estudar também. Eu também quero continuar a estudar e me formar, penso em estudar medicina ou ser projetista. É um grande sonho voltar a estudar!

O pessoal da escola nunca aceitou minha orientação sexual. Quando eu tinha 3 ou 4 anos, me lembro que tinha o cabelo grande e lisinho que batia no rosto. Não deixava ninguém cortar o meu cabelo, nem se me dessem uma nota de R\$100. Mas um dia, o meu pai cortou o meu cabelo. Ele me pegou com força e cortou com a máquina. Depois disso, não quis mais estudar e comecei a ser rebelde na escola. Fiquei muito revoltada, matava aula, pulava o muro da escola. Só foi com muita ajuda dos professores que voltei a estudar. Lembro que sempre fui péssima em matemática. Os professores falavam que só estudando que eu seria alguém na vida. Acabei voltando a querer

aprender e a estudar. E, estou aqui rompendo barreiras.

A vida profissional e o preconceito

Trabalhei em vários setores. Já fiz um pouco de cada coisa nesta vida. Trabalhei com serviços gerais, fui servente, pedreira, atendente de lanchonete e de farmácia, além de cozinheira, *chef* de cozinha e chapista, mexendo com macarrão na chapa, sabe? Minha carteira de trabalho nem sempre era assinada.

A transexualidade afetou muito a minha vida profissional. Não é fácil para uma pessoa transexual conseguir um emprego. Bati em várias portas e recebi muitos “nãos” quando me assumi. O pessoal falava que ia me ligar, eu ficava esperando, mas nunca ligavam. Já aconteceu de um gerente rasgar o currículo na minha frente, falando que não tinha vaga. Como não tinha vaga se tinha saído no Sine⁸ no dia anterior? Eu sentia aquele preconceito e percebia o ar de deboche das pessoas. Muita gente ria na minha cara e fingia que estava rindo por outro motivo, mas dava para ver, claramente, que as pessoas estavam rindo de mim. Já chorei muito, mas persisti. Rezava ajoelhada, pedia muito por um emprego para os meus orixás. Eu sempre lutei pelo sim, seguia em frente

8 Sistema Nacional de Emprego. Órgão do governo federal do Brasil, coordenado pelo Ministério da Economia, por intermédio da Secretaria Especial de Produtividade, Emprego e Competitividade.

e procurava dar o meu melhor. Afinal, todos os dias, quando você sai de casa, já tem o não.

Uma vez, consegui emprego por indicação na Prefeitura de Ribeirão das Neves para trabalhar nos serviços gerais, depois fui crescendo e acabei sendo transferida para a área administrativa, onde sofri homofobia. Acabei voltando para trabalhar nos serviços gerais. Isso não foi problema para mim, eu adoro limpar e cozinhar. Faço isso como se estivesse na minha casa. Eu trabalhei por quatro anos nessa empresa, que é a Prestar Service⁹. Eu entrei com uma ação judicial por causa da homofobia. Nessa época, eu já tinha uma aparência feminina. Sofri muita homofobia! Ninguém se importava com o meu sofrimento, sempre pediam para eu ter paciência e falavam que iriam resolver. Imagina você trabalhar durante quatro anos numa empresa e não ter o seu nome no calendário de funcionários do mês! Muitas vezes, as pessoas nem queriam comer perto de mim. Eu também não era convidada para participar das comemorações de aniversário dos colegas. Muito triste! Eu era massacrada dentro do meu trabalho. Não falava nada com medo de ser demitida.

Hoje, trabalho no departamento de pessoal da Sumisura Casa¹⁰. Estou aqui faz pouco tempo, mas

9 Conservadora de Limpeza Prestar Service, empresa de prestação de serviços de terceirização de mão de obra.

10 Empresa cuja missão é criar ambientes personalizados com soluções sob medida e design inovador, servindo com qualidade e excelência.

às vezes penso que minha vida começou quando vim trabalhar nesta empresa. Fui muito bem acolhida pelo dono da empresa que é homossexual, é da comunidade LGBT. Ele abriu as portas para mim, estou me engajando numa nova profissão, a de projetista. Consegui esse emprego por meio de um amigo que é da Aliança Nacional LGBTI+ de Curitiba¹¹. Ele me disse que a vaga era para uma mulher trans. Aqui na empresa tem muitas pessoas da comunidade LGBT, mas sou a única mulher trans.

A empresa luta pela diversidade e está ensinando as pessoas a respeitarem a comunidade LGBT e também todas as pessoas. Aqui tem muitas pessoas com mais de 60 anos, homens casados e pessoas que desconhecem o assunto, essas pessoas não sabem lidar com um *gay* ou com uma lésbica. O pessoal da empresa está organizando uma palestra para dizer “não ao preconceito” e uma cartilha sobre a comunidade LGBT, explicando a sigla. A palestra será dada por uma mulher lésbica. Eu trabalho com um homem e duas mulheres que não sabiam o significado da sigla LGBT, eles comentaram comigo que foi muito bom aprender. Vai acontecer também um seminário para todos os funcionários, mas não vou participar dessa etapa para evitar constrangimentos e me precaver. Pode ter gente com a cabeça fechada. Tem muita gente que não tem informação. Mas

11 Organização da sociedade civil, pluripartidária e sem fins lucrativos cuja missão é atuar na promoção e na defesa dos direitos humanos e da cidadania da comunidade LGBTI+.

devo participar numa outra etapa do programa. A empresa não se preocupa apenas com a comunidade LGBT, preocupa-se com todo mundo. As pessoas precisam respeitar umas às outras.

Eu ainda quero me formar em pedagogia e trabalhar na área. Eu sempre procuro aprender coisas novas, evoluir. Conhecimento nunca é demais, o mundo exige isso. Se não acompanharmos a evolução, ficamos para trás.



Estefane Souza e Cláudia Nicácio durante a entrevista que originou o livro

Foto: Olívia Bittencourt

Eu sou o que sou, sou isso, vou viver assim e ninguém vai me barrar

Desde os meus 13 anos de idade, eu me reconheci como uma pessoa trans, me identifiquei como uma mulher trans. Nesse momento, eu falei: “Eu sou o que sou, sou isso, vou viver assim e ninguém vai me barrar.” Sempre achei que as pessoas não precisavam me aceitar, mas são obrigadas a respeitar. Eu sempre fiquei quieta na minha quando ouvia qualquer piadinha ou sentia algum constrangimento, sempre me mantive em silêncio. Vou vivendo assim, rompendo barreiras, até hoje.

Quando tinha 16 anos, comecei a me maquiar, com 17 anos já tinha cabelo grande, fazia chapinha e com 18 anos, estava com uma aparência completamente feminina. Troquei de nome em 2019. A escolha do nome Estefane foi uma sugestão de um amigo que disse assim: “Você tem cara de Estefane e a partir de hoje esse é o seu nome”. Esse meu amigo, Lano, foi quem me batizou. Ele tinha um salão de beleza, foi assassinado. Ele era casado com um rapaz e morreu porque entrou na frente dele e levou um tiro. Ele morreu há oito anos. Sinto muita falta dele, mas ele me deixou sua irmã, Valéria, que agora é como uma irmã para mim também. Hoje, ela e eu temos uma grande amizade, é como se fosse ele. Não tenho muitos amigos, tenho só a Valéria mesmo.

A saúde

Desde que me reconheci como uma mulher trans, comecei a procurar tratamento, passei por psicólogo, por psiquiatra, e vou até hoje. Estava passando por um tratamento psicológico até pouco tempo atrás por causa da homofobia que sofri no trabalho. Muito sofrimento! Estava fazendo tratamento, mas parei porque não tinha mais psicólogo nem psiquiatra no posto de saúde em Ribeirão das Neves, cidade onde moro. Paguei consulta particular durante um tempo, só que cada consulta custa R\$ 120. Então, eu parei. Como estou trabalhando, faz pouco tempo no meu novo emprego, passei a ter direito ao plano de saúde da empresa em janeiro de 2024.

Era uma raridade eu ter acompanhamento médico no processo de transição. Não fazia acompanhamento médico de hormonização quando era mais nova, só fiz depois de mais velha mesmo. Em Ribeirão das Neves, não tem especialista para tratamento hormonal, nem tem muitas vagas de psiquiatra e psicólogo também. Quando eu tenho condições de pagar, faço consulta particular. Geralmente, eu vou ao médico particular.

Gosto de fazer os testes que tenho direito de três em três meses, mas não faço no Sistema Único de Saúde (SUS), onde eu deveria fazer. O SUS é para todos, oferece vários tratamentos para pessoas da comunidade LGBT, tratamentos de

IST¹², tem vários outros exames também. Só que, infelizmente, aqui no município de Ribeirão das Neves, não tem nenhum laboratório trans, as pessoas trans não conseguem fazer tratamento hormonal. Aqui no município tem uma outra mulher trans que, como eu, não consegue fazer mamografia. Eu tenho prótese na mama e tem mais de quatro anos que eu não faço mamografia. É sempre assim, quando vou procurar atendimento não tem vaga, precisa aguardar na fila. Eu quase perdi a minha visão esperando um exame de vista. Foram seis meses para conseguir um retorno com a médica. Em Belo Horizonte, para fazer exames hormonais, somos encaminhadas para o Hospital Eduardo de Menezes¹³, porque é o hospital que faz tratamento de hormônios das pessoas trans, tem tratamento psicológico também. Isso não acontece em Ribeirão das Neves, não tem isso, o pessoal não sabe para onde encaminhar.

Fiz tratamento de hormonização com o Dr. Fernando, no bairro São Bernardo, em Belo Horizonte, onde morei por um tempo. Ele me deu total apoio e sugeriu que eu procurasse o Hospital Eduardo de Menezes para fazer o tratamento hormonal. Só que, com o tempo, eu fiquei com muito constrangimento de continuar o tratamento, porque o hospital não trata só da hormonização, trata

¹² Infecções Sexualmente Transmissíveis.

¹³ Hospital público, da rede da Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (Fhemig), integrante da rede SUS de Belo Horizonte, Minas Gerais. Localiza-se no bairro Bonsucesso, na regional do Barreiro.

também de doenças graves, de câncer e outras coisas. Então, preferi me afastar, não me sentia bem. Eu acho que tinha que ter uma ala só para tratamento hormonal. Depois, comecei a tomar medicamento por conta própria e tomo até hoje. Esses remédios são mais para manter e aliviar minha prótese de mama que coloquei em 2019. O médico sempre falou que a gente tem que tomar hormônio para dilatar mais a pele da prótese.

Olha, acho muito importante passar pelo processo de transexualização, indico mesmo. Mas temos que ter cuidado. Muitas pessoas, muitas travestis¹⁴ e transexuais estão morrendo por tentar colocar silicone por conta própria. Todos os dias, eu falo que me sinto bem melhor com o meu corpo que tenho hoje, muito melhor do que com o corpo que tinha no passado. Mas ainda quero mexer, quero fazer lipoaspiração na barriga. Nem Deus conseguiu agradar todo mundo, não vai ser a gente que vai conseguir, não é?

Em questões de saúde, consegui bastante coisa em Belo Horizonte mesmo. Acho que o sistema de saúde em Ribeirão das Neves é bem precário, os profissionais não estão preparados para atender e acolher a população LGBT. Uma vez, eu organizei um seminário em Ribeirão das Neves com o pessoal da saúde, mas poucas pessoas participaram.

¹⁴ Travesti é uma das identidades de gênero que estão dentro do guarda-chuva transfeminino, ou seja, tratam de corpos que foram identificados enquanto masculinos no nascimento, mas que se reconhecem enquanto femininos.

Escutei nos bastidores dos próprios enfermeiros: “Eu não vou, o que eu vou fazer lá? Eu não compactuo com esse tipo de coisa”. Então, acho que a saúde não está preparada, se a saúde estivesse mais preparada, não haveria nem pessoas doentes. Deveria ter um treinamento para o pessoal da área de saúde atender as pessoas trans, acho que isso é a primeira coisa.

Já trabalhei na área de saúde e via como acontecia. Eu escutava muitas palavras de deboche, muitos cochichos. Se eles debochavam das pessoas quando elas estavam lá, imagina o que faziam depois! As pessoas não são mais humanas. Acho que a Secretaria de Saúde tinha que cobrar mais. O fato de ela deixar muito solto acaba prejudicando a população da comunidade LGBT.

Passei por uma situação muito constrangedora no Hospital São Judas Tadeu¹⁵, em Ribeirão das Neves. Fiquei muito doente com infecção urinária e precisei ser internada. E aí aconteceu que uma técnica de enfermagem falou comigo que eu não ia ser internada no leito feminino, e sim, num leito masculino. Eu questionei, falei: “Mas espera aí, meu documento é feminino! Por que que eu vou para a ala masculina sendo que eu posso ir para a ala feminina?” Ela respondeu: “Você não nasceu feminina, você nasceu masculina, então você vai para a área masculina!”. Aí eu peguei minhas coisas e saí do hospital, mesmo passando mal.

¹⁵ Hospital geral do município de Ribeirão das Neves.

Considero a minha saúde mental sempre abalada, passei por muitas turbulências. Já tive depressão, fiquei um bom tempo afastada das minhas atividades profissionais. Mas me levantei e sacudi a poeira. Então, falei: “Eu não sou dessa forma, vou crescer, vou trabalhar”. E isso aconteceu quando arrumei esse emprego em que estou hoje.

É muito complicado você procurar um psicólogo, um psiquiatra no seu posto de saúde e não encontrar ninguém para te atender. Aí você precisa usar o dinheiro que seria para comer. Você recebe R\$ 900 e paga uma consulta de R\$ 200, sabe? Se você não tiver um plano de saúde, você morre esperando psicólogo, psiquiatra aqui na cidade. Sabe o que é você pegar uma receita com o médico, ir ao posto de saúde e não conseguir o remédio que você precisa para dormir? Isso tudo abala o psicológico da gente, sabe? A saúde é muito precária aqui. Eu não consegui um médico do Laboratório de Doenças Infectocontagiosas, estava morta aqui na minha cama e tive que ir para Belo Horizonte para usar o meu plano da Unimed. Não tive problema de atendimento na Unimed. Na verdade, tem pouco tempo que tenho o plano. Então, até agora, não tive nenhum problema nenhum com eles.

A vida afetiva

Minha vida é aquela rotina, casa e serviço. Não saio muito nem tenho muitos amigos. Ainda não tive tempo para fazer amizade no serviço, estou trabalhando no meu emprego atual há pouco tempo.

Foto: Olívia Bittencourt



O meu maior laço mesmo era com meu companheiro, Rafael. Agora estou me separando dele. Tivemos um relacionamento de quase dois anos, esse relacionamento me marcou muito. Esse meu ex-companheiro me acolheu e sempre me apoiou muito. Graças a Deus! Quando eu pensava em só ficar em casa, sem trabalhar, ele sempre me levantava e dizia: “Vai trabalhar, você é uma mulher guerreira, lutou até hoje e vai lutar ainda mais”. Ele era meu “namorado”, mas não morava comigo, morava com a mãe dele. A minha sogra não vale nada! Sogra nenhuma vale nada, mas a gente deixa de lado e vive a vida, não é? Ela falava que gostava de mim, eu também gostava dela, mas bem longe.

Meu ex-companheiro tem um filho de 4 anos, o nome dele é Kelven. Ele me chama de “mãe”. É a razão da minha vida! Ele é um preto lindo! A mãe dele faleceu quando ele era recém-nascido e ficamos com ele. Nós sempre estávamos com ele, onde a gente estava, ele também estava junto com a gente. “Mãe” pra cá, “mãe” pra lá. Pretendo ainda ter outro filho. Mesmo com a separação, continuo tendo contato com o Kelven. Outro dia, meu filho me ligou e disse assim: “Oh, mãe, eu estou de boa com a senhora”.

Estou me separando porque fui agredida. Eu descobri que o Rafael estava me traindo porque clonei o WhatsApp dele. Eu não sou benta! Quando fui perguntar, ele me deu um soco na boca, estava bêbado. Aí, mandei ele ir embora. Falei: “Pega as suas coisas, vai embora e não volta nunca mais”.

Ele foi embora, mas ainda tem até uns cacos de lixo dele aqui em casa para ele buscar. Foi a única vez que ele me agrediu. Eu penso que se a agressão acontece uma vez, vai acontecer sempre. Não se pode permitir isso.

A militância LGBTQIAPN+

Eu, hoje, faço parte do movimento LGBT de Ribeirão das Neves, que vai completar três anos. Tudo começou com a Ale¹⁶ quando fizemos o café da diversidade na praça central da cidade. O movimento foi crescendo e hoje temos a Associação da Diversidade em Ribeirão das Neves.

Sou também vice-presidente da Aliança Nacional LGBT em Ribeirão das Neves, que é uma cidade muito conservadora, mas encarei esse desafio. Este ano, conseguimos fazer a primeira parada do orgulho LGBT. Tivemos duas mil pessoas na parada. Uma grande conquista! Foi bem bacana, tinha muita gente apoiando a causa. Enfrentei a Polícia Militar, a Guarda Municipal e o Ministério Público. Estou na luta! Minhas batalhas foram todas em Ribeirão das Neves mesmo, o lugar onde eu nasci.

O sonho de ser milionária

Eu sempre chego na empresa brincando e dizendo que pedi a Deus para ser rica e ele entendeu

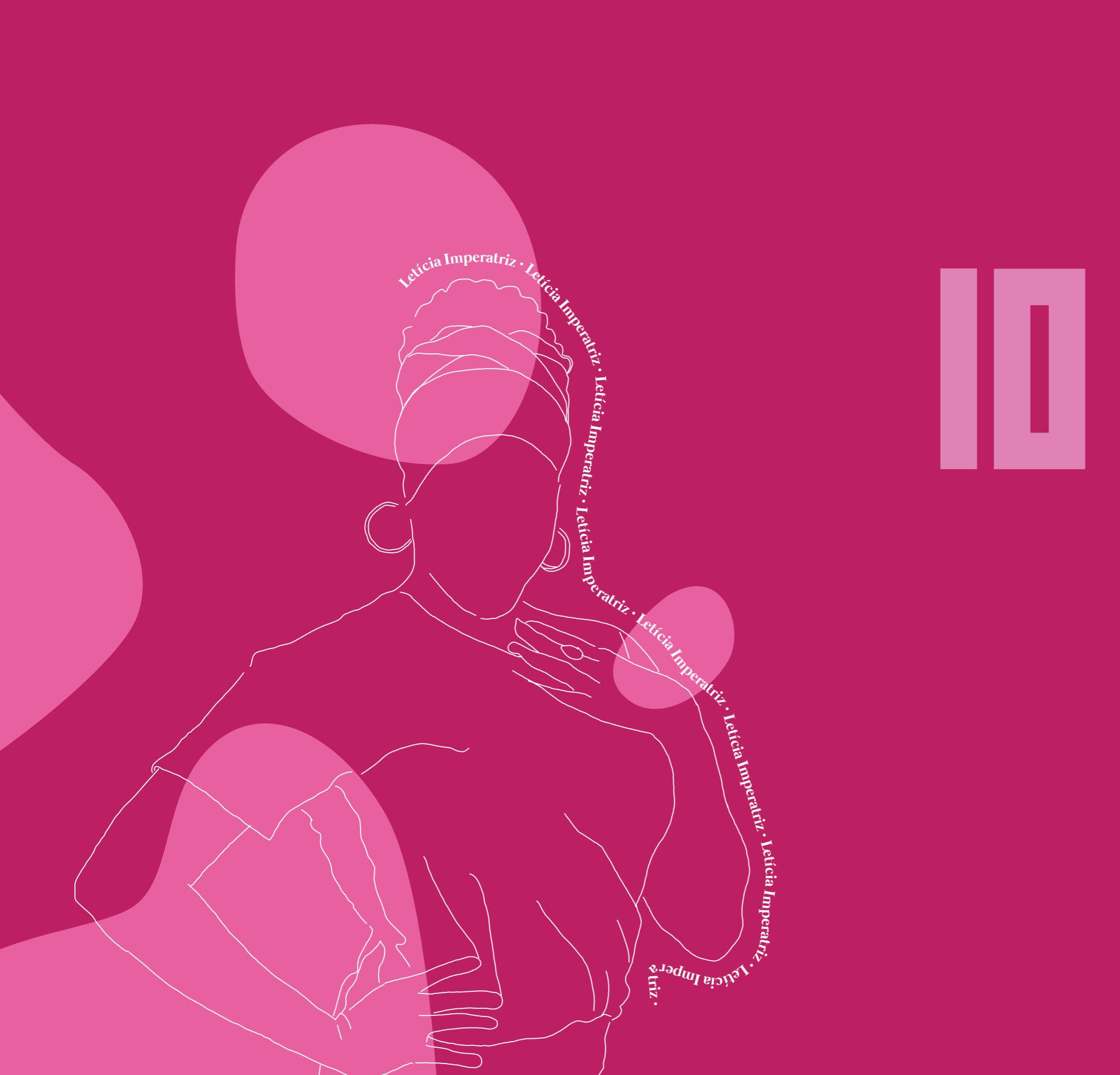
¹⁶ Ale é uma líder do movimento trans de Ribeirão das Neves, também biografada neste livro.



pobre. Então, fico achando que não usei a linguagem correta e Deus entendeu errado. Meu sonho é ser milionária! Ainda vou ganhar na Mega-Sena. E, é como eu disse, tenho vontade de concluir meus estudos, ser uma médica ou uma projetista. Sempre falo com o meu chefe que quero subir na empresa, quero conseguir um cargo melhor para me sustentar e viver mais tranquilamente. Não é luxo, mas quero ter melhores condições de vida e ter coisas melhores na minha casa. O dinheiro que eu recebo atualmente é bem pouco, dá para me alimentar e acho isso muito importante. Hoje eu tenho para sobreviver. O meu salário é a minha fonte de renda.

Tenho também o desejo de ir para Portugal. Eu tenho alguns amigos, pessoas que trabalhavam comigo que foram para lá. Tenho também uma prima que mora em Portugal há oito anos e ela está rica. Primeiro, pretendo ir para conhecer mesmo e depois trabalhar, quem sabe alavancar a minha carreira. Eu quero chegar muito longe e vencer minhas batalhas. Daqui a uns dez anos, quero estar mais preparada para enfrentar a vida.

Não desisto dos meus sonhos e acho que ninguém deve desistir. A vida é muito curta para perdermos as oportunidades que aparecem, sabe? Não podemos deixar o preconceito acabar com as nossas vidas. O Brasil e o estado de Minas Gerais matam muitas mulheres trans e pessoas da comunidade LGBT. Precisamos dizer que *não é não*.



Letícia Imperatriz

Letícia Imperatriz
Maria de Lourdes Menezes
Maria Nogueira

Quem é Letícia?

Me chamo Letícia Imperatriz, tenho 34 anos, sou uma mulher transvestigenera¹, nascida em Belo Horizonte e atualmente resido na cidade de Montes Claros². Rememorar o passado para falar sobre nós é perpassar pela exclusão e violência que nos condicionam cada vez mais a um passado rodeado de ódio na busca pelo amor. O ódio que ceifa as nossas vidas com estimativa de vida de 12 a 35 anos³ em detrimento da nossa existência. Destacar a minha história sempre será um desafio,

1 Termo usado pela deputada federal Erika Hilton do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) para abarcar “Todas as identidades de homens e mulheres trans, travestis, pessoas trans não binárias, pessoas que fogem do CISTema”.

2 Montes Claros é uma cidade de grande porte localizada na região norte de Minas Gerais.

3 Observatório Trans. Disponível em: <https://observatoriotrans.org/dossi%C3%AAs-rede-trans-brasil>. Acesso em: 26 ago. 2024.

uma vez que tenho como responsabilidade referenciar todas aquelas que me antecederam para ter direito de falar sobre quem sou. Sou Letícia Imperatriz, travesti⁴ negra, formada em ciências sociais pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), mestranda em desenvolvimento social pela Unimontes, bolsista da Fapemig. Minha pesquisa é voltada para “Construção da identidade de mulheres transvestigêneres negras e profissionais do sexo, a partir do corpo em Montes Claros”. Sou conselheira dos direitos humanos em Minas Gerais, membra do Observatório de Violência de Gênero da Unimontes e coordenadora do Projeto Norte de Minas Transidentidade.

4 Travesti é uma das identidades de gênero que estão dentro do guarda-chuva transfeminino, ou seja, trata de corpos que foram identificados enquanto masculinos no nascimento, mas que se reconhecem enquanto femininos.



Falar de Letícia é falar de todas aquelas que me antecederam! Não falo simplesmente da minha luta. É preciso lembrar das pessoas que passaram antes de mim e sofreram muito. Em nossa comunidade, conseguimos compreender, por meio das estatísticas, que o preconceito que vivemos é o mesmo, mas a forma como a violência se dirige aos corpos das pessoas trans se difere indiscutivelmente. Diante de tanta opressão, para prosseguir na luta diária, tenho como inspiração a minha mãe, que é uma mulher negra, oriunda de família rural, que me criou sozinha com muita garra e persistência. Assim como minha mãe, sigo os passos dos meus ancestrais Zumbi dos Palmares⁵ e Dandara⁶, que delinearam, na história do povo negro, o sentido de luta e resistência, e também, Xica Manicongo⁷, primeira travesti negra do Brasil e Marsha P. Johnson⁸, pioneira na luta pelos

⁵ Zumbi dos Palmares foi um dos líderes do Quilombo dos Palmares e ficou conhecido por ter liderado a resistência do quilombo contra os ataques portugueses, no século XVII.

⁶ Dandara dos Palmares foi uma das grandes personalidades do Quilombo dos Palmares. Mulher guerreira, Dandara liderou tropas na luta dos palmares contra os portugueses.

⁷ Xica Manicongo é considerada a primeira travesti do Brasil, em fins do século 16. Foi escravizada e trabalhou como sapateira na capital baiana, segundo registros oficiais. Para mais informações: Jaqueline Gomes de Jesus. Xica Manicongo: a transgeneridade toma a palavra. Revista Docência e Cibercultura. Rio de Janeiro, v.3, n.1, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/issue/view/1796>. Acesso em: 06/08/2024.

⁸ Mulher negra, transgênero e ativista LGBT contra a brutalidade

direitos das mulheres trans negras.

Minha história possui em seu roteiro: abandono, violência física e sexual, transfobia⁹ e tentativa de homicídio. Esse roteiro me motivou a não ser uma estatística no drogadicídio, cárcere e prostituição, que são as engrenagens de desejo desse (cis)tema¹⁰ que cada vez mais nos coloca à margem, na miséria e abjeção. Esse (cis)tema nos arranca de nossas famílias e nos faz construir outras famílias na vida da prostituição.

imposta principalmente na histórica revolta de Stonewal.

⁹ Configura qualquer ação ou comportamento que se baseia no medo, na intolerância, na rejeição, no ódio ou na discriminação contra pessoas trans por conta de sua identidade de gênero.

¹⁰ O termo sistema é problematizado pelas correntes transfeministas como uma estrutura hierárquica de poder que produz a inteligibilidade de corpos, produzindo quem seria coerente e normal (as vivências cis) e quem seria sua antologia patológica, seu oposto, seu desvio (as vivências trans). Assim, a junção dos léxicos cis + sistema visibilizam esses mecanismos de produção do lugar privilegiado da cisgeneridade na sociedade, algo presente ao longo da história e que se reproduz de maneira sistemática.

Família: o amor pela minha mãe me silenciou!

A pessoa fonte de todo vigor da minha vida é minha mãe. Nascida em uma cidadezinha chamada Barroão, município de Grão Mogol¹¹, ela saiu bem nova de casa, deixando minha vó e seus seis irmãos. Para que eu possa adentrar na minha história enquanto Letícia Imperatriz, preciso revisitar o passado e falar um pouco da minha vida antes da transição, enquanto Rodrigo, nome a mim atribuído no nascimento. Minha mãe foi para Belo Horizonte em busca de melhorias de vida somente com a segunda série e começou a trabalhar como empregada doméstica. Logo em seguida, engravidou do meu pai e teve que lidar com a gravidez sozinha. Ela foi abandonada e passou a gestação sozinha trabalhando.

No momento do meu nascimento, minha mãe procurou o médico, ele disse que as dores eram normais naquele momento e que ela poderia retornar para casa e para suas atividades. Naquele dia, havia uma festa na casa da patroa da minha mãe e como ela já havia cumprido os afazeres do dia foi deitar devido às contrações. As dores ficaram mais intensas com o passar das horas e minha mãe acabou dando à luz sozinha, sem ajuda médica ou de algum convidado ou membro da casa. Após algumas horas, os patrões notaram a

¹¹ Município de Montes Claros, localizado na serra do Espinhaço ao Norte de Minas Gerais.

ausência de minha mãe e foram ao quarto e se depararam com minha mãe me segurando no colo. Ela estava muito fraca por causa do esforço do parto. Como não tínhamos para onde ir, os patrões dela se viram na obrigação de ajudar a me criar, me ensinando, inclusive, a chamá-los de avós. Não posso negar que fui bem acolhida mesmo sendo filha de uma empregada doméstica NEGRA.

Mais tarde, minha mãe conheceu meu padrasto e conseguimos ter nossa casa própria. Meu padrasto era uma pessoa sistemática, tinha um jeito meio grosseiro de lidar comigo. A minha presença era algo que o incomodava, devido ao fato de ser cria de um outro homem que havia abandonado, não só a mim, mas também a minha mãe. A ausência de um pai nunca me fez questionar o mundo já que minha mãe sempre realizou os dois papéis com maestria. Após um período de convivência familiar com meu padrasto, minha mãe engravidou e nasceu minha irmã, quando eu tinha 6 e 7 anos. A chegada da minha irmã só reforçou o que era óbvio: a falta de afinidade entre mim e meu padrasto, talvez devido a cor de pele, já que minha mãe era parda e eu negra, ou talvez pela ausência do laço sanguíneo. O tratamento entre os filhos era diferente. Por exemplo, eu sempre tive que ser exemplar na escola, os afazeres de casa eu deveria executar sem questionar e às 19h já deveria estar dentro de casa.

Com o tempo, minha mãe engravidou novamente e nasceu um menino, foi a alegria da casa. Era tudo

que meu padrasto esperava, um filho biológico para jogar bola, soltar pipa, discutir sobre futebol e carros ou até mesmo compartilhar experiências como o “sobe e desce” (prostíbulo localizado no centro de Belo Horizonte). Meu padrasto assumiu um lugar de controle sobre a vida dos filhos dele e severamente sobre a minha, pois eu era a única pessoa negra e com traços afeminados lidos como “veadinho”.

Ele sempre me cobrou muita disciplina e atenção aos estudos. Hoje, sou muito grata por isso. Se eu tirasse um “b” na escola, ele estampava meu boletim na porta da casa para que as visitas pudessem ver, me deixando extremamente envergonhada. A vergonha me obrigava a estudar muito e ele me cobrava ter as melhores notas. Além disso, meu padrasto me batia muito e me corrigia de forma mais severa do que meus irmãos. Infelizmente, eu nunca me senti menino, carrinhos ou bolas nunca me atraíram, o que me interessava eram as bonecas da minha irmã, calçar os saltos altos de qualquer mulher que chegava em casa, colocar a toalha na cabeça e vestir as roupas da minha mãe. O cabelo longo sempre me impressionava, minha mãe não tinha muita vaidade, mas, sempre me chamava a atenção quando ela se arrumava. Aquele universo sensível me convocava, totalmente diferente do universo masculino.

Mesmo vivendo com o meu padrasto no mesmo ambiente, não conseguimos criar relações afetivas de filho/a e pai. Mas isso também nunca me motivou a buscar informações sobre “o indivíduo”

que poderia ter sido meu pai, apenas escutei relatos das minhas tias que ele era negro, residente na periferia de Santa Lúcia em Belo Horizonte e envolvido com o tráfico local.

Com o tempo, fomos crescendo e buscando caminhos diferentes. Meu irmão caçula, infelizmente, devido às más influências, teve sua vida ceifada em detrimento do crime, deixando uma filha. Hoje, nossa família somos eu, minha mãe, minha irmã e a filha dela, a netinha por parte do meu irmão e meu padrasto. Minha mãe, com a morte do meu irmão, se entregou ao luto profundo. Ela perdeu a função dos dois rins, e segue realizando a hemodiálise na esperança de receber uma doação. A luta dela pela vida, é sem sombra de dúvidas, muito maior do que a minha, em detrimento da transfobia.

Tenho pouca lembrança da minha vó. Me lembro que ela gostava muito de cachaça e tinha um cachimbo que me traz uma referência ancestral. Todo dia 12 de outubro nos marca profundamente, foi nesta data que minha vó nos deixou. Ela tinha se programado para ir à Belo Horizonte nos visitar, porém, ao realizar a travessia de uma BR no meio da cidade, foi arremessada por um caminhão que a matou no local. Perdi minha vó muito nova, hoje nossa referência é meu avô, que graças a Deus está vivo. Ele teve duas famílias e preferiu ficar com a família da outra esposa. A relação de proximidade, afinidade, proteção e muito amor na família foi com minha mãe, com os demais, foi uma convivência menos afetuosa.

Minha infância e adolescência foram marcadas por muitos acontecimentos, mas um deles me marcou negativamente: foi o estupro que sofri, de maneira recorrente, por parte do irmão do meu padrasto. Foi um período muito complexo, qualquer alarme ou denúncia colocaria em xeque a felicidade da minha mãe. E como retirar dela a felicidade? Era algo que também me machucaria. Convivi com o abuso por muito tempo. Certo dia, esse irmão do meu padrasto deu aos meus irmãos e a um vizinho, que frequentava nossa casa, algumas moedas e pediu que eles fossem comprar balas. Ao perceber que estávamos a sós, ele me forçou a realizar sexo de maneira muito violenta. Como essa situação estava insustentável, me vi na obrigação de contar para minha mãe. Aguardei ela chegar do serviço, permaneci como estava, sem tomar banho e contei o que houve: “Mãe, aconteceu isso, isso, isso”. Ela falou: “Vamos para delegacia agora”. Naquele exato momento, meu padrasto chegou do serviço e disse: “Não, vocês não vão fazer isso, meu irmão é vinculado ao exército e isso pode prejudicá-lo na carreira militar que pretende seguir”. Não registramos o boletim de ocorrência. Infelizmente, tivemos que nos silenciar, meu padrasto o proibiu de frequentar a nossa casa já, que minha irmã também corria risco.

Outro acontecimento marcante da minha vida foi que sofri uma tentativa de homicídio. Minha irmã começou a se relacionar com um rapaz temido no bairro por seu envolvimento com o tráfico. Meu padrasto, ao ter conhecimento da situação,

pediu que eu “ficasse de olho” e não permitisse proximidade do rapaz com a minha irmã. Nessa mesma época, eu havia entrado para o Candomblé¹² e estava de preceito.¹³ Um dia encontrei minha irmã com esse rapaz e disse a ele que meu padrasto não estava gostando da relação deles. O rapaz me olhou, revestido de ódio, e me perguntou se eu iria realizar alguma macumba para ele. Após algum tempo dessa conversa, quando eu chegava do serviço no Centro Cultural da UFMG¹⁴, onde eu trabalhava como menor aprendiz da Cruz Vermelha, fui surpreendido/a por esse rapaz. Ele me golpeou na cabeça com uma machadinha de açougue, quase desmaiei, mas fiquei consciente.

12 O Candomblé é uma religião afro-brasileira formada a partir de tradições religiosas de povos iorubás, negros escravizados e trazidos da África Ocidental. Reconhecido pelo Estado brasileiro e praticado por milhões de pessoas em todo o país, ele cultua os orixás (deuses supremos) por meio de rituais, cantos e danças. Os rituais do Candomblé são realizados em espaços sagrados chamados de casas, roças ou terreiros. Eles são conduzidos pelos líderes espirituais da comunidade, os pais ou mães de santo. Estes são também responsáveis pela manutenção da tradição e da continuidade da religião. A liderança do Candomblé pode ser matriarcal, patriarcal ou mista, dependendo da tradição e da linhagem de cada comunidade. Essas diferenças refletem sua diversidade cultural e sua multiplicidade de tradições. <https://www.candomble.com.br/post/candomble-cultura-e-historia>

13 Preceito (ou resguardo) é um conjunto de regras relativas às oferendas e comidas que são dadas para os Orixás, sendo que cada Orixá tem as suas preferências.

14 Universidade Federal de Minas Gerais.

Ele me golpeou novamente. Após algumas horas, acordei no Hospital Risoleta Neves,¹⁵ com um machado na mão. O policial relatou que encontraram o rapaz que me atacou prostrado no chão, dizendo que algo o estava segurando e que eu estava incorporado(a) pela divindade que fui feito(a) no Candomblé, que é Ogum¹⁶.

Após esse acontecimento, me vi na obrigação de abandonar a pessoa que eu mais amo, que é minha mãe, e fui seguir meu próprio caminho. Nesse momento, nada enchia meus olhos e me fazia permanecer em Belo Horizonte. Continuar morando em BH seria reforçar e vivenciar cotidianamente toda a violência que sofri. Decidi ir para Barroco, terra natal da minha mãe.

¹⁵ Hospital Risoleta Tolentino Neves pertence ao Sistema Único de Saúde (SUS), filantrópico e referência para a região norte de Belo Horizonte e municípios do entorno (como Lagoa Santa, Pedro Leopoldo, Ribeirão das Neves, Santa Luzia, São José da Lapa, Vespasiano, entre outros).

¹⁶ Divindade de origem africana (orixá) cultuado em religiões afro-brasileiras, como a Umbanda e o Candomblé. Ogum é o orixá guerreiro, conhecido pela sua coragem e força.

Sou feita no Candomblé, sou filha de Ogum com Iemanjá!

Além de algumas ausências afetivas, eu sofria desmaios e desconfortos frequentes e não tinha um diagnóstico preciso. Entre meus 16 e 17 anos, vivi buscando compreender o porquê dessas aflições. Fui em igrejas e médicos, para ambos não havia nada de errado comigo. Foi assim, do óleo santo até a ressonância, fazia de tudo e nada trazia uma possível resposta. Um belo dia, minha mãe estava nos levando para uma senhora que cuidava da gente enquanto ela trabalhava e no caminho nos deparamos com uma senhora negra sentada na calçada que falou: “O negócio do seu filho/a é espiritual”. Minha mãe ficou assustada. A senhora continuou: “Isso se resolve no Candomblé, leva ele/a no terreiro. A senhora pediu que minha mãe me levasse, antes de tudo, a um rio de água corrente. Era para passar feijão preto cozido no meu corpo e deixar cair nessa água, sem olhar para baixo. Minha mãe, tendo essa como a última possibilidade, me levou, mas com pouca fé. Após esse procedimento nunca mais desmaiei.

Esse procedimento era novo para mim, mas os discursos sobre essa prática religiosa já me atravessavam, uma vez que, para muitos fundamentalistas, essas práticas contribuem para os possíveis desvios de orientação sexual e identidade de gênero. Após seguir o ritual da senhora, recebi

um convite para participar de uma ritualística de Candomblé. Assim, entrei para a Casa e hoje tenho 16 anos de iniciada no Candomblé Angola¹⁷. Sou filha de Tateto N’kossi (Ogum) e Mametu Kaiaia (Iemanjá)¹⁸. Sigo minha vida dentro da espiritualidade com muita fé e esperança. Isso ajudou muito a me manter viva. Minha família sempre foi católica, achava que o Candomblé era algo maligno, ligado à bruxaria e macumbaria. A minha iniciação no Candomblé causou um estranhamento na família, pois um dos princípios do Candomblé é a humildade. Para eles, raspar a cabeça era estranho. Dormir no chão, com tantas camas e comodidade, era um absurdo. Comer sem talheres, com a mão, era o fim de toda a educação que recebi. O Candomblé me ensinou a entender o meu lugar, a hierarquia, o respeito aos corpos. Me ensinou a me portar e dividir o espaço com as pessoas, e mais do que isso, a lidar com os problemas, para que eu pudesse contorná-los, sem colocar minha vida e a do outro em risco.

¹⁷ O Candomblé Banto, Candomblé de Congo-Angola ou simplesmente Candomblé de Angola é uma das maiores nações de Candomblé.

¹⁸ Divindade africana feminina das religiões Candomblé e Umbanda. O seu nome tem origem nos termos do idioma Iorubá (língua nígero-congolesa) “Yèyé omo ejá”, que significam “mãe cujos filhos são como peixes”. É considerada a mãe de todos os adultos e a mãe dos orixás.

Letícia na escola: “Você vai longe com seus questionamentos!”

Na escola eu sofria bullying¹⁹ porque sempre questionava: “Por que há fila separada para meninos e meninas? Por que devo rezar o ‘Pai Nosso’ exatamente como vocês querem? Por que a imagem de Deus sempre é retratada como branca? Por que devo jogar futebol e não posso jogar queimada?”. Um dos meus professores costumava dizer: “Você vai longe por causa dos seus questionamentos. Quem questiona chega onde quer”. Eu sinto a necessidade de questionar quando algo me incomoda. É importante entenderem que nem sempre serei obrigada a aceitar o que é imposto.

Quando minha mãe me mandava levar um brinquedo para a escola, ela sempre me dava um carrinho, mas eu queria levar a boneca da minha irmã. Isso causava rebuliço no espaço escolar, porque as professoras faziam questão de separar o que era de menina e de menino e diziam: “Meninos na quadra de fora com todos os meninos e meninas na quadra de dentro com todas as meninas”.

¹⁹ Todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

Discordar me tornava antipatizado/a. Quando diziam: “Agora é aula de inglês”, respondia: “Não, eu quero fazer espanhol”. Tudo me incomodava. Na data de 13 de maio, quando se comemora a abolição da escravatura, ficava muito incomodada, pois o negro era retratado com correntes nos pés. Até hoje é assim e, isso sempre me fez pensar em quem de fato sou. Essa pergunta sempre me acompanhou. Até hoje, na universidade, continuo questionando. Para mim, o espaço educacional sempre foi um lugar de questionamentos, de construção de conhecimento, de troca de experiências e possibilidade de outras narrativas. Tive muitos professores que educavam na perspectiva de uma educação libertadora e isso gerava esperança e expectativa por dias melhores.

Na fase da infância e adolescência, lembro somente de alguns fragmentos, passei esses ciclos de vida no bairro Jardim Guanabara, em Belo Horizonte, onde sofri violências e perdas. Acho que isso gerou um esquecimento, um apagamento.

Como falei, iniciei meus estudos em Belo Horizonte e finalizei na terra natal da minha mãe. Ao sair de casa, prometi à minha mãe que só retornaria para entregá-la a cópia do meu diploma de conclusão de curso de nível superior. Para cursar a universidade, saí de Barroco e fui para Montes Claros. Fui bem acolhido enquanto Rodrigo por uma prima e seu marido. Chegando na cidade, iniciei um curso técnico em enfermagem, embora não tenha seguido carreira na área. A expectativa de chegar em Montes Claros era estudar e passar

no processo seletivo para o ingresso ao curso superior. Assim eu fiz, estudei e passei tanto em ciências sociais quanto no curso de filosofia. Optei pelo curso de ciências sociais, comecei a fazer o curso e a entender sobre as relações dentro da universidade. Por mais que a universidade seja um espaço plural, ainda assim as pessoas são muito reprimidas. Montes Claros é conhecida como a cidade das fitas devido à festa tradicional dos catopês²⁰ que acontece no mês de agosto. Mas a cidade é regida por um conservadorismo e fundamentalismo religioso violento. As discussões das pautas de gênero e orientação sexual ainda eram tímidas, limitadas ao GLS²¹ e privilegiadas a alguns corpos, já que a sigla T não ocupava nem as discussões mais rasas.

Após a experiência de morar com minha prima, decidi expandir os horizontes e ter mais liberdade. Morei em algumas repúblicas, casas de aluguel e logo após iniciei o mestrado em desenvolvimento social da Unimontes com uma bolsa de mestrado da Fapemig.

²⁰ Os catopês representam a pessoa nativa da África e levada ao Brasil. Em geral sua roupa tradicional branca é enfeitada com muitas cores, principalmente rosa e azul, sendo as fitas coloridas que pendem da sua coroa repleta de penas a inspiração para a decoração dos festivais folclóricos.

²¹ Siglas que referenciam pessoas gays, lésbicas e simpatizantes.

A transição colorida, espa-lhafatosa e a prostituição

A felicidade nem sempre é você possuir formação e emprego, os seres humanos estão sempre em busca de algo melhor. No meu caso, o meu melhor não era como Rodrigo. Reconheço o quanto ele foi importante e resistente nos conflitos familiares, no ensino médio, na faculdade e na área profissional, porém me faltava algo. Esse algo experienciei no primeiro contato com mulheres travestis,²² duas manas sendo brutalmente espancadas em Belo Horizonte. Aquela situação chamou minha atenção. Ao mesmo tempo que eu enxergava as mulheres sendo espancadas, me enxergava. Os olhares daquelas mulheres vinham diretamente para mim. Era como se nos identificássemos. Havia várias pessoas, mas elas olhavam para mim. Era um pedaço da Letícia que estava ali, sendo espancada, violentada, tendo a sua identidade extremamente negada. Retornei para casa com o psicológico extremamente afetado, tendo ciência que um pedaço meu ficou para trás.

Essa experiência, por mais que tenha sido na minha adolescência, me perseguia pela dor, mas também me convocava. Naquele momento, estava satisfeita com meu processo de formação, com

²² Pessoa que nasce do sexo biológico masculino ou feminino, mas que tem sua identidade de gênero oposta ao seu sexo biológico de nascença, assumindo papéis de gênero diferentes daqueles impostos pela sociedade.

meu emprego e minha situação financeira, mas sentia que faltava algo. Ao lembrar daquelas mulheres travestis, de certa forma, me reconhecia. Eu sabia que não era um rapaz gay, mas sim uma mulher. Passei a buscar mais informações sobre a comunidade trans e fui me identificando, percebendo algumas semelhanças. Sentei com minha chefia imediata no Centro de Referência Especializado de Assistência Social (Creas)²³, em Montes Claros, disse que me via como mulher e que iria transicionar. Expliquei a ela todo o procedimento e perguntei se teria o apoio dela. Fiquei com medo de perder o emprego.

Após essa conversa, liguei para minha mãe e perguntei se ela tivesse mais uma filha, qual nome ela daria. Ela me respondeu que chamaria Aurora ou Letícia. Ouvi e me identifiquei com o nome Letícia. Disse a ela: “Muito prazer, sou a Letícia”. Ela ficou em silêncio, impactada com a informação. Como entraria de férias em breve, havia prometido levar o diploma para ela. Diante da promessa, ela me pediu para conversarmos pessoalmente. Quando cheguei com o diploma na mão, ela abriu o portão, olhei para ela, depois de um tempo ela me abraçou e me chamou: “Letícia, né?”. Ela perguntou: “Qual é o próximo passo?”. Falei: “Fazer a mamoplastia e mudar todos os meus documentos”. Ela perguntou: “Como posso te ajudar?”. Eu respondi: “Só da senhora me

²³ Unidade pública da política de assistência social que busca oferecer apoio e orientação às famílias e indivíduos em situação de risco pessoal e/ou social por violação de direitos.

acompanhar nessa luta, que não será fácil, já é uma grande ajuda”. Ela e meu padrao me acompanharam durante todo o processo cirúrgico e de troca dos documentos.

Durante meu período escolar, mesmo expressando a minha homossexualidade através dos trajes, o meu jeito já me levava à transexualidade, nem imaginava, mas as pessoas sempre questionaram. Me lembro que, quando estudei direito na universidade, houve uma reunião para questionar sobre os meus trajes e chegaram a cogitar que eu poderia reivindicar o uso do banheiro feminino. O embate era constante, porque o meu corpo incomodava. Aqui em Montes Claros, como a maioria dos estudantes vêm de outras regiões e alguns são da zona rural, eles aproveitam a oportunidade de estarem em um espaço onde há uma liberdade maior para ser de fato quem são.

Cheguei em Montes Claros toda espalhafatosa, vestida do jeito que me vestia em Belo Horizonte. Isso ocasionou esperanças naquelas pessoas que ficavam contidas. Uma esperança! Uma vez que sou aceita em meio a tanto conservadorismo, eles/as também poderiam ser. Sempre gostei de roupas e batas estampadas com muitas cores. Essas vestimentas, no olhar das pessoas, não eram unissex e sim femininas, entendeu? Às vezes, os meus sapatos tinham salto, usava calças mais apertadas, pegava meu cabelo e fazia um corte chanel com um bico. Os questionamentos eram sempre os mesmos: “Será que ele está bem ou existe algo errado com essa pessoa?” Eu olhava

no espelho e transformava aquela imagem que o espelho estava me devolvendo em outro reflexo que queria de fato.

Me incomodava o fato das pessoas não entenderem o processo de transição. Eu estava em processo de autoconhecimento. Na universidade, consegui ocupar o meu espaço, consegui falar sobre a pauta LGBT, mas ainda de uma forma bem tímida. Tinha que preparar o território, não era simplesmente chegar e “empurrar goela abaixo” das pessoas. Com o tempo, aos poucos fui adquirindo respeito. A partir do momento que você vai se aquilombando²⁴ e conversando sobre, as pessoas vão entendendo e respeitando a pauta.

Após a transição realizada e com os documentos em mãos, estava contando os dias para voltar para o trabalho, transformada. Nesse momento, recebo uma ligação da prefeitura e a moça pergunta: “É Rodrigo ou é Letícia?”. Eu respondi: “Letícia”. Ela falou: “Letícia, a partir de amanhã, a senhora não precisa mais trabalhar, seu contrato foi rescindido”. Eu sofri transfobia na prefeitura com o desligamento. Sofri muito! Eles tentaram consertar o erro, me chamaram novamente para trabalhar. Sou muito orgulhosa e falei: “Vocês me mandaram embora por eu ser quem sou, não vou voltar atrás!”.

Perdi meu emprego, estava endividada por causa

²⁴ Criação de espaços coletivos de pertencimento, afetividade, acolhimento e sociabilidade.

dos gastos com a mamoplastia, não é uma cirurgia barata. Essa surpresa foi um baque, mas o que eu poderia esperar? Eu era a primeira mulher trans, negra e socióloga e estava trabalhando na gestão de um prefeito de 86 anos, o que eu poderia esperar? Violência, exclusão e rejeição do meu corpo por parte dele e de seu secretariado.

Com a situação de desemprego, experienciei, por sete meses, a vida na prostituição. Foi a oportunidade de conhecer a pedagogia da rua que é extremamente violenta, mas que ensina toda mulher trans/travesti a sobreviver. Acho que é a única, inclusive. Na prostituição você não escolhe, você é escolhida, não tem jeito. Muitas vezes, você recebe por um programa, outras vezes, não. As pessoas, a todo instante, falam com você: “Estou tendo relação sexual com você, mas eu gosto é de mulher”, reafirmando o que julgam ser e desconstruindo o que buscamos reafirmar mesmo sofrendo violência.

Eu não fui direto para os pontos de prostituição onde se é comum encontrar outras manas trans e travestis em Montes Claros. Atuava de forma reservada, era uma vergonha cursar quatro anos de universidade e ter que viver do sexo. Procurei um ponto distante da área central, nas proximidades da saída da cidade. A maior parte dos meus clientes eram caminhoneiros. Era mais vantajoso para eles manter esse tipo de relacionamento distante do centro. Esse trabalho me garantia uma ajuda financeira, porém, corria risco de vida. Muitos mantinham comigo uma relação afetuosa de ligar

e perguntar: “E aí, está precisando do dinheiro do aluguel?”. Não eram todos. Tive clientes que não batiam nas suas mulheres pelo medo de serem enquadrados na Lei Maria da Penha, mas eles descontavam na gente. Acredito que é uma vontade enraizada de bater na própria mulher. Para além disso, existem aqueles que já estão desiludidos da vida e cientes de que vivemos, literalmente, um dia após o outro, nos pedem sexo sem preservativo para nos passar uma IST²⁵. Construimos nossas redes nas ruas para nos proteger. Quando surge um engraçadinho que chega com essa intenção, nós usamos o pajubá²⁶ para alertar as manas.

A rua me proporcionou vários aprendizados: o primeiro é que nossa realidade não se difere das realidades das mulheres cis que vivem do sexo. O que difere é que a violência acontece com maior frequência em nossos corpos. Tais violências se apresentam com maior crueldade quando são mulheres negras, não importa se são cis ou trans. O segundo aprendizado é que os homens sempre vão querer colocar o feminino no diminutivo, eles nunca vão aceitar potencializar a mulher. Aprendi também que a prostituição não constitui família, pelo menos na realidade de mulheres travestis que vivem do sexo, só sabe disso quem vive dentro desta engrenagem, com uma expectativa de morte aos 35 anos.

²⁵ Infecções Sexualmente Transmissíveis.

²⁶ Linguagem própria do movimento transvestigenero para se defender ou informar algo a outra mana.

A prostituição também me ensinou a cuidar das minhas. Algo que eu jamais poderia entender, uma vez que no passado isso já tinha me chamado atenção, quando eu via aquelas duas mulheres travestis sendo espancadas. Meu olhar para elas era um olhar de cuidado, de atenção, de proteção e hoje vi o tanto que isso me tocou, sabe? Quando fui parar nesse lugar, percebi o quanto é difícil ser gente em um mundo que vive nos desumanizando.

Uma violência que vivi na prostituição foi quando uma pessoa chegou para mim e falou: “Você é obrigado a ficar comigo”. A pessoa trabalhava como gari. Não estou desclassificando o serviço dela, nem a profissão, pelo contrário, valorizo esse serviço. O problema foi a abordagem dele, quando me disse: “Eu não tenho cuidado com o lixo, por que eu vou ter cuidado com você?”. Eu tive que ouvir isso e sequer tive coragem de questionar. Minha mãe sempre dizia: “A necessidade é que faz o sapo pular”. Então, tudo que surge nas ruas estamos sujeitas a experimentar e fazer, ainda mais, se o valor pago for em dobro. Grande parte da nossa população sai de casa para morar de aluguel, e é muito difícil conseguir alugar um imóvel, por causa da desconfiança de quem aluga, que não dá credibilidade para pessoas iguais a nós.

Não ter passabilidade²⁷ é algo muito violento,

²⁷ A passabilidade, sob a perspectiva trans, é a qualidade de ostentar aparência e caracteres que permitem que a pessoa transgênero seja reconhecida socialmente como alguém do gênero ao qual se entende pertencente, sem que sua condição seja notada ou desco-

quem não tem condições de adquiri-la, com certeza vai procurar as vias mais erradas para obtê-la. Em alguns casos, buscando no espaço clandestino, com as bombadeiras, entre outros métodos para aproximar ao que se pode entender do conceito de mulher. E, ainda mais, procedimentos sem acompanhamento clínico, que podem trazer sérios problemas de saúde, como trombose, problemas cardíacos, infecção sanguínea, amputação de membro, dentre outros malefícios. Todo esse risco se justifica devido à cobrança do cliente.

Em Montes Claros, a Pedra²⁸ é um ponto histórico de prostituição, onde se concentra um grande número de pessoas trans. Passei a ter maior vínculo com as mulheres trans e travestis do Norte de Minas por ter sido coordenadora adjunta da Aliança Nacional LGBTI+²⁹ em Minas Gerais e depois ter assumido a coordenação do Projeto Transidentidade do Norte de Minas³⁰, quando

berta, garantindo-lhe a possibilidade de “transitar tranquilamente”.

²⁸ Espaço de encontro de mulheres transvestigeneres realizarem o trabalho enquanto profissionais do sexo.

²⁹ Organização da sociedade civil, pluripartidária e sem fins lucrativos cuja missão é atuar na promoção e na defesa dos direitos humanos e da cidadania da comunidade LGBTI+.

³⁰ Rede de acolhimento de transexuais e travestis com o objetivo de assegurar a esse público o acesso a direitos como inclusão no espaço escolar, atendimento mais humanizado nos serviços de saúde, retificação de documentos, atenção jurídica e inserção no mercado de trabalho.

criamos uma rede de proteção e comunicação com 97 mulheres e 16 homens trans. Essa rede foi muito prejudicada em seu início, em virtude do período pandêmico que nos trouxe diversos desafios, inclusive a segurança das meninas, uma vez que os encontros com seus parceiros se davam dentro das suas próprias casas.

Os pilares da saúde, cultura, assistência social e educação para nós são somente sonhos. Estudo? Não preciso nem dizer que a escola é o espaço mais violento para uma pessoa trans ou mulher travesti frequentar. São pouquíssimas de nós que acessam a educação, grande parte das mulheres trans de Montes Claros, por exemplo, estão na prostituição. A escola não é um espaço acolhedor para recebê-las, o nome social não é respeitado, além da agressão física e verbal que sofrem. O uso do banheiro feminino ainda é questionado. É desnecessário estar em um lugar como esse. Não existe uma política de inclusão na escola, nem tão pouco uma política de permanência. A escola poderia ser um espaço para lapidar e elevar as pessoas trans a outro patamar de vida, mas, ao contrário, as mulheres trans e travestis são violentadas e preferem nem ir. A maioria das meninas não estudam por causa disso, né? A rua trouxe para mim essas informações que eu não tinha.

Um lugar de privilégio e a saúde mental aos trancos e barrancos

Em Montes Claros, é muito difícil ter acesso aos serviços de saúde para o processo de transição, nunca tive nada que facilitasse. Há uma escassez de profissionais que compreendam nossos corpos. Por exemplo, é uma grande dificuldade para muitos psicólogos abordar a questão da transexualidade, especialmente porque, para alguns, ainda é considerada uma questão patológica. Eu fazia a hormonioterapia por conta própria, comprando os hormônios e perguntando a outras mulheres trans o que elas utilizavam. Se o tratamento parecia funcionar, continuava utilizando. Nós não temos, no Norte de Minas, um ambulatório trans. Geralmente, quando há alguma busca pelo serviço, por parte da comunidade, a Secretaria de Saúde encaminha para o Hospital Eduardo de Menezes³¹, em Belo Horizonte.

Fui a primeira mulher trans em Montes Claros a ter o documento averbado. Não foi um processo barato. Como morei em Belo Horizonte e depois mudei para Barroco, e em seguida para

³¹ Hospital público, da rede da Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (Fhemig), integrante da rede SUS de Belo Horizonte, Minas Gerais. Localiza-se no bairro Bonsucesso, na regional do Barreiro.



Montes Claros, tive que pagar por documentos que referenciassem minha passagem pelas três cidades. Existem algumas declarações que são necessárias, até mesmo para verificar quem foi essa pessoa que está indo trocar de documento. A minha documentação ficou em R\$1.500,00. Nos cartórios, é tudo pago. Hoje, graças a Deus, está mais fácil para algumas pessoas por causa das ações da Defensoria Pública. Na minha época, não tinha essa facilidade. Ainda assim, alguns cartórios ainda cobravam o acompanhamento com um psicólogo.

Comecei a fazer a hormonioterapia aos 22 anos, de forma bem temerosa. Eu tomei o medicamento para saber qual seria a reação no meu corpo. Me lembro até hoje o nome do medicamento, comecei com o Perlutan³² e depois tomei um bloqueador para diminuir a testosterona. Aqui em Montes Claros, é impossível ter uma equipe multidisciplinar que possa nos acompanhar nesse processo. A nossa rede de saúde somos nós mesmas, sou eu passando para fulana, a fulana passando para beltrana, de uma forma bem cuidadosa e tendo ciência que todo o acompanhamento precisa ser realizado por um profissional. O único processo que não fiz no meu corpo e que eu não faria é ir às bombadeiras. Isso não faria, sei que o risco é maior. Morar com cafetina e me bombar são duas experiências que não tive.

Quando eu procuro um atendimento na Unidade Básica de Saúde, por exemplo, para tratar uma

³² Contraceptivo hormonal injetável para uso em dose única mensal.

gripe, o atendimento é muito respeitoso, mas é por causa da minha averbação. Eu já tenho documento: Letícia, do sexo feminino, por isso não tenho problemas com a tratativa. Eu fiz tudo junto: acompanhamento com psicólogo, mamoplastia e troca de documentos. Sou muito bem acolhida atualmente porque já briguei muito por causa das mulheres trans. Hoje estou em um lugar de privilégio por causa da luta e respeito que adquiri. Em qualquer lugar que chego hoje em Montes Claros seja na Defensoria Pública, Promotoria, Presídio onde fazemos acompanhamento dos LGBTs, ou até mesmo em uma Delegacia — sou bem tratada. Percebo que o fato de ter uma formação também contribui muito para essa relação mais respeitosa.

Em termos de saúde mental, a resposta é que ela está normal. Fazer militância me deixa tão ocupada que não me permite pensar que minha saúde mental está afetada. Nas minhas palestras para os alunos do curso de psicologia, os acadêmicos me perguntam: “Como é a sua saúde mental para lidar com esse contexto de violência, recebendo vídeos de mulheres trans e travestis sendo assassinadas todos os dias?” Respondo: “Ao ter que lidar com a monstruosa expectativa da morte, toda a militância nos reconstrói a cada dia”.

Não busco apoio psicológico, porque não sinto necessidade, me reconstruo todos os dias, buscando me manter forte, principalmente nos finais de ano, quando vejo as meninas buscarem o suicídio como companhia, em detrimento da ausência da família. A ceia de natal em família,

infelizmente, não é um direito atribuído a toda comunidade e muitas manas não sabem lidar com esse sentimento de abandono.

Aqui em Montes Claros, os espaços de saúde não estão preparados nem têm informação adequada para receber a população LGBTQ+. Eu acho que não há uma preocupação em formar esses profissionais nem trazer à tona a realidade desses corpos para dentro dos espaços de saúde. Eu vejo a ausência do conhecimento, sabe? São muitos deslizes, erros e violências causadas às pessoas trans.

É necessário promover capacitação/formação para os profissionais que atendem a população LGBTQ, para uma acolhida e escuta adequada, o uso do nome social, o olhar de quem atende ao público, porque o olhar diz tudo! A transfobia e o preconceito estão em todos os lugares: na saúde, na educação, na assistência social. Porque não há uma preocupação, sabe? E as pessoas questionam. Os próprios profissionais falam: “Eu não sei como cuidar. Eu não sei o que é o nome social e nem a necessidade de respeitá-lo”. Há necessidade de realizar uma formação, um letramento LGBTQ em muitos lugares: Montes Claros, Belo Horizonte, Contagem, Porteirinha...desde as cidades menores até as maiores.

Eu acho que as pessoas ficam muito confusas. Por exemplo, eu Letícia, quando chego dentro de um hospital, como não fiz a cirurgia de redesignação sexual, quem está na triagem fica sem saber para

quem me direcionar, caso a minha situação de saúde seja na genitália masculina. Não vejo necessidade da pessoa que vai ser atendida ficar como uma bola de pingue-pongue dentro do hospital. Eu acho que quem faz a triagem tem que saber como conversar, acolher. É preciso que eu tenha a segurança de falar algumas questões-chave da minha individualidade. Se as pessoas tivessem capacitação para abordar e dialogar com a população transvestigenera, o atendimento, nas instituições de saúde, poderia ser mais humanizado. São questões simples, como nome social em um atendimento, que faz toda diferença. Se eu chego na recepção e falo *meu nome social* e *meu sexo*, se há respeito, toda a triagem irá fluir e irei sair do local pelo menos com a sensação de ter sido acolhida e respeitada.

Redesignação sexual, um processo mais do outro!

Para mim a redesignação sexual é mais um processo do outro do que meu. Por que falo isso? Porque a busca pela vagina não é uma busca minha. Não é a vagina que faz uma mulher. Quem me dera se fosse uma vagina que fizesse uma mulher, se fosse um peito que fizesse uma mulher. Porque se uma mulher, por exemplo, tiver um câncer de mama e ela retirar a mama, ela vai deixar de ser mulher? Para mim são as relações construídas ao decorrer do processo que conceitua quem você é.

O que a sociedade quer construir sobre o meu corpo eu não aceito, não é uma construção minha. O que a sociedade quer pregar para mim não é importante. Eu gosto de questionar: “Querem uma vagina?”, o dia que eu achar importante e que fizer parte da construção da minha identidade, vou ao SUS ou junto dinheiro para fazer o processo de redesignação sexual. Mas pelas experiências que tenho tido com as pessoas que já fizeram, considero uma perda de tempo. A pessoa não tem mais a sensibilidade, ela não sente mais prazer físico. Eu vou fazer algo para ficar criando ilusões na minha cabeça? Não, gosto de coisas concretas.

Quando as pessoas me abordam para perguntar: “Letícia, você tem o órgão?”, Penso que a resposta tem que ser prática, primeiro pergunto: “Qual a necessidade dessa informação?”, Se for no contexto de saúde, eu entendo a finalidade. Qual a necessidade de perguntar uma mulher cis se ela tem vagina? Hoje não é como era antes, se não faço esse tipo de pergunta para uma mulher cis, qual é a necessidade de endereçar essa pergunta para uma mulher trans? Eu não vou perguntar a um homem cis, por exemplo, se, em detrimento de algum acidente, fez com que ele deixasse de ser homem ou não. Da mesma forma que eu acredito que um homem não tem que questionar um homem trans se ele possui ou não uma prótese. A pergunta sempre tem um interesse...

O mais engraçado é que Letícia sempre teve vontade de apresentar o namorado para a mãe,

o Rodrigo nunca teve. Nunca passou pela cabeça do Rodrigo levar alguém para a mãe conhecer, mas a Letícia sempre teve. A questão de ter relacionamentos duradouros foi muito difícil, porque as pessoas apenas passavam. Até mesmo porque colocamos na cabeça que nunca vamos nos envolver, por exemplo, com um médico, advogado ou engenheiro. São relacionamentos sem contrapartida, sempre nós que nos doamos e vivemos em prol daquela pessoa. Melhor parar por aqui e tirar isso de cabeça! Hoje, eu estou mais seletiva, é melhor para minha segurança e também para minha imagem na cidade. Eu não posso destruí-la por tão pouco.

Mulher trans não tem direito nem ao sol: a gente se protege na rua!

A nossa sobrevivência vem da noite, sendo assim impossível termos direito ao sol. Viver nas noites, nas ruas, nos lapida, nos mantém vivas e nos educa. Temos vários dialetos, temos o nosso pajubá para manter a nossa segurança e atribuir às pessoas uma informação que talvez a outra colega não tenha. Por exemplo: “Olha, cuidado, o bicho da goiaba”. A gente gritava isso para a nossa colega entender que aquele cliente, que estava indo com ela, tinha distribuído o HIV³³ para várias meninas. Muito cuidado que aquele cliente ali é o “bicho

³³ Human Immuno-Deficiency Virus – Vírus da Imunodeficiência Adquirida, em português

da goiaba”. Outra palavra: “rebutetei”, quando a gente fala isso significa que vamos causar uma revolução naquele lugar: “É necessário a gente fazer esse rebutetei, as pessoas precisam respeitar a gente”, “Você gosta de maricona?”, “Cuidado com a maricona”, “A maricona cospe”, “a maricona é agressiva, ela bate”. Maricona quer dizer aquele homem mais velho. “Cuidado com o oré”, que é menino mais novo. “Olha, cuidado, viu? Dá a elza”, que é roubar. A gente tem muitos dialetos que utilizamos para nos preservar.

Em alguns lugares onde as pessoas são mais abertas, é possível “o sol nos pertencer”. Em Belo Horizonte, acho que é possível uma mulher trans ser vista com um homem cis de mãos dadas, andando pelo centro da cidade. É possível você ver uma mulher trans, andando à luz do dia, trabalhando no mercado formal. Aqui em Montes Claros, isso não é possível, são pouquíssimas mulheres trans que têm coragem de sair no período matutino. O noturno é o nosso lugar. Em Montes Claros, por exemplo, a mulher trans não tem direito nem ao sol, nem à luz do dia. Aquelas que saem são tidas como corajosas. Existem alguns lugares que a violência, o preconceito e a exclusão são gritantes. Fui fazer uma apresentação de quadrilha, numa cidadezinha, e a forma como fui recebida me assustou, me senti uma aberração com tantos olhares, mesmo com toda a passabilidade que tenho.

Mas considerando o trabalho que realizamos com as instituições e as pessoas assistidas, observamos

alguns avanços, como por exemplo, o aumento do número de mulheres transvestigeneres averbadas. Acredito que Montes Claros, atualmente, está bem diferente, sabe? Precisei de gastar salto, subir na mesa, brigar, até voz de prisão já recebi. Teve um delegado que me disse: “A senhora quer ficar aqui hoje, na delegacia? Você questiona demais!”. Teve um outro delegado que disse: “Não entendo por que vocês brigam tanto pelo nome social, para mim, isso é apenas uma fantasia”. Eu falei: “O senhor está precisando voltar para o direito e estudar mais”. Quando terminei de falar ele disse: “A senhora vai receber um mandado de prisão e será hoje! Vai passar o dia aqui”. Hoje tenho uma relação de respeito com esse delegado, sou amiga dele, ensinei a ele muita coisa. Fiz ele refletir. Certa vez falei com ele: “Se o senhor passasse um dia com a gente na BR ia conhecer a realidade de ter que trabalhar para sobreviver. Ganhar apenas o valor para comer no dia e, se sobrar, levar algum alimento para a família”.

Uma vez, eu estava tendo uma reunião com o vice-prefeito, um vereador que era uma pessoa com deficiência (usava cadeira de rodas) pegou carona na conversa e falou assim: “Letícia, já que você sofre tanto sendo quem você é, por que você não deixa de ser o que você é e volta a ser homem?”. Eu olhei para ele e falei: “Por que o senhor não larga a sua cadeira de rodas e vai andar?”. Ele respondeu: “Mas essa é a minha condição”. “Muito prazer, sou mulher trans e essa é a minha condição”.

Militância: o meu corpo é um corpo político!

A minha vida na política perpassa pelo extrato de vida das mulheridades, da comunidade negra, da periferia de onde venho e do campo universitário. Em 2020, fui candidata a vereadora em Montes Claros e tive 700 votos. Não conhecia as pessoas direito. Fui a primeira mulher trans do Norte de Minas a pleitear ser vereadora. Tive muito medo de sair às ruas por causa da violência. Em Montes Claros, tem muitas histórias de alguns adversários que não entendem nem aceitam nossos corpos participando da política. Eu decidi chegar de mansinho, pegar leve. Decidi não sair nas ruas de qualquer jeito, porque poderia perder a minha vida!

Nos meus discursos de campanha, deixava bem claro para as pessoas que o meu corpo já dizia tudo. Mais no final da campanha, quando comecei a ter coragem de falar mais abertamente sobre minhas propostas, as pessoas me encorajaram a continuar o meu trabalho na política, estavam gostando da minha fala. Não sei dizer sobre a rejeição do meu nome, mas não conheço setecentas pessoas em Montes Claros. Isso demonstra que agradei os eleitores e que as minhas plataformas de luta são maiores que eu. O meu corpo é um corpo político! Na pandemia, foi complicado fazer campanha pelo medo das pessoas de se aproximarem umas das outras. Foi um momento que a imprensa e os órgãos do governo pediram que as pessoas ficassem dentro de casa.

Foto: Acervo pessoal



Os meus espaços de escuta na campanha eram a periferia. A periferia dialogava e dialoga até hoje com meu corpo, em todos os sentidos. Quando chegava na casa dos moradores, nos becos, me sentia em casa. Eu conversava com a juventude, com as senhoras, com representantes do bairro, até com as pessoas das dinâmicas mais “sistemáticas”.

A partir do momento que você fala, se não tiver o cuidado de lapidar a sua fala, você acaba com tudo na comunidade, você faz a comunidade viver uma violência, em detrimento de um minuto de pronúncia. O que mais quero é transformar o espaço do parlamento para que as leis possam ir ao encontro do que as pessoas vivem. Eu não quero fazer um trabalho de gabinete. Quero conversar com as pessoas, elas precisam ser ouvidas. É muito importante o exercício da escuta. A escuta sem julgamento, principalmente, porque escutar para interromper falas e julgar é mais fácil do que ter uma escuta sensível.

Eu questiono muito a questão da identidade, territorialidade e desenvolvimento. Quando me falam sobre comunidade quilombola, eu pergunto: “Cadê?”. Me respondem: “Está aqui no livro!”, “Não, não quero conhecer uma comunidade quilombola por meio de um livro. Eu quero ouvir um quilombola ou indígena me falando o que eles vivem, os desafios que enfrentam, como fizeram para sobreviver durante a pandemia”.

Eu questiono a importância do lugar de fala. Hoje muitas pessoas têm a oportunidade de ouvir uma

mulher trans falando sobre a sua vivência, sobre a rua, sobre ter ou não ter uma família, sobre sofrer uma violência constante, sobre não ter a oportunidade de um trabalho formal. Penso que se a universidade tivesse mais pessoas indígenas, quilombolas, ciganos, pessoas com deficiência e pessoas LGBT, seria uma outra universidade.

Como me vejo daqui a dez anos, meus sonhos...

Como me vejo daqui a dez anos? É uma pergunta que me faço e queria ter resposta. Mas não consigo ter, porque a violência fala muito mais sobre a minha expectativa de morte, do que sobre a minha expectativa de vida. Eu não consigo saber. Mas se for pelo caminho da esperança, pretendo ter a minha casa, com meus filhos de santo, poder sentar e falar sobre tudo que passei. Quero deixar um legado, seja enquanto professora universitária ou enquanto vereadora. É isso que espero da Letícia daqui a dez anos, se ela conseguir chegar lá. Mas é uma pergunta difícil para uma mulher trans/travesti responder, a violência não permite a gente ultrapassar essa linha. Se eu for em qualquer evento, não precisa ser numa esquina escura, sempre vou girar a minha cabeça 360º, vivo em alerta em qualquer horário e em qualquer lugar!

Parte dos meus sonhos já está se realizando, só de não estar na prostituição já é muito. Porque a prostituição não tem valor fixo, não é você que coloca o seu preço, é o cliente. Isso, quando te



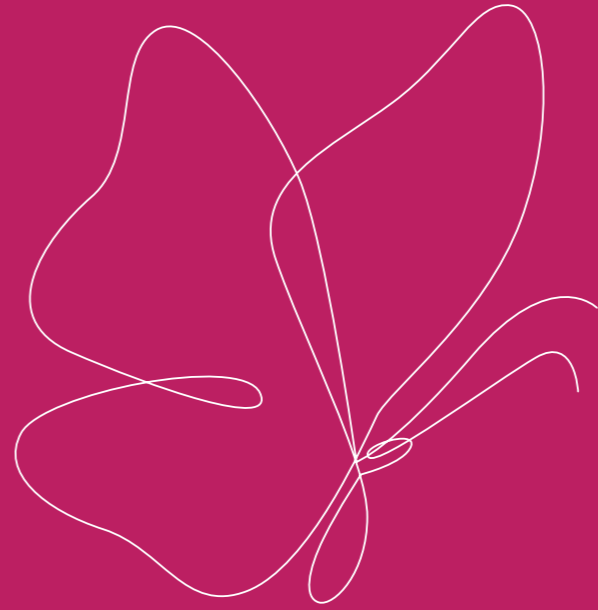
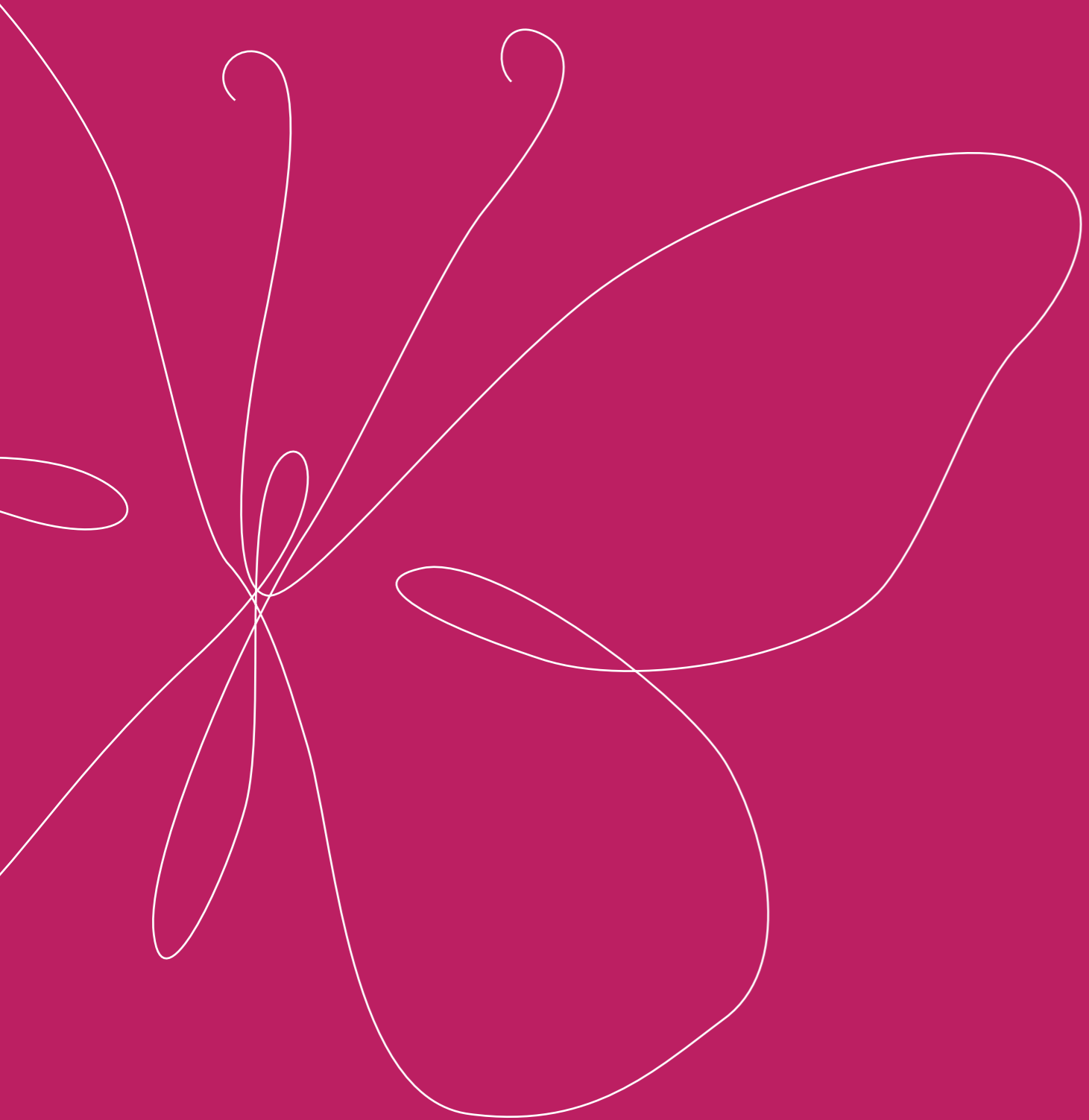
Foto: Acervo pessoal

pagam. A bolsa do mestrado é garantida, pelo menos por enquanto, todo 5º dia útil do mês o valor da bolsa está na minha conta. Além de garantir a minha sobrevivência, me possibilita concluir os meus estudos. Depois do mestrado, quero fazer o doutorado.

O meu maior sonho é ser mãe de santo e meu maior desafio é ser eleita vereadora. Acredito que no Poder Legislativo posso mudar muita coisa, mas não depende só do meu corpo ali falando, precisarei de apoio de outras pessoas

para implementar as leis. No campo da educação, posso fazer muito em sala de aula. Posso fazer a diferença também, enquanto sacerdotisa e mãe de santo, cuidando das pessoas e ensinando-as a sobreviver. Eu acho que são os meus dois sonhos hoje: ser professora universitária e sacerdotisa do Candomblé. Mas ser uma vereadora também está no meu horizonte.

É preciso fortalecer a rede para proteger as mulheres trans. É muito importante fazer a rede acontecer, conversar com o Conselho Tutelar, conversar com o Creas, fazer um diálogo mais próximo com as escolas. Hoje, a escola dá muita abertura. Acredito que com o protagonismo de algumas mulheres trans, como Érika Hilton, Duda Salabert e outras, as pessoas começaram a entender o nosso papel social e político. Um papel, não só emancipatório, mas também libertador. Nós somos sobreviventes! Têm pessoas que não dariam conta de viver um terço do que vivemos, viver sem expectativa, porque a gente não tem expectativa!





Ashley Ribeiro

Ashley Ribeiro
Luísa De-Lazzari Bicalho Peixoto Resende
Enrico Martins Poletti Jorge

Vidas em paralelo

Sobre Ashley, infância e família

Quando falo de mim, geralmente tenho uma boa lembrança da minha infância. Eu sempre vivi em dois mundos paralelos: uma coisa era em casa, outra coisa era fora de casa. Em casa, sempre tive a liberdade de ser quem eu era, especialmente com a minha avó. Ela me deixava vestir como eu queria, brincar do que queria, sempre foi muito permissiva. Então sempre tive preferências em brincadeiras nas quais desempenhava um papel feminino e dentro de casa isso era super normal.

Uma das minhas primeiras lembranças é de quando tinha cerca de 4 a 5 anos de idade, e estava brincando com uma vizinha, que considero como uma irmã, chamada Ana Luiza. Me lembro dessa cena: eu já com um pano na cabeça, enquanto uma mulher brincando de ser professora. Então,

acho que eu me reconheci ali, nesse contexto de ser uma menina, sempre me sentindo como uma mulher. Até porque fui criada com duas mulheres, a minha mãe e minha avó, então, não tinha essa distinção.

Minha mãe e minha avó para mim são tudo, são mulheres muito fortes que sempre foram uma inspiração. Hoje, grande parte do que sou é devido a elas, são meu pilar, minha base. Se não fossem elas, eu não estaria de forma nenhuma aqui. São as duas únicas pessoas com quem contei a vida inteira. A minha avó faleceu recentemente, o que ainda me abala. Ela e minha mãe serão sempre a minha família e quem eu considero família, já que tem pessoas que hoje em dia nem considero mais.



Nós morávamos em Cachoeira do Campo, que é um distrito super pequeno de Ouro Preto¹, que tem toda aquela dinâmica do interior. Sempre tem um vizinho, alguém que vai comentar, sempre vai falar sobre a nossa vida. Minha avó era divorciada do marido e sofreu muito com o divórcio. Quando eu nasci, ela já não estava mais com o companheiro, mas tinha tudo aquilo da mulher viúva, de carregar aquele peso dentro de si, de ser mal vista socialmente pelo marido a ter abandonado. Minha mãe também tinha aquele julgamento por ter sido mãe muito jovem, quando tinha seus 20 anos. Então minha mãe teve que lidar com tudo isso, de ter sido mãe muito nova e não ter o apoio do meu pai, tendo que fazer as coisas por si própria. Ela começou a trabalhar muito cedo para sustentar a mim e a minha avó, que era aposentada. Então, na minha infância, minha mãe estava sempre trabalhando. Ela trabalhava de turno na Vale², eu quase não a via. Tive mais a presença da minha avó... foram bem complicadas essas questões, sempre senti muita falta da presença da minha mãe dentro de casa.

¹ Ouro Preto é uma cidade histórica de médio porte localizada na região central de Minas Gerais, a cerca de 96 km de Belo Horizonte.

² Vale S.A. é uma mineradora brasileira que possui atividade econômica em Minas Gerais.

O outro paralelo: a escola e as violências

O outro paralelo é a outra vida que tinha no mundo externo que surgiu quando eu saí de casa para ir à escola. Isso começou a ficar mais evidente quando eu tinha 6 anos, no início do ensino fundamental. Eu frequentava uma escola pública muito religiosa no meu distrito, onde a direção da escola era muito influenciada pelas freiras. Elas organizavam um projeto social que era vinculado à escola e muitas faziam certos papéis ali dentro. Eu ficava na escola em período integral e me lembro que sempre ia para diretoria.

Eu não entendia por que sempre estava na diretoria, eles diziam que meu comportamento era histérico, exagerado, algo não condizente talvez com um menino. Aí eu já vejo que existiam muitas questões, da minha mãe ser muito chamada na escola, falaram até que eu tinha que procurar um psicólogo. Com o passar dos anos, fui entendendo como funcionava a escola e comecei a ter noção de quem eu era e os problemas que estava enfrentando.

Dentro de casa, eu podia ser quem eu era, eu podia me vestir como eu queria, brincar do que eu queria, mas na escola, não. Me lembro que a gente chegava na escola e tinha todo um ritual, tinha uma reza, uma oração, que tinha que ser

feita. Separavam os meninos das meninas e, às vezes, eu me via naquele meio... tipo assim... uma vizinha que considerava uma irmã, nesse tempo era muito ruim porque me separavam dela e me sentia, muitas vezes, sem ninguém. Eu era muito ligada a ela e era muito conflitante para mim esses períodos em que tinha separação por gênero.

E aí começa também um desenrolar na minha infância que eu sempre achei muito engraçado, pois desde muito jovem sempre tive muitas características que se dizem femininas. Então, sempre associam o menino que tem essas características femininas a um gay, né? Eu não tinha conhecimento de sexualidade, de nada disso, mas a sociedade já sexualiza a criança desde muito cedo. Acho que seria muito mais condizente considerar uma criança com comportamento feminino a uma possível criança trans do que impor uma sexualidade para ela como se uma coisa fosse vinculada a outra, como se gay fosse necessariamente feminino. Então, eu sempre fui rotulada de um garoto gay, afeminado. E foi nesse período em que começou grande parte das violências que eu sofria nesse meio, sem nem mesmo entender o que era gay.

No distrito de Cachoeira do Campo, existem duas principais escolas: a escola que é mais frequentada pelas pessoas ditas bem socialmente e a escola dos excluídos, onde ficam pessoas de áreas periféricas. Eu estava nessa escola mais elitizada, então, comportamentos como os meus eram demonizados. Me lembro de tantos discursos

racistas, homofóbicos, transfóbicos³, misóginos, era tanta coisa.

Nesse período, comecei a ter um amigo, que era somente amizade mesmo. Ele, um menino negro e uma criança que também colocavam como sendo gay. Me lembro de uma cena de nós dois sendo levados para diretoria porque estávamos de mãos dadas, brincando. Nós dois estávamos chorando muito e a diretora falando que nosso comportamento não era permitido dentro de uma escola. Minha mãe foi chamada para discutirem sobre isso. A professora falou para a minha mãe que ela não deveria me deixar andando com esse amigo porque ele, além de gay, era negro, com um discurso super preconceituoso e racista! Minha mãe sempre foi uma pessoa muito livre, sempre teve amigos gays, então ela teve que rebater a professora dizendo: “Mas qual o problema se o garoto for gay e se ele é negro? O que você está querendo dizer?”. A minha mãe ficava perplexa a ponto de quase querer agredir a professora por ela falar aquilo, porque era um crime o que ela estava fazendo! Hoje, a gente entende enquanto crime, mas naquela época era naturalizado esse tipo de fala.

Lembro que era super complicada essa questão porque sempre tentavam me afastar desse amigo, não podíamos ficar juntos e nem mesmo ter uma amizade. E já nessa época na escola, eu me enten-

³ Configura qualquer ação ou comportamento que se baseia no medo, na intolerância, na rejeição, no ódio ou na discriminação contra pessoas trans por conta de sua identidade de gênero.

dia enquanto menina e as pessoas à minha volta também me entendiam enquanto menina. Então, às vezes, me tratavam até no feminino. Podia até ser um certo bullying⁴, mas eu não sofria nessa época, porque parecia uma coisa natural das crianças me tratarem no feminino. Acho que até os 7-8 anos, não tinha uma questão muito moral, muito julgamento por parte das outras crianças, pelo contrário, me lembro de ter uma boa relação com meus colegas de escola nessa época. Existia mais violência era por parte da direção da escola e dos professores.

Quando eu tinha uns 7-8 anos foi a época que entrei nessa “obra social”, uma atividade vinculada à igreja católica e em que eu passei a ter mais contato com algumas freiras. Foi uma época que sofri muito: agressões verbais, psicológicas e físicas também, por parte das freiras. Primeiro, começou com um comportamento em que elas queriam me sondar: toda vez que estava tendo uma brincadeira, as próprias professoras iam lá e perguntavam que papel eu estava desempenhando. E eu era sempre a mãe, ou era a irmã ou eu era algum papel feminino porque sempre gostava de ter papéis femininos. Depois as professoras passavam a informação para as freiras que me proibiam de brincar com as meninas. Eu lembro

⁴ Todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

da freira me pegando pelo braço, me colocando no meio dos meninos e falando que eu tinha que jogar futebol, mesmo não gostando. Naquela época, não sabia para quem exteriorizar aquilo, porque já não tinha muito em quem me agarrar, afinal minha amiga-irmã não estava mais comigo. Até na nossa relação mexeram, me colocaram em um horário diferente do dela, pensando que eu tinha um comportamento feminino por ter uma amiga menina, ou algo do tipo. Literalmente, me colocaram em espaços onde eu era violentada, quando criança.

Aí começou uma questão de violência mesmo. O tempo todo a violência, em todas as questões. Atualmente, me sinto confortável em falar, pois com o meu trabalho, eu acho muito importante frisar o que acontecia naquela época. Porque me colocavam, às vezes, com os meninos, me obrigavam a estar ali com eles. Geralmente, no meio daqueles meninos tinham meninos mais velhos. Então, ficava assim, dividiam uma turma entre 7 até 15 anos de idade. E onde tinham os meninos maiores era onde eu sofria a maioria das violências: o bullying, o assédio, toda a questão psicológica... Eu era obrigada a estar ali.

Também começou uma certa rebeldia minha. Eu pensei assim: “Poxa, estão me forçando. Não querem me deixar brincar de casinha, não querem me deixar jogar queimada, tem que jogar só futebol e ficar no meio dos meninos, beleza! Já que é para ser assim, eu vou ser assim”. Mas eu ia lá, por exemplo, no futebol e sempre ficava

por último porque ninguém me escolhia para o time. Só que, quando me escolhiam para jogar em um time, ia lá e fazia questão de fazer gol contra o meu time, só para ferrar com o povo. Começou a brotar em mim um sentimento de revolta e de certa forma, uma força interna para conseguir lidar com aquilo, porque até então eu era muito frágil.

Nessa época, também começou a interferência das freiras dentro da minha casa. Elas começaram a chamar a minha mãe para conversar, sempre com um discurso moralista de o quanto ser gay ou ser afeminado era errado e perigoso, porque eu poderia morrer por causa disso. Elas tocavam um terror psicológico na minha mãe tão grande, que eu cheguei a vê-la chorando várias vezes. E comigo também, esse terror, essa coisa psicológica de dizer o quanto aquilo era errado, o quanto eu estava errada.

De certa forma, eu me blindava de tudo o que elas me diziam, porque eu pensava: “Elas estão falando de uma pessoa que não sou eu. Eu sou uma menina”. Tanto que, às vezes, no meio das músicas católicas que tínhamos que cantar na escola e tinha o comando de “agora só os meninos” eu só abria minha boca para cantar na hora que falava “agora só as meninas”. Meio que aquela coisa velada, mas já entendia quem eu era desde muito cedo. Só que para as pessoas de fora, por exemplo, para minha mãe, isso não era tão fácil, doía muito nela ouvir tudo aquilo e não conseguir fazer nada para me salvar daquele

ambiente. Era uma relação muito tóxica, já que dentro desse espaço eu sofri realmente violências físicas, psicológicas, quase sexuais por parte dos alunos, mas a maioria das violências realmente vinham por parte das freiras. Elas violentavam outras classes de crianças também, não somente as crianças LGBTs, existiam várias humilhações, não somente comigo, mas também com todas as outras crianças.

Entre a religião e a moral

A minha avó era muito católica. Sempre foi muito à missa, mas era aquela católica, vamos dizer, não praticante, ia à igreja quando queria. Acho que até por uma questão de sofrimento, do divórcio dela. Quando criança fui fazer catequese na catedralzinha do meu bairro, lembro que éramos eu e mais umas cinco crianças, todo mundo do bairro, que se conhecia e eu nunca sofri nesse ambiente. Nunca sofri com a questão da religião em si. Nunca ouvi discursos da minha família sobre religião. Hoje em dia, não sigo mais nenhuma religião, apesar de gostar muito do Espiritismo. Não me considero tendo uma religião fixa, mas acredito em um Deus e em outras coisas. Mas, cresci em uma família católica por parte da minha avó e talvez tenha recebido influência do protestantismo por parte da minha mãe. Então, não tive muito uma referência de religião.

O discurso das freiras tinha um eco na minha mãe, mas era mais uma questão moralista e não religiosa. Minha mãe sempre teve amigos gays,

então ela sabia o quanto, às vezes, seguir a sociedade era difícil. As freiras, aproveitando disso, sabiam o que falar com a minha mãe: “Ah, você está aceitando porque você tem um amigo aí, mas você já viu como o seu amigo sofreu?”. Elas sabiam articular certos discursos para desestabilizar a minha mãe.

Me lembro da minha mãe chorando nesses períodos. Ela não era violenta comigo, mas dizia o que as freiras falavam de mim, o que me deixava sem saber o que fazer. Eu sentia culpa pela questão do sofrimento da minha mãe, não por ser quem eu era. Nesses períodos, eu cogitava a possibilidade de talvez não transparecer tanto quem eu era, afinal, não queria que ninguém sofresse por minha causa. Esse era o meu medo. Tive que amadurecer muito cedo para conseguir lidar com tudo isso.

A manutenção de uma vida dupla e falta de referência do que é ser trans

Na época, eu não sabia o que era ser uma mulher trans, não tinha referências. Mesmo que nesse período já soubesse que me sentia uma mulher. Sempre achei muito engraçado que, nessa época que começa a surgir um senso de gostar de alguém, eu ia conversar com esse amigo que era gay. Quando a gente falava de algum famoso que era bonito, como o Reinaldo Gianecchini⁵, eu

⁵ Reinaldo Gianecchini é um ator brasileiro que ficou conhecido

dizia: “Eu me imagino ficando com o Reinaldo Gianecchini, namorando com ele, casando com ele, mas se eu fosse um... “Não, eu não me imagino...”. Enquanto uma mulher?!” Aí eu respondia: “Como assim você não se imagina enquanto uma mulher?”. Isso gerava uma estranheza, tanto para mim quanto para ele.

Por isso, eu acho muito curioso, porque hoje em dia a minha sexualidade não é muito bem resolvida ainda, acho que por essas questões de gênero mesmo, por todos os traumas que me fizeram passar. Eu, às vezes, me interessava por meninas também, mas me imaginava com aquelas meninas se eu fosse uma mulher. Eu já tinha referências de pessoas lésbicas na minha vida, que eram duas amigas da minha mãe que tinham um relacionamento e por quem tenho grande carinho. Acho que foi minha primeira referência de que algo diferente poderia existir. Elas sempre me abraçavam, estavam comigo, me levavam para a casa delas.

Às vezes, me via gostando de meninos e meninas, mas eu sempre me imaginava enquanto mulher. Minha mãe também teve amigos gays que tinham relacionamento, dois homens, mas eu não me identificava com eles, porque não me identificava enquanto um homem, tendo uma relação com outro homem. Para mim, aquilo não se encaixava,

nos anos 2000 por um papel que interpretou em uma novela muito assistida. Na época, ele teve sua imagem vinculada como um galã, ícone de beleza.

não entendia. Quando relatava isso para o meu amigo, gerava sempre aquele estranhamento dele, se entendendo enquanto menino e querendo estar com outro menino e eu não.

Quando minha mãe foi para a vertente do Protestantismo, para o meio evangélico, comecei a tomar mais cuidado. Eu me montava quando ela não estava em casa. Claro que ela sabia que eu usava as coisas dela, encontrava as gavetas todas mexidas, as roupas remexidas. Eu sempre fazia na presença da minha avó. Quando estava com a minha avó, era confortável, podia fazer o que eu quisesse, mas com a minha mãe passei a evitar por haver essas influências de gente de fora.

As pessoas me viam na rua e falavam que eu andava rebolando ou alguma outra coisa do tipo. Sempre era o de fora interferindo na minha casa, atacando a minha mãe ou colocando alguma ideia na cabeça dela. Sei que não era uma coisa natural dela, mas comecei a pensar: “Tenho que evitar até com a minha mãe. Não posso demonstrar tanto para ela”. Já com a minha avó era diferente. Não sei como ela rebatia o que os outros falavam, sempre foi uma pessoa muito grossa, se viessem com muito papinho para cima dela, ela não era do tipo que fazia a falsa e a fingida. Minha avó foi uma pessoa incrível na minha vida. Eu não perdi esse senso de quem eu era porque pude cultivá-lo principalmente enquanto estava com ela.

Minha mãe teve um período que mudou de casa

por causa do trabalho, que era longe, isso por volta dos meus 6 anos, nessa época eu morava só com a minha avó. Então, a minha casa sempre foi um refúgio para mim, podia assistir o que eu quisesse, colocar as roupas que eu quisesse, era onde me sentia confortável. Quando eu saía de casa, era uma pessoa, me portava enquanto menino e dentro de casa, quando estava na presença da minha avó ou quando minha mãe não estava, era uma menina.

Me lembro que até então a única referência que eu tinha de alguém trans ou travesti⁶ era de uma pessoa de Cachoeira do Campo⁷, que era um homem gay que teve um período que se identificou enquanto trans ou travesti, mas que depois entrou na Igreja e destransicionou⁸. Me lembro do quanto essa pessoa era julgada e do quanto diziam que ter entrado na Igreja fez bem para ele. Anos depois, eu até conversei com essa

⁶ Travesti é uma das identidades de gênero que estão dentro do guarda-chuva transfeminino, ou seja, tratam de corpos que foram identificados enquanto masculinos no nascimento, mas que se reconhecem enquanto femininos.

⁷ Cachoeira do Campo é um distrito de Ouro Preto, Minas Gerais.

⁸ Destransicionar é o termo utilizado para se referir ao processo em que uma pessoa que inicialmente se identificava enquanto trans e vivia enquanto tal decide por algum motivo voltar a viver como uma pessoa do gênero designado ao nascimento. Esse processo pode ser motivado por arrependimento, violência, expectativa social, impossibilidade financeira de dar continuidade ao processo ou por insatisfação com o resultado final da transição.



pessoa, mas ela foi super violenta comigo, são coisas bem complicadas. Então, não tive realmente nenhuma noção do que era ser trans.

A internet e o processo de se descobrir e de se assumir trans

Chegou um momento em que a minha saúde mental começou a ficar muito complicada, deteriorada, lembro de me olhar no espelho quando estava montada de mulher, me sentindo confortável e tentando entender o que eu era. Por que eu não podia ser daquele jeito? Não tinha resposta de nada e não tinha onde buscar, em que me apoiar. Via pessoas gays, homens que gostam de homens, mas sentia que não era eu, não me sentia um homem. A partir dos meus 11-12 anos, minha mãe e outras pessoas começaram a me questionar se eu era gay e sempre respondia que não, porque sabia que não era. Sabia que poderia até gostar de meninos, mas não era só isso. Sabia que tinha mais alguma coisa.

Me lembro que tive a primeira noção do que poderia ser uma pessoa trans quando ouvi numa aula de biologia sobre Síndrome de Klinefelter⁹. Foi a primeira coisa que escutei falar sobre isso, por

⁹ Condição genética na qual um indivíduo do sexo masculino nasce com dois cromossomos sexuais X ao invés de um, nesse caso ele é um indivíduo (XXY).

exemplo, “hermafrodita”¹⁰. Enlouqueci: “O que é isso? Uma pessoa que nasce homem e mulher também?”. Eu pensei na hora: “Gente, eu sou isso. Sou hermafrodita”. Eu me identifiquei, eu tinha que ser. Me lembro que fiquei lendo uns negócios, via na lição dos livros de ciências, mas tinha todo aquele tabu, você não vê imagens. Fiquei esmiuçando, perguntando muito sobre aquilo. O pessoal achou até meio estranho: “Por que essa criança está tão curiosa para saber sobre isso?”. Foi quando comecei a fazer algumas pesquisas na internet, eu comecei a buscar “hermafrodita”. As respostas que apareciam conectaram com outras coisas, por exemplo, com a Roberta Close¹¹, com pessoas que não conhecia até então. Eu não tinha referência nenhuma de pessoas trans, no máximo de homem que se vestia de mulher por brincadeira.

Aí também entra uma questão que eu sempre ficava muito ligada, desde as aulas de ciências, que era a puberdade. Tinha dúvidas de quando começava a puberdade, o que era, o que os meninos iriam sofrer, tinha dúvidas sobre o que iria acontecer com as meninas. Eu ficava questionando por que

¹⁰ Hermafrodita era um termo utilizado antigamente para se referir às pessoas que nasciam com genitália ambígua e/ou contendo ovários e testículos simultaneamente. Atualmente, o termo hermafrodita é considerado pejorativo e não é mais indicado para se referir a pessoas intersexo.

¹¹ Roberta Close é uma socialite e ex-supermodelo brasileira. Era uma personalidade famosa nas décadas de 1980 e 1990 e por sua condição de intersexo despertou muita curiosidade e especulações na mídia da época.



não entendia o que iria acontecer comigo. Então comecei a me apropriar do que era gênero, do que era sexualidade, do que era ser trans. Nessas buscas, conheci o conteúdo de uma pessoa que era muito famosa, que estava na internet na época, a Mandy Candy¹². Foi aí que comecei a ter essa certeza de quem eu era.

Foi nessa época que descobri o que era ser uma mulher trans. Já que não tinha tanta coisa no YouTube, não tinham pessoas falando muito abertamente sobre isso, acabei recorrendo a aquele *site* “Yahoo respostas” e perguntava assim: “Acho que sou uma pessoa trans, alguém se sente na mesma condição para poder conversar?”. Eu recebia respostas de dois jeitos: tinha gente que falava assim: “Vai procurar Deus, vai procurar Jesus”, mas tinham outras respostas assim: “Ah, também estou com essa sensação”. Quando era esse último caso, a pessoa me passava o número dela e a gente começava a trocar mensagens. Nessa época, com meus 11-12 anos, já tinha um número de telefone e comecei a ter acesso às pessoas, conhecer grupos de Facebook, pessoas, por exemplo, de Belo Horizonte e comecei a ter muito mais referências.

Ao mesmo tempo, também sentia muita vergonha porque comecei a ver um outro mundo, fui

¹² Amanda Guimarães Borges, mais conhecida como Mandy Candy, é uma youtuber brasileira. É considerada representante das mulheres trans na plataforma e pioneira na criação de conteúdo sobre pessoas trans.

exposta muito cedo a coisas muito pesadas, vendo como aquelas pessoas que tinha como referências sofriam. Eu conheci uma amiga em um grupo de meninas trans que sempre me dói muito falar dela. Ela também estava se descobrindo, era bem mais velha do que eu, tinha quase 20 anos, morava no Rio de Janeiro. Me lembro dela contando que os milicianos de onde ela morava falavam que ela tinha que se portar como um homem, senão iam meter tiro nela. Depois de algum tempo, soube que ela faleceu em decorrência de ser uma pessoa trans. O nome dela era Cinthia. Ela foi assassinada por ser uma pessoa trans, lembrar ainda dói...

Aquilo me chocou tanto porque eu também vi a questão de sempre atrelar ser trans e ser prostituta. Eu olhava para aquilo e falava: “Não consigo”. Hoje em dia, digo que admiro muito quem consegue se prostituir, quem consegue ter esse tipo de trabalho. Não consigo me imaginar nessa situação. Então, nessa época, eu tive certas referências que eram muito ligadas à prostituição e aquilo doía muito, porque não queria esse estilo de vida, mas parecia que ser trans e ser prostituta eram coisas muito atreladas. Algumas amigas foram para prostituição, algumas porque quiseram, outras porque realmente não tinham opção. Então foi muito duro pra mim com 12 anos de idade, ver tudo isso e me aceitar.

E tinha aquele questionamento da minha mãe sempre perguntando: “Você é gay?”. Me lembro de me ver no espelho vestida enquanto mulher e depois tendo que sair como menino, isso era

muito sofrido. Eu tinha esse senso de identidade, já sabia, só que não podia ainda, ali, naquele momento, dizer que eu era uma pessoa trans. Então, demorou um pouquinho, porque o mais difícil para mim foi a autoaceitação, o que eu iria ser e o que eu estaria disposta a enfrentar.

Chegou uma hora que comecei a ter outras referências na minha vida, de pessoas trans que não trabalhavam com prostituição. Me lembro que tinha essa pessoa em Belo Horizonte que eu admirava, a Bianca, que era uma mulher trans incrível e não estava na prostituição, ela trabalhava num banco. Eu falei assim: “Meu Deus! Cara, eu quero ser assim!”, o que foi me deixando muito mais confortável para conseguir me aceitar. Me lembro que foi difícil, foi dolorida essa aceitação, mas quando tive certeza do que eu era e do que eu estaria disposta a enfrentar foi meio que uma força para poder sair do armário para todo mundo.

Quando eu tinha 13 anos, em uma dessas vezes que tinha vestido a roupa da minha mãe, ela chegou de surpresa e não consegui colocar as coisas no lugar. Só me lembro dela vendo aquilo de novo, me chamando no quarto e falando: “Me conta, você é gay? Só não quero você pegando minhas roupas”. Foi aí que precisei chegar para ela e contar: “Mãe, eu sempre disse que não sou gay porque eu não me entendo enquanto menino. Me vejo enquanto mulher e sinto que eu sou uma mulher trans”.

Foi um choque para minha mãe, porque ela também não sabia, não tinha referência nenhuma e foi só depois que eu comecei a mostrar para ela as mulheres trans que já tinha conhecido que ela começou a compreender o que eu estava falando. Ali eu já estava muito forte, me posicionando de quem eu era, do que eu queria, do que eu estava disposta a fazer. Antes de me assumir para minha mãe, tive uma conversa comigo primeiro, no espelho, ensaiando caso tivesse que sair de casa, se minha mãe não me aceitasse. Já tinha uma noção de que minha mãe não iria me colocar para fora de casa porque ela sempre disse que estava tudo bem para ela se eu fosse gay. Então, me senti confortável de poder me abrir com ela, mas também com essa certeza de que se acontecesse alguma coisa, eu estava disposta a passar.

Com a minha avó, eu nunca cheguei a ter um diálogo, porque já era algo tão natural que não foi nem uma questão a ser dita. A minha avó faleceu aos 86 anos, então nessa época, ela devia ter uns 70, 80 anos, uma mulher idosa mesmo. Imagina associar tudo aquilo na cabeça dela?! Para ela foi tão tranquilo, tão natural, de fato ela já sabia. Eu acho que para ela não foi uma questão.

Sobre estudos, hormonização e saúde

Com 12-13 anos, comecei a ter noção de alguns estudos. Não entendia para onde meu corpo ia caminhar, mas via que as pessoas nos grupos esta-

vam falando de usar hormônio e pesquisei sobre o assunto. Conectava tudo com a aula de biologia, o que eu sabia era o que estava aprendendo na escola: meninos tinham testosterona e as meninas tinham estrogênio e progesterona. Pegava na internet referências de estudos canadenses que eu traduzia no Google Tradutor para entender sobre a medicação. Lembro que a primeira vez que tomei hormônio na minha vida, eu devia ter uns 12 anos de idade. Guardei o dinheiro do lanche e fui à farmácia tremendo de nervoso e disse: “Eu vim comprar anticoncepcional para minha mãe”. Falei o nome do anticoncepcional e a atendente me deu. Levei para casa escondido, entrei no banheiro, coloquei a primeira pílula na boca, engoli e pensei: “Ai, meu Deus, o que vai acontecer agora?”. Ninguém poderia saber disso nunca, nem minha mãe, nem ninguém no mundo.

Me lembro que depois de um tempo tomando a medicação, o meu seio começou a ficar mais aparente e tive que parar porque tinha começado a dar alguns efeitos. Mas, ao mesmo tempo, pensava que era uma solução para mim. Foi nessa época que eu senti a necessidade de contar para minha mãe, pois já tinha começado a hormonização e queria fazer direito, prometi para mim mesma que nunca mais ia parar.

Em Cachoeira, tudo era muito difícil. Ao mesmo tempo em que estava tendo essa descoberta incrível, também estava sofrendo violências físicas, agressões e bullying ao ponto das pessoas me

perseguiem, irem atrás de mim na rua para me bater com pau, jogar pedra. Só que eu estava tão maravilhada com a possibilidade de um dia poder ser eu que me sentia forte para passar por tudo aquilo, acho que muito do que aconteceu, a minha mente apagou. Mas me lembro de cenas assim, de eu ter que correr porque garotos mais velhos vinham atrás de mim na rua para me bater, jogar pedras e gravetos. Tinha que correr para dentro de casa para me livrar daquilo. O interessante é que, anos depois, esses mesmos garotos estavam dando em cima de mim. Naquela época, vivia nesse mundo paralelo. Eu até parei de sair um pouco de casa, ficava dias sem ver a rua. Acabava conversando mais com as minhas amigas virtuais que sempre foram muito importantes, essas pessoas que conheci eram a minha força. Só de saber que eu tinha com quem contar, com quem conversar e me entender, já era um alívio. Mas também eu só tinha essas pessoas e mais ninguém e era por isso que evitava sair de casa, só queria realmente ficar dentro de casa e me relacionar virtualmente.

Quem bancava toda a minha medicação era a minha vó, eu só falava para ela: “Vó, preciso desse remédio” e ela me dava o dinheiro mesmo não sabendo bem o que era. Minha mãe, por outro lado, sempre ficou muito preocupada com o que isso podia causar em mim, então começamos a buscar ajuda.

A primeira pessoa que me incentivou a buscar ajuda foi a minha madrinha Silmara, que é uma

pessoa muito especial na minha vida. Ela era coordenadora dessa outra escola que eu estudava, por isso, foi ela que fez o meu encaminhamento para o CAPSi infantil¹³ de Ouro Preto, relatando o que estava acontecendo. Na época, a transexualidade ainda estava na Classificação Internacional de Doenças (CID), então foi lá que eu recebi o laudo do psiquiatra dizendo que eu era uma pessoa trans e que se fazia necessário a consulta com endocrinologista. Ele fez o encaminhamento.

No entanto, a gente nunca conseguiu ter uma consulta com endocrinologista, tentamos médico particular, procuramos pessoas de longe, de Santa Catarina, para ver se conseguia qualquer coisa, mas nada! Nunca ninguém iria pegar uma criança trans de 12, 13 anos. Chegou num período que falei assim: “Olha, se não tem tratamento, se não quiserem me atender, eu vou fazer da forma que eu sei”. Então, tive que me automedicar e me automedico até hoje, até porque grande parte do que hoje em dia existe de acompanhamento é muito localizado em metrópoles, não tem em cidades pequenas.

Comecei a me automedicar orientada pelos estudos e pela pessoa que tive como referência. Eu tinha muito cuidado com automedicação porque vi que algumas meninas que, às vezes, aplicavam dez injeções de Perlutan¹⁴ por achar que aquilo

¹³ O Centro de Atenção Psicossocial Infante-Juvenil (CAPSi).

¹⁴ Contraceptivo hormonal injetável para uso em dose única mensal.

teria um efeito positivo, na verdade, sofriam com os efeitos negativos a longo prazo. Então, para evitar danos para a minha saúde, sempre fui muito consciente e entendia que os efeitos da medicação não seriam rápidos. Acho que sempre tive esse entendimento de que para mim era importante viver, então sempre quis ter total cuidado. Foi um processo de ir fazendo a própria automedicação e testar em mim. Então, como eu fazia? Tomava esses remédios e fazia exame de testosterona, sem pedido médico nenhum, ia ao laboratório particular mesmo. Com os resultados, eu via como estava meu nível hormonal de testosterona, de estradiol, testosterona livre e conseguia adequar a medicação. Tanto que eu fui aprender essa linguagem médica muito cedo, com 11, 12 anos eu entendi o que era 17- beta-estradiol¹⁵, qual fármaco que funcionava melhor e pesquisava muito a fundo a respeito.

Sempre digo que uma coisa são as pesquisas, outra coisa são as experiências, e eu me fiz de cobaia no meu processo de transição. Tive que aplicar injeções em mim mesma e como sempre fui muito magra, para mim foi muito complicado. Tive que entender que talvez eu poderia usar um calibre de vinte e cinco por oito, são coisas, assim, muito técnicas que fui tendo que esmiuçar de todo jeito. Por exemplo, quando eu ia aplicar uma medicação que sabia que era intramuscular, pesquisava tudo sobre o que era intramuscular. Não tinha,

¹⁵ Trata-se de um hormônio e esteroide dos mais ativos e importantes na mulher em idade reprodutiva.

obviamente, o conteúdo para mulher trans, mas eu lia o que tinha para mulher cis, como era a aplicação daquele remédio, como tal médico fazia, o que era indicado. Pesquisava muito, conectava uma coisa com a outra, experimentava em mim mesma. É uma linha muito complicada entre o que é remédio para o que é veneno, então principalmente com esse tipo de medicação é bem perigoso, sabia que estava assumindo um risco, mas era um risco que calculava.

Na hora de liberar o resultado de um exame, sempre era um problema justamente porque era muito discrepante, eu lá com o gênero masculino no sistema do laboratório, um garoto de 16 anos de idade e, de repente, a minha testosterona dava o limite inferior ao mínimo para uma mulher. Então as pessoas do laboratório ligavam lá para casa perguntando se eu estava com alguma doença, se tinha algum câncer e eu tinha que explicar que era uma mulher trans que tomava tal medicação. E ao mesmo tempo, tinha o susto das pessoas. Porque aí entra a questão de como eu comecei muito cedo a automedicação, sempre tive uma passabilidade¹⁶ muito tranquila.

Com 14 anos, teve uma cena muito marcante quando eu decidi que não iria mais cortar o cabelo e andava com roupas mais masculinas,

¹⁶ A passabilidade, sob a perspectiva trans, é a qualidade de ostentar aparência e caracteres que permitem que a pessoa transgênero seja reconhecida socialmente como alguém do gênero ao qual se entende pertencente, sem que sua condição seja notada ou descoberta, garantindo-lhe a possibilidade de “transitar tranquilamente”.

estava com uma amiga no banheiro feminino e algumas mulheres falaram: “Nossa, você viu as duas sapatonas?”. Eu fiquei maravilhada porque comecei a ocupar o lugar de sapatão, de lésbica. As pessoas me xingavam na rua e eu adorava aquele xingamento porque para mim era uma coisa muito positiva as pessoas me verem como mulher. Adorava brincar com isso, porque comecei a ser muito vista socialmente enquanto uma mulher, mesmo sendo meio andrógena. Eu sempre tive um rosto mais feminino por tomar as medicações desde cedo, então as pessoas achavam que eu era uma mulher tentando ser um menino. Chegou ao ponto de eu contar para uma pessoa que era trans e a pessoa falar: “Nossa! Mas você está querendo ser um menino?”. Eu já estava sendo lida socialmente enquanto mulher!

A libertação de Ashley, estudos e afetos em Ouro Preto

Eu passei por algumas questões bem complicadas. Me lembro que fiquei até um ano sem sair muito de casa e fiquei estudando para entrar no Instituto Federal de Minas Gerais, o IFMG de Ouro Preto. Passei na prova e fui para o curso técnico em mineração. Foi uma libertação! Disse para mim mesma que iria para Ouro Preto enquanto Ashley e enquanto mulher, não existiria mais a outra pessoa que já havia ficado no passado.

A escolha do nome foi muito difícil. Antes de eu

optar por Ashley, estava usando o nome sugerido por aquela amiga do Rio que tinha sido uma das primeiras meninas que conheci na internet e que tinha falecido. Havia uma forte ligação afetiva! Então esse nome, me remetia a algo negativo. Pensei também que se uma pessoa nasce e não pode escolher o próprio nome, eu também não queria escolher o meu. Decidi escolher um nome que eu achasse pelo menos bonito, mas que não tivesse muita ligação afetiva. Pesquisei vários nomes e, de repente, encontrei Ashley e pensei: “Que legal, é diferente. Poderia dar problema para as pessoas falarem, assim como era meu nome de menino também. Mas decidi, vai ser isso, pronto”. Foi assim, ao acaso, mas ao mesmo tempo muito difícil porque é uma identidade que você está construindo.

Eu já cheguei em Ouro Preto como Ashley. Fui requerer o nome social e na época me relataram que fui a primeira pessoa a utilizar o nome social no IFMG de Ouro Preto¹⁷. Foi uma conquista, senti que destravei para todas as pessoas que vieram depois de mim. Eu luto até hoje para que esse direito seja respeitado em todas as escolas. Por causa da minha passabilidade, não tive muita dificuldade. Chegaram inclusive a fazer uma pergunta de qual banheiro eu usaria, só que, depois que olharam para mim, reconheceram que não teria como pedir uma pessoa com minha

¹⁷ IFMG: Instituto Federal Minas Gerais *Campus* Ouro Preto.



aparência para entrar no banheiro masculino. Dentro do IFMG, eu tive muito apoio das pessoas, ganhei muitos amigos que me respeitavam e que compravam briga se alguém falasse qualquer coisa preconceituosa comigo.

Quando comecei no IFMG, optei por não falar que eu era uma pessoa trans, mesmo tendo pessoas que me conheciam do distrito em que morava, elas também não falavam nada. Teve um período que começou um burburinho de gente comentando que eu era na verdade um menino. O pessoal me defendia, dizendo: “Nada a ver, olha o que estão falando da menina”. E aí volta muito naquela questão de ser lida como possivelmente lésbica porque eu andava muito com meninas e algumas delas eram lésbicas. Ao mesmo tempo, me lembro de uma das primeiras violências que eu sofri lá dentro quando falaram que tinham uma foto antiga minha. Isso me deixou desesperada, comecei a ficar muito apavorada com essa questão da foto. Cheguei ao ponto de pegar todas as minhas fotos, colocar em uma assadeira e jogar fogo. Comecei a tentar esconder esse eu do passado, sequer imaginava que um dia conseguiria narrar a minha história, pois até então tinha silenciado esse passado porque eu já era uma mulher e já estava com todas as minhas coisas basicamente encaminhadas. Acreditava que quanto menos as pessoas soubessem sobre o meu passado, melhor seria.

Sobre relacionamentos e afetos

Na época do IFMG, comecei a namorar com um menino que não sabia que eu era trans. Foi o meu primeiro namorado e ficamos juntos por três anos. Foi muito ruim ter que contar para ele que era uma mulher trans. As pessoas me tratavam super bem, falavam coisas incríveis, mas quando ficavam sabendo que era trans, tudo ia literalmente por água abaixo. Aí passei a não contar e a ser socialmente uma mulher cis porque ninguém tinha acesso aos meus documentos. Talvez tenham pessoas que me conheçam e que não saibam até hoje que sou uma mulher trans. Não que eu negasse, mas não levantava essa questão.

Para mim, a questão afetiva de relacionamento foi muito complicada. Quando conheci esse meu primeiro namorado, acabei me agarrando muito a ele e vivi muito esse relacionamento por achar que seria a única pessoa que de fato iria me aceitar. Isso é até engraçado porque os familiares dele não sabiam que eu era uma mulher trans, ele tinha um irmão que era *gay* e os pais massacravam o menino. Era escondido, eu era uma nora trans, dentro de uma casa de evangélicos fanáticos. Ninguém sabia.

Me apeguei muito a todos os relacionamentos que vieram depois por achar que a pessoa estava fazendo um favor por estar comigo, não me achava digna de estar em um relacionamento com

ninguém e até hoje tenho problemas com isso. Na época que entrei no IFMG, veio um monte de menina e menino querendo ficar comigo, alguns eu ficava interessada, mas me via naquela situação de quanto menos conversar com as pessoas e ter que ficar expondo que era uma pessoa trans, melhor. Então, passei basicamente o IFMG inteiro namorando, estando com alguém pela necessidade de ter um parceiro e justificar o “não” para alguém por ter um parceiro e não pelo fato de eu ser uma pessoa trans.

Depois desse relacionamento, tive outro, mas também foi conturbado e sempre me via em situações de evitar me relacionar afetivamente com as pessoas. Quando eu baixava o Tinder¹⁸, não dava nem trinta minutos e já tinha mais de cem curtidas, mas se liam qualquer coisa no meu perfil que falasse sobre mulher trans, já vinha uma indagação. As pessoas ou não entendiam e ficavam me pedindo para explicar, ou então, às vezes, acontecia de a pessoa achar que eu estava querendo ser um menino.

Cheguei ao ponto de achar que era melhor não me relacionar com ninguém, ao mesmo tempo com a vontade, descobrindo a minha sexualidade, querendo estar com alguém, mas com essa barreira de ser uma pessoa trans passável. Você não sabe para quem é possível contar ou não. Às

¹⁸ O Tinder é uma rede social criada para estimular relacionamentos: através dele você pode encontrar pessoas que combinem com seu estilo e gostos.

vezes, a pessoa era super gentil e queria conversar, mas enquanto me via como mulher cis, e caso eu desse a entender que poderia ser trans, a pessoa já passava a ser um possível agressor. Nunca soube com quem poderia me abrir ou não, sempre fiquei muito na defensiva, principalmente com homens. Então, quando a pessoa conversava comigo, minha estratégia era sondar sobre a questão LGBT, escutando a sua opinião para eu saber com quem eu poderia me abrir ou não.

A questão da figura masculina é muito complicada na minha cabeça. Quando comecei a conhecer essas meninas trans na internet, percebi que muitos homens estavam naqueles grupos, mesmo nos que eram direcionados para hormonização. Fui então descobrir o conceito de t-lovers, que são aqueles homens que gostam de se relacionar com mulheres trans/travesti e que as “respeitam” enquanto elas estão ali atendendo aos seus desejos, mas se as veem na rua são os que as agridem. Outro ponto é o da hipersexualização da mulher trans, de toda uma questão ligada a sexo fácil que as pessoas associam a mulher trans.

Comecei a ver também uma certa rixa dentro desses grupos de mulheres trans, sobre quem era mais feminina. Então, se existe uma questão como a rivalidade feminina, para as mulheres trans é o triplo. É uma rivalidade feminina em um nível de agressão de dizer para a outra: “Ah, você é menos feminina do que eu, você é um homem”. São situações que vivi de violência, não de eu ser violentada, mas de perceber pessoas sendo

violentas umas com as outras.

Diante de tudo isso, eu percebi que queria não ser lida socialmente enquanto uma mulher trans, mas somente enquanto mulher, que é o que acho que todas as pessoas trans, no fundo, têm vontade, porque a gente não nasce querendo esse trans no nome. Para mim, de fato, eu sou uma mulher, me vejo como uma mulher. Hoje em dia, me apropriado e me sinto confortável de dizer que sou uma mulher trans, talvez por causa do lugar que ocupo e devido ao meu trabalho, eu sinto essa necessidade, mas onde eu estava há um ano atrás, não sentia essa vontade e não era bacana ser lida assim.

Sobre trabalho e retificação

A questão do trabalho começou muito cedo na minha vida, quando eu tinha uns 16 anos e ainda estava na escola. Nessa época, entra uma relação de precisar mesmo de dinheiro porque havia sido liberado o processo de retificação de nome em cartório, que me parecia ser um processo muito caro. Me lembro que, no mesmo dia da publicação da portaria, eu fui ao cartório para olhar se podia fazer minha retificação sendo menor de idade e o moço do cartório não estava nem ciente do que era. Comecei a juntar dinheiro para fazer o processo e a trabalhar com pessoas da minha família, que hoje em dia não considero mais familiares, que trabalhavam com carro. Trabalhei com documentação de veículos.

Nesse meu primeiro trabalho, consegui juntar

um bom dinheiro junto com o que ganhava com monitoria de inglês e história, consegui juntar uns R\$ 4 a 5 mil. Me lembro que assim que fiz 18 anos fui no outro dia ao cartório para entrar com o processo de retificação. Cheguei lá, conversei com o rapaz do cartório que nunca tinha feito um processo como esse na vida, e eu morrendo de medo e pensando: “O que eu puder pagar para esse homem fazer, eu pago. Só quero que ele faça e facilite a minha vida”. E, felizmente, o processo foi melhor do que eu esperava. O processo inteiro da minha retificação, o anexo dos documentos e tudo mais ficou em torno de R\$ 200, na época. Foi ótimo porque eu consegui também resolver um monte de outras coisas com o dinheiro, comprar roupas, por exemplo. Com o meu documento já retificado foi quando me inseri no mercado de trabalho, comecei como garçonete, com meus 18 anos. Isso aconteceu no pós-pandemia, quando ingressei no mercado de trabalho.

Os caminhos tortuosos da vida

A perda da minha avó foi um período muito complicado da minha vida, acho que foi o período mais traumático que já passei. De repente, me vejo sem alguém que era meu tudo, meu porto seguro, era uma pessoa muito importante para mim e que também me mantinha financeira e afetuosamente. Teve um determinado período da minha vida em que minha mãe se casou e foi morar com o marido dela em outra casa e continuei morando com a minha avó. Considerava a minha avó mais

como uma mãe, minha mãe sempre soube que era como se nós duas fôssemos as filhas da minha avó. Então minha avó ficou doente e foi quando começou o caos na minha vida. Eu sempre digo que a minha avó me deixou pronta para a vida, é como se ela tivesse esperado que eu retificasse o meu nome para então adoecer. Ela fez tudo que pôde para me ajudar.

E foi aí que a pior fase da minha vida começou, estávamos nós duas juntas, como de costume, e ela começou a ter comportamentos estranhos. Eu que cuidava dela percebi que havia algo errado e pedi a terceiros para levá-la ao hospital, mas negaram. Ela estava com delírios, sonambulismo, coisas que jamais teve e eu fiquei desesperada. Até que ocorreu dela piorar com os sintomas e fomos ao hospital, inclusive, no dia do seu próprio aniversário. Daquele dia em que entramos juntas no hospital, nós, infelizmente, não saímos. Eu me vi em uma rotina de hospital. Foram 12, 13 dias com ela, somente eu e minha mãe alternando nesse acompanhamento, escutando gemidos, barulhos de sonda, sangue.... Imagine tudo de violação que você pode ver dentro de um hospital, foi o que aconteceu com ela e eu não conseguia fazer nada, só briguei dentro daquele lugar. Eu digo que nada que aconteceu comigo, nenhum bullying, agressão, nada, nada passou perto da sensação de ver a minha avó indo embora, todo dia indo um pouquinho. Perder ela foi como se uma parte de mim tivesse ido embora, até hoje não consigo lembrar, falar... e me pego chorando pelos cantos...

Eu sempre morei com a minha avó, minha vida inteira e, com o seu falecimento, tive que morar sozinha. Depois também tive que lidar com uma questão judicial, porque minha avó tinha outra filha que nunca conviveu com ela e, por conta de herança, tive que sair da minha casa. Até hoje eu e minha mãe estamos lidando com esse processo judicial por causa da minha avó.

Foi assim que me vi nessa situação de ter que sair de casa. Eu tinha um relacionamento, na época, e fui morar com essa pessoa. Foi quando comecei a viver sozinha, de fato, e comecei a pagar as minhas contas. Foi muito complicado! Mais uma vez tive que não me pautar enquanto uma pessoa trans para conseguir me manter no mercado de trabalho. Eu fui garçonete e também trabalhei numa joalheria como vendedora. Empregos esses em que sofri muito para estar ali, mas precisava me sustentar. O relacionamento que tinha também me ajudou muito, a pessoa me apoiava psicologicamente e financeiramente também. Mas todo esse processo de me desligar da minha avó até hoje é muito conturbado para mim. Faz três anos que a minha avó faleceu e esta é a linha mais complicada da minha vida. Ela fazia aniversário no dia 27 de julho e se foi num 6 de agosto, passou o aniversário dela doente. Lembro que até fiz as unhas dela no hospital...

Trabalhar com o que se acredita

Estar aqui, no Centro de Referência LGBT,¹⁹ foi a coisa mais impensada que aconteceu na minha vida. Nunca passou pela minha cabeça que um dia poderia trabalhar com uma questão relacionada à minha vivência. Eu pensava que teria que trabalhar a vida inteira com qualquer coisa que fosse, eu não tinha experiência com nenhum tipo de trabalho social, não conhecia nada.

Na época da perda da minha avó, eu já estava frequentando uma casa espírita, que foi um grande apoio para mim depois de muitas tentativas de autoextermínio, não estava conseguindo lidar com a perda. De repente, conheci um vizinho que chegou para mim e falou: “Olha, está tendo uma vaga de emprego que estão procurando uma pessoa trans e aí comentei sobre você”. Fiquei sem entender: “Como assim, uma vaga para pessoa trans?”. Ele me explicou que a gestão do prefeito Ângelo Oswaldo e sua vice Regina Braga tinha um projeto para fazer um centro de referência para pessoas LGBT aqui em Ouro Preto. Eu nunca tinha entrado em contato com

nada disso, nem sabia da existência do centro de Belo Horizonte. Afinal, todas as vezes que tinha procurado qualquer coisa relacionada no SUS20 para ter algum acesso, nunca encontrava, nem sabia da possibilidade de existir certas coisas. Então sempre tive muita negativa dentro da saúde e isso me fez tomar até certo pavor de pesquisar sobre ou mesmo de procurar algum equipamento. Quando esse vizinho me falou dessa vaga eu logo pensei: “Quer ver, deve ser alguma coisa lá que inventaram, não vai durar um mês, mas já que estão falando...não custa tentar”.

Lembro quando conversei pela primeira vez com o Victor, que é o atual diretor de Promoção Social e a pessoa à frente na construção do CRA LGBT+. Ele me explicou as coisas pelo telefone, do desejo de montar um centro de referência, falou que gostaria de uma pessoa trans justamente porque só uma pessoa trans consegue entender a vivência de outra pessoa trans. Achei interessante o que ele falava, fazia sentido com tudo que eu pensava na minha vida. Então me dispus a contribuir até voluntariamente no que pudesse, afinal contribuir para qualquer outra pessoa trans eu topava. Foi ali que tive o meu primeiro contato com uma questão social e fui contratada.

Eles já tinham contratado a equipe inicial que era composta pela administrativa, que seria eu, a Lillian era a assistente social e o Rodrigo, o psicólogo. No dia em que conheci o Rodrigo, foi justamente

o dia em que agendaram uma conversa com as escolas. Uma escola solicitou uma reunião com a gente porque muitos alunos adolescentes LGBTs não estavam conseguindo se entender e estavam sofrendo muito na escola, adolescentes trans e tudo mais. Fiquei surpresa de ter uma escola com essa demanda. Eles marcaram uma reunião com esses tais alunos e foi nesse dia a primeira vez que eu vi o Rodrigo. Nós nos identificamos com uma certa palpitação no peito que era entrar em uma escola, como era difícil estar naquele ambiente e lembrar de todas as violências e sofrimentos que também passamos quando mais novos. Nós estávamos ali no meio de uma sala com cerca de 14 jovens, relatando para a gente tudo que eles estavam sofrendo, como a negativa de nome social. Nesse momento, me vi naquela situação e falei para mim mesma que era aquilo que eu queria, queria ajudar aquelas pessoas, porque sabia exatamente o que elas estavam passando. E depois de um tempo, conseguir ver o meu trabalho crescendo e eu podendo ajudar essas pessoas, não teve nada que superou essa sensação.

Às vezes, chegam pessoas aqui que se reconhecem em mim enquanto outra pessoa trans. A gente poder conversar e saber que tem esse equipamento público que nós estamos construindo. Tudo isso é tão incrível! Nunca pensei na minha vida que poderia existir alguma coisa parecida com isso aqui. Depois de um tempo, assumi a coordenação desse equipamento que ajudei a construir desde o início, o que me deixa sem palavras. Estar aqui para mim é como estar em casa e acho que mui-

tas pessoas que vêm aqui também sentem como se estivessem em uma extensão de casa. Nesse local, você pode se abrir, você poder falar de si confortavelmente e compartilhar suas vivências. Algo que pode parecer tão básico, não é?

Sobre futuro e sonhos

Do futuro, a única certeza que tenho é que eu quero continuar trabalhando com questões sociais e com o público LGBT. Hoje em dia, vejo que me encontrei no direito, já tinha cogitado fazer direito porque achava interessante, só que tinha dúvidas em ser advogada, mas, hoje em dia, vendo as possibilidades do direito enquanto transformador da sociedade, vendo a necessidade e a importância desse profissional aqui dentro, me vejo nesse lugar.

É muito importante saber sobre a legislação. Quando aqueles adolescentes na visita à escola me relataram sobre a demanda do nome social e eu sabia da lei, sabia que a escola tinha que seguir o que o MEC²¹ coloca, de ter esse respaldo, esse conhecimento, isso faz diferença. Aqui dentro do Centro de Referência, a gente tentou diálogos com certas escolas, mas só conseguiu por meio desse respaldo jurídico e de alguns acionamentos legais e isso é uma forma de poder. De certo modo, é um meio pelo qual penso em conseguir de fato atuar por uma mudança social, trabalhar nessa parte de direitos básicos, de questões humanas.

19 O Centro de Referência e Acolhimento LGBT+ de Ouro Preto é considerado o segundo do estado de Minas Gerais, como política pública já instituída. Realiza atendimento psicossocial, atuação intersetorial, combate a LGBTfobia e políticas públicas. Localiza-se na Rua Barão de Ouro Branco, nº 82, bairro Antônio Dias, Ouro Preto. Contato: cralgbt@ouropreto.mg.gov.br

20 Sistema Único de Saúde

21 Ministério da Educação.

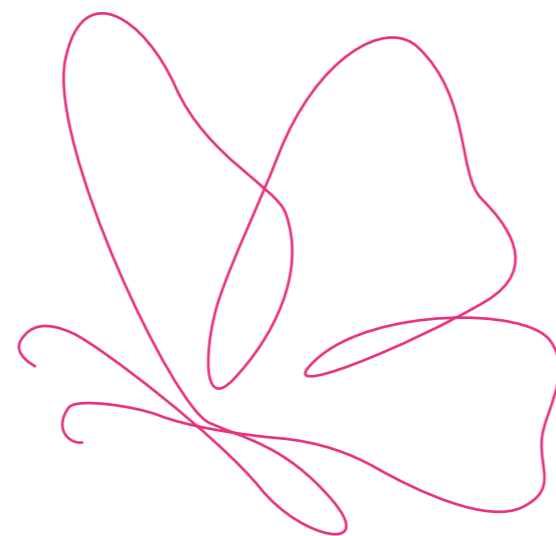
Eu pretendo continuar na coordenação do Centro, com certeza, porque tenho um carinho enorme por tudo aqui, é um pedaço de mim. Somos como uma grande família, temos um forte vínculo.

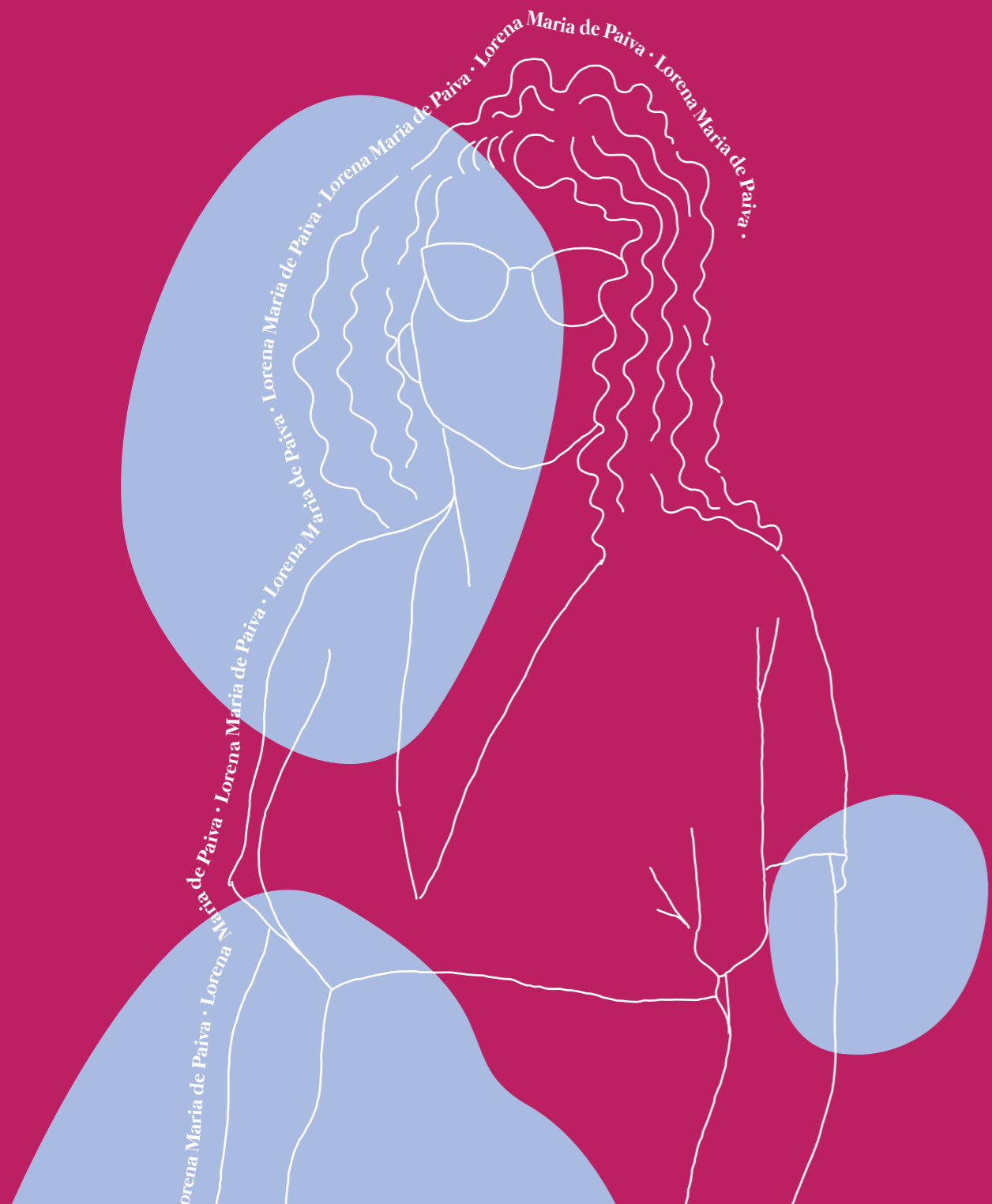
Também tenho o desejo de ser mãe, sempre foi uma questão para mim desde criança. É um desejo que tenho muita vontade de realizar, uma vontade mesmo e sei que um dia eu vou ser mãe. Não sei como, penso em adoção mesmo, pois sempre tive muito essa vontade de criar alguém, uma coisa natural minha. Hoje em dia sou mãe de pet, tenho minha idosinha de 11 anos, a Gaúcha.

Eu sempre pensei que temos que ser fortes. É uma coisa que hoje em dia não soa bem para os meus ouvidos dizer que a gente tem que ser forte, porque obviamente a fraqueza faz parte do ser humano e não temos que ser fortes o tempo todo. Mas, socialmente, especialmente pessoas trans, a força ainda é necessária. Porque são questões muito básicas que você vai enfrentar e tem que ter força para conseguir passar por cima de muitas violências e superá-las, mesmo que machucada. Eu tive aquela força porque tive minha mãe e minha avó, que sempre me ensinaram a ser uma mulher forte independente de qualquer pessoa ou situação. Sendo mulher, tendo que muitas vezes enfrentar alguns homens e gente de fora dando pitaco é preciso se impor.

Eu queria pedir para quem estivesse lendo essa biografia que se lembrasse de ter essa força, mas

no sentido de ter essa perseverança, de entender que sempre haverá um amanhã. Às vezes, não conseguimos vislumbrar, mas temos que ter esperança e estar com vontade de criar esse amanhã. Não precisamos estar fadados àquilo que já é contado socialmente, assim como eu não quis me associar com a prostituição, ninguém tem que se associar com nada que venha socialmente. Hoje em dia, eu estou aqui, com esperança desse amanhã, querendo criá-lo para que seja mais fácil para todo mundo, para que as pessoas possam simplesmente viver. Porque quando a gente fala de pessoas trans, o que queremos? Viver! Continuar vivos, poder ter uma vida normal na qual você tem um afeto, você tem amigos, família e tudo isso. Você só quer ter uma vida em que você é reconhecido como você.





Lorena Maria de Paiva

Lorena Maria de Paiva
Maria Clara Mendes
Caio Benevides Pedra

A vida da gente é um corre-corre, a gente só para quando morre

Eu me chamo Lorena Maria de Paiva, este nome foi escolhido em homenagem a minha mãe, que se chama Maria Luiza Vieira. Sou uma mulher trans, mas me considero na verdade uma travesti¹. Porque, na minha época, não falávamos *mulheres trans*, pois definíamos como mulheres trans aquelas que tinham realizado a “cirurgia”². Então, “nós

¹ Travesti é uma das identidades de gênero que estão dentro do guarda-chuva transfeminino, ou seja, trata de corpos que foram identificados enquanto masculinos no nascimento, mas que se reconhecem enquanto femininos.

² A cirurgia de redesignação sexual é o procedimento cirúrgico pelo qual os genitais de um indivíduo são alterados para se adequarem às características socialmente associadas ao gênero no qual ele se reconhece. Hoje, existem vários outros procedimentos além da redesignação para se construir corpos considerados femininos ou masculinos.

da antiga”, a gente gosta de usar o termo *travesti* para não deixar morrer esse legado que é muito importante para nós e para nossa vivência. Nós que vivemos tantas coisas enfrentamos a ditadura... então eu gosto de ressaltar isso.

Nesse ano, eu completo 61 anos de idade³. Tenho um filho adotivo de 28 anos, que é um dos três sobrinhos que ajudei a criar. Vivo, hoje, sozinha com minhas plantas, um cachorro e uma gata⁴, mas sou muito querida no prédio onde moro. Tenho vizinhos maravilhosos e umas senhorinhas que moram lá comigo e que fazem esse papel de mãe. Esses dias, estava gripada e não faltou quem me oferecesse ajuda e cuidado, até sopa levaram pra

³ Lorena é de agosto de 1963.

⁴ Teodoro, que adora visitas, e Sol, que demora um pouco a gostar.



mim. É bom sentir que você está sendo acolhida, né? Acolhimento é fundamental.

Fui criada na cidade de João Pinheiro⁵, Minas Gerais. Meu pai se chama Raimundo Moreira da Silva e era pescador, e minha mãe Maria Luiza Vieira, dona de casa. Eles eram católicos, daqueles que todo domingo iam à igreja. Meus pais cresceram na roça, mal sabiam escrever os próprios nomes, eram praticamente analfabetos. Estudaram até a quarta série de grupo, mas eram pessoas muito inteligentes, tinham o que era mais importante: a sabedoria de vida!

Meus pais eram os meus melhores amigos, principalmente meu pai. Quando coloquei peito pela primeira vez, ele me deu metade do dinheiro que eu precisava para pagar. Todos os meus problemas eu compartilhava com ele. Não nasci em uma família com posses, mas, em termos de amor, afeto e acolhimento, nasci em berço de ouro! Se eu cheguei onde cheguei, foi graças à ajuda deles. Tive alguns problemas com meu irmão, pois ele não me aceitava e tentou até o último momento que eu voltasse atrás, mas eu não era feliz do jeito que ele queria que eu fosse.

Eu não gostava das coisas de menino. Minha mãe fazia as festas de aniversário e eu não abria os presentes, pois sabia que era carrinho ou bola. Aí

5 João Pinheiro é o maior município mineiro em extensão territorial e fica na região Noroeste de Minas Gerais, a aproximadamente 400 km da capital.

minha mãe perguntava: “Por que você não abre os presentes?” Eu respondia: “Mãe, não gosto dessas coisas”. A nossa casa era impecavelmente limpa. Era de chão batido, nós passávamos aquela cera em pasta *vermelhão* e era eu quem cuidava de tudo. Minha mãe ficava com vergonha de falar com os vizinhos que era eu quem limpava. As pessoas chegavam lá em casa e eu pedia para elas tirarem os sapatos. Minha mãe brigava e falava assim: “Para de falar isso, daqui a pouco não vem ninguém mais aqui em casa”.

A minha tia tinha três filhas mulheres, então nós fomos criadas todas juntas. Após arrumar a casa e fazer todos os afazeres domésticos (eu fazia tudo melhor que elas), íamos brincar de casinha e eu gostava de vestir os vestidos delas. Elas me faziam limpar tudo sozinha em troca de me emprestar os vestidos, hoje a gente lembra disso rindo.

Me lembro que, quando estava na segunda série do ensino fundamental, levantava às 6 horas da manhã para passar escondido o creme hidratante da minha mãe para não ficar com as pernas “russas”. Já era vaidosa. Na minha cabeça, eu era uma menina, só não sabia o que estava acontecendo comigo.

Durante a infância, íamos muito para os municípios de Patos de Minas⁶ e Presidente Olegário⁷, cidades onde nasceram meu pai e meus tios. Ao lado da casa do meu tio, havia uma casa onde moravam travestis. Eu ia à casa delas todo mês. Foi lá que me descobri e fiquei sabendo que era uma travesti. Eu sabia desde criança que era diferente, mas não sabia definir o que era... não tinha consciência do que era aquilo. Acabei fazendo amizade com essas mulheres. Nossa, como elas eram bonitas! Aí, chegou um dia em que elas disseram: “A gente vai te batizar!” e me batizaram com o nome de **Lorena!** Eu perguntei: “Por que vocês estão me dando este nome?”, “Porque você é igual a gente”. Logo respondi: “É meu sonho, queria ter nascido mulher. Eu acho que sou mulher, não sou?”. Uma delas me respondeu que sim: “Você é uma mulher igual a mim”. Ela levantou a saia, me mostrou como ela era! Eu fiquei assustada e, depois, falei com meu pai: “Papai, eu vi uma mulher com o órgão sexual masculino, ela é mulher, mas só que ela tem pênis igual a mim, ela tem piu-piu”. Meu pai falou: “Não existe mulher assim não, meu filho!”. Eu respondi: “Existe, papai, aquelas moças que moram do outro lado da rua da casa dos meus

6 Patos de Minas é a maior cidade do Alto Paranaíba, na Mesorregião do Triângulo Mineiro. Fica a mais de 400 km de distância de Belo Horizonte e a 150 km de João Pinheiro. É conhecida como capital nacional do milho.

7 Presidente Olegário é um município situado na região Noroeste de Minas Gerais, a mais de 400 km de distância de Belo Horizonte e a cerca de 120 km de João Pinheiro.

tios são todas assim...”. Depois dessa conversa, meu pai, com aquele jeito roceiro, mas muito bem-educado, foi lá procurar uma dessas mulheres para conversar e ela explicou tudo direitinho para ele. Ainda durante a infância, meu tio materno foi o primeiro da família a me chamar de Lorena. Reuniu toda a família e exigiu que todo mundo me chamasse assim.

Antes de completar 12 anos, comecei a tomar e a aplicar em casa as injeções de hormônio do jeito que essas mulheres me ensinaram. Tive que falar com os meus pais, pois, quando você inicia o processo, o bico do peito fica muito sensível, dolorido, dá tipo uma pedra e estava me incomodando muito. Minha mãe ficou muito preocupada e perguntou o que era aquilo, se eu havia caído. Cheguei para ela e disse: “Mãe, estou tomando um remédio”. E ela me perguntou: “Para quê? Isso não vai te fazer mal?”. Eu respondi: “A senhora lembra daquelas meninas que moram lá perto da casa do meu tio?”. Ela falou que sim. Então respondi: “Eu preciso ter peito, elas são todas bonitas e vou ficar igual a elas”. E, realmente, com seis meses eu já estava com peito, com seios de adolescente e com cabelo grande. Não cheguei a ter problemas com meu corpo masculino, porque eu não tive corpo masculino. Nunca tive barba, nunca tive pelos, nem *laser* precisei fazer, porque fui de criança direto para mocinha.

A partir daí, resolvi não usar mais roupas masculinas, foi quando comecei a vivenciar muitos problemas e ser vítima de muitos processos vio-

lentos. Minha tia, que era costureira, produzia roupas femininas para mim, também ganhei muitas roupas das minhas primas que elas não usavam mais. Até então, a escola toda estava sabendo que eu estava tomando hormônio, que tinha peito, mas ainda estava me vestindo como um menino. No primeiro dia que decidi ir vestida como menina, fui barrada na porta da escola. Minha maior tristeza era não poder ter estudado. Eu sempre fui curiosa, era estudiosa, gostava de ler... aposto que teria me formado cedo.

Com o passar do tempo, a situação foi ficando insustentável, não era possível viver bem naquela cidade, eu não podia sair. Se saísse, era ridicularizada, agredida verbal e fisicamente... eu era a única mulher trans do município, quase não tinha nem homossexuais na cidade naquela época. Então, aos 12 anos, resolvi fugir de casa. Fugí umas quatro vezes e eles me traziam de volta. Chegou na quinta vez, eles desistiram. Mesmo com muito sofrimento, meus pais perceberam que o melhor caminho era eu estar longe dali, até para que eu pudesse sobreviver.

Com esta idade, já estava em Belo Horizonte. Tinha na mala apenas algumas roupas e a minha certidão de nascimento, não tinha nem carteira de identidade, que eu só tirei com 16 pra 17 anos. Não tinha estudo, as únicas coisas que eu sabia fazer eram as que uma mulher aprendia a fazer em casa: lavar, passar e cozinhar. Ninguém ia dar serviço para uma criança, logo a única saída foi cair no mundo da prostituição e morar em casa

de cafetina. Não tinha nem 13 anos quando me prostituí pela primeira vez.

Não cheguei a ficar em situação de rua, pois conhecia várias mulheres travestis. Até hoje, a gente faz esse papel de acolher as mais novas e dar um suporte para quem está chegando... Mas, em contrapartida, éramos exploradas financeiramente, nada era gratuito. Tínhamos onde dormir, comer, tomar banho, mas, em troca, era necessário trazer um dinheiro para casa, afinal não podíamos morar ali de graça, não é mesmo? Então, 80% do dinheiro que recebíamos era da cafetina, ficávamos com o mínimo do mínimo. Era uma situação bem difícil, mas pelo menos éramos amparadas. E tinha aquela história, havia sempre uma dívida, pois tínhamos que comprar uma roupa, sapato, calcinha... Elas tinham todos esses itens para vender, mas eram superfaturados, ou seja, se uma roupa custava 5 reais, elas nos vendiam por 15, 20 reais... Então, no final, não sobrava nenhum dinheiro para nós.

Retornei para o município de Patos de Minas e morei um tempo em um puteiro onde moravam somente travestis, a casa de Maria Alves, irmã da “Luiza Brunet”. A “Luiza Brunet” me marcou muito. Ela era belíssima e, de fato, muito parecida com a Luiza Brunet.⁸ As pessoas iam pra rua quando ela saía só pra ver a beleza dela, até porque, naquela época, ainda era novidade travesti

⁸ Luiza Botelho Brunet é uma empresária, atriz, ativista e modelo brasileira.

em cidade pequena. Moravam 12 travestis nesta casa, logo a polícia começou a encher o saco, aí eu e a Monique (uma outra travesti que era de Franca, interior de São Paulo) tivemos que ir embora, pois ainda havia o agravante de sermos menores de idade.

Caímos no mundo sem paradeiro, rodamos por muitas cidades brasileiras de carona. Ficamos um tempo em Belo Horizonte, depois São Paulo, Curitiba, Balneário Camboriú, Uberlândia, Campo Grande... Balneário Camboriú era linda, mas o povo era muito preconceituoso. A polícia nos batia e nos prendia, depois de um tempo nos soltava. No verão, ganhávamos muito dinheiro com a prostituição, os nossos principais clientes eram os argentinos.

Aos 16 anos, parei em Patrocínio⁹, onde morei por um tempo em um puteiro com 28 mulheres. Eu era a única travesti, a primeira da cidade. Dava fila de carro na porta pra me conhecer. A dona do puteiro arrumou um namorado, foi embora e eu assumi o puteiro. Aos 16 anos, já cuidava da casa e das 28 meninas. Cuidei de lá até os 19, quando também arrumei um relacionamento, que durou dois anos, mas foi um erro. Ele me prendia muito e eu nunca gostei de ficar presa.

⁹ Patrocínio é um município mineiro que pertence à Região Geográfica Intermediária de Patos de Minas. Fica a mais de 400 km de Belo Horizonte e a mais de 200 km de João Pinheiro.



Morei muitos anos no exterior¹⁰, era muita luta e levávamos uma vida muito solitária, só em busca de dinheiro e correndo da polícia. Em quatro anos, fui presa 31 vezes. Como não tínhamos documento, a polícia pegava a gente na rua, levava para cadeia e ficávamos presas durante 12 horas. Mas houve um período em que fiquei 28 dias presa, foi num “cadeião” horrível e o medo de morrer naquele lugar tomou conta do meu ser. Depois de 28 dias, fui julgada três vezes, me soltaram e pediram para eu buscar as minhas coisas e voltar para o Brasil. Mas, naquela época, era tranquilo retornar para o exterior, havia casos de mulheres que eram deportadas e na mesma semana voltavam para o país.

Viver clandestinamente no exterior era bem difícil, mas foi o período em que eu mais ganhei dinheiro. Era muita adrenalina! Eu falo que travesti é igual camaleão, a gente está sempre mudando, se adaptando. Então, já estava acostumada com aquele corre-corre e o dinheiro entrando. Depois, veio a internet e a utilização do Euro como moeda na comunidade europeia, aí as coisas melhoraram um pouco. Na época, morava em Milão e, depois, mudei para uma cidade pequena na Itália, chamada Alessandria¹¹. Eu acho que fui a segunda mulher trans brasileira a residir nessa

10 Lorena viveu 28 anos (ao todo) na Europa, região muito visada pelas travestis e pelas mulheres trans nas últimas décadas.

11 Alessandria é uma comuna italiana da região do Piemonte, que se situa à margem do rio Tanaro. Foi onde nasceu o escritor Umberto Eco.

cidade. Lá havia muitos idosos e muitas mulheres colombianas e foi com a ajuda de uma que eu consegui me instalar na cidade.

Ceguei a casar em Paris¹² com um rapaz, moramos por lá durante dois anos e o pai dele me fichou como empregada doméstica para que, durante sete anos, eu pagasse o imposto e pudesse conseguir a tão sonhada carteira de identidade francesa, o que me permitiu viajar para o Brasil e rodar a Europa. Depois, retornei para Alessandria e ele ficou em Asti¹³. Fiquei em Alessandria por mais 11 anos. Lá, a dinâmica da prostituição era um pouco diferente, pois trabalhávamos mais de dia, acordávamos cedo e os clientes eram fixos. Por mais que a maior parte dos habitantes da cidade fossem idosos, a maioria dos nossos clientes eram homens jovens que vinham das cidades vizinhas. Eles viajavam 200, 300 km para ficar com a gente e fazer um programa de 30 minutos. Eram clientes muito fiéis. Eu tenho alguns que me seguem no Instagram, me mandam mensagens e dinheiro até hoje.

Eu tinha muitos clientes — havia época que eu chegava a receber entre 1.500 e 2.000 euros por dia. Toda segunda-feira eu mandava dinheiro para o Brasil e, quando não conseguia transferir o dinheiro todo, pois havia um limite de 5 mil

12 Lorena se casou em Paris porque a França já reconhecia o casamento homoafetivo e a Itália ainda não.

13 Asti é uma comuna italiana da região do Piemonte.

euros por passaporte, eu pagava alguém¹⁴ para transferir parte do dinheiro para a conta da minha mãe ou do meu pai. Minha mãe fazia a gentileza de reunir os depósitos e aplicava o dinheiro. Com a renda oriunda do meu trabalho, pude custear a construção de uma boa casa para os meus pais e uma outra casa para minha sobrinha, além de ter ajudado também financeiramente o meu irmão. Sempre pensei a longo prazo, então eu não gastava dinheiro à toa não! Meu apelido era “penosa”, porque eu não comprava bolsa da Louis Vuitton, Chanel... Nós íamos à boate toda semana e me divertia do mesmo jeito com a minha bolsa de couro de 20, 30 euros. Outro ponto a meu favor era que eu não consumia drogas, porque era muito comum as mulheres gastarem todo o dinheiro se drogando.

Quando ouço as meninas falando de uma forma romantizada da prostituição: “Ah, eu quero ser igual a você, vou me prostituir para ganhar muito dinheiro”, rebato que não é bem assim... Hoje em dia é tudo ilusão, não dá dinheiro como dava antigamente e é uma vida muito sofrida. Houve a parte boa que, na época, consegui juntar dinheiro e ajudar a minha família, mas a parte ruim é que vou carregar o HIV¹⁵ para o resto da minha vida.

14 As pessoas cobravam à época 30 euros para enviarem dinheiro para o Brasil.

15 HIV: Human Immuno-Deficiency Virus – Vírus da Imunodeficiência Adquirida, em português.

Sejamos fortes: a gente tem muito que querer viver. Saúde, violência institucional e transfobia

Aos 16 anos, coloquei silicone industrial pela primeira vez no meu corpo. Fiz, ao longo dos anos, três procedimentos, colocando em cada etapa quatro litros, totalizando 12 litros¹⁶. Naquela época, as mulheres mais antigas quase nos obrigavam a realizar esse procedimento, então eu dependia daquilo para ser minimamente aceita pelo grupo. Via naquela intervenção um meio para ficar bonita, mudar meu corpo e alcançar a meta de ter um corpo feminino. Eu afirmava para mim mesma: “Vou ficar perfeita para sempre, não vou ter nada”.

Porém, não foi bem isso que aconteceu, foi a pior coisa que eu fiz na minha vida. Sentia muita dor e fui internada várias vezes em decorrência das inúmeras complicações. O silicone petrificou no meu corpo e não foi possível fazer a remoção. Até hoje, meus pés incham, sofro bastante para dirigir longas distâncias e ficar sentada durante

16 O silicone industrial costuma aderir aos músculos do corpo, sendo necessária uma raspagem da região para retirá-lo, o que compromete severamente os tecidos. Em muitos casos, como no da Lorena, nem essa raspagem é possível. Então, Lorena carrega até hoje esses 12 litros de silicone no corpo.



Lorena Paiva, Anyky Lima e Sissy Kelly em evento em Belo Horizonte
Foto: Acervo pessoal

muito tempo¹⁷. E, aos poucos, o organismo vai rejeitando a substância. Se você colocar a mão no meu corpo, é como se você estivesse pegando em uma mesa¹⁸.

Atualmente, sensibilizo bastante as mulheres mais novas para que elas repensem a opção de colocar silicone industrial, mas, infelizmente, esse tipo de prática ainda é bastante utilizada até hoje, porque o resultado é rápido e barato. Uma vez, uma menina me perguntou sobre o silicone industrial, mostrei para ela o meu corpo com o intuito que ela visualizasse as consequências desastrosas dessa intervenção. Falo bastante sobre as dores que eu sinto e de tudo que já passei. Mas muitas mulheres rebatem dizendo que o meu corpo é muito bonito e que demorou um tempo até que os primeiros sintomas aparecessem. Essa mesma menina me disse: “Ah, se eu viver até os 40 anos de idade, está bom”. Na outra semana, ela havia colocado três litros de silicone na bunda. Contudo, com o

¹⁷ Lorena troca de colchão anualmente, tamanho é o desconforto para dormir.

¹⁸ Além da pele extremamente rígida, de fato como uma mesa ou uma pedra, Lorena exibe sem pudor o que ela chama de “tomates”, que são as manchas roxas que o corpo com silicone industrial acumula. Os “tomates” são como os “roxos” que todos adquirimos quando caímos ou esbarramos em algum lugar, mas que, nos corpos com silicone industrial, não se recuperam e viram manchas definitivas.

passar do tempo, percebemos os prejuízos desse procedimento.

Em 2014, fiquei internada por três meses com um buraco bem grande na minha perna. Era uma necrose que me apodreceu por dentro e nenhum médico queria me atender. Eu tive que fazer uma verdadeira via sacra para conseguir um hospital que me aceitasse naquele estado. Os médicos me colocaram em observação e, depois de duas horas, me mandaram embora para casa. Chegou um dia que eu estava sentada chorando em frente ao Hospital João XXIII e o desespero me bateu: “Eu vou morrer, eu vou desistir, não vai ter jeito...”.

Depois de tanto peregrinar em busca de atendimento, encontrei a Aniky Lima¹⁹ e ela, que tinha muitos contatos, me ajudou a conseguir uma vaga no Hospital Eduardo de Menezes²⁰. Internei em uma sexta-feira e, já na segunda-feira, o médico

¹⁹ Aniky Lima foi uma das mais importantes vozes na luta contra a transfobia em Minas Gerais. Ela foi presidenta do Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual em Minas Gerais (Cellos-MG) e representante estadual da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra). Faleceu em 2021 e hoje dá nome ao ambulatório trans do Hospital Eduardo de Menezes em Belo Horizonte e a uma via de pedestres na mesma cidade.

²⁰ Hospital público, da rede da Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (Fhemig), integrante da rede SUS de Belo Horizonte, Minas Gerais. Localiza-se no bairro Bonsucesso, na regional do Barreiro.

realizou minha cirurgia. Fiquei internada durante uns três meses tomando antibiótico, fiz mais quatro cirurgias reparadoras. Internei também no Hospital Odilon Behrens²¹ com o intuito de realizar outra cirurgia, mas o médico relatou que o procedimento era bastante arriscado por causa da minha idade e que não era possível visualizar no meu corpo o que era silicone e o que era músculo.

Há uma lacuna muito grande tanto no Sistema Único de Saúde (SUS) quanto na rede privada no que se refere ao atendimento e acolhimento das especificidades da população trans, tendo em vista a falta de preparo de alguns profissionais. Em uma ocasião, contratei um médico particular para realizar uma cirurgia de correção do meu nariz e trocar a prótese do meu peito — ele me cobrou R\$ 45.000,00. O dinheiro não era um empecilho para mim, pois na época tinha uma condição financeira boa, resultado dos meus trabalhos na Itália. Mas o médico, quando viu a minha situação, disse não ter competência e acabou desistindo de realizar o procedimento completo. Ele devolveu boa parte do valor e apenas trocou o meu peito e mexeu um pouco no meu nariz.

Mas vale enfatizar que o SUS é maravilhoso! É necessário ter mais capacitação para os profissionais, principalmente nas formas de acolhimento.

²¹ É um grande complexo hospitalar, com pronto-socorro, ambulatório, hospital-dia e atendimento domiciliar, que atende pacientes do SUS provenientes da região metropolitana de Belo Horizonte e do interior de Minas Gerais.

Por exemplo, eu acompanho muitas meninas nos postos de saúde e, quando chegamos lá, a primeira coisa que nos é oferecido é o teste do HIV, até para mim que sou velha. Eu já respondo para as profissionais de saúde: “Não, não quero, eu já sou soropositiva há mais de 30 anos”. As meninas precisam de psicólogos ou de um encaminhamento para o ambulatório trans, algo nesse sentido.

Mas há exceções. Me lembro que, quando fiquei internada no Hospital Eduardo de Menezes, fui muito bem acolhida e atendida. As enfermeiras de lá eram como mães, me tratavam muito bem, nem sentia falta da minha mãe. Elas me perguntavam se eu queria comer alguma coisa e eu gostava muito de empadinha, aí elas levavam empadinha pra mim. Fui a primeira mulher trans a ser internada naquele hospital na enfermagem feminina. Eu estava na área de dermatologia do hospital, dividindo o quarto com um homem que tinha hanseníase²² e este homem ficava escarrando no chão. Eu pedi para as auxiliares de serviços gerais trazerem Pinho Sol, pois não estava aguentando mais ficar naquele ambiente, então solicitei transferência para a ala feminina. Primeiro, foi dito que não havia vaga e, depois de muita insistência, me levaram para o quarto feminino, que eu dividia com uma senhora que estava bastante debilitada (ela não estava nem mais lúcida) e uma adolescente de 14 anos com

22 A hanseníase é uma doença conhecida antigamente como “lepra”, que afeta principalmente a pele, os olhos, o nariz e os nervos periféricos.

HPV²³. Poucos dias depois, a enfermeira-chefe do setor veio conversar comigo falando que não era mais possível eu ficar no quarto, pois houve uma reunião no departamento e disseram que não era permitido eu ficar lá dividindo quarto com uma menor de idade. Mas a mãe da menina entrevistou: “Ela pode ficar sim, eu assino o que for preciso e não vejo problema algum da minha filha dividir quarto com ela. A Lorena está sendo uma companhia bastante agradável para a minha filha”. Após esse episódio, fiquei mais três meses internada.

30 anos de HIV depois de ser levada para morrer em casa

Descobri que eu era soropositiva em 1995. Morava no Mato Grosso do Sul. Fiquei doente e tive que sair da casa da cafetina em que eu estava porque não tinha mais como pagar a diária. Passei cinco anos sem trabalhar, sem me prostituir em decorrência do HIV, pois naquela época os remédios eram instáveis e provocavam muitos efeitos colaterais. Já cheguei a tomar 36 comprimidos, que me faziam um mal danado. Nesse contexto, como fonte de renda, comecei a produzir calcinhas e vendê-las para as meninas na rua. Lá,

23 O HPV (Papilomavírus Humano) é a infecção sexualmente transmissível mais frequente no mundo, associada ao desenvolvimento da quase totalidade dos cânceres de colo de útero, bem como a diversos outros tumores em homens e mulheres. Geralmente, provoca verrugas na região genital e no ânus.

ajudei a fundar a ATTMS²⁴, que existe até hoje. Recentemente, reencontrei uma travesti de lá, que não me reconheceu. Conteí quem eu era e ela me disse: “Nossa, você está viva até hoje?”.

Ainda na década de 1990, morria muita gente, o Hospital Eduardo de Menezes estava sempre cheio, ninguém sabia muito o que era e o que ia ser... Lembro que a minha mãe perguntou para o médico: “Doutor, vamos ser realistas, minha filha vai viver mais quanto tempo?”. Ele respondeu: “Se cuidando bem, ela pode viver mais uns dez anos”.

Agora você vê: estou viva até hoje, estou há quase 30 anos com HIV! Já cheguei a ser levada para morrer em casa. O meu CD4²⁵ chegou a 11. Se alguém espirrava no outro lado do quarteirão, eu pegava. Cheguei a pesar somente 26 quilos. O meu rosto era só osso e o meu cabelo caiu todo. Me lembro que estava muito fraca, tomava muitos remédios e dormia com muita frequência. Quando acordava, ora estava a minha mãe, ora o meu pai e, às vezes, a minha sobrinha (que na época tinha 6 anos). A sensação era de que eu estava falecendo e me recordo da minha sobrinha sentadinha passando a mão na minha cabeça.

24 Associação das Travestis e Transexuais de Mato Grosso do Sul.

25 Os linfócitos T CD4 são células do sistema imune que são parasitados pelo HIV quando o paciente não está sendo tratado. Os valores normais de CD4 costumam ficar entre 500 e 1500 células por mm³.

Com a ajuda de uma advogada do Gapa²⁶, consegui ter acesso a uma nova medicação que era a minha última chance de sobrevivência. O juiz foi lá no hospital me ver, me olhou no fundo dos olhos e me deu parecer favorável para que eu pudesse fazer uso do remédio. Era o último coquetel que havia sido lançado na época. Para buscá-lo na Secretaria de Saúde, tinha que levar um isopor com gelo. Era uma cápsula gelatinosa do tamanho de um ovo de codorna. Eu tomava seis cápsulas depois do almoço e seis após o jantar e ainda tinha outros remédios que, ao todo, somavam mais de 20 comprimidos por dia. As pessoas lá do Eduardo de Menezes me chamavam de Fênix²⁷.

Nessa época, que a minha imunidade estava muito baixa, ainda tive sarcoma de Kaposi²⁸. Começou na virilha e se espalhou. Precisei fazer seis sessões de quimioterapia e 14 de radioterapia no Hospital Luxemburgo²⁹. Fiquei muito fraca, com várias manchas no corpo, emagreci muito e perdi todo

26 Grupo de Apoio à Prevenção a Aids.

27 Referência à figura da Fênix, um pássaro da mitologia grega que, quando morria, incinerava-se e ressurgia das próprias cinzas.

28 O sarcoma de Kaposi é um câncer agressivo que ocorre em pessoas com infecção por HIV. Os tumores causam manchas, placas ou nódulos azuis ou roxos.

29 Hospital Luxemburgo, inaugurado em 1986, é considerado referência no tratamento oncológico em Minas Gerais por fazer parte do Instituto Mário Penna com mais de 50 anos de história no combate ao câncer.



Lorena em comemoração familiar
Foto: Acervo pessoal

o cabelo. Minhas amigas da época fizeram uma vaquinha e compraram uma peruca pra mim. Melhorei, mas tenho sequelas até hoje.

Você não tem roupa de homem, não?

Eu nunca trabalhei de carteira assinada, mas um dia resolvi tirar, pois estava negociando um trabalho “fichado”. Na época, era bem nova, usava cabelo grande e gostava de usar maquiagem forte, brincos grandes e de andar bem arrumada. Quando cheguei ao local, a delegada me disse: “Mas você está achando que é mulher para vir aqui e tirar o documento assim? Não, você não vai tirar esse documento não”. Logo me entregou um papel higiênico. “Vai lá no banheiro, lava o rosto e prende esse cabelo. E por que você não veio com uma camiseta, você não tem roupa de homem, não?”. Eu respondi: “Eu não sou homem, eu sou uma mulher!”. Com muito custo, ela autorizou que eu tirasse a foto, mas tive que prender o cabelo. Na foto, estava eu toda encolhida e acuada, era muita violência, dá pra ver que eu estou assustada. Eu nunca usei essa Carteira de Trabalho pra nada, mas eu guardo ela até hoje e nunca esqueci a humilhação que a delegada me fez passar.

Eu fui uma das primeiras mulheres trans em Belo Horizonte a entrar com o processo de retificação de gênero e nome. Isso foi em meados de 2012 e o processo todo durou em torno de três anos.

Na primeira audiência, tive que levar fotos e três testemunhas. A alteração do meu nome durou um ano e dois meses, mas a juíza me alertou que o processo de retificação de gênero era na Vara da Família, logo iria demorar, pois os juízes eram bastante conservadores e, como se tratava de um caso novo, eles não iam querer nem estudar o processo e, provavelmente, dariam prioridade aos casos que envolvessem, por exemplo, pensão alimentícia. E foi o que aconteceu: na audiência, o juiz olhou no fundo dos meus olhos e disse: “Vou ser bem breve para ninguém perder tempo. Eu vou fazer uma pergunta e espero que você seja claro e preciso: Você nasceu como?”. Eu respondi: “Eu nasci menino, mas sempre me senti menina.”. Ele respondeu: “Não, não existe isso não, quem botou isso na sua cabeça que menino vira menina? Mulher nasce mulher e homem nasce homem.”.E, em cinco minutos, ele encerrou a audiência. Na segunda audiência, o processo caiu nesse juiz novamente, eu entrei na sala, mas saí chorando. Eram muitas mágoas, expectativas, frustrações e tristezas. Depois, o caso foi para Brasília.

Quando finalmente consegui o direito à retificação de gênero, tive que ir a minha cidade para fazer a averbação no cartório. Cheguei em João Pinheiro e eles nem sabiam como fazer, pois o meu caso era o primeiro. Minha mãe foi junto comigo ao fórum e, quando eu cheguei lá, a juíza falou assim: “Não, aqui não tem questão sexual não. Você é de qual família?”. Comecei a chorar. Respondi que eu era da família Paiva (por parte de mãe) e Moreira (por parte de pai), ela respondeu que conhecia

a minha mãe. Perguntei se eu podia chamá-la e ela autorizou. Minha mãe entrou na sala e falou assim com a juíza: “Oh, minha filha, pelo amor de Deus, assina logo esse documento, minha filha está ficando louca e eu estou ficando louca junto com ela.”. Ela respondeu: “Eu não sabia que ela era filha da senhora, lembro que ela foi embora muito novinha da cidade.”. Ela assinou o documento, fomos ao cartório e, chegando lá, eles não sabiam como proceder, tiveram que chamar um profissional do cartório de Paracatu³⁰ para conseguirem retificar o meu gênero. A minha certidão demorou três dias para ficar pronta. Eu acho que até emagreci nesses dias.

Durante a minha vida, fui vítima de muita transfobia³¹ e de violência institucional e, ainda assim, avalio a minha saúde mental como maravilhosa. Eu nunca fiz terapia e nem consultei com psiquiatra, acho que nem tive tempo para isso. Eu sempre fui muito centrada. Foram 40 anos de prostituição, vi de tudo e mais um pouco nesta vida. Em 2012, encerrei as minhas atividades. Eu queria ter feito um monte de coisas nesta vida. Meu sonho era ter sido advogada, mas não tive essa oportunidade e, hoje em dia, não tenho mais cabeça para isso, o meu tempo passou. Mas eu adoro moda, costurar,

³⁰ Paracatu é o principal município da Mesorregião Noroeste de Minas Gerais. Está localizado na divisa com Goiás, a 200 km de Brasília, 500 km de Belo Horizonte e apenas 100 km de João Pinheiro.

³¹ Configura qualquer ação ou comportamento que se baseia no medo, na intolerância, na rejeição, no ódio ou na discriminação contra pessoas trans por conta de sua identidade de gênero.

qualquer pano que pego na mão eu faço roupas, fantasias... Sou muito criativa!

Atualmente, sou empresária no ramo de imóveis. Eu investi grande parte do meu dinheiro em imóveis, então vivo da renda oriunda dos aluguéis e das vendas de imóveis. Faço o meu acompanhamento do HIV no SUS e atividades físicas regulares³². Agora sou universitária, estou cursando serviço social e fazendo o curso de Defensoras Populares da Defensoria Pública de Minas Gerais (DPE-MG)³³. Faço faculdade à distância e tenho muita dificuldade com o computador, preciso ter sempre alguém por perto, mas estou gostando. Eu já sou assistente social, né? Eu só não tenho diploma, mas a teoria eu já faço.

Sou uma ativista na defesa de direitos de pessoas transexuais e travestis. Estou como coordenadora de um projeto que atende trabalhadoras sexuais no Coletivo Clã das Lobas³⁴ e também faço parte da Antra³⁵. Ajudei também a fundar o Transpas-

³² Lorena pratica crossfit.

³³ Lorena se formou depois da entrevista e exibe com orgulho seu certificado de defensora popular.

³⁴ Organização que atua em prol das trabalhadoras sexuais de Belo Horizonte, na articulação, fortalecimento e *advocacy* em âmbito municipal, viabilizando o acesso da categoria nos espaços de controle social e efetivação de políticas públicas locais.

³⁵ Associação Nacional de Travestis e Transexuais.

se³⁶, fiz trabalho social na Jason³⁷ e fui uma das fundadoras de uma ONG lá em Milão que atende até hoje mulheres soropositivas³⁸.

Eu amo o meu trabalho e a possibilidade de ajudar as pessoas, de contribuir para um mundo com mais amor e menos discriminação. Agora, só quero curtir a minha família e estar próxima de amigas e afetos. Infelizmente, meus pais já faleceram, mas sempre vou à cidade de João Pinheiro para visitar meus sobrinhos Odilon Júnior, Índila Gomes e Xeniston e minhas sobrinhas-netas que me chamam de avó. Meu irmão casou muito novo, com 17 anos, e ficou viúvo aos 30. Rapidinho se mudou para morar com outra mulher e deixou os três filhos com a minha mãe, por isso eu ajudei a criar e até adotei um deles, o Odilon Júnior.

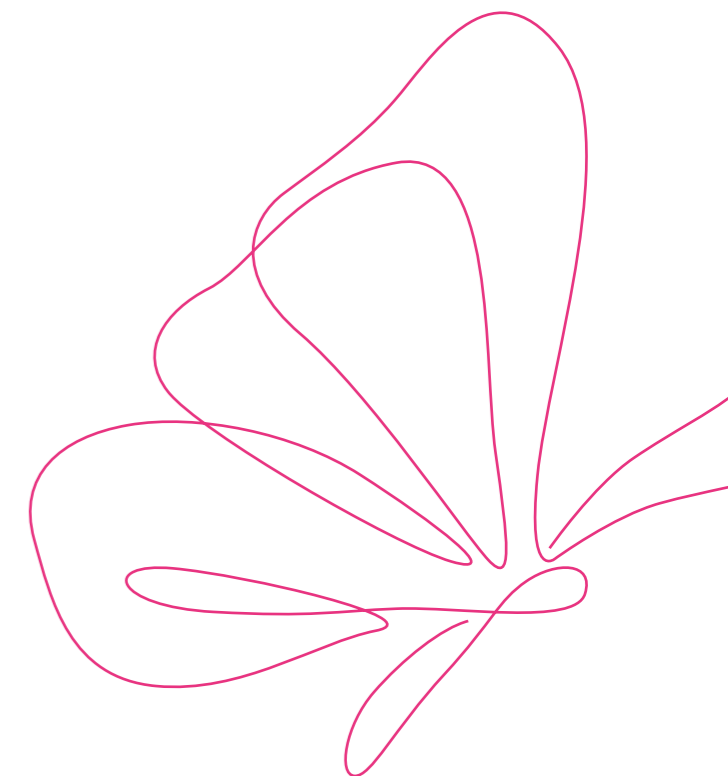
Quando vou a João Pinheiro, visito também alguns amigos que tenho desde a época da escola. O meu melhor amigo, Lindomar, por exemplo, nunca me abandonou. Ele sempre me recebe na casa dele e hoje é pastor da Assembleia de Deus. Então, tem muita coisa e muita lembrança ruim da minha infância, mas tem muita coisa boa também.

³⁶ Transpasse é um projeto de extensão da Universidade Federal de Minas Gerais que tem por objetivo central oferecer acompanhamento psicossocial e jurídico a travestis e transexuais em Belo Horizonte.

³⁷ Penitenciária Professor Jason Soares Albergaria, presídio em São Joaquim de Bicas, Minas Gerais.

³⁸ A ONG funciona até hoje, mas Lorena nunca pode estar muito à frente em razão da falta de documentos.

E o recado que eu quero deixar é que a gente tem que ser persistente e humilde até certo ponto, pois não devemos permitir que ninguém nos diminua ou “sambe” na nossa cabeça. Saber entrar e sair em todos os lugares porque, com arrogância, a gente não consegue nada. Gostaria de dizer para as mulheres trans que a beleza não tem nada a ver com silicone industrial, isso é coisa de “mil oitocentos e bolinha”. Corram desse negócio, porque colocar silicone industrial não presta — precisamos envelhecer com qualidade de vida. Eu, hoje, sou muito feliz e estou muito bem. Mas sinto que estaria muito melhor sem tantos problemas por conta do silicone. Imagina eu agora, com tudo que aprendi e construí e mais saúde?



Posfácio

Mulher trans não tem direito nem ao sol: a gente se protege na rua!

Sayonara Naider Bonfim Nogueira

Esta obra completa e rica de narrativas de mulheres trans e travestis demonstra que a constituição da identidade de gênero e os direitos das pessoas trans são atravessados por preconceitos provocados pela cultura e pelos costumes de uma determinada sociedade. Portanto, contemplar uma pessoa trans, muitas vezes, é se deparar com um estereótipo cheio de nuances, pois a sociedade heterocisnormativa habituou-se com a binaridade homem/mulher, heterossexual/homossexual, concebendo a transexualidade como algo “anormal”.

Percebemos nessas histórias de vida que a sociedade ainda observa as travestilidades e as transexualidades com uma visão muito limitada e não consegue perceber que existe uma diversidade dentro da sexualidade que envolve as identidades de gênero e suas performances. Muitas de nós, durante parte da vida, nos apresentamos como crisálidas, que é o princípio da transformação, até criarmos asas e fazermos nossa metamorfose completa.

A análise dessas histórias compreende a vida

sobre a tutela da pedagogia do controle, ou seja, a vigência de normas propostas pela heterossexualidade compulsória, que dão a capacidade à sociedade e ao meio social de decidir sobre a vida e o gênero do alheio, promovendo o ódio, a violência e a transfobia. A ausência de legislação, os mecanismos de exclusão e o estigma são marcas de uma sociedade que não tolera aqueles e aquelas que irrompem com as expectativas de gênero hegemônicas.

Quando analisamos todas as complexidades existentes nessas trajetórias, refletimos primeiramente sobre a família e a infância. A seguir vem o rompimento do laço afetivo com a família com a desconsideração desse lugar enquanto espaço de sentimento de pertencimento. A casa passa a ser local de violência e exclusão, infringindo principalmente o art. 5º da Constituição (Brasil, 1988):

“Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais”.

O art. 227 da nossa Carta Magna estabelece que é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, diversos direitos. Entre eles estão o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. Além disso,

prevê proteção a toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Segundo Zerbinati e Bruns (2018), a importância familiar para a sobrevivência física e psíquica de uma criança é inquestionável. A família também possui um papel relevante no desenvolvimento psicossocial dos filhos, no que se refere à transmissão de informações acerca da sexualidade, assim como na constituição quanto à identidade de gênero, uma vez que é no universo familiar que as primeiras experiências afetivas e sexuais acontecem.

Muitos pais, ao verem seus filhos “saírem do armário”, devido à desinformação, os submetem a protocolos de “cura” na tentativa de atribuir uma cisgeneridade compulsória ou mesmo os expulsam de casa. Segundo a Rede Trans Brasil (Souza; Araújo, 2022), a idade média em que esses processos de exclusão acontecem é por volta dos 13 anos. Desse modo, essas crianças e esses adolescentes, quando expulsos(as), vão para as ruas ou são aliciados(as) por cafetinas.

A pesquisa produzida pela All Out e pelo Instituto Matizes (Fróes; Bulgarelli; Fontgaland, 2022) encontrou no Brasil 26 métodos de “cura gay”. A realidade mostra que a sociedade está longe de conseguir proteger todas as pessoas LGBTQIAPN+ brasileiras.

O preconceito e a discriminação contra pessoas trans ainda é visível na sociedade, levando a diversas violações devido à identidade de gênero, sobretudo, no seio de suas famílias, que precisariam oferecer o suporte indispensável. Somam-se ainda as situações de discriminação e violência que expulsam nossos corpos de todo meio social, nos submetendo ao ciclo vicioso de exclusão (Cantelli; Nogueira, 2020).

Conforme Ornat (2013), a categoria “Relações familiares” é constituída majoritariamente por aspectos negativos, marcados pelo conflito familiar que nasce da dissonância do comportamento de gênero esperado pelos demais integrantes do grupo familiar. São relatados preconceito, violência e cobrança do exercício da masculinidade, a fim de corresponder à sua genitália. Os relatos de aceitação e compreensão de sua identificação com a feminilidade ocorrem, notadamente, quando elas já estão em fase adulta e passam a ser importante suporte financeiro para o grupo familiar, que depende dos recursos advindos da prostituição. É por meio da ajuda financeira prestada à família que as travestis têm uma forma de resgate de carinho e aceitação dos familiares.

Outra categoria muito mencionada nas narrativas analisadas é a experiência na educação, demonstrando que a desigualdade e o preconceito são comuns na vida das pessoas trans e LGBTQIAPN+ no país, e em maior escala nos ambientes escolares, que leva a processos de exclusão, nos privando de direitos constitucionais como o direito à educação.

Segundo o art. 205 (Brasil, 1988): “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Ao analisarmos os arts. 4º e 5º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996), constatamos que a educação é dever do Estado e este deve assegurar a educação básica, obrigatória e gratuita dos 4 aos 17 anos de idade e o acesso aos ensinos fundamental e médio deve ser gratuito.

Já o Estatuto da Criança e do Adolescente em seu art. 53 discorre:

A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - direito de ser respeitado por seus educadores;

III - direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;

IV - direito de organização e participação em entidades estudantis;

V - acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência (Brasil, 1990).

Mesmo com as legislações citadas acima, percebe-se que no país há uma exclusão da população LGBTQIAPN+ de sua trajetória escolar, em função das narrativas de agressão física, bullying¹, discriminação, isolamento, assédio moral e negligência. Essas formas de violência são praticadas não só por estudantes, mas também por docentes, especialistas e pela gestão escolar.

Contudo, por atuação dos movimentos sociais, a regulamentação do uso de nome social nas instituições de educação básica foi aprovada pelo Ministério da Educação, através da Resolução do Conselho Nacional de Educação nº 1 de janeiro de 2018 (Brasil, 2018). Desde então, jovens maiores de 18 anos podem solicitar o registro do nome social no ato da matrícula nas escolas. No caso de estudantes menores de 18 anos, a solicitação do uso do nome social deve ter a autorização e assinatura das pessoas responsáveis. Entre 2012

¹ Todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

e 2021, mais de 15 mil alunos da rede pública de ensino preencheram, em suas fichas de matrícula, os nomes pelos quais gostariam de ser reconhecidos nas escolas. Na última década, tivemos um aumento de 350% de pessoas trans na educação básica.

A exclusão de pessoas trans na conclusão dos estudos é uma realidade no país e a portaria do nome social não tem a capacidade de alterar esses dados, já que, para menores de 18 anos, é necessária a autorização dos pais para alcançar o direito ao nome. O banheiro é um dos equipamentos que mais causa insegurança em estudantes transexuais. A exclusão de estudantes trans acontece ainda devido às razões ideológicas, culturais, religiosas; à ausência de formação educacional e à ignorância. No cenário brasileiro atual, destaca-se um discurso de ideologias pautadas no fundamentalismo religioso e cristão, o que impacta diretamente a escola.

Nas narrativas, também é possível identificar duas categorias importantes que é a cultura punk e a androginia na vida das pessoas trans. A cultura punk foi assinalada a partir do lançamento do álbum da banda inglesa Sex Pistols, *Never Mind the Bollocks*, em outubro de 1977, no qual escancarou a degeneração da juventude marginalizada típica de metrópoles industrializadas, caracterizada por uma juventude proletarizada, sem emprego nem perspectivas. No Brasil, por outro lado, o movimento punk surgiu das mãos de jovens de famílias operárias, sobretudo da

Vila Carolina, zona norte de São Paulo. Esse movimento influenciou a cultura, a música e a moda e resgatou ideais anarquistas do século 20 (Ruy, 2017). Essa categoria me remete a minha trajetória, quando, na década de 90, me inseri na cultura punk, sobretudo, por causa da moda, era o pretexto para usar roupas sem gênero, cabelos compridos, acessórios e coturnos que me remetiam a botas.

Agora, analisando a questão da androginia, segundo Bem, Calvi e Linke (2019), o termo androginia é proveniente do grego anêr, andros = homem e gunê = mulher. A palavra androginia sempre foi empregada para designar o que pertence aos dois sexos. O ser andrógino se revela um ser camaleônico, flexível e adaptável às exigências dos papéis “sexualizadores” sociais masculinos e femininos impostos pelos arquétipos do gênero. A androginia vai além de predileções biológicas por parte do indivíduo e não se resume ao comportamento ou à preferência sexual. Pode ser manifestada na forma de se vestir, nos gestos, na rotina diária, na relação com as pessoas, no que se lê, no que se assiste ou na música que se escuta.

E é nesse andrógino misturado com a cultura punk que muitas de nós iniciamos nossa transição há décadas como forma de criar um mistério na aparência, nos transformando em único ser, sem que o sexo seja reconhecido e ao mesmo tempo como os punks demonstrando nosso repúdio a todas as formas de opressão, sobretudo, as sexistas.

Quando analisamos a categoria migração presente na fala das entrevistadas, ressalta-se que, para a população trans no Brasil, a exclusão social é uma presença constante ao longo da vida: dentro da própria família, nos estabelecimentos de ensino, no mercado de trabalho. Como exemplo, é interessante recuperar um dado fornecido pela Rede Trans Brasil durante a construção do “Censo Trans”: as meninas trans começam a trabalhar na rua aos 12 anos, geralmente quando são expulsas de suas famílias e são forçadas a migrar para outras cidades para escapar do processo de violência que sofrem (Souza; Araújo, 2022).

Todavia, a violência e a discriminação não existem apenas dentro da família: embora não haja perseguição declarada da população trans pelo Estado, o não reconhecimento das identidades travestis e trans e o estigma que nosso grupo recebe causam adoecimento psíquico, marginalização e exclusão social. A ausência de políticas públicas emancipatórias são formas de violência contra essa população.

As histórias de exclusão social e discriminação da população trans brasileira são reverberadas através de discursos que envolvem a violência e a exclusão social no espaço geográfico. A perspectiva humanística considera o lugar como aquele que se torna familiar ao indivíduo, é o espaço do vivido e do experienciado.

A compreensão de lugar implica em elo de sentidos

e significados espaciais, as ideias de um grupo ou povo sobre o espaço a partir da experiência com esse espaço. Trata-se de entender o mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar (Dentz; Andreis; Rambo, 2016).

Silva e Ornat (2010) assinalam que a casa é uma espacialidade rememorada das vivências infantis, adolescentes e adultas. A espacialidade da casa compõe as relações do núcleo familiar próximo como mães, pais, irmãos e também de familiares mais distantes. É também na espacialidade da casa que são vivenciados os primeiros sentimentos de diferença em relação aos outros que marcam a identidade das travestis. São comuns os relatos de violência física e inclusive sexual, culminando com a expulsão da travesti do convívio familiar.

De acordo com Barbosa e Pimentel (2010), a vivência trans está relacionada à questão do espaço social que é visto como um território onde diversas relações são estabelecidas. Os locais de prostituição dessa parcela da população não são legitimados somente como locais de aferição de renda, mas de sociabilidade e de aprendizado, enquanto condição para a instituição de uma identidade grupal.

Ressalta-se que a maior parte da população trans no país vive em condições de miséria e exclusão

social, sem acesso à educação, saúde, qualificação profissional, oportunidade de inclusão no mercado de trabalho formal e às políticas públicas que considerem suas demandas específicas, tendo o trabalho sexual como única fonte de renda.

Estando a população trans em situação de grave vulnerabilidade social e econômica, decorrente de complexos processos de exclusão e subalternização, o direito à cidade dessas pessoas é bastante comprometido. A cidade, que deveria ser o local de inclusão, de trocas e interações, torna-se um local hostil e opressivo, controlado pela moralidade de uma sociedade capitalista dominada por valores cisheteronormativos (Miranda, 2018).

Enquanto a sociedade e o Estado não reconhecerem de forma legítima a identidade de gênero de nossa comunidade, ainda seremos marginalizadas e empurradas para viver à margem. É imprescindível ações afirmativas específicas nas diferentes políticas públicas, sobretudo, na segurança pública. Percebe-se que as pessoas trans no Brasil enfrentam situações de pobreza expressivamente piores que as do restante da população e, embora não haja dados confiáveis sobre a taxa de pobreza entre a nossa comunidade, alguns estudos sugerem que ela é muito elevada.

Outra categoria muito presente e forte nas narrativas apresentadas neste livro é a religiosidade, sobretudo, a presença no Candomblé. Segundo Soares, Vianna e Ferreira (2021), as religiões, em

geral, têm negado às pessoas transexuais e travestis o direito de existir nas comunidades religiosas. Os espaços religiosos, que deveriam acolher indistintamente as pessoas que os procuram para um bem-estar espiritual, têm afastado determinadas pessoas do convívio e da afetividade religiosa.

Às identidades trans, têm sido constantemente negado o direito de ser e existir no seio das religiões. Em face disso, os espaços religiosos que, em primeira instância, deveriam acolher indistintamente as pessoas que os procuram para um bem-estar espiritual, têm negado, mais uma vez, esse lugar, afastando essas pessoas do convívio e da afetividade religiosa. Nas igrejas católicas e neopentecostais, no espiritismo e em algumas outras denominações religiosas, existem condutas de uma pseudo aceitação das pessoas LGBTQIAPN+, desde que elas tenham posturas “aceitáveis” para a convivência junto às comunidades religiosas (Dias, 2019).

Soares, Vianna e Ferreira (2021) assinalam que o Candomblé é, em sua composição, uma comunidade detentora de uma diversificada herança cultural, na qual se mesclam elementos provenientes, sobretudo, da África e do Brasil. O Candomblé abriga minorias que buscam a aceitação e o acolhimento de uma pessoa tal como ela se apresenta socialmente, ou seja, tal qual a identidade de gênero que ela expõe, sem a necessidade de conversão a determinados juízos de valores ou ajustes sociais. É, também, uma religião com hierarquia, códigos e simbologias

muito peculiares.

A experiência religiosa, desde a antiguidade, sempre procurou analisar e criar uma ligação com os fenômenos da natureza. Percebe-se que a busca pelo sagrado pode ser entendida como universal e que produz respostas diferentes de acordo com sua localização geográfica, mas com características comuns como princípios espirituais, sociais e morais.

Refletir sobre religião significa observar uma pluralidade de diversas crenças, e cada uma com sua própria história, tradição e identidade. Independentemente da fé eleita e da doutrina seguida, a religião é imprescindível para a socialização entre os seres humanos e, sobretudo, o respeito ao ato de existir. Por fim, a religião não poderia deixar de ser analisada nessas narrativas, pois ela aparece como parte integrante indispensável à vida dos povos, em todas as culturas há alguma espécie de sentimento religioso.

Outra categoria analisada é o trabalho. Existem, na atualidade, mudanças em relação à empregabilidade de pessoas trans e travestis no mercado formal de trabalho, todavia, não é somente incluir por incluir. É necessário desenvolver políticas internas de permanência da população de travestis e transexuais no interior das organizações, com perspectivas de progressão de carreira, direito ao nome social no crachá e, inclusive, acesso ao banheiro de acordo com sua identidade de gênero.

O trabalho continua sendo a principal fonte de provimento da subsistência humana, de modo que sua relativização e a criação de um ambiente laboral hostil impactam diretamente a vida do(a) trabalhador(a), sobretudo no tocante às possibilidades de crescimento profissional. Essas se tornam limitadas e a acumulação de riquezas provenientes do trabalho, tendo em vista que é nessa organização que os sujeitos pretendem alcançar seus objetivos pessoais e realizar-se materialmente (Martins, 2023).

Para Menezes, Oliveira e Nascimento (2018), o preconceito e a discriminação em relação à diversidade sexual e de gênero são fenômenos universais, específicos e apropriados por diversos modos de produção. No capitalismo, esse contexto se apresenta bastante vivo e real com particularidades que devem ser analisadas com cautela e criticidade. O sofrimento no âmbito laboral está diretamente associado aos estereótipos construídos socialmente relacionados à imagem de pessoas LGBTQIAPN+. Existe uma constante rejeição desses sujeitos nos processos de seleção, principalmente da comunidade trans (grifo meu).

Os desafios enfrentados pela população trans no Brasil vão muito além da crise econômica existente, pois é nítido o preconceito velado na contratação de membros da comunidade. Isso agrava ainda mais a situação dessas pessoas, tornando-as mais suscetíveis em relação ao assédio moral laboral.

Programas que valorizam a diversidade e inclusão trazem à tona a valorização das diferenças, por meio do respeito ao indivíduo como um ser único. Para a efetivação desses, faz-se necessário preparar as pessoas trans e travestis para o trabalho, gerando o desenvolvimento de um processo de educação e formação profissional envolvido com o respeito às diferenças e às particularidades dessas pessoas que compõem a sociedade.

Percebe-se que toda esta violência que é dirigida à população de pessoas travestis, trans e de gênero diverso está intimamente ligada à desigualdade social acentuada que é uma característica do nosso país, atrelada à violência de gênero e de raça. Transfobia, racismo, sexismo e classismo articulam-se entre si, demonstrando nas estatísticas que são as travestis e mulheres trans negras as mais atingidas por toda essa violência e violação de direitos humanos.

Menezes (2018, p. 65) afirma que, especificamente quanto às travestis e mulheres transexuais negras, há uma vivência que une a discriminação de gênero à discriminação racial. Essa interseccionalidade entre “classe”, “gênero” e “raça” vem sendo evidenciada por vários autores e são importantes para a análise das vulnerabilidades trans.

A necropolítica constitui-se como uma política de morte, de extinção e de apagamento de tudo aquilo/aqueles aos quais não se considera o direito à vida plena, em que se mata o corpo e toda

a possibilidade de existência (Mbembe, 2016). Nesse sentido, pensamos que a necropolítica age em função da cisgeneridade, referendando-a, garantindo seus privilégios e sua detenção de poder, designando corpos travestis e transexuais às margens sociais e estabelecendo-os como não dignos do direito à vida, à cidade, às políticas públicas e aos direitos políticos.

Para manter seus privilégios e status social, a cisgeneridade, o normal, o aceito, o padrão, precisam criar os demônios, o diferente, o anômalo, o outro a ser inferiorizado, aviltado. Em função disso, instauram a política da morte social, negam direitos básicos e justificam seus atos pela ameaça à sociedade, aos bons costumes e à família tradicional.

Esse cenário hostil atende aos interesses das classes dominantes, marcadas pelo modelo patriarcal, cisheteronormativo e a branquitude que vai gerar essa violência transfóbica que deve ser analisada com profundidade, expondo sua estrutura em toda a sociedade. Esse cenário é traduzido na forma de violência física, verbal, psicológica, moral ou patrimonial que se produz de forma frequente e insistente e ao longo do tempo como será apresentado neste dossiê. Essa situação viola os direitos humanos e estabelece também um obstáculo ao desenvolvimento de uma sociedade diversa e ao avanço de um país mais justo e democrático.

O campo da educação e da saúde são os setores

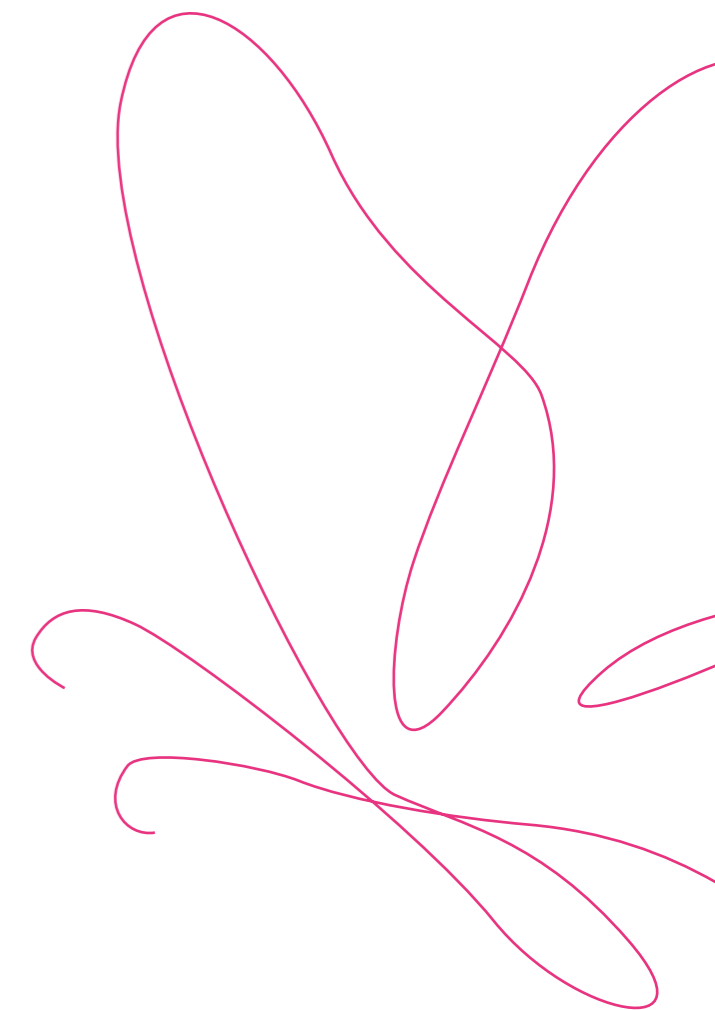
que mais apresentam denúncias de violações de direitos humanos, conforme pesquisas realizadas pela Rede Trans Brasil. Isso demonstra que as barreiras de acesso a esses dois setores ainda impedem um atendimento baseado na humanização e no acolhimento, o que leva ao processo de exclusão escolar, automedicação e aplicação de silicone industrial.

Percebe-se, portanto, que travestis, mulheres e homens trans têm seus direitos básicos violados diariamente, além dos tratamentos vexatórios e da ausência de respeito pelo Estado e pela Sociedade. Mesmo com o avanço das portarias de nome social no país e até mesmo a desburocratização do processo de retificação de nome, ainda foi possível observar que instituições públicas se negam a usar o nome social de acordo com a identidade de gênero da pessoa.

O violento contexto social no qual travestis, mulheres e homens trans estão inseridos é fruto do preconceito e da discriminação que promove um processo de exclusão social de nossa população. Todas estas narrativas citadas aqui envolvem circunstâncias que levam a uma vulnerabilidade, sobretudo, psicológica que compromete a saúde mental de nossa comunidade.

Infelizmente, quanto mais as pautas de pessoas trans avançam, mais a resposta conservadora tende a ser violenta. O não reconhecimento das identidades trans, o abandono familiar, a exclusão escolar, a precarização do trabalho nos trans-

portam à marginalização e, por conseguinte, ao nosso extermínio. É preciso que o Estado ofereça condições dignas de educação, trabalho, habitação e qualidade de vida. O princípio da dignidade humana e dos direitos humanos garantem a nossa proteção integral, seja ela física ou moral, e a privacidade de nossos corpos.



Reconhecer que existem grupos em situação de vulnerabilidade, exclusão, marginalidade e desigualdade é reconhecer a injustiça exercida sobre eles historicamente. Isso implica uma transformação que rompa com a divisão social e permita às pessoas trans sua inclusão em todos os setores sociais, uma transformação que questione que as atividades humanas podem ser mercantilizadas, que questione a binariedade de gênero, os discursos religiosos e que, sobretudo, leve toda a sociedade a questionar.

Referências

BARBOSA, Ana Carolina Santos; PIMENTEL, Ivan Ignácio. A questão da identidade travesti e a construção do espaço simbólico na Avenida Augusto Severo, Bairro da Glória – RJ. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 16, 2010, Porto Alegre. *Anais [...]*. Porto Alegre/RS: Associação dos geógrafos brasileiros, 2010. Disponível em: https://agb.org.br/anais_engs/. Acesso em: 25 nov. 2024.

BEM, Natani Aparecido do; CALVI, Gabriel Coutinho; LINKE, Paula Piva. Aspectos identitários da relação entre androginia e moda sem gênero. *Plural Design*, Joinville, v.2, n. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.univille.br/PL/article/view/86>. Acesso em: 26 nov. 2024.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. *Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 26 nov. 2024.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 26 nov. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. *Resolução nº 1, de 15 de janeiro de 2018*. Brasília, DF: Conselho Nacional de Educação, 2018. Disponível em: <https://abmes.org.br/legislacoes/detalhe/2340>. Acesso em: 26 nov. 2024.

CANTELLI, Andreia Laís; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim. *Nome social: a ponta do iceberg*. Uberlândia: Edição do Autor, 2020.

DENTZ, Eduardo von; ANDREIS, Adriana Maria; RAMBO, Anelise Graciele. Categorias espaciais: referentes ao ensino de Geografia. *Geografia, Ensino & Pesquisa*, v. 20, n.1, p. 51-66, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/222112/000998125.pdf;jsessionid=-C9666B22DC6EEACD9A984EC74D9B242E?sequence=1>. Acesso em: 26 nov. 2024.

DIAS, Claudenilson da Silva. Vivências de gênero dissidentes em religiosidades de matrizes africanas: alguns aspectos sobre as transexualidades na religião. *Veredas da História*, Salvador, v. 12, n. 2, p. 11-43, dez. 2019.

FRÓES, Anelise; BULGARELLI, Lucas; FONTGALAND, Arthur. *Entre curas e terapias: práticas de conversão sexual e de gênero no Brasil*. São Paulo: All Out: Instituto Matizes, 2022. Disponível em: https://institutomatizes.com.br/wp-content/uploads/2022/09/All_Out_Instituto_Matizes_Informe_Completo_Entre_Curas_Y_Terapias.pdf. Acesso em: 26 nov. 2024.

MARTINS, Vouban Vinicius de Brito. *Homotransfobia no ambiente laboral: assédio moral e precarização do trabalho no Brasil*. 2023. 81 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – Centro de Ciências Jurídicas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/PB, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/28215/1/VVBM050623.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2024.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, n. 32, dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993>. Acesso em: 26 nov. 2024.

MENEZES, Lincoln Moreira de Jesus. Transfobia e racismo: articulação de violências nas vivências de trans. *BIS. Bol. Inst. Saúde*, São Paulo, v. 19, n. 2, dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.saude.sp.gov.br/bis/article/view/34593>. Acesso em: 26 nov. 2024.

MENEZES, Moisés Santos; OLIVEIRA, Antônio Carlos; NASCIMENTO, Ana Paula Leite. LGBT e mercado de trabalho: uma trajetória de preconceitos e discriminações. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE ESTUDOS QUEER, 1., Campina Grande/PB. *Anais [...]*. Campina Grande, 2024.

de: Editora Realize, 2018. p. 419-430. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/40228>. Acesso em: 26 nov. 2024.

MIRANDA, Davi. A cidade dos invisíveis: a transfobia como um instrumento de segregação social e urbana. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, v. 9, n. 2, 2018. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/12854>. Acesso em: 26 nov. 2024.

ORNAT, Marcio Jose. J. A instituição do território descontínuo paradoxal na atividade da prostituição travesti. In.: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista (org.). *Geografias malditas: corpos, sexualidades e espaços*. Ponta Grossa: Todapalavra, 2013. p.183-206.

REDE NACIONAL DE PESSOAS TRANS BRASIL. *Site*. Aracaju, © 2024. Disponível em: <https://redetransbrasil.org.br/>. Acesso em: 26 nov. 2024.

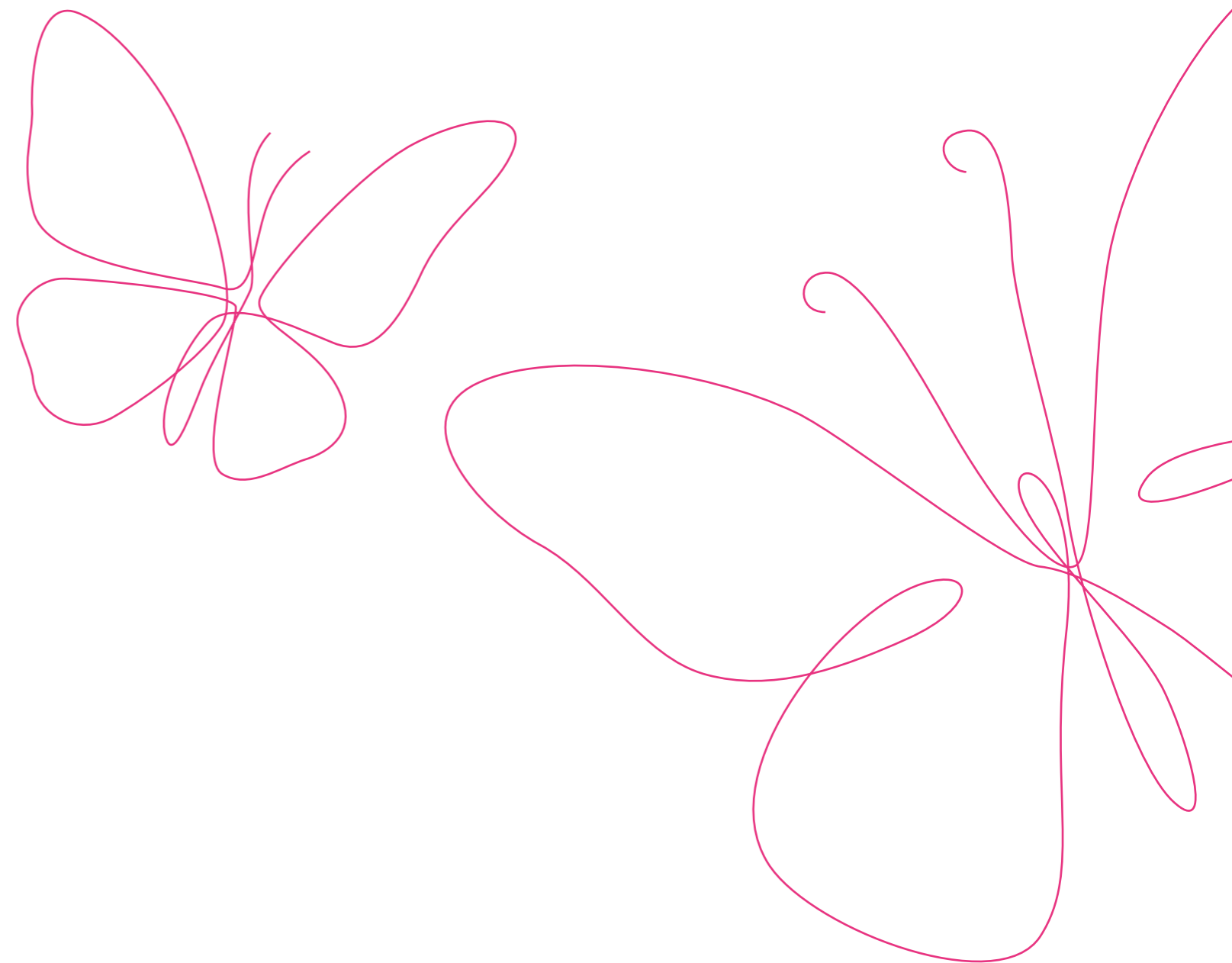
RUY, Carolina Maria. Há 40 anos, com a reação da periferia, nascia o movimento punk. *Vermelho*, Brasília, DF, 23 nov. 2017. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2017/11/23/ha-40-anos-com-a-reacao-da-periferia-nascia-o-movimento-punk/>. Acesso em: 26 nov. 2024.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose. Espaço urbano, poder e gênero: uma análise da vivência travesti. *Revista de Psicologia da UNESP*, São Paulo, v. 9, n.1, 2010. Acesso em: 26 nov. 2024.

SOARES, Katia Reis Amorim; VIANNA, Marcos Besserman; FERREIRA, Aldo Pacheco. A transexualidade e a tradição do candomblé: gênero e cultura em debate. *Revista Interfaces*, v. 9, n. 2, 2021. Disponível em: <https://interfaces.unileao.edu.br/index.php/revista-interfaces/article/view/908>. Acesso em: 26 nov. 2024.

SOUZA, Dediane; ARAÚJO, Tathiane (org.). *Reflexões sobre os dados do Censo Trans*. São Paulo: Fundo Positivo: Rede Trans Brasil, 2022. Disponível em: <https://escolajudicial.trt5.jus.br/sites/default/files/sistema/cursos/2024-04/tathiane-araujo.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2024.

ZERBINATI, João Paulo; BRUNS, Maria Alves de Toledo. A família de crianças transexuais: o que a literatura científica tem a dizer? *Pensando famílias*, v.22, n.2, Porto Alegre, jul./dez. 2018. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S-1679-494X2018000200004. Acesso em: 26 nov. 2024.



Pesquisadoras e Pesquisadores



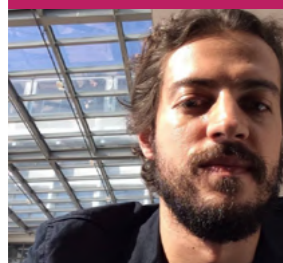
Ana Paula Salej Gomes

Professora e pesquisadora da FJP, doutora e mestre em ciência política e especializada em administração pública. Em 2014, foi cofundadora do Grupo de Estudos “Estado, Gênero e Diversidade” (Egedi) na Fundação João Pinheiro, do qual já foi coordenadora. Desde 2007, seus estudos focam na presença das mulheres no serviço público, nas políticas públicas para as mulheres e nas mulheres do campo. Recentemente tem se dedicado também ao estudo do antifeminismo no estado.



Bárbara Barbosa Dias dos Anjos

Especialista em Gestão Pública Municipal, pela UFSJ; Especialista em Gestão de Pessoas, pela Uemg; Especialista em Gestão Estratégica, pela Escola de Governo/FJP; Graduada em Direito, pela FUMEC e em Administração Pública, pela Escola de Governo/FJP. Atuou como Professora e Coordenadora de Estágios Curriculares e Extracurriculares e como Subcoordenadora do Curso de Graduação em Administração Pública na Escola de Governo/FJP. Atualmente está como Coordenadora Renach na Coordenadoria Estadual de Gestão de Trânsito de Minas Gerais. É Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental no Estado de Minas Gerais.



Bruno Reis de Oliveira

Mestre e bacharel em Administração Pública pela FJP, sua dissertação abrange os temas da participação, do feminismo e das políticas de saúde. Poeta eventual, atualmente trabalha na Escola de Saúde Pública de Minas Gerais (ESP/MG). Participou do grupo de estudos em análise do discurso na Fale/UFMG sobre “Representações do feminino no cinema brasileiro”. Pela ESP/MG e pelo Egedi, integra a equipe do projeto “Menos preconceito é mais saúde”. No “Sempre Vivas”, enfim, teve o prazer de conhecer, no aconchego dos mares de morros da Zona da Mata juiz-forana, Paola Terra: mulher de personalidade, cheia de força, repleta de sonhos...



Caio Benevides Pedra

Doutorando em Ciência Política (UFMG), Mestre em Direito (UFMG), Mestre em Administração Pública (FJP) e bacharel em Direito (UFMG). Diretor de Políticas para a População LGBT na Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Autor dos livros “Cidadania Trans: O Acesso à Cidadania por Travestis e Transexuais no Brasil” (2020) e “Direitos LGBT: a LGBTfobia estrutural e a diversidade sexual e de gênero no direito brasileiro” (2020), e organizador dos livros “Direitos e diversidades sexuais e de gênero em debate no Brasil” (2023) e “Gênero e Sexualidade para Operadores do Direito” (2024).



Cláudia Beatriz M. M. de Lima Nicácio

Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pesquisadora e professora da Fundação João Pinheiro (FJP). Subcoordenadora do Grupo de Estudos “Estado Gênero e Diversidade” (Egedi) da Fundação João Pinheiro. Integrante do Coletivo “Mães pela Liberdade”, que promove ações em apoio às famílias das comunidades LGBTQIAPN + no Estado de Minas Gerais. Coordenadora do Projeto de Pesquisa Mulheres Transexuais de Minas Gerais: vida e saúde (Série Sempre-Vivas n° 3) pela Fundação João Pinheiro.



Cláudia Torres Lopes

Mestra em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais, especialista em Poder Legislativo e Políticas Públicas pela Escola do Legislativo da Assembleia Legislativa de Minas Gerais e graduada em Administração Pública pela Escola de Governo Professor Paulo Neves de Carvalho da Fundação João Pinheiro. É servidora pública do governo do estado de Minas Gerais.



Enrico Martins Poletti Jorge

Psicólogo, mestrando em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais no projeto coletivo “Gênero, Sexualidade e Direito”, pesquisador pelo Diverso - Núcleo Jurídico de Diversidade Sexual e de Gênero e conselheiro municipal na Comissão Municipal dos Direitos Humanos e Cidadania de Pessoas LGBTQIA+.



José Vitor Costa Cruz

Graduando em Administração Pública pela Escola de Governo Professor Paulo Neves de Carvalho da Fundação João Pinheiro (EG-FJP). Atua como estudante voluntário de iniciação científica no Grupo de Pesquisa Estado, Gênero e Diversidade (Egedi), sobretudo em pesquisas com temática LGBTQIA+.



Juliana Lúcia Costa Santos Moraes

Mestre em Parasitologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Especialista em Ensino de Ciências pela mesma universidade e Bacharel licenciada em Biologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Foi professora de Biologia por nove anos na Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais e atualmente trabalha como Analista em Educação e Pesquisa em Saúde na Escola de Saúde Pública de Minas Gerais (ESP-MG). Nessa instituição, atuou e atua em ações de educação em saúde voltadas para grupos populacionais vulnerabilizados, como indígenas, trabalhadores Sem Terra e pessoas LGBTQIAPN+. Pela ESP-MG, integra o Grupo de Estudos Estado, Gênero e Diversidade da Fundação João Pinheiro (Egedi/FJP).



Lucas Moreira Barreira

Graduando em Administração Pública pela Fundação João Pinheiro. Atualmente é estagiário do grupo de estudos Estado, Gênero e Diversidade (Egedi).



Luísa De-Lazzari Bicalho Peixoto Resende

Especialista em Saúde Pública pela Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais (ESP-MG). Especialista em Cidadania e Direitos Humanos no Contexto das Políticas Públicas pela PUC Minas. Especialista em Gestão Pública Municipal pela Universidade Federal de São João del-Rei. Bacharel em Administração Pública pela Fundação João Pinheiro. Integra o Grupo de Estudos Estado, Gênero e Diversidade da Fundação João Pinheiro (Egedi/FJP). Servidora pública em Minas Gerais desde 2014. Atuou por sete anos com políticas públicas de promoção e educação em direitos humanos, implementando a Escola de Formação em Direitos Humanos (EFDH). Atualmente trabalha na ESP-MG, atuando nas transversalidades entre direitos humanos e saúde.



Maria Clara Sousa Mendes

Mestre e graduada em Ciências Sociais pela PUC-Minas. Possui experiência como pesquisadora, técnica e coordenadora de programas e políticas sociais e educacionais. Atualmente, trabalha como Diretora de Serviços e Benefícios Socioassistenciais da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social de Minas Gerais.



Maria de Lourdes Menezes

Pesquisadora da Escola de Saúde Pública de Minas Gerais (ESP-MG), pós-graduada em Docência do Ensino em Saúde pelo Hospital Israelita Albert Einstein, em Gestão Estratégica pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG/FACE) e em Saúde Pública pela Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP). Graduada em Administração de Empresas pelo Instituto Cultural Newton Paiva Ferreira (Unicentro). Desde 2014, atua como analista em Educação e Pesquisa em Saúde na ESP-MG. Possui vasta experiência na gestão municipal do Sistema Único de Saúde (SUS) em diversos municípios, bem como na gestão municipal da Assistência Social e Cultura em Ribeirão das Neves e na Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social (Sedese). Desenvolve projetos sociais em coletivos de economia solidária e cultura no município de Ribeirão das Neves



Maria José Nogueira

Sou uma mulher branca, casada, sem filhos, pesquisadora da Escola de Saúde Pública de Minas Gerais (ESP-MG), afiliada ao Grupo de Pesquisa Estado, Gênero e Diversidade (Egedi). Aprendi com meus pais de origem simples a importância do conhecimento e o amor pelos livros. Graduei-me em Ciências Sociais pela UFMG e sou Doutora em Ciências da Saúde pela Fiocruz Minas. Realizo estudos e pesquisas nas temáticas de Saúde e Gênero, Políticas Públicas de Saúde e Divulgação Científica. Coordenadora Rede Mineira de Comunicação Científica (RMCC). Acredito no poder transformador de todas as formas de conhecimento. Que saibamos sempre usá-lo para o bem da humanidade.

Marina Alves Amorim

Pesquisadora e professora da Fundação João Pinheiro (FJP), afiliada ao Grupo de Pesquisa Estado, Gênero e Diversidade (Egedi). Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e doutora em Letras pela Université Rennes 2 - Université de Haute Bretagne (UHB) - França. Começou a trabalhar no campo dos estudos de gênero em 1999, e, desde então, enveredou por temas diversos; todavia, alguns interesses são perenes, como é o caso do registro da memória das mulheres, e a reconstrução das suas trajetórias de vida, de formação e de trabalho. Neste projeto, teve o prazer de ouvir a história de Duda Salabert, e de escrevê-la com ela própria e com Cláudia Torres.

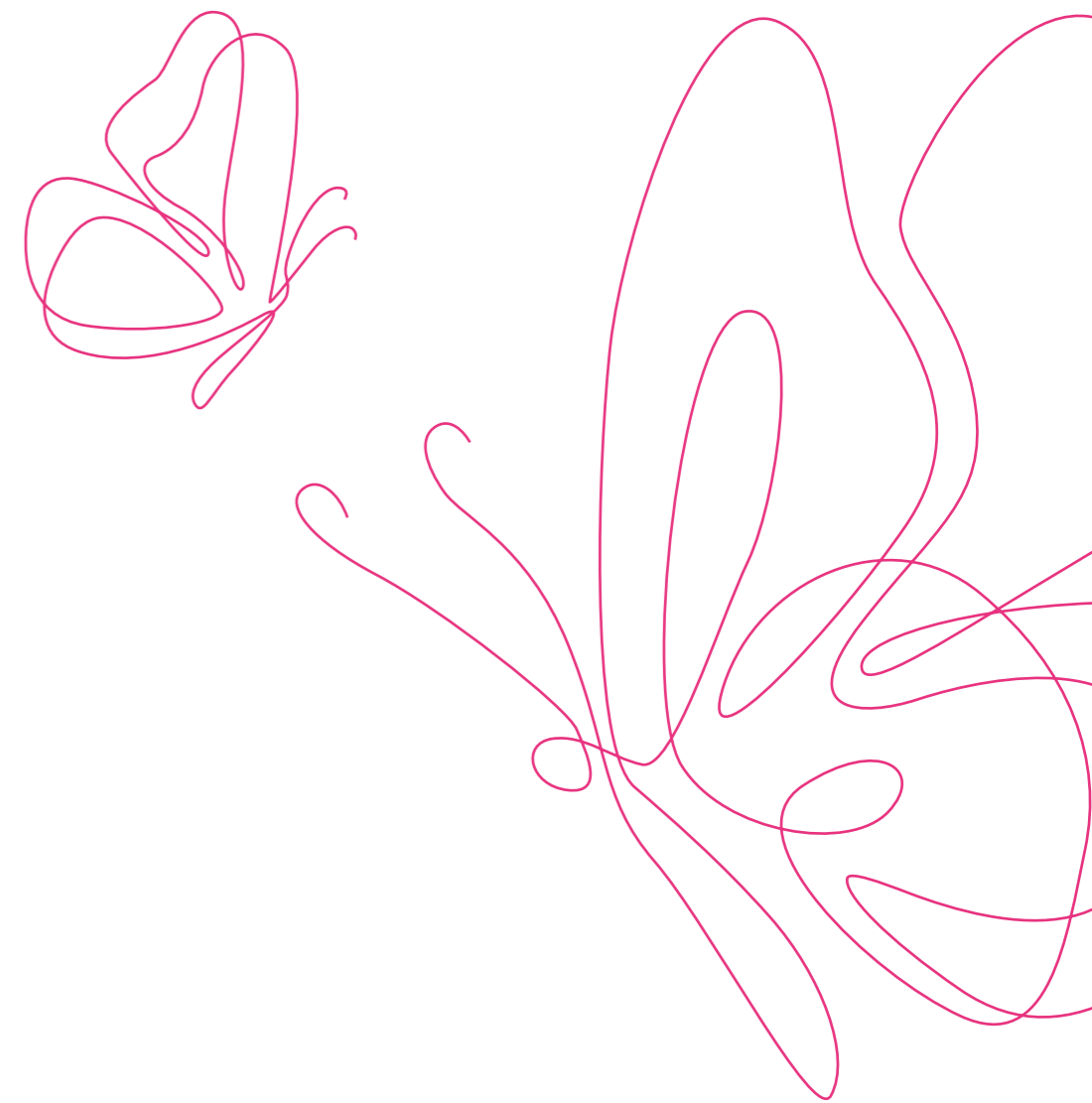
Nícia Raies Moreira de Souza

Socióloga, bacharel em Ciências Sociais com mestrado e doutorado em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Pesquisadora em Ciência e Tecnologia da Fundação João Pinheiro desde 1994 e professora do curso superior de Administração Pública. Afiliada ao Grupo de Pesquisa Estado, Gênero e Diversidade (Egedi) e atuante na área dos estudos de estratificação social, mercado de trabalho, juventude e gênero. Experiência em análise de dados e em pesquisas qualitativas especialmente com grupos.



Rosânia Rodrigues de Sousa

Doutora em Psicologia Social do Trabalho e das Organizações pela Universidade de Brasília (2009), mestre em Psicologia Social pela UFMG (1999) e graduada em Psicologia pela Fumec (1985). Pesquisadora e docente da Fundação João Pinheiro. Membro do Egedi desde sua criação. Atuou como gerente de Ensino e Pesquisa da Escola de Governo/FJP. Atualmente é Coordenadora Geral da Escola de Governo/FJP.



Apêndices



CARTA DE CESSÃO DE USO DE IMAGEM E SOM

Pelo presente documento, eu, _____

_____, (nome),
CPF nº _____, Carteira
de Identidade nº _____, emitida pelo
_____, domiciliada
e residente na _____ (cidade),
_____, _____ (logradouro), ____
_____, _____ (nº e complemento),

declaro ceder à Fundação João Pinheiro e a Escola de Saúde Pública de Minas Gerais, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos do uso dos depoimentos em vídeo (tanto imagem quanto som), que cedi ao Grupo de Pesquisa Estado, Gênero e Diversidade na cidade de _____

em _____
(data), para a(s) pesquisadora(s) _____

_____ da equipe técnica do Grupo de Pesquisa Estado, Gênero e Diversidade.

A Fundação João Pinheiro fica conseqüentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, as fotografias, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

_____ (local), _____ (data).

(nome e assinatura)

CARTA DE CESSÃO DE ENTREVISTA DE HISTÓRIA ORAL

Pelo presente documento, eu, _____

_____ (nome), _____
(nacionalidade),

_____ (estado
civil), _____

(profissão), CPF nº _____

_____, Carteira de Identidade nº _____

_____, emitida pelo _____

_____, domiciliada e residente na _____

_____ (cidade), _____

_____ (logradouro), _____

_____ (nº e complemento),

declaro ceder à Fundação João Pinheiro, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao Grupo de Pesquisa Estado, Gênero e Diversidade na cidade de _____

em _____ (data),

num total de _____ horas gravadas, perante a(s) pesquisadora(s) _____

_____ da equipe técnica do Grupo de Pesquisa Estado, Gênero e Diversidade.

A Fundação João Pinheiro fica conseqüentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

_____ (local), _____ (data).

(nome e assinatura)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezada participante,

Você está sendo convidada a participar do projeto Série Sempre-Vivas 3 – Mulheres Trans, que está sendo desenvolvida por pesquisadoras e pesquisadores da Escola de Saúde Pública de Minas Gerais e da Escola de Governo Paulo Neves de Carvalho/Fundação João Pinheiro (FJP), sob a responsabilidade das pesquisadoras Ana Paula Salej Gomes (FJP) e Maria José Nogueira (ESP-MG)

Em 2017, o Grupo de Pesquisa Estado, Gênero e Diversidade (Egedi) da Fundação João Pinheiro (FJP) concebeu a Série Sempre-Vivas, cujo objetivo é construir biografias coletivas de grupos de mulheres, debruçando-se sobre suas vidas. O próximo número da Série Sempre-Vivas será uma biografia coletiva de mulheres transexuais do estado de Minas Gerais. O trabalho biográfico tem o potencial de consolidar informações sobre esse grupo de mulheres e subsidiar políticas públicas estaduais mais aderentes à realidade vivida por esse grupo.

O convite à sua participação se deve à sua vivência como mulher trans, o que torna sua participação muito relevante para entendermos melhor as trajetórias de vida de mulheres que vivenciam a transfobia todos os dias na própria pele.

Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação da pesquisa a qualquer momento. Você não será penalizada de nenhuma maneira caso decida não consentir com sua participação, ou desistir da mesma, sem a necessidade de qualquer manifestação formal ou escrita.

Na sua participação, você será entrevistada individualmente. O material coletado nesta pesquisa vai se transformar em publicações científicas e guiará a construção de um livro: a terceira edição da Série Sempre-Vivas. Cada participante terá direito a dois exemplares do livro e as demais cópias impressas serão doadas a instituições de pesquisa e ensino ou entidades relacionadas que prezam pela promoção e defesa da saúde e dos direitos humanos. As informações coletadas serão transcritas e armazenadas em arquivos digitais em um drive próprio da pesquisa, mas somente terão acesso às mesmas as pesquisadoras da equipe e as coordenadoras do projeto, uma vez que o acesso ao drive será mediado pelo uso de senhas e verificações de segurança, visando limitar a possibilidade de vazamentos e acessos de sujeitos indesejados.

Por se tratar de um material biográfico, você será identificada por meio da publicação do seu nome, sendo identificada como autora do capítulo relativo a sua narrativa biográfica. Os textos voltados para a publicação da Série Sempre-Vivas serão escritos de forma conjunta, o processo de escrita e aprovação do material será realizado junto da entrevistada, sendo que você terá a possibilidade de realizar alterações com objetivo de manter a sua privacidade e atestar a veracidade do material produzido em co-autoria.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar da equipe informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito por meio dos meios de contato apresentados ao final deste Termo.

Concorda com a gravação de sua fala?

_____ Sim _____ Não.

Concorda com a utilização de registros fotográficos obtidos durante as

entrevistas? _____ Sim _____ Não.

A pesquisa não prevê nenhum gasto ou ganho financeiro por parte das participantes, no entanto, no caso de eventuais despesas das entrevistadas com gastos logísticos para a realização das atividades previstas pela pesquisa, o projeto garante o ressarcimento segundo a Resolução nº466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS): “compensação material, exclusivamente de despesas do participante e seus acompanhantes, quando necessário, tais como transporte e alimentação”. Esse ressarcimento será realizado com recursos da Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais.

Os benefícios relacionados com a colaboração na pesquisa são a promoção de políticas públicas e outras iniciativas para enfrentar os problemas identificados, pois acreditamos que as narrativas trazidas poderão dar visibilidade às dificuldades e aos desafios por enfrentados por mulheres trans, bem como sublinhar as possibilidades que emergem a partir da vivência pública das identidades transexuais. Ademais, a atividade extensionista promovida pela pesquisa fornecerá importante subsídio para a formação dos pesquisadores e dos estudantes (que são futuros gestores públicos), construindo conhecimentos aliados à prática de formação política voltada para grupos sociais vul-

nerabilizados. Em específico, para as participantes, os benefícios estão relacionados à promoção de espaços de discussão e construção de conhecimentos acerca desta temática.

Embora a pesquisa não envolva riscos físicos, existe a possibilidade de, durante as entrevistas, alguma recordação mencionada provocar em você certa reação emocional negativa, uma vez que os temas abordados pelo roteiro de entrevista são sensíveis. A fim de evitar tais riscos, a equipe conta com duas psicólogas que estarão disponíveis para auxiliar as entrevistadas em caso de reações emocionais negativas. Você receberá a assistência integral e imediata, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário em caso de danos decorrentes da pesquisa. O risco de constrangimento pessoal pela sua participação em entrevista será evitado pelo fato de você ser a primeira autora do capítulo que contará a sua história. Antes da publicação do livro, você avaliará e aprovará todo o conteúdo contido no capítulo que diz respeito a você. Em caso de dano decorrente da pesquisa, o participante terá direito à indenização nos termos da legislação brasileira.

Conforme Resolução 466 e 510, ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos cinco anos, sob guarda das coordenadoras do projeto.

Esse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido deve apresentar, em cada uma de suas páginas, as rubricas do participante e da pesquisadora ou do pesquisador. O Termo foi redigido em duas vias, ficando uma com a pesquisadora ou com o pesquisador e outra com a participante, devidamente rubricadas, assinadas e entregues anteriormente ao início da realização da entrevista. Eu, _____, declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

(Assinatura da participante da pesquisa)

Eu, _____, comprometo-me a cumprir todas as exigências e

responsabilidades a mim conferidas neste Termo.

(Assinatura do(a) pesquisador(a))

Local: _____, data: ____/____/____.

OBSERVAÇÕES

Você receberá uma via assinada deste Termo, onde consta o telefone das pesquisadoras principais. Você poderá esclarecer todas as suas dúvidas agora ou a qualquer momento durante a pesquisa. Na sua via você também encontrará o telefone do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Pesquisa René Rachou. Este Comitê é o órgão responsável por garantir os interesses dos participantes da pesquisa, tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

Comitê de Ética em Pesquisa:

Endereço e telefone do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Fiocruz Minas

Secretaria: Bernadete Patrícia Santos

Av. Augusto de Lima 1715, Barro Preto, Belo Horizonte-MG, CEP: 30.190-002 Tel: (31) 3349 7825, E-mail: cepcoord.minas@fiocruz.br. Horário de Atendimento: 09:00h às 17:00h, de segunda a sexta-feira

Endereço e telefone da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) SEPN 510 Norte, Bloco A, 3o Andar, Ed. Ex-INAN, Unidade II, Min. Saúde, CEP: 70750-521, Brasília-DF Tel: (61) 3315 5877, E-mail: conep@saude.gov.br

Horário de Atendimento: 08:00h às 18:00h, de segunda a sexta-feira.

Endereço e telefone do Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (FHEMIG) Rodovia Papa João Paulo II, 4001, 13º andar do Edifício Gerais - Cidade Administrativa B. Serra Verde – Belo Horizonte – CEP 31630-901, Tel.: (0xx31) 3915-9343 E-mail: cep@fhemig.mg.gov.br

Contato das pesquisadoras principais:

Maria José Nogueira - Escola de Saúde Pública de Minas Gerais

Endereço: Av. Augusto de Lima, 2061, Barro Preto, Belo Horizonte, Sala 103, CEP: 30.190-009

Telefone: (31) 3295-5360

E-mail: maria.nogueira@esp.mg.gov.br

Ana Paula Salej Gomes - Fundação João Pinheiro

Endereço: Alameda das Acácias, 70, São Luiz, Belo Horizonte, CEP: 31.275-150

Telefone: (31) 3448-9400

E-mail: ana.salej@fjp.mg.gov.br

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Data: _____/_____/_____

Entrevistada: _____

Pesquisadoras: _____

Eixos de exclusão	Itens que podem ou devem ser abordados	Questões	Anotações
	Como se percebe hoje.	1. Gostaria que você se apresentasse. Nos conte quem é você.	Identidade
Relacional (família)	Socialização Primária - Família de origem - Educação familiar - Relação com a família de origem.	2. Quem são os seus pais e os seus avós maternos e paternos (cor, profissão...) 3. Tem irmãos? Quantos? <input type="checkbox"/> Mais velhos ou mais novos, estudam, trabalham, têm família... 4. Como descreveria sua relação com sua família de origem ao longo da sua história de vida? 5. Qual a religião dos seus pais? E a sua? A religião é importante na sua história?	Família

Eixos de exclusão	Itens que podem ou devem ser abordados	Questões	Anotações
Urbano-Territorial (local) Relacional	-Local onde passo a primeira infância - Primeiras lembranças/ lembranças da primeira infância	6. Onde você nasceu? Foi lá que passou a infância? 7. Quais as memórias mais marcantes da sua infância? 8. Há alguma figura marcante nesta fase da sua vida? Por que ela te marcou? 9. Você morou em outras cidades? Onde e quando? 10. Você enfrentou/enfrenta dificuldades em transitar por estas cidades?	Infância
Formativa Política (violências)	Socialização Primária - Família de origem - Educação familiar - Relação com a família de origem.	11. Qual a sua escolaridade? • Completa ou incompleta? No ensino público ou privado? Qual(is) o(s) cursos fez? Se não completou a formação: 12. Quando você deixou a escola/curso e por quê? 13. Você ainda pensa em estudar? Explore 14. Como foi a sua experiência ao longo da vida escolar? Você se sentia estimulada na escola? Por quê? • Como era seu relacionamento com os outros • estudantes e com os professores? • Estimular a falar de aspectos positivos além dos desafios.	Escola

Eixos de exclusão	Itens que podem ou devem ser abordados	Questões	Anotações
Formativa Laboral Econômica Urbano-Territorial Política	- Educação formal para o trabalho (de nível médio ou superior) - Educação informal para o trabalho - Ingresso no mercado de trabalho - Trajetória no mercado de trabalho - Inserção no mercado de trabalho formal - Inserção no mercado de trabalho informal - Rendimentos financeiros - Rendimentos simbólicos	15. Quais os trabalhos você já teve ao longo da vida? Quando? Eram informais ou formais? • Deixar clara a profissão atual. • Você fez algum curso de formação profissional? Qual? E onde foi realizada? 16. Como a transexualidade afetou e afeta a sua inserção no mundo do trabalho? 17. Você gostaria de ter outra profissão ou sente que tem talentos/habilidades que poderiam ter sido mais desenvolvidos? Quais? 18. Sua profissão atual é a sua principal fonte de renda no momento? Tem outras fontes de renda? 19. Seus rendimentos financeiros te garantem uma boa qualidade de vida (o acesso a lazer, saúde, turismo) ou apenas a sobrevivência? 20. Acredita que sua profissão atual vai lhe garantir a aposentadoria?	Profissionalização

Eixos de exclusão	Itens que podem ou devem ser abordados	Questões	Anotações
Sócio-sanitária (saúde básica) Econômica (renda)	<ul style="list-style-type: none"> - Processo de reconhecimento enquanto pessoa trans - Processo de sexualização - Acesso aos serviços de saúde 	<p>21. Como e quando foi seu processo de identificação enquanto pessoa trans?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Escolha do nome, retificação civil, impacto sobre suas relações familiares, escolares, no trabalho. <p>22. Como se deu seu processo de modificação corporal? Esse processo tem/teve acompanhamento médico?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Se a pessoa falar da cirurgia de redesignação só então abordar o tema: Fez? Pretende fazer? Onde buscou ou sabe onde buscarese serviço na rede pública? <p>23. Você faz acompanhamento médico para questões além da sexualidade?</p> <p>24. Como você avalia sua saúde física e mental?</p> <p>25. Como a transfobia foi e está presente neste processo?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Na escola? Família? Sociedade? <p>26. Você considera que os espaços da saúde estão preparados para atender a população LGBTQIAPN+ e as mulheres trans?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Poderia me relatar algumas experiências nos serviços de saúde? Registre o tipo de serviço de saúde; explore questões referentes ao nome social, sexualidade, saúde para além dos aspectos das IST. <p>27. Na sua opinião, o que seria um atendimento acolhedor para as mulheres trans na unidade básica de saúde?</p>	Transexualização e Saúde

Eixos de exclusão	Itens que podem ou devem ser abordados	Questões	Anotações
Relacional Urbano-Territorial Sócio-sanitária Política	<ul style="list-style-type: none"> - Família Escolhida - Família Construída - Casamento - Filhos/as - Redes LGBTQIAPN+ 	<p>28. Qual a sua orientação sexual?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Explorar a questão relacionada à transfobia nos relacionamentos afetivos. <p>29. Você vive com um(a) companheiro(a)? Têm filhos?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Falar do companheiro e dos filhos, da família atual se existentes. <p>30. Hoje, qual é a sua rede afetiva mais próxima?</p> <p>31. Você atuou/atua em algum movimento ou associação social ou comunitária dedicada à causa LGBTQIAPN+? Qual(is)? Quando?</p>	Redes de afeto e solidariedade
	Expectativas	<ul style="list-style-type: none"> • 32. Por que você acha importante passar pelo processo de transexualização? Valeu a pena? • 33. Como você se vê daqui a dez anos? • 34. Quer deixar algum recado? • 35. Quer falar de algo que não foi perguntado? 	Reflexão final

O terceiro número da Série **Sempre-Vivas** é composto por uma biografia coletiva, um dicionário infanto-juvenil e um curta-metragem.

Para acessar cada material aponte a câmera do seu celular para os **QR codes** abaixo e clique no *link* que aparecer!



Dicionário versão Digital



Livro versão Digital



Documentário



Este livro foi impresso em papel couché 90g utilizando a fonte Mermaid e Baskerville.

Este livro se debruça sobre as vidas, sonhos, lutas e conquistas de mulheres trans e travestis.

Neste volume abrimos espaço às múltiplas experiências femininas, com atenção especial à dimensão da saúde, convidando os leitores a aprender mais sobre identidade de gênero, sexualidade e resistência, além de convocá-los ao comprometimento ético-político de construção de uma sociedade para além da cisnormatividade, e sem transfobia. Venha conhecer mais sobre esse lindo jardim de mulheres Sempre-Vivas.

Geisa Gonçalves de Castro, Bolsista do Projeto Menos Preconceito é Mais Saúde.

Realização



Parceria



Apoio



978-65-89172-47-0